

Léo Lins

SEGREDOS
DA
COMÉDIA
Stand-up



Léo Lins

SEGREDOS DA COMÉDIA Stand-up



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

PREFÁCIO

Introdução

Quero ser comediante. E então?

Por que mais um livro técnico sobre o stand-up?

Manual de instruções do livro

Mitos e lendas da comédia

Qualquer um pode escrever piadas?

Vocação X dom X talento

Você tem o que é preciso?

Desenvolvimento da escrita

Cenário da criação

Obstáculos

Inspiração X transpiração

Aspirações no humor

Mercado de trabalho

Metodologia do humor

O que faz alguém rir?

Pré-requisito da piada

Estrutura da piada

Outros fatores da fórmula

Mapa do riso

Fases da escrita

De onde vêm as piadas?: fase conceitual

Ferramentas cômicas: Fase de desenvolvimento I

Abrindo a caixa

Técnica das perguntas

Técnica das atitudes

Técnica da associação

Blend das técnicas

Distorções cômicas: Fase de desenvolvimento II

O eixo da comédia

Figuras de comédia

[Os reinos da piada](#)

[Oficina: fase de edição](#)

[Edição](#)

[Caia na rotina](#)

[A performance](#)

[Estilo](#)

[Delivery](#)

[Notas sobre as notas](#)

[Janeiro de 2008](#)

[Deu branco](#)

[Mnemônica](#)

[Piloto automático X manual](#)

[Acredite se quiser](#)

[Correr riscos](#)

[Mantenha-se iniciante](#)

[Fevereiro de 2008](#)

[Não cante vitória, analise-a](#)

[A lenda da plateia difícil](#)

[Ganhe a plateia](#)

[Como "stand-uppear"](#)

[Março de 2008](#)

[Evento furado](#)

[Quem tem boca vai ao evento](#)

[As regras do evento](#)

[Pequenas piadas, grandes negócios](#)

[Contrato](#)

[Abril de 2008](#)

[Piada do momento](#)

[Piadas factuais: F5 ou delete](#)

[Porta-voz](#)

[Conversa no show](#)

[Mantenha o volume](#)

[Som e luz](#)

[Mai de 2008](#)

[Escala de riso](#)

[Tempo X intensidade](#)

[Linha de corte](#)
[Subindo de nível](#)
[Junho de 2008](#)
[Do: Bar. Para: TV. Traçar rota.](#)
[Caminho mais curto](#)
[Julho de 2008](#)
[ABC do MC](#)
[Agosto de 2008](#)
[Concursos de humor](#)
["Quem chega lá"](#)
[Estratégia para concursos](#)
[Calma, não se irrite](#)
[Setembro de 2008](#)
[Stand-up na TV](#)
[Censura](#)
[Pode isso?](#)
[Outubro de 2008](#)
[Objetivo](#)
[A medida](#)
[O show começa antes de começar](#)
[Novembro de 2008](#)
[Quanto vale o riso](#)
[Espaço, piada e tempo](#)
[Mudando de posição](#)
[A voz](#)
[Dezembro de 2008](#)
[Metamorfose ambulante](#)
[Janeiro de 2009](#)
[A primeira impressão é a que fica](#)
[Aprenda a escutar](#)
[Fevereiro de 2009](#)
[Se for um grupo, trabalhe em grupo](#)
[A Era dos Grupos de Humor](#)
[Não abrir com material novo](#)
[Março de 2009](#)
[Identificação](#)

[Cuidados com a TV](#)
[Agarre a oportunidade](#)
[Abril de 2009](#)
[Risada de transição](#)
[Piada do erro aparente](#)
[Escultor de piada](#)
[Maio de 2009](#)
[A plateia não te compra](#)
[Cuidado com o que fala](#)
[Diferença entre bar e teatro](#)
[Mal de bar](#)
[Junho de 2009](#)
[Voo livre](#)
[Extração de material bruto](#)
[Metodologias de interação](#)
[A hora de interromper a interação](#)
[Julho de 2009](#)
[Não subestimar a plateia](#)
[Grandes plateias: fale mais devagar](#)
[Relação entre público repetido e piadas](#)
[Agosto de 2009](#)
[Envolver a plateia](#)
[Curtir a cena](#)
[Encontre pontos promissores na piada](#)
[Setembro de 2009](#)
[Manual do entrevistado I](#)
[Manual do entrevistado II](#)
[Manual do entrevistado III](#)
[Outubro de 2009](#)
[Acessórios, sim ou não](#)
[Truques para valorizar o show](#)
[Bússola-caneta](#)
[Novembro de 2009](#)
[Show solo tem ritmo diferente](#)
[Ritmo de show](#)
[Anatomia do solo](#)

[Dezembro de 2009](#)

[Balanço do solo](#)

[Mutações no solo](#)

[Solo rígido ou flexível?](#)

[Previsão do tempo](#)

[A profissão de comediante](#)

[O curso](#)

[Passo a passo da carreira](#)

[Fórmula para o sucesso](#)

[As 13 perguntas mais frequentes feitas por iniciantes](#)

[Considerações finais](#)

[Referências Bibliográficas](#)

[O autor](#)

[Notas](#)

PREFÁCIO

De onde vêm as piadas? Como se cria uma piada? Por que rimos de uma piada? Para criar piadas eu preciso ter um dom ou existe uma técnica?

Eu era fascinado por responder a essas perguntas. Sempre que ria, eu me perguntava: “Quem criou isso que me fez rir? Qual o segredo?”.

Quando eu era moleque a internet e a TV a cabo não existam por aqui. Tirando um filme ou outro, tudo que eu consumia de humor era “made in Brazil”. Por aqui os humoristas praticamente podiam ser divididos em quatro categorias: imitadores de personalidades, caras fazendo personagens que contavam histórias divertidas, atores encenando um esquete ou contadores de anedotas de salão. Os contadores eram os meus preferidos por conseguirem me fazer rir usando muito pouco. Eles não interpretavam nenhum personagem, o que me fazia sentir mais próximo deles.

Tudo que é escrito e criado vem de alguém. Parece óbvio, mas não com relação às piadas. Embora o mercado norte-americano reconheça, aprecie e recompense a autoria delas desde o princípio, no Brasil é muito nova a ideia de que as piadas têm dono, sim, e de que um bom comediante deve ser valorizado também por sua capacidade de criar chistes originais. E evidenciar isso não foi fácil. Quando começamos a fazer stand-up era muito comum suarmos para criar e lapidar um texto e poucos dias depois encontrar alguém na internet repetindo-o em um vídeo ou repassando-o em forma de corrente por email, sem autoria. Por vezes ouvi e li comediantes de outra geração perpetuando: “Piada é igual passarinho, não tem dono” — e cheguei até a encontrar esses mesmos caras contando piadas que eu criei. Lembro quando, insistentemente, eu e meus

colegas (entre eles o autor deste livro) expressávamos publicamente — em redes sociais, shows, entrevistas — a importância da autoria das piadas. Por isso, sempre incentivamos a criação do próprio material e nunca a cópia. O coleguismo nos camarins era grande quando um tentava contribuir com a piada do outro. Todo mundo queria ver algo original sendo apresentado.

De lá pra cá, o público passou a reconhecer a importância dessa propriedade intelectual e hoje é comum que ele próprio regule a questão da autoria. Quem nunca leu em redes sociais o comentário de algum usuário “dedurando” quando alguém rouba uma piada? Em contrapartida, está cada vez mais raro um comediante ascender com textos de outro cara. Acredito que a valorização e o reconhecimento de quem cria piadas é a grande contribuição que pessoal que começou a fazer stand-up comedy por aqui em meados dos anos 2000 deixou para a comédia brasileira.

Mas começamos tateando no escuro. Quando iniciei minha carreira eu me esbaldava com qualquer migalha de informação que fosse capaz de aprimorar minha arte. Acontece que eu não entendo inglês, e toda literatura que ensinava técnicas e dava dicas sobre a escrita de piadas era 100% em inglês. Assim, contava sempre com a boa vontade de algum amigo que pudesse traduzi-la para mim. E, de fragmento em fragmento, consegui absorver algumas informações que os autores estrangeiros queriam compartilhar. Porém, minha vida teria sido muito mais fácil se anos atrás eu tivesse acesso a um material como este que você agora tem em mãos.

Léo Lins foi o primeiro — e até o momento, o único — autor em língua portuguesa a escrever para quem quer aprender e aprimorar a arte de criar piadas. A melhor parte é que esse autor não é apenas um teórico do assunto. É, antes disso, um praticante assíduo de todas as técnicas e segredos que compartilha nesta obra. Na verdade, ele é um dos melhores criadores de piadas que atua hoje no circuito, capaz de escrever sobre qualquer assunto com muita agilidade e com uma variação grande de recursos. Seja passando horas em uma praça até criar uma piada sobre pombos ou instantaneamente fazendo humor sobre uma notícia que acabou de

sair, Léo consegue criar piadas que acabam sendo conhecidas até no Japão — ele sabe do que estou falando.

Basta observar com um pouco de atenção o trabalho de Léo Lins para notar que se alguém poderia compartilhar conhecimento em comédia stand-up, esse alguém é ele. Esse cara raciocina como um comediante o tempo inteiro, por isso se ele diz que tem algo para ensinar sobre como criar uma boa piada, eu paro e escuto. Um livro desses não poderia ter saído de mãos melhores.

Se você aspira começar a escrever piadas, é uma pessoa de sorte por poder começar por aqui.

Danilo Gentili

Introdução

Quero ser comediante. E então?

Escrever é um pré-requisito para ser comediante.

Calma. Se você não gosta ou não gostava de escrever na escola, isso não significa falta de aptidão para a comédia. Minhas menores notas no vestibular foram em redação e português. Hoje, além de comediante, sou redator e estou aqui escrevendo mais um livro. Não gostava de perder tempo identificando se um texto era classicista ou surrealista, mas poderia perder horas escrevendo uma piada sobre esses temas.

O comediante deve criar o hábito de escrever diariamente. Infelizmente, muitos profissionais da área não têm esse costume. Mas se um médico atende seus pacientes todos os dias e uma caixa de supermercado trabalha também, por que o comediante só escreveria quando estivesse inspirado?

Analisando o processo mental durante o processo de criação de uma piada, é possível detectar procedimentos-padrão, como questionamentos sobre o tópico e tentativas de estabelecer paralelos com outros assuntos. Esses exercícios mentais responsáveis pela chamada criatividade podem ser transcritos para o papel. O comediante que nunca passou por esse processo mecânico ao criar uma piada, preferindo deixar sua criatividade dar conta do recado, na verdade realizou essa atividade automaticamente de forma inconsciente.

Criar uma piada não é um processo tão abstrato ou sem pistas quanto parece, aliás, pelo contrário, é possível estabelecer exercícios que facilitam sua elaboração.

Por que mais um livro técnico sobre o stand-up?

A ideia de escrever um livro surgiu há alguns anos, quando estava começando no stand-up. Procurei alguma literatura sobre o assunto e encontrei vários livros em inglês, mas nenhum em português. Com esforço e dinheiro economizado ao dar aulas de capoeira e fazer shows de mágica, comprei alguns livros. Isso facilitou muito o começo da minha carreira, pois obtive uma luz em meio à escuridão que era o processo de escrever uma piada. Analisei todo o meu material para avaliar se estava no formato proposto pela literatura e procurei deixá-lo na melhor forma possível. Esse hábito analítico me levou a fazer anotações de todos os meus shows, desde o primeiro até hoje.

Em 2008 comecei a reunir tópicos dessas anotações para escrever um livro chamado *Notas de um comediante stand-up*. Lançado em agosto de 2009, foi o primeiro livro do gênero no Brasil. Reuni nessa primeira obra anotações de 2004 a 2007. O livro contém muitas informações sobre os primeiros passos na carreira de humorista, aborda a estrutura de uma piada e apresenta diversos textos voltados para a performance, abordando questões como a primeira piada a ser feita, o ritmo do show, a interação com a plateia, a naturalidade no palco etc.

No entanto, muito ficou de fora. Assim, resolvi escrever outra obra e abordar tópicos que não foram explorados ou foram tratados superficialmente.

É importante ressaltar que este livro que publico agora não necessita do primeiro, ele é uma obra independente. Entretanto, a leitura da publicação anterior pode otimizar a absorção deste conteúdo.

Manual de instruções do livro

Eu sei. Ninguém lê manuais de instrução. Se você quiser pular esta parte e ir direto para o primeiro capítulo, sintá-se à vontade, mas caso o livro deixe de funcionar em três meses, não reclame. Afinal, você não leu as instruções de uso.

Na primeira parte estou entregando para você, leitor, as técnicas que me permitiram criar mais de cinco horas de piadas de stand-up nos primeiros anos da minha carreira. Relutei em descrevê-las no primeiro livro, mas isso foi bom, pois não acho que tinha a maturidade literária para transcrevê-las de forma adequada. Nesta obra você vai aprender técnicas para identificar um tópico e criar uma piada. Todo o processo, desde a eleição do tópico à especificação do tema, os exercícios para proporcionar piadas e as técnicas de distorções cômicas. Duvido que, após terminar de ler o livro, você não consiga escrever pelo menos uma piada.

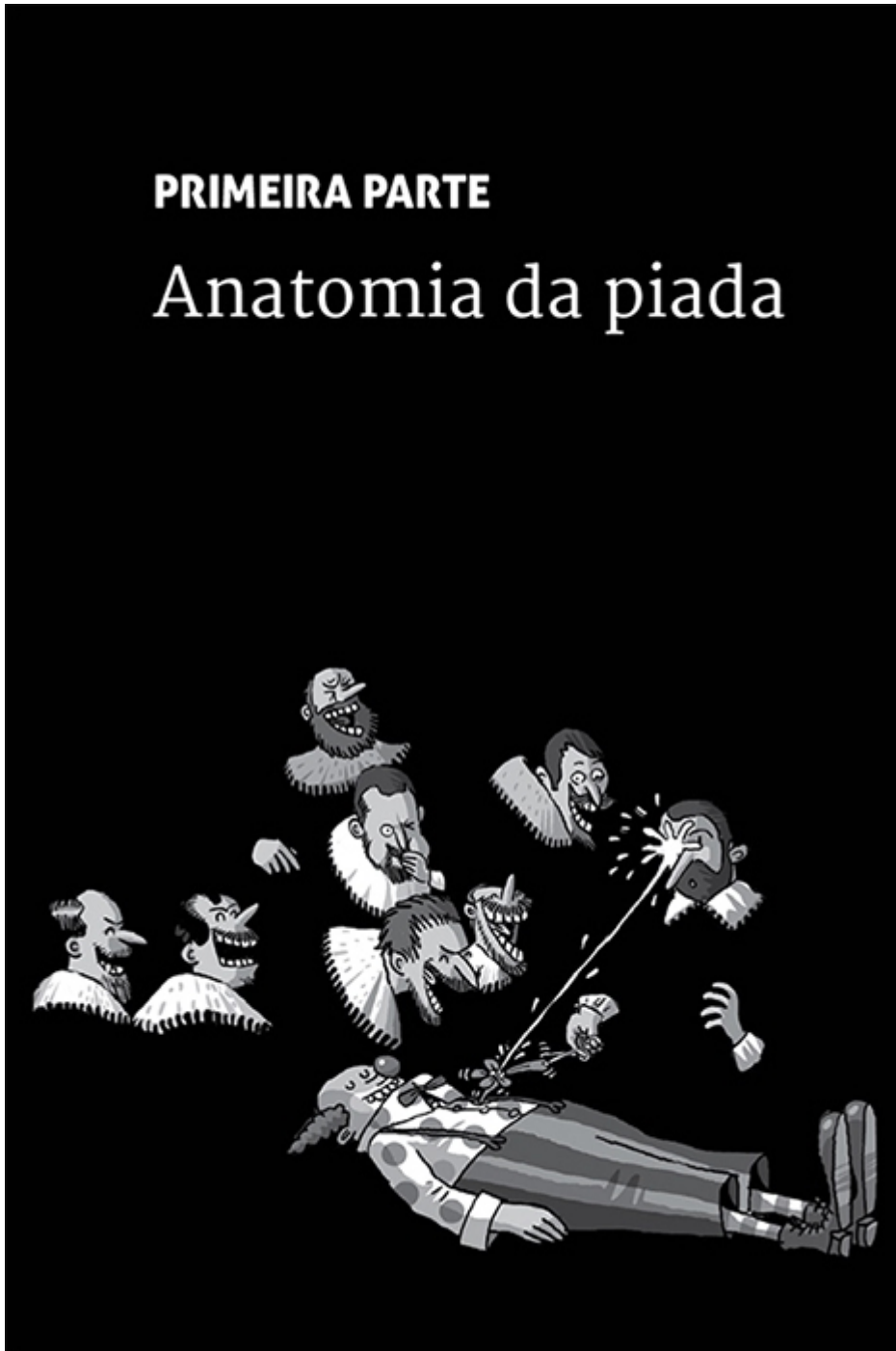
Mas calma, isso ainda não é tudo. A segunda parte do livro se pauta nas minhas anotações de shows. Experiências empíricas que serviram como base para os textos aqui apresentados. Selecionei as principais lições das minhas anotações durante os anos de 2008 e 2009, mas, como escrevi o livro em 2013, foi como poder entrar em uma máquina do tempo para saber se o que estou fazendo hoje vai me levar a algum lugar daqui a cinco anos. Tópicos sobre shows solo, estratégias em concursos de humor e como chegar à televisão ou à rádio são alguns dos temas abordados.

E, para finalizar, uma última seção contendo considerações sobre a carreira de humorista e as perguntas e dúvidas que mais recebo por e-mail, pessoalmente ou nas redes sociais.

Agora chega de instruções e vamos logo para a prática.

PRIMEIRA PARTE

Anatomia da piada



Mitos e lendas da comédia

Qualquer um pode escrever piadas?

Sim. Ao contrário do que muitos podem pensar, escrever piadas não é um dom de apenas alguns seres humanos escolhidos por Deus. Escrever uma piada envolve um processo mental que segue determinadas regras, assim como escrever um poema. Não gosto de poesia e não domino o assunto, mas, se eu quiser, posso escrever uma, basta combinar palavras atendendo a certos requisitos. Provavelmente será um poema ruim, mas ainda assim um poema. Com a piada é a mesma coisa. Ao compreender sua lógica e sua estrutura é possível seguir procedimentos que estimulam sua criação.

No entanto, de fato, certas pessoas têm predisposição ou facilidade para criar piadas. Desde cedo, em nossa família, em grupo de amigos ou na escola, esse dom se manifesta. Ele pode ser expresso na forma de brincadeiras com familiares ou ao se colocar apelidos em amigos (ou seja, praticando o famoso *bullying*-arte). Comecei cedo nessa tarefa, lembro que no colégio tive um amigo com o apelido de Cachorro. Durante uma das aulas, recortei um pedaço de papel em forma de osso e joguei para ele buscar. Muitos alunos deram risada. O fim da história é que o João, o Cachorro, realmente foi pegar o osso! Pegou e levou para a diretoria.

Essa capacidade para fazer piadas apresenta diferentes graus em cada indivíduo. Com certeza você já presenciou amigos sendo alvo de zoação (e, já que se interessou por este livro, muitas vezes deve ter sido o responsável por isso). Veja a seguir cinco formas de falar que alguém é "cabeçudo", cada uma delas em determinado grau de evolução.

- 1) Sua cabeça é tão grande que dá pra perceber que é grande.
- 2) Sua cabeça é tão grande que você pode ser chamado de cabeçudo.
- 3) Sua cabeça é tão grande que é maior que o corpo todo.
- 4) Sua cabeça é tão grande que você parece um pirulito.
- 5) Sua cabeça é tão grande que só ela aparece no site Google Earth.

A forma número 1 indica uma pessoa considerada sem graça. A número 2, alguém capaz de rir e compreender uma piada, mas que dificilmente formulará uma. A número 3 demonstra leve inclinação para a comédia. A número 4 indica predisposição para fazer os outros rirem. A forma número 5 demonstra que o talento para a comédia está sendo desenvolvido.

Vocação X dom X talento

Se algum dos conceitos aqui citados estiver semanticamente errado, peço desculpas, meu intuito é transmitir conteúdo de forma didática. Entendo a vocação como sendo um chamado, motivado pelo prazer de realizar determinada tarefa. Uma pessoa pode ter vocação para o canto, desenho, pintura, matemática. O dom é a facilidade para realizar uma tarefa, uma dádiva divina; você nasce ou não com ele. É possível ter vocação para o desenho, mas não possuir o dom para isso. Nesse caso, precisamos desenvolver a habilidade de desenhar por meio de esforço e dedicação. E, dessa forma, adquirir talento para o desenho, pois o talento pode ser desenvolvido. Algumas pessoas têm dom para a comédia, ou seja, têm facilidade para criar piadas. Caso esse dom não seja estimulado, é possível que alguém com menos capacidade instintiva tenha mais sucesso trabalhando com humor por meio da dedicação e do esforço, desenvolvendo sua habilidade.

Se você sente prazer em escrever piadas e fazer as pessoas rirem, parabéns, já tem a vocação para a comédia. Agora tenho uma boa e

uma má notícia. A má notícia é que se você não nasceu com o dom para isso, sinto muito, não será possível adquiri-lo. E a boa é que é possível suprir essa falta inata mediante esforço e dedicação. Aliás, considero estes as mais importantes virtudes para o sucesso. Indivíduos que seguem sua vocação, possuem o dom para realizá-la e se eles se dedicarem a aprimorar seu talento estão fadados ao sucesso.

Você tem o que é preciso?

Uma pessoa com 1,70 metro dificilmente vai sagrar-se campeã olímpica de natação. Por mais que sua técnica seja apurada e desenvolvida, a envergadura de alguém com 2,10 metros é maior, e a quantidade de água deslocada a cada braçada também. A pessoa menor precisaria de duas braçadas para vencer a mesma distância que a maior atinge com apenas uma.

A profissão de comediante também tem seus pré-requisitos: uma mente criativa, capacidade de ir além do óbvio, analisar situações de diferentes perspectivas, gosto por escrever e disciplina. Você pode ter uma cara engraçada e um jeito caricato, mas se não possuir algumas dessas características, será difícil se destacar.

Ao longo da minha carreira percebi que, após três anos de profissão, a maioria dos comediantes stand-up possui uma entrada de 15 minutos com nível muito bom. Contudo, a maior parte desses comediantes dificilmente tem uma segunda entrada com o mesmo nível e pouquíssimos teriam uma terceira. Isso demonstra a ausência de algum dos pré-requisitos para ter sucesso na comédia. Para obter 15 minutos de piadas boas em três anos não é necessário uma mente criativa, gosto por escrever e disciplina, basta um simples processo de tentativa e erro.

A pergunta que deve se fazer agora é: aonde quero chegar? Lembre-se de que, apresentando ou não o dom para a comédia, esforço e dedicação podem suprir essa carência e são as

características primordiais. Seu sucesso depende principalmente de você.

Desenvolvimento da escrita

Assim como se faz com os músculos, por meio de estímulo e dedicação é possível melhorar a escrita. Mas ir à academia quatro vezes por semana não quer dizer que você esteja desenvolvendo sua musculatura. É preciso realizar o exercício corretamente, executar o movimento na amplitude adequada, dar o intervalo certo entre um exercício e outro, ou seja, não é por você estar tentando escrever todos os dias que a sua escrita vai melhorar.

Para desenvolver sua capacidade é preciso o estímulo correto e adequado. Você precisa treinar sua mente para associar as ideias com uma distorção cômica. É necessário também criar o hábito de escrever, preferencialmente em horário e local adequados ao seu dia a dia e ao seu cérebro. Seguindo esses procedimentos seu talento para escrever piadas será aprimorado.

Cenário da criação

Escrever piadas não é um trabalho mecânico, envolve um processo criativo. O comediante não tem previsão da duração de seu trabalho. Escrever pode demorar menos de vinte minutos ou mais de três horas. No entanto, cada ser humano é mais produtivo diante de determinado cenário. Alguns podem gostar mais de escrever de madrugada, outros podem preferir fazer isso logo que acordam. Talvez você tenha mais facilidade de escrever enquanto assiste à TV, pode ser que precise de silêncio, ou quem sabe funcione melhor debatendo ideias com outras pessoas. Esta é uma vantagem do trabalho de comediante: você pode se sentar e escrever em qualquer lugar e a qualquer momento. Já pensei em piadas no meu

quarto, no ônibus, num museu em Londres... Já escrevi assim que acordei, antes de dormir e à tarde...

No programa *Agora é tarde* há um quadro chamado "Mesa Vermelha", no qual os comediantes escrevem piadas sobre determinados assuntos. Normalmente eu escrevia essas piadas na madrugada anterior à gravação do quadro e não ia dormir enquanto não as terminasse, ou seja, dormia por volta de cinco da manhã. Meses depois, mudei esse hábito, passei a dormir e acordar mais cedo e, assim que saía da cama, me sentava no computador para escrever. Percebi que rendia mais dessa forma. De madrugada eu já tinha escrito piadas, gravado na rua e no estúdio, estava com a mente cansada e, às vezes, ficava uma hora diante do computador sem produzir nada.

Você deve encontrar qual é o momento e/ou situação em que sua mente está mais favorável para a criação e aproveitar para escrever. É claro que, na vida real, pode não ser tão simples assim. Você pode estar com a mente afiada durante a manhã, mas precisa ir para o trabalho. Pode ser que prefira escrever à noite, mas tem de correr para a faculdade e não pode dormir tarde por causa do estágio logo cedo no dia seguinte. Nesse caso, é preciso aproveitar cada momento que puder, independentemente de ser o local mais propício para a criação.

Comecei a escrever piadas quando estava na faculdade de educação física. A partir do segundo ano do curso um dos meus objetivos era tentar escrever uma piada durante cada aula. Essa é a desvantagem de um aspirante a comediante, ter de dividir o tempo com outras atividades. Os profissionais também têm seu desafio, às vezes é preciso escrever duas matérias para gravar, de manhã você já está em uma gravação e à noite ainda tem um show. O que fazer? Ao longo da carreira de humorista você descobre aliados importantes: o café e o energético. O dia tem 24 horas e nem sempre podemos nos dar ao luxo de dormir durante algumas delas.

Resumidamente, o que quero dizer é: descubra a hora e o local, ou seja, o ambiente que favorece sua criatividade e sempre que possível aproveite essa ocasião. Mas não se limite a esse *habitat* de escrita, pois a sua demanda de material pode ser maior que o tempo

disponível nesse local. E lembre-se: esforço e dedicação são virtudes importantes. Seu sucesso está em suas mãos.

Obstáculos

A maior desculpa do ser humano é a falta de tempo. Pergunto-me se os homens da caverna já usavam essa desculpa: “Não tive tempo de caçar o coelho porque acordo cedo para a aula de pintura rupestre e, à tarde, tive de tosar um mamute”. Se você quer desenvolver sua habilidade de escrever, será preciso exercitá-la. Encontre algum momento do dia para pensar em piadas, pode ser no metrô, no caminho para o trabalho, antes de dormir ou na hora do lanche. Tente tornar a escrita um hábito, é melhor escrever trinta minutos todo dia em vez de três horas e meia uma vez por semana.

Outra desculpa é o receio de não conseguir escrever uma boa piada. Esse medo inconsciente nos faz colocar qualquer outra tarefa na frente da escrita. “Vou tomar banho e me sento depois para escrever”; “Vou responder os e-mails e depois escrevo”; “Vou só olhar o Facebook e já escrevo”... Comprometa-se consigo mesmo, seja seu próprio chefe e exija produtividade do funcionário. Muitas vezes me sento diante do computador e marco um horário: “Das 9:00 às 11:00 horas vou escrever”.

Durante o tempo que você reservar para escrever, não abra e-mails, não entre em redes sociais, não resolva assistir à TV, ouvir música... Tenha foco, o mais difícil ao começar a escrever é sair do zero. Pode ser que em duas horas você não tenha escrito uma piada boa, mas, no dia seguinte, ao escrever por mais duas horas, esse material do dia anterior pode melhorar e se tornar o responsável por uma ótima piada.

Outra dica importante que posso dar sobre escrita é: siga seus instintos. Se estiver com uma ideia de piada sobre o comportamento de idosos no supermercado, escreva sobre isso e explore esse tópico. Às vezes deixamos de lado temas sobre os quais nossa mente já iniciou o trabalho para tentar desenvolver uma questão do

momento ou pelo receio de não conseguir fazer uma boa piada. Não caia nessas armadilhas, siga a direção que suas sinapses estão apontando. Se não houver um tema, aí sim procure um tópico para desenvolver¹.

Inspiração X transpiração

Existem frases comuns no mundo do humor: “Eu escrevo quando estou inspirado”; “Eu anoto ideias, e no palco as piadas saem”; “No palco minha criatividade aumenta muito”.

Até concordo que o palco estimula a criação, tendo em vista o alto grau de alerta que há durante uma apresentação. Estudos dizem que o grau de atenção de um *performer* no palco é o mesmo de um soldado em combate. Mas achar que o palco estimula a escrita, na verdade, quer dizer que fora do palco a preguiça o impede de escrever. O processo mental que você vai fazer no palco ou pouco antes de entrar nele é o mesmo que pode fazer no dia anterior em sua casa, ou seja, as piadas que pensou “na hora”, ali no palco, já poderiam estar prontas um dia antes e, quem sabe, na hora você pensaria em mais alguma piada além das programadas.

Há basicamente duas formas de chegar a uma piada. A primeira delas é fruto de inspiração. O comediante observa um fato ou passa por uma situação que atua como estímulo para a mente, cuja reação, diante desse estímulo, vem em forma de piada.

O segundo processo é mais duro e trabalhoso. Segundo o escritor e produtor Gene Perret, ao formar uma piada, sua mente começa com uma ideia e então, numa velocidade como a de um computador, gera e avalia outras ideias para uma conexão cômica com a original. Quando atinge aquela combinação engraçada, a piada surge na sua mente. Já que nossa mente é tão ativa, a combinação pode acontecer por acidente. É por isso que qualquer um pode escrever uma piada. Entretanto, escritores não podem depender de acidentes ou coincidências. Por isso, uma rotina de escrita é importante, tem

de ser devagar e ter método. Esse hábito estimula e prepara a mente para passar pelo primeiro processo.

Aspirações no humor

É muito importante delinear suas pretensões no humor. Você quer tornar seu perfil na rede social mais divertido, descontrair um pouco seus discursos e fazer palestras incluindo algumas piadas ou construir uma carreira como comediante?

Existem muitos caminhos a seguir, a comédia pode ser um *hobby*, uma segunda fonte de renda ou sua carreira profissional. Se pretende ganhar a vida como comediante, mas escreve apenas um dia por semana e conta piadas de internet e de outros humoristas, está no caminho errado. Estabeleça uma meta e dedique-se a alcançá-la. O que você quer?

- Fazer shows de *stand-up*;
- Escrever um livro divertido sobre uma experiência da sua vida;
- Escrever piadas no seu perfil de uma rede social;
- Fazer um blog de humor;
- Escrever uma *webserie*;
- Escrever para um programa de TV;
- Escrever piadas por *hobby*;
- Escrever para outro comediante;
- Criar esquetes para um canal do YouTube;
- Dar palestras em empresas;
- Apenas conhecer mais sobre técnicas de humor;
- Ser uma pessoa mais engraçada para tentar aumentar suas chances com o sexo oposto.

Mercado de trabalho

Embora este livro seja voltado para a comédia stand-up, o formato de uma piada e seu processo de criação são iguais, seja a piada de uma linha em um palco de stand-up ou em uma cena de um filme. E o conhecimento de stand-up o ajudará muito nas demais áreas do humor, como escrever para um programa de TV, *sitcom*, filme, esquetes...

Escritores que não têm experiência em palcos cometem erros que o stand-up ajuda a evitar. Os palcos fornecem ao comediante uma espécie de sexto sentido cômico capaz de determinar o sucesso de uma piada. No meio televisivo não é incomum redatores escreverem uma piada que pode ser boa no papel, mas que não tem graça ao ser verbalizada. O comediante stand-up consegue identificar nuances que separam uma piada de um comentário espirituoso. Experiência nos palcos é uma valiosa lição para todos que trabalham com humor.

Metodologia do humor

O que faz alguém rir?

Rir é uma resposta emocional. Descubra o que faz você rir, e isso vai ajudá-lo a identificar seu senso de humor. O autor James Mendrinos diz: "Ache o que é engraçado para você. Não escreva o que acha que será engraçado ou de que os outros vão rir". O riso pode ser provocado por algo familiar, extremo, chocante, uma bobagem. Existem diversos mecanismos para provocar o riso. O ideal para o iniciante é se familiarizar com as piadas. Assista a shows de humor, leia livros, veja vídeos na internet, quanto mais contato, melhor. Esse processo de familiarização lhe dará conhecimento — nem que seja de forma inconsciente — sobre o que provoca o riso.

Cada pessoa tem um senso de humor próprio, que se forma com suas experiências ao longo da vida. Isso explica por que uma piada

pode ser engraçada para um indivíduo e não ter graça nenhuma para outro.

Muitas vezes fui questionado sobre qual é o limite do humor. Uma das regras de conduta que tenho é: se a maioria riu, valeu. Se 98% da plateia riu de uma piada, não me importo se 2% dela a considerou ofensiva e decidiu ir embora do show. Claramente, a ofensa não está na minha piada e sim na mente dos espectadores que não acharam graça. Por outro lado, se apenas 58% da plateia ri, eu devo rever meus conceitos. Piada é algo que provoca risos; se esse objetivo não for atingido com a maior parte do público, o problema está na piada. E já que a piada é algo que provoca risos, pense na seguinte questão: o comediante desce do palco e, sem querer, escorrega e cai de bunda no chão. Provavelmente muitas pessoas rirão disso, mas a pergunta é: foi uma piada? Não. Nem tudo que é engraçado é comédia. Essa é uma ciência e envolve certos procedimentos.

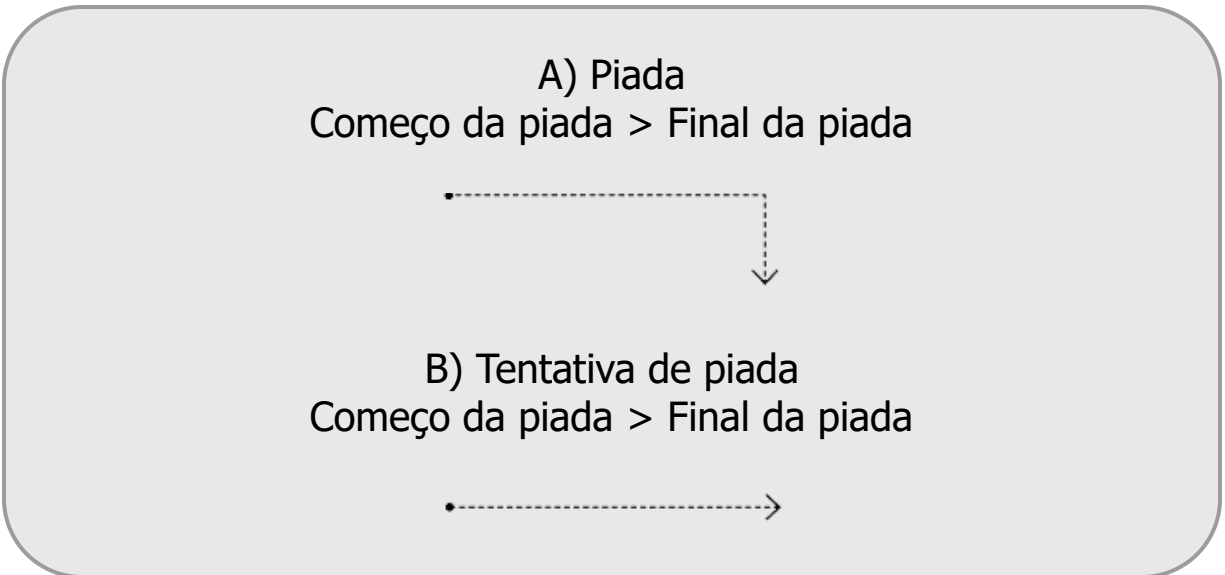
Pré-requisito da piada

Há um elemento presente em qualquer piada: a distorção cômica. Esse é o gatilho responsável pela piada, é a ponte entre o real e o cômico. Vejamos:

Essas pastelarias chinesas estão cada vez mais em lugares sujos. Outro dia estava andando na rua, deixei cair um real no bueiro e saiu um pastel. (Léo Lins)

A informação real é que as pastelarias chinesas são sujas, e a realidade distorcida, ou seja, a parte cômica é que já há algumas funcionando dentro do esgoto. A distorção gera uma surpresa, e a maioria das piadas se enquadra nessa categoria. O começo indica um caminho, mas o final muda a direção e pega os espectadores de surpresa. Se o público conseguir prever o final é como se

descobrissem o segredo de um truque de mágica e então a piada não funcionará.



O primeiro exemplo ilustra a quebra de expectativa gerada pela distorção cômica, e o segundo exhibe o que acontece quando o público antecipa o final. A característica de uma piada é ser engraçada e, dessa forma, provocar risos; sem ter o efeito surpresa, ela deixa de ser uma piada.

Embora a maioria das piadas seja da categoria surpreendente, existem algumas nas quais a graça está justamente em indicar um final e confirmar a expectativa da plateia. Estes são os dois possíveis finais de uma piada: revelador ou confirmador. Veja uma descrição mais detalhada do final confirmador extraída do livro *Notas de um comediante stand-up*:

“Há diversas piadas em que o público já sabe o que vai acontecer e, mesmo assim, na hora em que acontece, eles riem. O comediante Fábio Rabin tem uma piada que fala: ‘Eu não gosto de dar boa-noite. Boa-noite é coisa que você só usa em coisas do inferno como... namoro. Você tem uma namorada, ela quer que você ligue pra dar boa-noite.

Ninguém faz isso com um amigo: 'Alô, Oscar...'. 'Que foi?' 'Não, nada... Só liguei pra... te dar boa-noite.' Quando a piada é concluída, todos na plateia sabem que ele vai falar boa-noite, mas a graça está em confirmar esse pensamento. Piadas como esta dependem mais da interpretação do que piadas com um final revelador ou surpresa. Logo, só faça essas piadas se estiver seguro e confiante, para interpretá-las com convicção."

Estrutura da piada

Ao analisar uma piada em busca de uma fórmula para exprimir seu formato, a mais básica a que podemos chegar é:

setup + punch line = piada

Qualquer piada do mundo pode ser reduzida a essa fórmula:

Dor do parto não é fácil, seria o mesmo que o homem mijar um cocô. (Nany People)

Qual é a informação real? O fato de que a dor do parto não é fácil, portanto, esse é o **setup** da piada. A informação cômica é a comparação de como seria possível o homem sentir a dor do parto urinando um cocô, ou seja, este é o **punch line**.

Tenho 17 processos do estado de Rondônia por ter dito que as pessoas lá são feias, 17 processos! O juiz ficou a meu favor em todos... Os processos vinham com foto. (Rafinha Bastos)

Qual é o *setup*? Resposta: “Tenho 17 processos do estado de Rondônia por ter dito que as pessoas lá são feias, 17 processos! O juiz ficou a meu favor em todos...”.

E a frase que provoca o riso é: “Os processos vinham com foto”.

Eu tinha uma ex-namorada que gostava tanto de salada que, quando eu queria agradá-la, não mandava flor. Mandava um arranjo de brócolis, um buquê de rúcula. (Rudy Landucci)

Espero que o leitor consiga identificar o *setup* e o *punch line* da piada acima. Sem um devido *setup*, o *punch line* não existe e, conseqüentemente, a piada também não. O *punch line* “mijar um cocô” é muito bom, simples, rápido e provoca uma imagem engraçada na mente de quem a ouve. Mas também não adianta um bom *punch line* sem um bom *setup*.

Muitas vezes, até afinar uma piada, passamos perto do formato ideal. Algumas pessoas param no meio do caminho e decidem entregar para a plateia o produto não finalizado. O que acontece? O público não ri e o humorista joga fora o que poderia se tornar uma boa piada, por achar que ela não funciona. Imagine a piada de Nany People nas seguintes formulações:

- **Protótipo de piada 1:** Homem acha a mulher fresca, queria ver se o homem mijasse um cocô.
- **Protótipo de piada 2:** Dor não é fácil, queria ver um homem mijar um cocô.
- **Protótipo de piada 3:** Tenho três filhos, isso não é fácil, meu marido nunca mijou um cocô.

Na primeira formulação não fica claro qual é a comparação. A piada apenas ganha força quando se torna evidente que estamos dizendo que um bebê sair pela vagina da mulher é o mesmo que um cocô sair pela uretra do homem. Falar que o homem considera a

mulher fresca não nos faz pensar na dor do parto. Na segunda formulação há o mesmo problema, a frase “dor não é fácil” é muito genérica. Estamos falando de dor de cabeça? Cólicas estomacais? Dores musculares? Dores psicológicas? E a terceira tentativa de piada também não estabelece a comparação de forma clara. Se você ouve alguém falar “tenho três filhos, isso não é fácil”, é possível pensar diversas coisas. O público não vai necessariamente ligar essa informação com o parto, mesmo que para ter os três filhos foi preciso dar à luz três vezes.

Da mesma forma, não adianta um bom *setup* com um *punch line* desajustado.

- **Protótipo de piada 1:** Dor do parto não é fácil e mijar cocô também não.
- **Protótipo de piada 2:** Dor do parto não é fácil, o homem pra sentir isso precisaria dar à luz um cocô.
- **Protótipo de piada 3:** Dor do parto não é fácil, seria o mesmo que um cocô ser urinado por um homem.
- **Protótipo de piada 4:** Dor do parto não é fácil, seria o mesmo que o homem mijar o cocô.

O primeiro protótipo estabelece uma comparação, mas da maneira que a frase foi formulada não se transmite a ideia de que, para o homem saber o que é a dor do parto, ele precisaria urinar um cocô. Ela apenas diz que a dor do parto seria tão ruim quanto urinar um cocô. Podemos estabelecer várias comparações como essa:

- Dor do parto não é fácil, escalar o Everest também não.
- Dor do parto não é fácil, andar com caranguejo no bolso também não.
- Dor do parto não é fácil, tossir um tatu-bola também não.

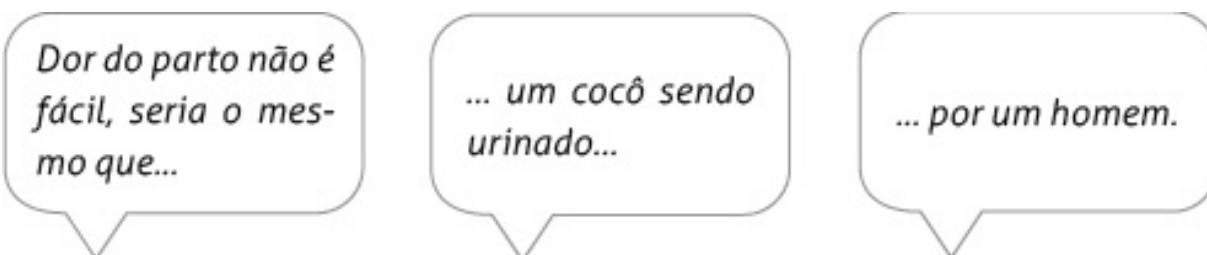
O segundo protótipo não possui um *punch line* claro, a expressão “dar à luz” causa um efeito que chamamos de “levar para outro lugar”. Quando falamos “mijar um cocô”, a imagem provocada pelas palavras é forte e clara. Ao dizer “dar à luz um cocô”, a imagem não

é tão clara, alguns podem imaginar um homem de pernas abertas e o médico retirando um cocô; outros podem visualizar um homem com a barriga cortada e o médico pegando um cocô. O que torna a piada engraçada é o cocô sair pela uretra; a palavra "mijar" nos leva a isso, mas a expressão "dar à luz" leva para outro lugar.

O terceiro protótipo estabelece a comparação desejada, mas a frase está mal-formulada. A piada deve sempre terminar na palavra-chave. Na piada original, as últimas palavras são "mijar um cocô". Nesse modelo, as últimas palavras são "urinado por um homem". Ao inverter e colocar o cocô antes, a piada não funciona. Quando a palavra-chave está no meio, ela gera um microssegundo de estranhamento na mente do espectador. Ao terminar a frase, ela pode até fazer sentido, mas a piada não terá mais graça. Veja um exemplo desse processo mental:

Piada mal-construída:

Comediante:



Público:



Piada construída corretamente:

Comediante:



Público:

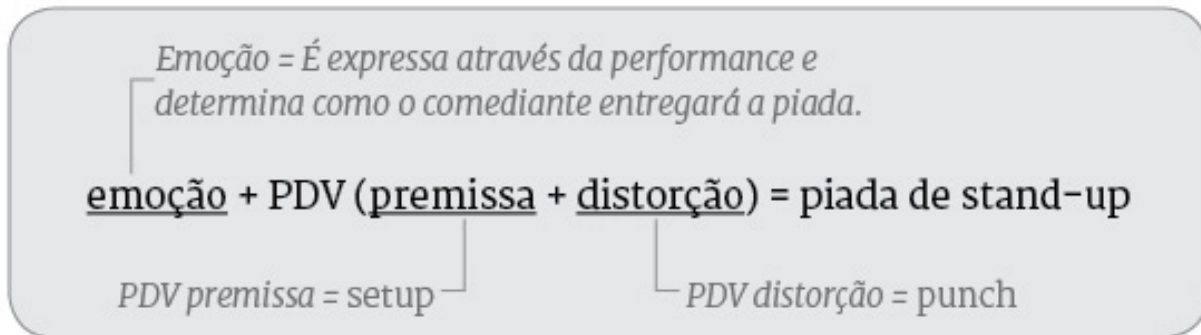


O último protótipo foi incluído apenas para mostrar a diferença que uma simples palavra pode fazer. Ao trocar "mijar um cocô" por "mijar o cocô", a piada fica confusa. A palavra "o" também pode nos levar para outro lugar. É possível imaginar um cocô no chão e alguém urinando sobre "o" cocô.

Portanto, aqui vão as considerações finais sobre o *setup* e o *punch line*: o *setup* deve conter a informação necessária para viabilizar a existência e o impacto do *punch*, que consiste na parte da piada diretamente responsável pelo riso. O *punch line* pode ser uma simples palavra, uma frase ou até mesmo um gesto. Tanto o *setup* como o *punch* devem ser claros, econômicos e acessíveis. Isso quer dizer que tudo o que é necessário deve estar presente, palavras em

excesso devem ser cortadas e termos compreensíveis apenas por uma parcela do público, também.

Outros fatores da fórmula



Emoção

A emoção complementar o seu ponto de vista sobre o assunto. Suponhamos que você tem uma observação sobre quão ridícula é a roupa dos cantores sertanejos. Você pode entregar a piada demonstrando raiva dessas roupas. Quem sabe possa transparecer compaixão, sentindo pena por eles terem de passar por isso ou até mesmo revelar um desejo. Veja:

Esses cantores sertanejos usam umas calças tão apertadas que uma vez olhei pra um deles... Fiquei olhando e pensei: 'que bucetão... eu pegava esse cara forte na parede'. (Dinho Machado)

O que vai determinar qual emoção empregar na entrega da piada é o seu sentimento em relação ao assunto. Por isso, a emoção

complementa o ponto de vista. No capítulo sobre performance esse assunto será abordado com mais profundidade.

Ponto de vista (PDV)

O ponto de vista é a forma de julgar ou abordar determinado assunto e chegar a uma conclusão. Repare que na fórmula o PDV se encontra como multiplicador comum da premissa e da distorção. Isso é para mostrar que o ponto de vista utilizado na premissa deve ser o mesmo usado no *punch line*. Você não deve fazer uma piada como esta, por exemplo:

Uma vez saí com uma garota que era tão gorda que precisei de um caminhão de mudança pra levá-la... Mentira, na verdade ela era tão magra que eu a amarrei com uma linha na traseira do carro e ela veio voando que nem uma pipa.

Afinal, a garota era gorda ou magra? Você não pode mentir apenas para poder fazer as duas piadas. O stand-up é pautado na verdade. Uma piada como essa pode fazer o público questionar a veracidade das demais.

Viram que o palhaço Bozo virou pastor?

A premissa acima é verdadeira, mas após dizer que uma garota gorda na verdade era magra, qual é sua credibilidade para o público acreditar que o Bozo virou pastor? O público duvidar não significa que as piadas não funcionarão, mas podem perder a força. E provavelmente ninguém vai falar: "Mentira, não acredito nisso... Você inventou isso aí só pra fazer uma piada". Esse sentimento não será externado por ninguém, mas pode se manifestar no inconsciente ou até mesmo no consciente de alguns espectadores. Não invente fatos para fazer piadas, a realidade já oferece material suficiente.

Premissa

É o tópico ou assunto que está sendo explorado por meio do ponto de vista. Creio na frase: “Tudo tem um lado engraçado”. Portanto, a premissa para a piada pode ser qualquer coisa! Seu animal de estimação, uma entrevista de emprego, uma propaganda da TV, a notícia de um jornal. E qualquer assunto pode render uma premissa para a piada, desde tópicos ordinários, como relacionamentos e esportes, até outros mais polêmicos, como religião, morte e tragédias.

Distorção

Essa é a característica mais marcante da piada. A distorção cômica é o momento diretamente ligado à risada. Imediatamente após o *punch line*, criado pela distorção cômica, o público deve rir, caso contrário, a piada tem algum problema.

Mapa do riso

Fases da escrita

É possível separar o processo de escrever uma piada em três fases:

conceitual > desenvolvimento > edição

A fase **conceitual** é o momento embrionário da piada, é como a peneira do garimpeiro que separa as pedras preciosas ainda em estado bruto. O momento de limpar as pedras selecionadas é a fase de **desenvolvimento** da piada. A última etapa é a lapidação e o polimento da pedra preciosa, ou seja, a **edição** da piada.

Fase conceitual

Nesta fase elege-se um tema a ser explorado. Sobre o que você vai escrever? Política, almoço em família, bulas de remédio...

Fase de desenvolvimento

É o momento de criação das piadas sobre o tema eleito. Várias piadas são escritas, e as mais fracas, descartadas. As que sobram são ordenadas em uma sequência apropriada, formando uma "rotina". O tom das piadas determinará a emoção predominante no comediante em relação ao tópico no momento de entregar as piadas para a plateia.

Fase de edição

É a etapa final realizada antes ou depois de uma apresentação das piadas no palco e visa ao aprimoramento da rotina. Nessa fase algumas piadas podem ser abandonadas, ajustadas ou trocadas de posição. Algumas piadas novas podem surgir nesse momento.

Cada uma dessas fases será abordada com profundidade nos próximos capítulos do livro, a fim de transmitir ao leitor todo o conhecimento necessário para criar uma piada, desde a eleição de um tema até a edição de uma rotina.

De onde vêm as piadas?: fase conceitual

Conforme foi dito, a fase conceitual envolve a escolha de um tema, esse é o primeiro passo. Afinal, se vou escrever uma piada, ela será sobre o quê? O tópico pode surgir a partir de:

- Uma notícia de jornal;
- Uma reportagem de TV;
- Algo que aconteceu com você;
- Algo que aconteceu com algum amigo;
- Algum objeto.

Existem muitas possibilidades para encontrar tópicos. Um dos métodos que já utilizei é comprar livros sobre assuntos diversos, como *O guia dos curiosos*, e selecionar um dos temas abordados nele como tópico para piada. Veja alguns dos temas:

- Universo
- Reino animal
- Ecologia
- Corpo humano
- Comidas
- Esportes
- Invenções
- Poder
- Religião
- História
- Mundo
- Arte e música
- Folclore
- etc.

Outro livro que adquiri e serviu para o mesmo propósito foi o *The Friars Club encyclopedia of jokes*, um livro de piadas separadas por (veja que conveniente) tópicos. Eis alguns deles:

- Atores e atuação
- Beleza
- Propaganda
- Controle de natalidade
- Animais
- Aniversários
- Pássaros
- Crime
- Gatos
- Masturbação
- Cachorros

- Dinheiro
- Insetos
- Música
- Forças armadas
- Paranoia
- Ateísmo
- Prostituição
- Bebês
- Shopping
- Noivos
- Tecnologia
- Carecas
- Viagem
- Bancos
- etc.

Portanto, para encontrar um tópico, é possível buscar no sumário de um livro, de uma revista, nas matérias de um jornal, nas reportagens de um programa ou, simplesmente, nos acontecimentos a sua volta. Olhe ao seu redor agora, o que você vê? Você pode em um ônibus observar pessoas tentando encontrar um lugar para se sentar e outros ouvindo música sem o fone de ouvido. Talvez esteja no banheiro e seu próximo tópico pode ser papel higiênico ou avisos que são colados nos toaletes.

Eu queria entender por que é que tem papel na pia de alguns banheiros. Quem é essa pessoa que está tentando lavar e secar a mão ao mesmo tempo. (Fernando Caruso)

Eu já andei tanto de ônibus que reparei numas estatísticas. Quanto mais tempo você fica no ônibus pra chegar num bairro, mais feias são as pessoas que estão ali dentro. Uma vez fui pra Pavuna²... Parecia que um gigante ficou irritado e sacudiu o

ônibus... As pessoas bateram nas paredes e ficaram deformadas... (Léo Lins)

Veja a seguinte questão e tente respondê-la: o tópico deve ser algo geral, como "viagem", ou específico, como "itens proibidos ao viajar de avião"? Para criar a piada, automaticamente você especificará o tópico. Essa é uma das etapas do processo de criação. Se sua ideia é abordar os itens proibidos no avião, então comece com este tópico. Do contrário, pode ser melhor começar de modo mais abrangente, com "viagem", e escolher qual caminho específico seguir. O tema "viagem" pode ser especificado para:

- Arrumar a mala para viajar;
- Objetos que esquecemos na hora de viajar;
- A tensão para chegar ao aeroporto no tempo certo;
- Diferença entre viajar de ônibus e avião;
- Viagem com a família;
- Viajar com filhos;
- Trânsito para chegar à praia em feriados.

A especificação do tema é necessária e facilita o processo de escrever. Tente fazer uma piada sobre médicos. Para atingir seu objetivo é inevitável afunilar o tema em alguma direção.

- Tempo de espera para a consulta;
- Revistas na sala de espera de consultórios médicos;
- Exames médicos;
- A receita para comprar remédios após a consulta.

Letra de médico é horrível, você tem que tentar decifrar aquilo. Outro dia o cara me receitou uma aspirina e terminei com um O.B. enfiado no rabo. (Paulo Carvalho)

Não é necessário explorar apenas um dos temas possíveis, você pode e, aliás, deve pesquisar cada um deles. No entanto, os temas têm de ser abordados individualmente, pois dessa forma será possível criar um volume maior de piadas. Caso escreva duas piadas para cada um dos quatro temas mencionados anteriormente, isso corresponde a oito piadas sobre médicos. No final, todas essas piadas produzidas são reunidas em uma sequência apropriada que formam uma rotina.



Para praticar, escolha um tema genérico e, em seguida, procure especificá-lo para escolher uma dessas ramificações como tópico para piada:

Tema:

Possíveis ramificações do tema:

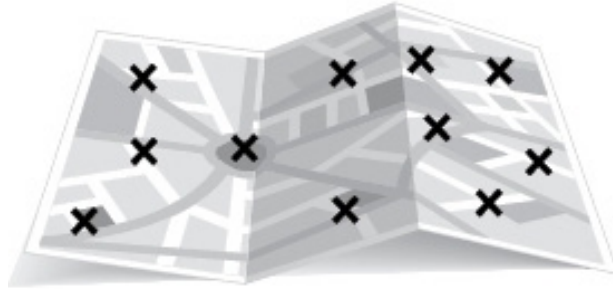


Ferramentas cômicas: Fase de desenvolvimento I

Abrindo a caixa

Agora que você já sabe sobre o que vai escrever, o próximo passo é a fase de desenvolvimento. Nesta fase o objetivo é explorar o tema com o intuito de encontrar pontos promissores para aplicar a distorção cômica. Ao vasculhar o terreno de um tópico, existem exercícios para ajudá-lo a encontrar qual parte do solo é mais fértil para piadas.

Ao pensar em uma comparação para deixar clara a função das técnicas de escrita, cheguei a este exemplo: imagine que a imagem a seguir é o mapa de um terreno indicando a localização de possíveis piadas.



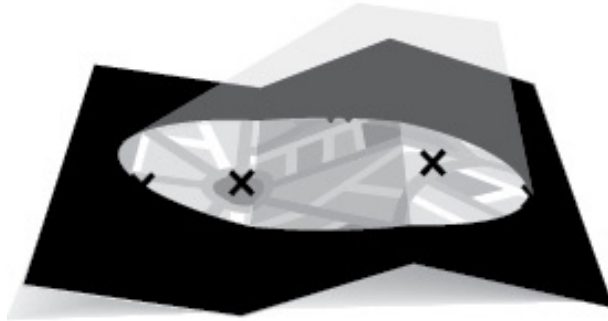
Quando vamos começar a escrever sobre um tópico e ainda não temos nenhuma piada sobre ele, estamos no escuro. Como se não fosse possível ver nada no mapa.



Para encontrar algo no escuro, precisamos de uma luz. Um humorista inexperiente, sem muitos recursos, tem sua capacidade representada pela luz de uma pequena lanterna para encontrar as piadas.



Um comediante experiente e ciente de diversas técnicas possui um holofote capaz de iluminar boa parte do mapa.



As técnicas ampliam o diâmetro do foco de luz, ou seja, aumentam a capacidade de criar piadas. Por isso, comediantes experientes e treinados escrevem mais piadas em menos tempo que os iniciantes.

Técnica das perguntas

Responder a perguntas é mais fácil do que criar piadas, e esta é a essência dessa técnica. Para utilizá-la, basta agregar ao tópico as seguintes palavras: "o que", "quem", "quando", "como", "onde" e "por quê".

Vou pegar um tópico: objetos proibidos no avião. Há uma lista com vários objetos que não são permitidos: armas de fogo, armas brancas, objetos cortantes, ácidos etc. Em um dos vários voos que um comediante pega ao longo de sua carreira, percebi que o desenho utilizado para representar o ícone "proibido entrar com armas brancas" era de um *nunchacu*. Achei esse fato curioso e procurei escrever piadas sobre isso. Repare que o tópico já se tornou mais específico. Ele começou com objetos que não são permitidos embarcar no avião e, entre os vários objetos, optei por abordar armas brancas e, mais especificamente, o fato de o ícone de "proibido entrar com armas brancas" possuir o desenho de um *nunchacu*. Portanto, o tema sobre o qual vou escrever piadas é "proibido entrar com *nunchacu* em aviões".

A técnica das perguntas me ajudou a chegar a algumas piadas, veja:

Tem umas coisas que são proibidas de entrar no avião, mas não faz muito sentido... tem ali 'proibido entrar com arma branca' e tem a foto de um *nunchacu*?! Bastão com a corrente... Primeiro, quem usa um *nunchacu*? O Bruce Lee e uma tartaruga ninja. Um morreu e o outro é um desenho animado. Se qualquer um dos dois aparecer embarcando, o *nunchacu* é o de menos... 'Tem uma tartaruga ninja ali... Caaaaaraca, um *nunchacu*!!!'

Eu perguntei pra mulher: 'Vem cá, por que não pode entrar com um *nunchacu*?!'. 'Ah, porque se bater com isso em alguém machuca.' E com um notebook não?!... (Léo Lins)

- Por que é proibido entrar com *nunchacu*?
- Por que o passageiro não vai querer se separar do *nunchacu*?
- O que levou a empresa aérea a proibir o *nunchacu*?
- Quem usa ou usava um *nunchacu*?
- Quando será que proibiram isso?
- Quando vão perceber que isso não faz sentido?
- Onde foi que surgiu essa "lei"?
- Onde o cara que sugeriu essa proibição estava quando pensou nela?
- Como decidiram proibir isso?

Pense em várias respostas para as perguntas, por exemplo:

Pergunta: Por que é proibido entrar com nunchacu?

Respostas:

1) Eles estão com medo de um ninja terrorista.

- 2) Não adiantar proibir... Se você entrar só com a corrente, pode pegar duas barrinhas de cereal e montar seu próprio *nunchacu*.
- 3) Será que alguém usando um *nunchacu* dominaria um avião?
- 4) Porque pode ser usado para machucar alguém.
- 5) Porque, se for despachado, pode ser que roubem.
- 6) Porque um objeto comprido e grosso pode distrair o aeromoço.
- 7) Porque, se liberarem o *nunchacu*, vão querer entrar com estrelinha e bomba de fumaça também.
- 8) Porque ninguém mais devia usar isso.
- 9) Porque ali é um aeroporto e não um *dojo*.
- 10) Porque não tem aula de *kung fu* durante o voo.
- 11) Ninguém sabe usar isso. Na dúvida deviam proibir só orientais de entrar no voo com um *nunchacu*, assim como deviam proibir árabes de entrar em voos.

Embora algumas respostas já estejam com uma piada atrelada, como a número 2, não se preocupe se ela é engraçada. A resposta 4 não tem graça, mas foi a matéria-prima responsável por uma piada: "Eu perguntei pra mulher: 'Vem cá, porque não pode entrar com um *nunchacu*?!'. 'Ah, porque se bater com isso em alguém machuca.' E com um notebook não?!".

Pergunta 2: Onde foi que surgiu essa "lei"?

Respostas:

- 6) Durante uma convenção anti-kung fu.
- 7) No voo que levava uma peça teatral das tartarugas ninjas e o Michelangelo ficou irritado.
- 8) No voo em que um passageiro recebeu o espírito do Bruce Lee.
- 9) Em uma reunião de amigos que fumavam maconha.
- 10) No hospital, quando o filho do presidente da anac (Agência Nacional de Aviação Civil) foi atendido após ter apanhado de alguém com um *nunchacu*.
- 11) Em algum país árabe onde foi aberta uma escola de kung fu.
- 12) Em alguma civilização antiga.
- 13) No banheiro.

- 14)** Lendo um artigo sobre alguém que morreu com uma “nunchacada”.
- 15)** Durante um coma.
- 16)** Na reunião do C.A., os Chatos Anônimos.

O importante nessa etapa é não ser crítico consigo mesmo. Jogue ideias no papel, escreva qualquer coisa, aqui a quantidade é mais importante que a qualidade. Não se contente com apenas duas respostas, procure escrever 11, porque dez é um número padrão e exatamente a resposta a mais pode ser a responsável por uma grande piada. Mas sinta-se livre para escrever 15, vinte ou quantas respostas julgar necessárias. E cada uma das palavras pode gerar mais de uma pergunta. Veja os exemplos:

- Por que é proibido entrar com *nunchacu*?
- Por que o passageiro não vai querer se separar do *nunchacu*?
- Por que usaram o desenho de um *nunchacu* em vez de outra arma?
- Por que o avião é o único lugar onde não se pode entrar com *nunchacu*?
- Quem usa um *nunchacu*?
- Quem inventou essa proibição?
- Quem foi o culpado que levou a proibirem?
- Quem escolheu o *nunchacu* como símbolo de arma branca?

Se você pensar em uma ou duas perguntas sobre um tópico utilizando “o que”, “quem”, “quando”, “como”, “onde” e “por quê” e escrever 11 respostas para cada uma, será IMPOSSÍVEL não extrair pelo menos uma piada.



Aproveite para treinar, pense em um tópico ou retire um de uma revista ou de um livro. Quem sabe olhando o ambiente a sua volta você encontre um tema.

Tópico:

Formule uma pergunta utilizando "o que", "quem", "quando", "como", "onde" ou "por quê".

Pergunta:

Escreva 11 respostas para essa pergunta:

Técnica das atitudes

A atitude é classificada como a tendência de julgar objetos da percepção ou da imaginação como bons ou ruins, desejáveis ou indesejáveis. Outro conceito diz ser um impulso que nos leva a tomar uma decisão.

Ao abordar um tópico para criar as piadas é possível fazê-lo de mais de uma forma. A técnica das atitudes utiliza diferentes substantivos com a finalidade de extrair material bruto para criar a piada.

Tópicos	Atitudes comuns
Sequestro	Medo
Casamento	Alegria
Incorporar um espírito	Estranheza

Tente pensar em uma piada que exprima medo de sequestro.

Onze razões para ter medo de sequestro:

- 1)** Não ter companhia.
- 2)** Não ver a família.
- 3)** Poder sofrer abuso sexual.
- 4)** Não ter dinheiro para pagar o resgate.
- 5)** Ser levado para uma cidade distante.
- 6)** Ficar sem comida.
- 7)** Não saber quando será solto.
- 8)** Não saber se vai sair vivo.
- 9)** Apanhar dos sequestradores.
- 10)** Não poder usar o Facebook.
- 11)** Não ver a luz do dia.

Pela combinação das respostas 1, 7 e 3 já podemos chegar a uma piada:

Tenho medo de ser sequestrado. Já pensou que coisa horrível ficar numa casa sem falar com ninguém e esperando ser solto? Vai parecer um casamento! O sequestro só não é pior que o casamento porque tem mais chance de acontecer sexo.

Foi possível formular a piada porque a atitude de medo foi associada também ao casamento. Não é tão fácil fazer uma piada sobre o medo de ser sequestrado, pois esse é o sentimento comum para a maioria das pessoas. O que você acha mais fácil: escrever uma piada sobre alegria em casamentos ou medo de casamentos? Medo é mais fácil, pois alegria é um sentimento mais comumente associado a essa cerimônia. Da mesma forma, seria mais simples pensar uma piada sobre a alegria de ser sequestrado, em vez do medo.

Onze razões para ficar contente ao ser sequestrado:

- 1)** Vai emagrecer.
- 2)** Não vai receber visitas chatas.
- 3)** Não precisa se preocupar com a limpeza da casa ou do cativeiro.
- 4)** Não vai precisar mentir para faltar ao trabalho.
- 5)** Não precisa ir ao supermercado.
- 6)** A conta de luz da sua casa vai vir bem mais barata nesse mês.
- 7)** Terá uma grande história pra contar.
- 8)** Se viver, terá a admiração das pessoas.
- 9)** Se morrer, será lembrado como um herói, vítima da violência.
- 10)** Será levado até o cativeiro de motorista.
- 11)** Pode indicar outras pessoas para serem sequestradas.

Compare essas 11 razões com as 11 anteriores. É evidente que, sem esforço, as respostas para os motivos de ficar feliz ao ser sequestrado são mais engraçadas que os motivos para ter medo. Lembra-se do esquema abaixo?

Tópicos	Atitudes comuns
----------------	------------------------

Sequestro	Medo
Casamento	Alegria
Incorporar um espírito	Estranheza

Vou trocar as atitudes de lugar:

Tópicos	Atitudes comuns
Sequestro	Alegria
Casamento	Estranheza
Incorporar um espírito	Medo



Tente pensar em 11 coisas estranhas em um casamento e 11 razões para ter medo de incorporar um espírito:

Se escrever 11 razões para alegria, para estranheza e para medo, você terá 33 respostas para extrair alguma piada. Some isso ao material fornecido pela técnica das perguntas e perceberá que, com

as ferramentas corretas, escrever piadas não é tão impossível quanto parece, porém mais trabalhoso do que imaginava.

Nos exemplos anteriores citei três atitudes, mas existem mais de cinquenta! Contudo muitas delas são semelhantes, é perda de tempo escrever:

- Onze razões para ficar contente ao ser sequestrado;
- Onze razões para ficar grato ao ser sequestrado;
- Onze razões para ficar calmo ao ser sequestrado;
- Onze razões pra ficar satisfeito ao ser sequestrado;
- Onze razões para ficar feliz ao ser sequestrado;
- Onze razões para ficar orgulhoso ao ser sequestrado;
- Onze razões para ficar com ciúme de alguém sequestrado.

Repare que várias respostas para as “razões para ficar contente” podem ser usadas para as atitudes mencionadas acima. É possível ficar grato, pois faltará ao trabalho. Calmo, já que não vai precisar ir ao supermercado fazer compras. Orgulhoso, já que tem a chance de se tornar um herói. Sendo assim, ao combinar todas as atitudes descritas com os tópicos, é possível obter uma interseção contendo as principais atitudes responsáveis por gerar piadas.

Tópicos	Atitudes apropriadas para combinar com os tópicos	Atitudes
---------	---	----------

Não pense que existem atitudes erradas para ser combinadas com os tópicos. Qualquer uma pode ser adicionada, mas em virtude de semelhanças e tendo em vista melhor funcionalidade e aplicação, é possível reduzir esse grupo de dezenas de atitudes para uma pequena lista de cinco itens. São eles:

- Vantagem
- Desvantagem
- Faz sentido
- Não faz sentido
- Sinais

Todas as atitudes podem se encaixar em uma dessas cinco categorias. Veja o quadro a seguir, cuja primeira linha contém as três atitudes mencionadas anteriormente (alegria, medo e estranheza):

Vantagem	Desvantagem	Faz sentido	Não faz sentido	Sinais
Alegria	Medo		Estranheza	
Surpresa	Confusão	Obrigação	Proibição	Avoamento
Amor	Indiferença	Pedido	Estupidez	Indecisão
Felicidade	Cansaço	Coerção	Esquisitice	Desespero
Coragem	Crueldade	Sugestão		Atenção
Desejo	Nervosismo			
Interesse	Ira			
Aceitação	Frustração			

Quando se escreveu “11 razões para ter medo de sequestro”, podemos interpretar como “11 desvantagens de ser sequestrado”. Os “11 motivos para ficar feliz em um casamento” nada mais são que “11 vantagens do casamento”. As “11 coisas estranhas em um casamento” significam “11 coisas que não fazem sentido no casamento”. Vamos colocar uma lupa nisso para analisar melhor cada um dos itens citados.

Vantagem e desvantagem

A aplicação é muito simples, conforme já foi apresentado, mas para ser mais claro vou dar mais exemplos práticos. Veja a piada:

Pra mim a melhor doença de velho é Alzheimer. O médico fala: ‘Você está com Alzheimer’. ‘Ihhh, ai meu Deus [com expressão de preocupado]...’ ‘Oi [expressão de calmo]!’... Já foi. (Murilo Couto)

É possível chegar a essa piada usando a técnica das atitudes:

- 1) Vantagens de ter Alzheimer.
- 2) Você esquece que está doente.
- 3) ...

Murilo Couto adota uma atitude de contentamento ao entregar sua piada para o público. A mesma piada poderia ser entregue com atitude de inveja:

Eu tenho diabetes [novo setup]. Tem que ficar tomando injeção, medindo glicose... é um saco. Eu tenho inveja de quem tem Alzheimer, essa é a melhor doença de velho [mesmo punch line]! O médico fala: 'Você está com Alzheimer'. 'Ihhh, ai meu Deus [com expressão de preocupado]...' 'Oi [expressão de calmo]!...' Já foi.

Esquecer fatos e nomes é uma das desvantagens da doença de Alzheimer e, por isso, também é possível contar a piada deste ângulo:

Deve ser ruim ter Alzheimer. O médico fala: 'Sinto dizer, mas... você está com Alzheimer'. 'Ihhh, ai meu Deus... [com expressão de preocupado]...' 'Oi [com expressão de calmo]!...' Quer ir almoçar? Tenho que ir ao médico depois... Espero que não tenha nada!...

A versão de Murilo exibindo o lado positivo é mais engraçada, por quê? Porque a distorção cômica é maior. Falar que a melhor doença de velho é Alzheimer é uma distorção da realidade, pois nenhuma doença é a melhor e, se houvesse uma menos maligna, não seria Alzheimer, devido aos problemas neurológicos causados por ela. Por isso o teor cômico da piada é reduzido ao falar: "Deve ser ruim ter Alzheimer". Afinal, é claro que é ruim ter Alzheimer.

O vestido de casamento custa muito caro! Ainda bem que isso é uma cerimônia católica, porque se fosse judaica... o cara ia fazer a mulher usar esse vestido todo dia... 'Anda, veste aí... Paguei caro, vai usar.' (Mauricio Meirelles)

Essa piada de Mauricio Meirelles ilustra uma das desvantagens do casamento: o alto preço do vestido de noiva. Dessa informação ele criou a piada ao comparar o católico a um judeu. Como a piada exprime uma desvantagem, sua atitude perante ela não pode ser de alegria. Imagine alguém contente falando: "O lado bom do casamento é gastar 10 mil reais em um vestido pra usar uma noite...". Essa frase só faz sentido em tom de ironia. Assim, Mauricio tinha à sua disposição diversas atitudes compatíveis com a lista de desvantagens. Ele pode contar a piada de um modo triste, com raiva, com medo, frustrado. Nesse caso, a atitude adotada foi a de frustração.

Essa foi a mesma atitude que adotei ao escrever uma piada sobre a sessão de descarrego. Veja algumas desvantagens do capeta em possuir uma pessoa:

- 1)** Ele não vai poder soltar fogo.
- 2)** Normalmente a pessoa é pobre.
- 3)** ...

Com base nessas informações escrevi a piada a seguir:

Estava assistindo à sessão de descarrego outro dia... É meio surreal poder ver o capeta na televisão! Antigamente ele aparecia no deserto pra tentar Jesus, hoje ele tá meia-noite e meia na Record. Mas eu fiquei decepcionado, porque ele não solta fogo, não flutua, não fede a enxofre, não faz nada! Minha

tia falou: 'Ah, mas ele pode te possuir e fazer você perder o seu emprego'. Na boa, eu vi as pessoas que estavam possuídas. Você fazer um nordestino analfabeto ficar desempregado em São Paulo não demonstra muito poder... Não precisa ser o rei do subterrâneo pra fazer isso. Basta ser síndico do prédio e despedir o Severino. (Léo Lins)

A escolha de qual atitude assumir cabe a você, existem dezenas à disposição, opte por uma que seja natural com sua emoção em relação ao tópico.

Faz sentido e não faz sentido

No tópico anterior vimos uma piada do comediante Murilo Couto sobre mal de Alzheimer, na qual o material bruto era proveniente das vantagens de apresentar a doença. Mais piadas podem ser escritas sobre esse tópico utilizando outro dos cinco itens.

Onze coisas que não fazem sentido no chamado mal de Alzheimer:

Mal de Alzheimer... Porque colocar 'mal' ali na frente?! Existe algum 'bem' de Alzheimer?! 'Ih, rapaz, eu tô com bem de Alzheimer.' 'O que é isso?' 'Só esqueço de pagar as contas! E ninguém pode cobrar, é uma beleza de doença.' (Léo Lins)

Minha atitude ao contar a piada é de estranhamento. Rafinha Bastos tem uma piada proveniente da lista de coisas que não fazem sentido, porém, sua atitude ao entregar a piada é o quão estúpido é aquilo:

Eu entrei em uma loja chamada Casa das Cuecas. O vendedor chegou pra mim e perguntou: 'O senhor deseja alguma coisa?'... 'Um caiaque. Mas só o caiaque, o remo eu já tenho.'
(Rafinha Bastos)

Fernando Caruso usa a mesma atitude de estúpido para entregar uma piada baseada em coisas que não fazem sentido em um casamento:

O casal está no altar e o padre pergunta: 'Você aceita fulana para ser sua esposa?'... que, convenhamos, é uma pergunta meio idiota pra esse momento. 'Você aceita esta mulher pra ser sua esposa?'... 'Hummm, deixa eu pensar... Eu aluguei esta igreja, convidei todas essas pessoas, aluguei flores, estou pagando uma festa, estou pagando VOCÊ... Mas agora que perguntou, hummmm...' Devia ser liberado responder 'dãã'. 'Você aceita fulana para ser sua esposa?' 'Dã.' 'E você aceita beltrano para ser seu marido?' 'Dã.' 'Eu vos declaro marido e mulher, pode beijar a noiva'... Todo mundo: 'Dãããããã'.
(Fernando Caruso)

Sinais

Esta técnica repete a mecânica das quatro anteriores, basta apenas combiná-la com o tópico e pensar no máximo de respostas possíveis. As atitudes relacionadas a sinais são: avoado, atento, desesperado. Mantendo os tópicos mencionados anteriormente (casamento e mal de Alzheimer), poderíamos pensar em:

- Onze motivos para achar que sua esposa está te traindo. Exemplo: quando o celular dela toca às três da manhã com o nome PAULO e ela diz que é só uma amiga que mudou de sexo.
- Onze sinais que você pode estar com Alzheimer. Exemplo: quando deixa seu filho na escola, mas depois esquece que tem um filho.

Conforme visto, “sinais” pode ser interpretado como sinônimo de “motivos”. Veja agora uma piada fruto dessa técnica:

Já estou com mais de quarenta anos... Não uso mais drogas... Consigo o mesmo efeito só de levantar rápido. (Diogo Portugal)

Você vai ficando velho e seu saco vai em direção ao chão, parece que minhas bolas fizeram *bungee jump*. (Paulo Carvalho)

Eu tô em um estado que brocho na punheta. O dia que eu encontrar uma mulher que goste de pau mole vou leva-la à loucura. (Márcio Ribeiro)

As piadas mencionadas anteriormente poderiam ser extraídas da seguinte lista:

Sinais de que você está envelhecendo:

- 1) Ficar “tonto” só de se levantar.
- 2) O saco ficar “comprido”.
- 3) Dificuldades de ereção.
- 4) ...

Atente ao fato de que os comediantes não precisaram citar a atitude na piada. Paulo Carvalho não disse: “Eu estou preocupado por estar envelhecendo... Você vai ficando velho e seu saco vai em

direção ao chão”. A atitude de preocupação é transmitida na entrega do texto, na entonação da voz, nos gestos etc. Tampouco é preciso manter o nome da técnica no texto da piada: “Um dos sinais de que você está envelhecendo é quando começa a brochar na punheta”. Aliás, isso é válido para todas as demais técnicas, é desnecessário falar: “A vantagem de ser sequestrado é que...”. Apenas o faça caso seja necessário para a piada funcionar. Do contrário, cortar palavras e substituí-las por uma boa entrega do texto encurtará o *setup* e permitirá chegar ao *punch line* mais rápido.



Identifique as atividades de cada piada:

1) *"A fulana era tão gorda, mas tão gorda, que quando ela fez um ménage os dois caras que transaram com ela não chegaram a se conhecer."* (Renato Tortorelli)

vantagem

desvantagem

faz sentido

não faz sentido

sinais

2) *"Por que na corrida eles dão um tiro pra começar?! Responderam: 'É que assim os atletas ouvem'... Ahhh, quer dizer que na paraolimpíada os surdos iam estar lá e o juiz ia atirar uma flecha."* (Oscar Filho)

vantagem

desvantagem

faz sentido

não faz sentido

sinais

3) "Uma vez vi uma macumba que tinha uma garrafa de pinga e uma peruca... O cara quer chamar o Mussum e o Zacarias?!" (Léo Lins)

- vantagem
- desvantagem
- faz sentido
- não faz sentido
- sinais

4) "Beleza interior, quem acredita nisso? Não conheço ninguém que bate punheta pra radiografia." (Lucas Moreira)

- vantagem
- desvantagem
- faz sentido
- não faz sentido
- sinais

5) "Brasileiro é preconceituoso, vê o negro em um carro de luxo, acha que é o motorista, acha que é o manobrista... e não é. Pode ser só o ladrão, né." (Paulo Viera, humorista negro)

- vantagem
- desvantagem
- faz sentido
- não faz sentido
- sinais

6) "As pessoas veem um cachorro com um mendigo e acham fofo, demonstração de amizade... e não é. O cachorro nada mais é que parte do kit mendigo. O kit é o cachorro, carroça e uma perna podre." (Fábio Gueré)

- vantagem
- desvantagem
- faz sentido
- não faz sentido

sinais

7) *"Dizem que as mulheres não devem transar no primeiro encontro, mas se ninguém marca o segundo eu vou dar quando?" (Mhel Marrer)*

vantagem

desvantagem

faz sentido

não faz sentido

sinais

Respostas: 1) *sinais*; 2) *desvantagem*; 3) *não faz sentido*; 4) *não faz sentido*; 5) *desvantagem*; 6) *faz sentido*; 7) *vantagem*.

Essa técnica amplia a possibilidade de piadas, pois permite observar um mesmo tópico de diversos ângulos. Talvez você tenha reparado que na piada sobre a sessão de descarrego procurei observar as desvantagens de possuir alguém em vez das desvantagens de estar possuído. Isso é a técnica do ponto de vista, ou seja, observar todos os ângulos dos quais podemos analisar o assunto. O tópico "Objetos proibidos no avião" permite diversos pontos de vista: do passageiro, da empresa aérea, do piloto, ou até mesmo das outras bagagens. Será que uma bagagem se sentiria ameaçada ao ver um *nunchacu* adentrando o bagageiro? Que tal pensar em 11 desvantagens para uma mala de viagens.

Todo tema tem mais de um ponto de vista. Veja a notícia:

"Brad Byers está no Guinness Book por assoprar bolhas de sabão com uma aranha dentro da boca."

Vale ressaltar que o fato é real. Ao explorar esse tema em busca de piadas é possível pensar a partir de diversos pontos de vista.

Ponto de vista do Brad Byers:

Qual é a vantagem dessa habilidade?

Possível resposta: nenhuma.

Por que ele faz isso?

Possível resposta: para provar que seu QI é menor que o da aranha.

Ponto de vista da aranha:

Qual é a vantagem de a aranha morar com esse cara?

Possível resposta: ela está sempre limpa.

Ponto de vista dos pais de Brad:

Quais são as vantagens em ter um filho que engole aranhas?

Possível resposta: a casa dos pais dele nunca acumulava teias.

Ponto de vista dos funcionários do Guinness Book:

Onde eles vão parar aceitando recordes como esse?

Possível resposta: chega desses recordes, no próximo ano só vamos incluir esse cara se ele ensinar a aranha a soprar bolhas de sabão.

Ponto de vista da bolha de sabão:

O que ela pensaria se tivesse essa capacidade?

Possível resposta: por que a aranha está tomando banho na boca desse idiota?!

Ponto de vista dos dentes de Brad:

O que os dentes pensam no momento em que a aranha está entrando na boca?

Possível resposta: e nós estávamos preocupados em ficar com cárie...

Essa técnica consiste basicamente em pegar os substantivos de um tópico e explorá-los como ponto de referência para a piada. Veja a mesma notícia com os substantivos sublinhados.

“Brad Byers está no Guinness Book por assoprar bolhas de sabão com uma aranha dentro da boca.”

Não é possível pensar em piadas a partir do ponto de vista de: “Está no”, “por assoprar”, “com uma”, “dentro da”.

Os substantivos sublinhados formam o que chamo de substantivos primários, pois estão diretamente presentes no tópico. Cada um deles pode ser explorado a partir de outro substantivo relacionado, o que chamo de substantivos secundários. Veja a seguir um esquema com os substantivos primários (os sublinhados) e os possíveis secundários.

Brad Byers	Guinness Book	bolha de sabão
pais de Brad	funcionários do Guinness	canudinho
filhos	“juiz” do Guinness	sabão em pó
namorada	editores do livro	água
aranha	boca	
família da aranha	dente	
um inseto ao ver a cena	língua	



Para praticar, veja os tópicos a seguir e tente localizar diferentes pontos de vista.

“Minha avó resolveu tatuar um golfinho no pé...”

Pontos de vista:

"Ministro acusado de desvio de verba é condenado e vai para presídio de segurança máxima."

Pontos de vista a partir de substantivos primários:

Pontos de vista a partir de substantivos secundários:

Técnica da associação

Esta é uma das mais importantes técnicas, pois está intrinsecamente presente em todas as demais. Cada tópico possui fatos pertencentes ao senso comum. O senso comum é a primeira

suposta compreensão do mundo resultante da herança fecunda de um grupo social e das experiências atuais que continuam sendo efetuadas. Ele descreve as crenças e proposições que aparecem como normais. Veja esta piada:

Outro dia li em um adesivo no banco: 'Os cofres desta agência são equipados com ferramenta de retardo de tempo'. Pelo jeito os caixas também são. (Danilo Gentili)

Por que ela é engraçada? Porque é senso comum que caixas de banco são demorados. Quando fui fazer um show em Portugal, perguntei como eram os bancos por lá e os comediantes lusitanos me informaram que não há grandes filas nem longas esperas. Portanto, a piada de Danilo Gentili não funcionaria na terra dos nossos colonizadores. O que é senso comum em relação aos bancos no Brasil?

- Filas intermináveis;
- Nunca resolvem seu problema;
- Atendentes ruins;
- Portas giratórias;
- Detectores de metal;
- Senhas com vários números.

Tudo no banco demora mais, se você fizer um miojo no banco vai levar vinte minutos. (Léo Lins)

A piada não funcionaria se fosse: tudo na delegacia demora mais, se você fizer um miojo na delegacia vai levar vinte minutos. Já precisei ir a uma delegacia fazer um B.O. (boletim de ocorrência) e as coisas também demoram, entretanto este fato não é senso comum. Há outro senso comum na mesma piada, ela é engraçada, pois é de conhecimento da maioria das pessoas que um miojo fica

pronto em três minutos. Toda a propaganda relativa a esse produto é voltada para o caráter instantâneo do macarrão. A piada perderia força se fosse: tudo no banco demora mais, se você fizer um Toddy no banco vai levar vinte minutos. Embora o preparo de um Toddy não seja demorado, basta adicionar o pó ao leite e mexer, ele não tem um tempo exato assim como o miojo. Quando escrevi esta piada minha ideia era mostrar que no banco tudo demora mais que o normal. Portanto, precisava de coisas que acontecem rápido para dizer que no banco elas iriam demorar mais. Eis as piadas que escrevi.

Tudo no banco demora mais, é incrível. Se você fizer miojo no banco vai levar vinte minutos... O archi-inimigo do The Flash tinha que ser a Caixa Econômica... Você sofre com ejaculação precoce? Come a mulher no banco. Qualquer transação lá é pelo menos meia hora. (Léo Lins)

É senso comum que o miojo fica pronto em três minutos, o The Flash é um herói superveloz e a ejaculação precoce é um distúrbio sexual no qual o homem cruza a linha de chegada ainda na fase inicial. Excetuando-se uma convenção de quadrinhos, não posso substituir The Flash pelo Quicksilver³. Embora ambos sejam supervelozes, o The Flash é muito mais conhecido que o Quicksilver, fato que torna senso comum seu poder de correr além da velocidade da luz. Posso substituir a Caixa Econômica pelo Banco do Brasil, mas não pelo Banco Safra ou BankBoston, pois ambos são menos populares.

A técnica da associação lhe dá um mapa que auxilia a explorar um assunto. Se você vai escrever piadas sobre academia, então pense: o que é senso comum em relação à academia? O que é coletivamente associado a esse meio? Basta escrever tudo o que vier à sua mente sobre o tópico "academia"; não tente pensar em coisas engraçadas, simplesmente escreva palavras ou fatos. Alguns podem

Ihe render uma piada instantaneamente, enquanto outros podem não servir para nada. Algumas das palavras poderiam ser: exercícios, queimar gordura, ficar em forma, abdômen com quadradinhos, *personal trainer*, pegar peso, homens bombados, mulheres que parecem homens, mulheres gostosas, caras sarados, obesos que querem emagrecer, esteiras, músicas de baladas, aulas de *spinning*, aulas de luta, professores animados, anabolizantes, pessoas que só vão para conversar.

A seguir, algumas piadas sobre esse assunto:

Eu vi uma garota levantando uns duzentos quilos com a perna, cheguei nela e falei: 'Como o seu joelho aguenta tudo isso?'. Ela olhou pra mim e disse: 'Como o *seu* joelho aguenta tudo isso?'. (Rodrigo Fernandes)

Fui numa aula de *spinning*, o pessoal gritava: '*Wurruuuu*', todo mundo empolgado... Isso com a bicicleta que não sai do lugar... Se der uma de verdade pra esse pessoal, eles vão ter um orgasmo. (Diogo Portugal)

É senso comum o fato das pessoas que fazem uso de anabolizantes frequentarem academia, portanto, é possível tentar estabelecer uma piada com essa informação: "minha academia parece uma filial da Al Qaeda, é cheia de homens-bomba". Para chegar à piada precisei de outra associação. O que as pessoas relacionam com bomba? Pólvora, terroristas, pavio, Segunda Guerra Mundial, míssil, canhão, árabe... A seguinte piada faz uso de uma dessas associações.

Na minha academia tinha um cara muito bombado, muito! A única coisa que levou mais bomba que ele foi Hiroshima. (Léo

Lins)

Cuidado para não achar que determinado fato é senso comum para a maioria da população simplesmente porque você sabe disso. Por exemplo: por que pessoas com chulé escolhem fazer tatuagem no pé? Esse fato pode estar associado ao universo da tatuagem, converse com um tatuador e vai descobrir que é mais frequente do que imagina. Entretanto, não é senso comum. Nem tudo que está associado é senso comum, mas tudo que é senso comum sobre o assunto estará automaticamente associado. Não estar no consciente ou no inconsciente coletivo não inviabiliza a execução de uma piada sobre o fato, mas é preciso especificar a fonte de informação e não tratá-la como um conceito de conhecimento da maioria. No caso da tatuagem, bastaria falar: "Fui fazer uma tatuagem e o tatuador me disse que uma vez chegou um cara com o pé podre e quis fazer uma tatuagem exatamente no pé...".

Qual das seguintes premissas tem mais veracidade e pode ser identificada por uma plateia:

- A)** Já repararam que várias pessoas fazem tatuagem com alguma coisa escrita em italiano?!
- B)** Já repararam que várias pessoas fazem tatuagem com alguma coisa escrita em japonês?!

Pelo menos na região Sudeste do Brasil, a resposta seria a B.

Por que as pessoas tatuam palavras em japonês? Alguém vê o símbolo e te pergunta: 'O que é isso?'. Está em japonês, quer dizer 'felicidade'. Será que no Japão eles fazem tatuagem em português?! O cara tatua no braço: Severino. Alguém pergunta: 'O que é isso?'. Tá em português, significa 'trabalho'.
(Fábio Rabin)

Qualquer t3pico possui diversas palavras ou fatos que podem ser associados. O conjunto dessas palavras representa o terreno 3 sua disposi33o para criar piadas. Veja alguns t3picos e palavras associadas a eles.

Igreja: *padre, pedofilia, papa, missa, h3stia, reza, santos, casamento, missa de s3timo dia, rezar de joelhos, coroinhas, Vaticano, bispos, cardeais, personalidades da igreja (exemplo: Padre Marcelo Rossi), sinos, Santa Inquisi33o, Jesus Cristo, cruz...*

Praia: *sol, mar, areia, mulheres bonitas, gordas de biqu3ni, bronzeador, homens com sungas rid3culas, surfistas, salva-vidas, Ipanema, Rio de Janeiro, castelo de areia, crian3as fazendo guerra de areia, frescobol, futev3lei, f3rias, vendedores ambulantes, sorvete, cerveja, conchas...*

O autor Gene Perret prop3e uma vers3o estruturada dessa t3cnica de associa33es, atrav3s de um quadro que envolve alguns itens: pessoas, lugares, coisas, eventos, palavras, frases e clich3s, e os mesmos itens tamb3m para seus opostos ou n3o similares. Veja como seria um quadro sobre "igreja":

	Pessoas	Lugares	Coisas	Eventos	Palavras, frases, clich3s
Similar	padre Marcelo Rossi, Bento XVI, papa Francisco, padre F3bio de Melo, Inri Cristo, Jesus Cristo	Vaticano, catedral, confession3rio	h3stia, cruz, B3blia, pedofilia, santos, reza, pecados, profecias, exorcismo	Missa do Galo, Jornada Mundial da Juventude, casamento, missa de s3timo dia	"Ajoelhou vai ter que rezar", pagar promessas, pecados capitais, apocalipse
Oposto	pastor, macumbeiro,	terreiro, templo	anticristo, sess3o do	rave, Rock in Rio	mentir

	espírita, mórmon, muçulmano		descarrego, drogas		
--	-----------------------------------	--	-----------------------	--	--

Apenas ao descrever esses itens foi possível gerar mais associações do que foi escrito anteriormente e, conseqüentemente, ampliar as possibilidades de piada. Esse processo é importantíssimo e sua capacidade de como associar ideias é a principal responsável pelo sucesso de uma piada.

Blend das técnicas

As técnicas foram descritas individualmente por um propósito didático, mas na prática, é difícil visualizar a fronteira entre elas. Muitas vezes elas se misturam.

Ao descrever a técnica das perguntas, citei um exemplo:

Pergunta 2: Onde foi que surgiu essa "lei" (que proíbe entrar com *nunchacu* em aviões)?

Respostas:

- 1) Durante uma convenção anti-*kung fu*.
- 2) No voo que levava uma peça teatral das tartarugas ninjas e o Michelangelo ficou irritado.
- 3) No voo em que um passageiro recebeu o espírito do Bruce Lee.

Repare que as três respostas têm algo associado ao *nunchacu*: *kung fu*, tartaruga ninja e Bruce Lee. Se, em vez de Bruce Lee, fosse Michael Jackson, não faria o menor sentido, pois o rei do pop não pertence à lista de associações de um *nunchacu*, ou seja, a **técnica das associações** foi utilizada concomitantemente com a **técnica das perguntas**.

Na técnica das atitudes, ao falar da sessão de descarrego, citei o seguinte exemplo:

Desvantagens do capeta em possuir uma pessoa:

- 1) Ele não poderá soltar fogo.
- 2) Normalmente a pessoa é pobre.

Por meio da **técnica das atitudes**, listei as desvantagens de o capeta possuir alguém. Em seguida, fiz uso da **técnica do ponto de vista**, pois não listei 11 desvantagens de ser possuído. Ao contrário, procurei outro ponto de vista: o do possuidor. E reparem que as respostas refletem a **técnica das associações**, afinal, fogo é associado ao diabo e nunca vi pessoas ricas sendo possuídas por um espírito em programas evangélicos na TV. Logo, é senso comum que a maioria das pessoas possuídas é pobre.

No item sobre a técnica do ponto de vista, apresentei o seguinte exemplo:

"Brad Byers está no Guinness Book por assoprar bolhas de sabão com uma aranha dentro da boca."

Ponto de vista do Brad Byers:

*Qual é a vantagem dessa habilidade?
Por que ele faz isso?*

Ponto de vista dos dentes de Brad:

O que os dentes pensam no momento em que a aranha está entrando na boca?

Possível resposta: *e nós estávamos preocupados em ficar com cárie...*

A **técnica do ponto de vista** possibilitou explorar a visão do autor da façanha, neste caso, Brad Byers. A **técnica das atitudes** foi a responsável pela questão: "Qual é a vantagem dessa habilidade?". A **técnica das perguntas** originou a segunda questão: "Por que ele faz isso?". A **técnica da associação** identificou o substantivo secundário: "dente", assim como uma resposta envolvendo "cárie".

Quando aprendemos a dirigir, fazemos de forma segmentada: ajeitamos o espelho e o banco, engatamos a marcha, aceleramos.

No período de aprendizagem é preciso se concentrar em cada uma dessas atividades. O motorista experiente realiza todas essas funções de forma inconsciente: desacelera, troca a marcha e liga a seta enquanto conversa e ouve música. Após adquirir prática em cada uma dessas técnicas de escrita, sua mente vai utilizá-las simultânea e automaticamente ao abordar um tópico em busca de piadas.

Hoje, quando escrevo piadas sobre um tema, não é sempre que listo várias perguntas e 11 respostas para cada uma delas, depois penso em vantagens, desvantagens, não faz sentido, faz sentido e sinais, para em seguida buscar outro ponto de vista e, finalmente, montar um quadro de associações. Hoje realizo todo esse trabalho de forma mental. Mas, se estou com dificuldade de encontrar piadas para um tema, recorro a esse processo manual de listar perguntas, montar associações, buscar diferentes pontos de vista e atitudes.

Distorções cômicas: Fase de desenvolvimento II

O eixo da comédia

Você possui um tópico e um ponto de vista com potencial para fazer as pessoas rirem, o *punch line* atinge esse objetivo por meio da distorção cômica. A distorção é a ligação entre o real e o cômico, ela é o principal elemento da comédia e permite moldar a realidade da forma que se desejar. É possível dizer o que pensa uma caneta de um banco, narrar a chegada do homem ao Sol ou conversar com Deus ao telefone.

Já vimos que na maioria dos casos a piada termina de maneira surpreendente. Diversos livros de humor descrevem algumas formas de obter essa reação através de exagero, da comparação e da ironia. Reparem que a ironia é uma figura de linguagem. A

comparação também! E o exagero é uma figura conhecida pelo nome de hipérbole. Figuras de linguagem são estratégias que o escritor pode aplicar no texto para conseguir determinado efeito na interpretação do leitor. Essas ferramentas não são exclusivas da música ou da literatura. Diversas figuras de linguagem são recursos que permitem distorcer a realidade. Ao pesquisar sobre elas encontrei mais de cinquenta, separadas em figuras de palavra, de som, de construção, de pensamento etc. Não é necessário um profundo estudo de cada uma delas, pois não são todas que atendem aos propósitos de criar uma piada. Também é dispensável a classificação em figuras de linguagem, de som, de pensamento. O importante é a aplicação cômica do conceito da figura em questão. Portanto, vamos separar as mais relevantes em uma nova categoria: figuras de comédia.

Figuras de comédia

Neologismo

Uso de um termo inventado para criar um efeito estilístico, emotivo, satírico etc.

Fui ao banheiro no Japão e na privada tem um botão escrito 'bidê'... mas eu não vi o bidê. Apertei o botão e comecei a ouvir um barulhinho... De repente levei uma jata d'água na cula... queimei a rosca. (Fábio Porchat)

As palavras "jata" e "cula" não existem, mas reforçam o teor cômico da piada. Imagine substituir: "levei uma jata d'água na cula" por "levei um jato de água na bunda" e veja como a piada perde a força.

Paronomásia

Aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos. Exemplo: Eu que passo, penso e peço.

Na mitologia grega existe um personagem chamado Nereu, o Velho do Mar. Ele teve cinquenta filhas. Cinquenta filhas!!! Esse Velho do Mar era sinistro! E a gente tinha medo do Velho do Saco... O Velho do Saco te põe dentro do saco. O Velho do Mar te enraba... muito pior! E ele tinha irmãos. A família acho que era Nereu... Prometeu, Comeu, Jadeu e Fudeu. (Léo Lins)

O efeito cômico é criado pelas palavras com som parecido, mas significados distintos. É bom ressaltar que quando escrevi essa piada não pensei "Vou usar uma paronomásia aqui que vai ficar engraçado". Só após estudar as figuras de linguagem é que tomei conhecimento que esse *punch line* se tratava de uma paronomásia. Mas esse simples estudo, como o leitor está fazendo agora, é importante para ampliar seus horizontes e enxergar possibilidades de piadas que poderiam estar além do alcance da visão de um iniciante.

Ironia

Dizer algo que na verdade tem um significado contrário ao do que está sendo dito.

Um sujeito virou pra mim e perguntou onde eu estava me apresentando, e eu disse: 'No Procópio Ferreira'. Ele disse: 'No teatro?'. E eu: 'Não, no defunto'. (Marcelo Mansfield)

Nesse frio que tá no Brasil eu queria ser um boliviano. Imagina? Dormindo num porão, quentinho, com mais 26, grudadinhos. (Daniel Pinheiro)

Talvez a figura de linguagem mais facilmente associada ao humor seja a ironia. É tão simples empregá-la que é preciso tomar cuidado para não utilizá-la em excesso.

Eufemismo

Termos mais agradáveis para suavizar uma expressão.

Eu era tão feio que, quando meu pai foi ao cartório me registrar, no meio do caminho ele mudou de ideia e registrou uma queixa contra minha mãe! Segundo ele, eu era uma espécie de atentado ao bom gosto. (Marcio Américo)

“Atentado ao bom gosto” é um ótimo eufemismo para alguém muito feio. Que tal pensar em formas mais agradáveis de falar que alguém que está com bafo, tem muitas espinhas ou até mesmo uma frase mais leve para descrever uma cidade poluída? O eufemismo cria uma piada, procurando suavizar a situação em vez de evidenciar o fato. Existe um eufemismo clássico para dizer que alguém é gordo: “Ele não é gordo, é apenas baixo para o seu peso... Se tivesse cinco metros, seria magro”.

Hipérbole

Exagero para expressar o que se ambiciona vocabular, transmitindo uma ideia aumentada do autêntico.

Outro dia me apresentaram uma mulher imensa de gorda que era vegetariana. Olhei pra ela e disse: ‘Tu deves comer folha pra caramba, hein?! Aí está a causa do desmatamento da Amazônia’. (Rominho Braga)

Era tão feia que o vibrador dela não vibrava, torcia contra.
(Rogério Vilela)

Talvez o oposto cômico do eufemismo. Enquanto esse procura suavizar uma expressão, a hipérbole aumenta à nona potência a ideia a ser transmitida. Alguém um pouco baixo se tornará uma pulga; uma pessoa um pouco acima do peso será um planeta.

Prosopopeia ou personificação

Atribuir a objetos inanimados ou seres irracionais sentimentos ou ações próprias dos seres humanos.

Tão querendo expulsar os pombos principalmente do centro da cidade, que tem muitos. Eu acho errado porque foi o ser humano que trouxe o pombo. A gente devia até estudar ele porque eu acho que o 'pombo de centro da cidade' é uma nova espécie de pombo, porque o pombo em geral mantém uma distância da gente, você não consegue chegar perto. O pombo do centro não, ele anda no meio da galera... [imita um pombo andando e fala:] 'Opa, e aí, beleza?...' Atravessa a rua junto com as pessoas... [imita pombo e fala:] 'Opa, e aí? A Bovespa caiu um ponto...' A porra do pombo voa! Mas ele espera o sinal fechar e atravessa andando! (Léo Lins)

A prosopopeia pode ser uma ótima ferramenta para piadas, o simples fato de mostrar o ponto de vista de um objeto inanimado, ou de um animal, foge do convencional. Repare que é engraçado simplesmente atribuir ao pombo uma frase convencional como: "A Bovespa caiu um ponto". Com isso, o pombo não apenas está

falando como também acompanha a bolsa de valores! Por exemplo, em um casamento você pode olhar a cerimônia do ponto de vista do padre, do noivo, da noiva. Mas que tal do ponto de vista da aliança? O que estaria a aliança pensando nesse momento? Ou do ponto de vista dos doces da festa? Entretanto, é bom ter cuidado para a premissa não ficar mais engraçada do que a piada. Não basta mostrar o que pensa um mosquito ao zumbir no seu ouvido durante a noite, é preciso que essa observação faça sentido na lógica da piada. Quando falei do pombo, atribuí comportamentos humanos a ele: falar sobre a bolsa de valores e atravessar a rua na faixa de pedestres. Se, em vez de falar, o pombo latisse como um cachorro, embora isso seja uma impossibilidade, não teria graça porque a lógica da piada envolve comportamentos humanos sendo atribuídos ao pombo. Portanto, ao utilizar a prosopopeia encontre piadas originais e não quebre a lógica estabelecida pela premissa.

Gradação ou clímax

Exposição de determinadas ideias de forma crescente.

Já reparou que na natureza tem sempre alguma coisa que carrega casa? A tartaruga, o caramujo, o *tsunami*. (Daniel Duncan)

A noite de núpcias é o momento mais propício para o cara brochar: acabou de gastar 50 mil na festa, tá bêbado e vai comer a mesma mulher de sempre. Não tem motivação. (Murilo Gun)

Essa figura envolve expor uma sequência de fatos sobre determinado tema. Murilo Gun ilustra motivos que desmotivam o homem a querer sexo na noite de núpcias. Ele começa com o valor da festa, segue para a bebida e fecha o raciocínio com o motivo mais forte. Ir para a cama com a mulher com a qual acabou de se

casar deveria ser um momento de amor e paixão, mas o humorista ressalta outro fato, o de estar indo para a cama com a mulher com a qual o marido já foi inúmeras vezes e por isso não teria motivação. É importante expor as ideias de forma crescente. A mesma piada perderia a força nesta sequência: "A noite de núpcias é o momento mais propício para o cara brochar: vai comer a mesma mulher de sempre, tá bêbado e acabou de gastar 50 mil reais na festa. Não tem motivação".

Sinestesia

União de planos sensoriais diferentes.

São Paulo é muito bom, é a única cidade onde você VÊ o ar que respira. (Diogo Portugal)

É possível sentir o ar, mas não enxergá-lo. Essa mistura de sentidos, visão e tato, olfato e audição, visão e olfato... é a característica dessa figura de linguagem.

Comparação simples ou analogia

Aproximação de dois termos entre os quais existe alguma relação de semelhança.

Homem é igual a guarda-chuva. Se a gente não leva, faz falta, mas se a gente leva, incomoda. Dá vergonha, a gente não sabe se esconde, se mostra de uma vez que trouxe ou se deixa na porta e pega na saída. (Criss Paiva)

Entendo quando comparam avião com mulher. Quando mulher diz que está pronta pra sair, é porque ainda faltam 15 minutos. (Mauricio Meirelles)

Outra figura muito propícia para o humor. Buscar uma ligação entre dois termos, como o homem e o guarda-chuva, é uma excelente ferramenta para piadas. É possível tentar encontrar associações entre quaisquer termos, tente comparar o casamento com um parque de diversões, banco com um zoológico, seu marido com um personagem de desenho. Para buscar a associação é preciso encontrar fatos que estejam presentes em ambos os universos, por exemplo, no fato apontado por Mauricio Meirelles: mulheres e aviões costumam se atrasar para sair.

Onomatopeia

Reproduzir um som com um fonema ou uma palavra.

Por que é sempre dupla sertaneja ou cantor sertanejo? Por que nunca tem um trio sertanejo? É porque o próximo sempre tem a voz mais aguda que o anterior. Se fosse trio sertanejo seriam dois caras e um golfinho. [Canta:] 'Eu quero você...' [Canta num tom mais agudo:] 'Eu quero você...' [Imita um golfinho:] 'Weee woo wowie.' (Marcos Castro)

Marcos utilizou a técnica de ilustrar a piada, primeiro ele construiu a cena de duas pessoas e um golfinho por meio do *setup* e, em seguida, ilustrou a cena. O *punch line* dessa ilustração é a onomatopeia responsável por representar o golfinho cantando. Como esse som é o *punch line*, o grau de sucesso está diretamente ligado à capacidade de produzir esse som. Alguns humoristas têm o show completamente pautado na capacidade de reproduzir sons, como Pablo Francisco e Michael Winslow.

Antes do próximo tópico, não se preocupe em decorar cada uma das figuras apresentadas. Conforme dito anteriormente, eu não penso "Humm, acho que uma prosopopeia aqui vai ficar bem... ou

quem sabe um eufemismo seguido de gradação”. Consulte o livro quando estiver com dificuldade para escrever uma piada. Eu não analiso todas as figuras disponíveis nem utilizo todas as técnicas listadas em outro capítulo. Com o tempo você começa a absorver e tornar automático todo esse processo. Apenas recorro ao método mecânico diante de uma dificuldade. Pode ser que ao consultar o livro você encontre uma mecânica de piada que ainda não testou no tema que esteja trabalhando. E outra, por que decorar se eu já resumi todas aqui e você já comprou o livro?

Para facilitar ainda mais para você, segue uma lista com as dez figuras de comédia:

Figuras de comédia

- Neologismo
- Paronomásia
- Ironia
- Eufemismo
- Hipérbole
- Prosopopeia ou personificação
- Gradação ou clímax
- Sinestesia
- Comparação simples ou analogia
- Onomatopeia

Os reinos da piada

Na biologia aprendemos que a taxonomia classifica os seres vivos em diversos graus, em ordem decrescente: reino, filo, classe, ordem, família, gênero e espécie. As figuras de linguagem descritas anteriormente podem ser vistas como “gêneros” no universo da piada, mas então quais seriam os “reinos”?

Procurei analisar diversas piadas à procura de categorias mais abrangentes de classificação dos tipos de distorções cômicas existentes. Após uma extensa análise, a melhor classificação que

encontrei foi a de James Mendrinos. Segundo esse autor, os *punch lines* podem ser de quatro tipos, ou “reinos”: comparações, jogo de palavras, *misdirection* e referências à cultura pop. Essa classificação é bem completa e basicamente qualquer piada se enquadra em uma dessas categorias.

<p>Comparações Símile Metáfora Justaposição</p>	<p>Jogo de palavras Ironia ou sarcasmo Malapropismo Sinônimo / Antônimo / Homônimo / Parônimo Coisas em 3 / Gradação ou clímax Neologismo Paronomásia Eufemismo Sinestesia Onomatopeia Sons engraçados Duplo sentido</p>
<p>Misdirection Sátira Surpresa Hipérbole Prosopopeia ou personificação</p>	<p>Referências à cultura pop Paródias Clichês Assuntos familiares Humor chocante</p>

Cada categoria busca o riso por um caminho, entretanto é importante ressaltar que na prática pode ser difícil visualizar a fronteira entre elas. Uma mesma piada pode conter vestígios de mais de uma categoria; essa segmentação tem um propósito didático.

Comparações

A comparação é uma excelente forma de transmitir uma ideia. Ao colocar duas coisas ou mais lado a lado, você estabelece um parâmetro e torna sua opinião mais clara. É possível estabelecer uma comparação ou analogia através de diferentes formas e as mais conhecidas são: comparação por símile e metáfora. O **símile** estabelece uma relação de semelhança de forma explícita por meio

de uma partícula comparativa para interligar os elementos em confronto.

Ela tinha um bafo horrível! Quando falava era como se desse chicotadas com o intestino grosso. (Eduardo Sterblitch)

O conector “como” deixa clara a comparação. Já a metáfora ocorre de forma implícita (você se lembra do clássico exemplo da época de escola? Iracema, a virgem dos lábios de mel). Na **metáfora** não existe uma partícula para explicitar a comparação. Se a piada de Eduardo Sterblitch fosse uma metáfora, ficaria da seguinte forma:

Ela tinha um bafo horrível! Quando falava dava chicotadas com o intestino grosso.

Como se pode perceber, a diferença é sutil, cabe a você analisar o que funcionará melhor na piada em questão — se é deixar explícita ou implícita a relação que está sendo estabelecida. Veja mais exemplos de comparação por símile:

Voo é igual menstruação da sua namorada. Se atrasar com você... Desespero! (Danilo Gentili)

Procurar o ponto G é como tentar achar a ponta do durex... Eu sei que está por ali, mas acabo desistindo antes de conseguir! (Diogo Portugal)

Os conectores “igual” e “como” tornam clara a comparação estabelecida.

Segundo Mendrinós, existe também a **justaposição**, que consiste em comparar duas coisas colocando-as lado a lado. Exemplo:

O magro compra roupa pra passar o tempo. O gordo passa o tempo procurando roupa. (Dinho Machado)

A comparação feita é proveniente de colocar lado a lado gordos e magros.

Jogo de palavras

Às vezes simplesmente uma afirmação direta é o mais eficiente para fazer a plateia rir. A questão é como você vai dizer. Jogos de palavras escondem a informação responsável pela risada até o final.

Talvez os recursos mais utilizados nos jogos de palavras sejam a **ironia** e o **sarcasmo**: ambos são tão facilmente empregáveis que corre-se risco de serem usados em demasia. A ironia já foi explicada anteriormente e sua diferença para o sarcasmo reside na intensidade. O sarcasmo é mais áspero, cruel e provocador. Para o propósito de escrever piadas, podemos tratá-los como diferentes denominações para a mesma mecânica de piada.

O **malapropismo** é o uso errado de uma palavra devido à sonoridade semelhante. Esse recurso é muito utilizado por comediantes que fazem personagens, como o motoboy de Marco Luque que, ao cumprimentar alguém, fala: "E aí, fimose?". A palavra correta a ser empregada seria "firmeza" em vez de "fimose".

Outro recurso para o jogo de palavras é utilizar sinônimos, antônimos, homônimos ou parônimos. Caso você tenha faltado muito à escola e não lembre o que é antônimo ou sinônimo, vou poupá-lo de procurar no Google. **Sinônimos** são palavras de sentido igual ou aproximado e **antônimos** são palavras de sentido contrário. Veja as seguintes piadas:

Por que não chegam a um acordo sobre a letra para o térreo nos elevadores?! Cada elevador tem uma letra... Tem P que é portaria, tem P que é *play*. Você aperta pra brincar e acaba na

rua. Tem T de térreo, P de *play*, M de mezanino. Se apertar os três juntos é TPM. O elevador para, chora, quer discutir a relação... (Claudio Torres Gonzaga)

Sexo é vida. Deve ser por isso que, sempre que procuro minha mulher, ela diz: 'Hoje não, estou morta'. (Thiago Carmona)

Claudio explorou o significado semelhante entre térreo, portaria, mezanino e outras palavras para designar o principal local de acesso em um prédio, para assim criar uma piada. Já Thiago utilizou o antônimo de vida ao concluir a sua.

Sinônimos e antônimos são fáceis de recordar, os dois restantes são os mais difíceis. Os **homônimos** são palavras semelhantes na escrita e diferentes na pronúncia — exemplo: colher (verbo) e colher (substantivo) —, iguais na pronúncia e diferentes na escrita — exemplo: concertar (harmonizar) e consertar (reparar) — ou, ainda, iguais na escrita e na pronúncia — exemplo: cedo (verbo) e cedo (adjetivo).

Eu fui a Belém e tem umas gírias diferentes, por exemplo, o guaraná natural que na maioria dos lugares chama guaraná natural, lá chama refri. Refri aqui é refrigerante, refrigerante lá é réfri, réfri não existe! Eu fui à lanchonete:

- Tudo bom, vê um guaraná.
- Você quer um refri?
- Não, guaraná.
- Só tem refri.
- Então vê uma coca.
- Réfri?!

- Não, guaraná.
- Refri?
- Coca.
- Réfri...?
- Guaraná.
- Refri.

Parecia o Chaves e o seu Madruga! O suco é de groselha com sabor de limão e gosto de tamarindo e *zás* e *zás* e *zás*. Fui embora de lá com sede, consegui beber nada. (Léo Lins)

A palavra “refri” serve como abreviatura de refrigerante, assim como sinônimo de guaraná natural em Belém. Esse homônimo em torno da palavra possibilitou uma piada em uma das vezes que fiz show em Belém.

Vamos agora para o último dos “ônimos”. Os **parônimos** são palavras parecidas na escrita e na pronúncia, por exemplo, osso e ouço. Veja o exemplo de piada:

Antes o nordestino chegava em São Paulo e falava: ‘Oxênti, tô em Sum Paulo’. Hoje ele fala: ‘Inxênti, tô em Sum Paulo’.
(Alexandre Porpetone)

“Oxênti” e “inxênti” são palavras parecidas na escrita e na pronúncia.

O próximo recurso do jogo de palavras é: **coisas em 3**. Três é o número para a comédia, pois é o suficiente para estabelecer um padrão, com 1 e 2, e quebrá-lo produzindo riso no 3. Exemplo:

Meus dois colegas de quarto passam o dia inteiro, todo dia, jogando videogame. Eu sempre fico entediado, sempre fico irritado, sempre fico em terceiro. (James Mendrinós)

Coisas em 3 envolvem também uma das figuras de comédia abordadas, a **gradação** ou **clímax**. Além de gradação e ironia, há outras figuras de comédia que se encaixam na categoria jogo de palavras: **neologismo**, **paronomásia**, **eufemismo**, **sinestesia** e **onomatopeia**.

Como já descrevi todas essas, vamos para uma ainda não abordada: **sons engraçados**. São simplesmente palavras que são mais engraçadas do que outras. Vamos ao exemplo:

Andei reparando... esses atores de filme pornô... Os caras têm umas pirocas, né?! Parece que alimentaram, deram ração, o negócio é um bicho... Ele não fica em pé, ele se ergue. (Léo Lins)

Várias palavras não estão aí por acaso. O som de "piroca" é mais engraçado do que o de "pau". "Bicho" é melhor que "animal" — a meu ver bicho remete a algo selvagem. E a palavra "ergue" é melhor que "levanta" — erguer é uma palavra mais rara em nosso cotidiano, levantar é algo muito normal no dia a dia, e uma piroca gigante não é algo convencional. Logo, ela não se levanta, ela se ergue. Troque todas essas palavras na mesma piada e ela perde força:

Andei reparando... Esses atores de filme pornô... Os caras têm uns paus, né?! Parece que alimentaram, deram ração, o negócio é um animal... Ele não fica em pé, ele se levanta.

A piada não deixa de funcionar, mas palavras mais adequadas aumentam o impacto. Algumas palavras realmente são mais

engraçadas do que outras, porém, às vezes depende do contexto. Na piada acima, bicho é melhor que animal, mas isso não significa que sempre a substituir palavra "animal" por "bicho" deixará a piada mais engraçada.

Por último, o **duplo sentido**. Geralmente o duplo sentido envolve um homônimo ou um parônimo, afinal, compreende uma palavra que pode representar mais de um sentido.

Sou tão hipocondríaca que me apaixonei por um professor de caratê porque ele disse que era faixa preta. (Marcela Leal)

A expressão "faixa preta" pode designar remédio, ou o estágio de aprendizado de um lutador de caratê.

Misdirection

Esse termo é muito comum entre mágicos e é interpretado como "direção errada" ou "desvio de atenção". O termo "direção errada" é considerado inadequado por alguns, pois induzir a atenção do espectador para o local desejado não é o errado e sim o certo. Portanto, "desvio de atenção" é mais correto: o mágico faz o espectador acreditar que sua atenção deve ser direcionada para o ponto A, quando algo surge no ponto B é uma surpresa. Isso é o que o comediante faz por meio de palavras. O *setup* de uma piada faz a atenção do espectador ficar no ponto A, assim, quando o *punch line* surge no ponto B, é uma surpresa.

A **sátira** é uma das formas de manipular a atenção do espectador. A sátira está próxima da paródia, a diferença entre elas é que a paródia é imitativa por definição. A sátira, não necessariamente.

Tudo com a medicina é complicado. Outro dia fui cancelar um plano de saúde, liguei lá, não podia. Eles exigiam uma carta escrita à mão... Carta??!! Pero Vaz de Caminha se consulta aí?!

Tem que ligar, mandar carta, explicar... é pior que terminar um namoro. Meu medo era dois dias depois tocar meu telefone:

– Bom dia, senhor, aqui é o plano de saúde. O que você acha da gente voltar?

– Não... Eu, quero ficar sozinho agora... A gente já estava numa rotina.

– Foi alguma coisa que nós fizemos, senhor? Foram os seiscentos reais da consulta? Nós temos um plano com desconto, aquilo nunca mais vai acontecer.

– Não, não é isso, não é nada com vocês, o problema é comigo...

– O senhor já está com outro plano, não é, senhor?! (Léo Lins)

Essa piada é uma sátira às dificuldades burocráticas para cancelar um plano de saúde. E, para isso, traça uma comparação com o término de um namoro. Lembre-se de que a diferença entre as técnicas descritas é sutil, e a mesma piada pode apresentar vestígios de diferentes técnicas.

A **surpresa** é a forma mais simples e direta de *misdirection*. O *setup* conduz o espectador por um caminho e o *punch line* faz a curva inesperada.

Meu marido não precisa se depilar, ele não tem nenhum pelo no saco. Está tudo no sabonete do banheiro. (Carol Zoccoli)

Um homem sabe que está sendo traído quando sua mulher não procura mais... o seu cartão de crédito. (Fabio Gueré)

Na piada de Carol Zoccoli o raciocínio lógico indica que o marido dela não se depila, pois não tem pelos no corpo; este é o caminho para o qual o público está sendo guiado. A curva inesperada apresenta que, na verdade, ele não precisa se depilar, pois os pelos estão no sabonete do banheiro. Na piada de Fabio Gueré o público é conduzido a crer em outros finais, mas não naquele que é apresentado. Releia o começo da piada: "O homem sabe que está sendo traído quando a mulher não procura mais...". O que o público pensa: "Sexo? Amor? Carinho?...". E a resposta é alguma dessas? Não. É o cartão de crédito dele.

Outra forma de surpreender é pelo exagero, ou seja, a **hipérbole**. Aumentar uma ideia a proporções inimagináveis é uma excelente ferramenta para ludibriar a plateia.

Ele era tão gordo que, se for cremado e jogarem as cinzas no mar, vai virar um aterro. (Léo Lins)

Fui a um restaurante tão caro que, quando pedi uma sugestão para o garçom, ele disse: 'Um financiamento'. (Bruno Motta)

Apenas uma das figuras de comédia me dificultou encontrar a categoria à qual pertence, a **prosopopeia** ou **personificação**. O simples fato de atribuir a objetos inanimados ou seres irracionais sentimentos ou ações próprias dos seres humanos faria dessa figura um tipo de *misdirection*. Mas, uma vez estabelecida essa proposta de mostrar o que pensa um animal ou um objeto, essa surpresa não existe mais. O caminho que a piada seguir determinará em qual categoria ela se encaixa. No exemplo abaixo, em que é apresentada uma conversa entre dois ratos, a piada se enquadra em *misdirection*.

Um rato de laboratório falou pro outro: 'Tenho meu cientista tão treinado que, toda vez que aperto esse botão, ele me dá comida'. (Anônimo)

Referências à cultura pop

Muitas piadas têm sua força sustentada por notícias, acontecimentos ou fatos que estão em evidência. Normalmente esse tipo de piada tem um prazo de validade que pode variar de alguns dias a alguns anos. Até 2008, quando a atriz Dercy Gonçalves morreu aos 101 anos, ela era referência de uma pessoa velha. Hoje essa associação não existe mais e, conseqüentemente, as piadas que dependiam disso perderam força.

A **paródia** é uma das formas de explorar a cultura pop. Ela é uma imitação de algo preexistente com efeito cômico. Certa vez, fiz em um programa da Rede Globo paródias sobre as músicas da Xuxa. A letra original de uma das músicas parodiadas é:

“Doce, doce, doce
A vida é um doce, vida é mel
Que escorre da boca, feito um doce
Pedaço do céu.”

A piada foi:

A Xuxa continua fazendo programa pra crianças... Ela quer ser a bisavó dos baixinhos?! O próximo CD dela vai ser o quê?

‘Xuxa só para velhinhos’:

Doce, doce, doce

Me deu diabetes tanto doce

Perdi as duas pernas e um braço

Tô quase no céu. (Léo Lins)

Abandonei essas piadas há anos, pois muitas pessoas hoje não conhecem a letra original e, para uma paródia funcionar, é preciso ter a referência. Lembro-me de uma atriz na primeira edição do Risorama fazendo uma paródia da Palmirinha, uma senhora que

tinha um programa de culinária veiculado apenas em São Paulo. O Risorama é um festival de humor realizado em Curitiba, ou seja, ninguém conhecia a tal Palmirinha. Ou melhor, das trezentas pessoas presentes, apenas seis delas conheciam, pois apenas seis riram dessa atriz imitando uma senhora cozinheira.

Outra forma de explorar a cultura pop é utilizar **clichês**, ou seja, frases, bordões quentes no momento. Houve uma época em que a música *Para nossa alegria* se tornou febre nacional por causa de um vídeo no YouTube. Nessa época, encaixar a letra da música ou simplesmente mencioná-la em uma piada era o suficiente para provocar risos. Meses depois, mesmo uma excelente piada que envolvesse a tal música não seria eficiente.

Além do clichê, podemos explorar a cultura pop com **assuntos familiares**. Para que esse recurso funcione é preciso que o público tenha conhecimento da informação que serve de base para a piada. No ano de 2009 o goleiro Bruno, do Flamengo, foi acusado de homicídio. Nessa época ele era uma grande referência para piadas. Em um de meus textos analiso perguntas que adolescentes enviam para revistas femininas. Uma delas era:

Pergunta: 'Minha amiga sempre se apaixona pelos meus namorados e acaba ficando com eles, como faço pra acabar com isso de uma vez por todas?'

Namora o goleiro Bruno. Ela rouba ele, e ele acaba com ela de uma vez por todas. (Léo Lins)

Assim que a notícia começou a sumir da mídia a piada foi perdendo força, até que em um momento precisei abandoná-la. Em 2008 o jogador Ronaldo Fenômeno se envolveu em uma polêmica com travestis. Por ser uma celebridade internacional, a notícia chegou ao conhecimento de todos e se tornou um prato cheio para humoristas. Anos depois as piadas foram perdendo força devido à distância do acontecimento.

Por último, mas não menos importante, há o **humor chocante**, que consiste em chocar as pessoas por meio da piada. A ideia é falar ou fazer algo tão ultrajante que a plateia ri pela surpresa e pelo absurdo.

Fui a um restaurante cujo *chef* era o maior especialista em cozinha alemã. Então lhe perguntei: 'Você entende tudo sobre culinária alemã?'. E ele disse: 'Sim'. 'Então como se prepara um judeu?' (Léo Lins)

Oficina: fase de edição

Edição

Após escrever a piada, ela está em sua fase beta e ainda pode necessitar de alguns ajustes até atingir a forma ideal. Esses ajustes podem ser feitos antes ou após o teste nos palcos. Às vezes é possível perceber alguma falha antes de experimentar com o público, mas muitas vezes apenas o termômetro da plateia é que indicará a necessidade de um reparo. Esse conserto nada mais é do que editar a piada. Se ela apresenta algum mal funcionamento, o problema pode ser:

- Setup
- Punch line
- Entrega
- Plateia
- Ambiente, som e luz
- Acidentes ocasionais

Dos problemas descritos, os menos preocupantes são os dois últimos. Antes de concluir a piada, um bebê chora e rouba involuntariamente a atenção dos espectadores, esvaziando o potencial cômico dela. Isso é um acidente ocasional e não deve ser encarado como um problema a ser solucionado; caso isso aconteça com muita frequência, pare de fazer shows em buffets infantis. O que nos leva para o próximo problema: ambiente, som e luz. Uma piada que necessita da expressão facial, realizada em um palco iluminado de forma pobre, perderá força; um microfone com chiado ou que esteja falhando impedirá que algumas piadas provoquem risos. Se isso for frequente, reavalie o local em que está se apresentando. Deve haver um mínimo de investimento para que o comediante tenha as condições básicas para a realização de um bom show.

Restam quatro problemas, sendo dois relacionados diretamente à piada: *setup* e *punch line*. Um deles ligado à performance: entrega. E outro decorrente em função da plateia. Pode acontecer de o comediante estar em uma boa casa de comédia, entregar bem uma piada e, ainda assim, o público não responder com risadas. Não se torture, é possível que o problema seja a plateia. Em alguns casos, existe a possibilidade de contornar a situação tentando encontrar um tema que tenha mais apelo para essas pessoas que estão em estado de animação suspensa observando o show ou tentar ressuscitá-las do coma temporário por meio de interação. Entretanto, há casos em que tal façanha estará além do seu alcance.

Problemas na entrega da piada serão avaliados mais cuidadosamente no próximo capítulo ao abordar a performance. Portanto, finalmente chegamos aos problemas que podem estar diretamente ligados ao texto da piada. Primeiro, é importante lembrar que tanto o *setup* como o *punch line* devem ser claros, econômicos e acessíveis. Um *setup* tem em média dez segundos. Caso dure mais que isso, é preciso ter um bom *punch line*. Você está usando alguma gíria desconhecida para o público em questão? A ideia a ser transmitida está clara? Veja exemplos desses três erros.

Natal é uma cidade linda, linda! As pessoas é que são muito feias. Mas muito... É uma coisa do tipo: 'Senhor, por que puniste Natal, Senhor?'. As pessoas em Natal são tão feias que Natal não devia chamar Natal, devia ser Halloween. (Fábio Porchat)

Agora veja a piada da seguinte forma:

Natal é uma cidade linda, é arborizada, tem belas praias, locais paradisíacos, é um lugar lindo! As pessoas é que são muito feias. Mas muito. Eu já vi gente feia, mas lá é impressionante... É uma coisa do tipo: "Senhor, por que puniste Natal, Senhor?". As pessoas em Natal são tão feias que Natal não devia chamar Natal, o prefeito devia mudar o nome da cidade para Halloween.

O número de piadas por parágrafo continuou o mesmo: três. Porém na versão original de Fábio Porchat, as três piadas são contadas em quatro linhas e, na versão seguinte, em seis. O *setup* deve conter o essencial para o *punch line*. A ideia a ser transmitida é que as pessoas em Natal são feias. Para reforçar essa piada Fábio usou o antônimo ao dizer que a cidade é linda. Não é preciso dizer o que faz a cidade linda, se são praias, árvores ou monumentos. Basta dizer: "Natal é uma cidade linda". Seja o mais econômico possível. Veja outro erro:

As pessoas em Natal são tão feias que Natal não devia chamar Natal, devia ser alcunhada como Halloween.

A palavra "alcunhada", embora não esteja empregada de forma errada, deixa a piada menos acessível. Além de ser um excesso, pois a piada não necessita de uma palavra ali. E o que aconteceria se falássemos as datas com outras denominações?

As pessoas em Natal são tão feias que Natal não devia ter o nome da data que comemora o nascimento de Jesus e sim da que comemora o Dia das Bruxas.

Repare que troquei “Natal” por “data que comemora o nascimento de Jesus” e “Halloween” por “Dia das Bruxas”. Se as trocas estão corretas, por que a piada perdeu a graça? Porque agora ela não está mais tão clara. O contraste é mais evidente na forma original:

Natal.....Halloween
Nascimento de Jesus.....Dia das Bruxas

Além dos problemas clássicos mencionados, existem alguns termos utilizados informalmente na comédia para designar alguns defeitos comuns na estrutura de uma piada: “leva para outro lugar” e “está longe”.

Leva para outro lugar

Ocorre quando uma das palavras utilizadas na piada possibilita mais de uma interpretação ou quando o sentido dela não está de acordo com o desejado.

Há algum tempo tutei esta piada:

O lado bom de sair com uma mendiga é que, na hora de levá-la embora pra casa, pode deixar em qualquer lugar.

Veja agora esta outra versão:

O lado bom de sair com uma mendiga é que na hora de levá-la embora pra casa, pode deixar em qualquer esquina.

Embora a palavra “esquina” esteja associada à “rua”, ela pode levar a imaginação do público para outro lugar. Uma pessoa parada em uma esquina pode despertar a imagem de uma garota de

programa. Não é incomum frases como “Vai rodar bolsa na esquina” ou “Eu não fico na esquina rodando bolsa”. Portanto, a palavra “esquina” não deve ser utilizada nesse contexto. Para a piada obter êxito é preciso fazer o público chegar aonde você deseja. Não é necessário conduzi-lo de mãos dadas por todo o caminho, isso seria o equivalente a deixar uma piada tão óbvia que o final não surpreenderia. A intenção do humorista com uma piada é indicar uma direção e deixar o público seguir por essa via. É como se ele falasse: “Segue aqui que no final você vai dar risada”. Se no meio do caminho indicado pelo comediante o público se depara com uma bifurcação, cada um seguirá por um lado. Essa bifurcação é a ilustração do clássico problema de levar para outro lugar. O que acontece nesse caso? Algumas pessoas seguem a rota planejada pelo comediante e dão risada. Outros seguem o caminho errado ou ficam parados na bifurcação, nenhum deles vai rir. Para não cair nessa armadilha, avalie se existe alguma palavra no *setup* ou no *punch line* que pode estar dificultando o caminho que leva ao riso.

Está longe

Acontece quando um pedaço de informação entre o *setup* e o *punch line* é omitido.

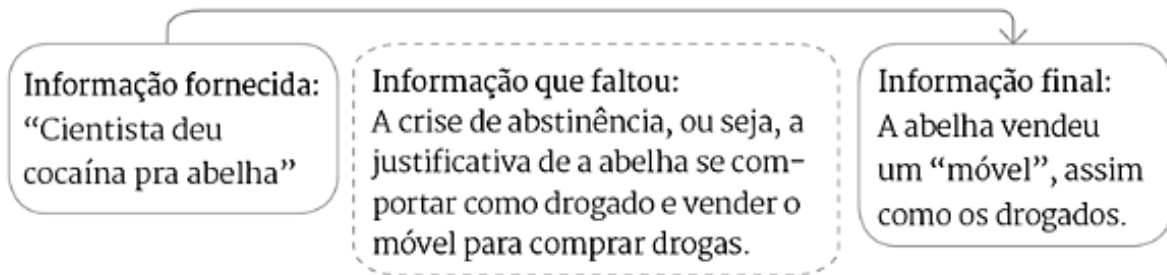
Veja esta piada:

Outro dia vi uma reportagem assim: ‘Cientista dá cocaína para abelha’. Ele deu cocaína, parou de dar e viu que a abelha entrou em crise de abstinência... O que é que a abelha em crise de abstinência fez? Começou a vender coisas pra comprar mais droga?! Por isso que tem uns potes de mel que vêm com favo junto, ela vendeu a mobília. (Léo Lins)

Agora veja esta versão:

Outro dia vi uma reportagem assim: "Cientista dá cocaína para abelha". Por isso que tem uns potes de mel que vêm com favo junto, ela vendeu a mobília.

Dessa forma a piada fica longe, é como se uma das etapas necessárias para ela obter sucesso fosse pulada. O esquema a seguir ilustra o problema:



Tudo em uma piada deve levar ao riso ou provocá-lo. Vejamos a piada dissecada:

Setup Informação real	Setup Preparando a piada	Punch line 1 Que reforça o próximo	Punch line 2	Punch line 3
"Outro dia vi uma reportagem assim: 'Cientista dá cocaína para abelha'. Ele deu cocaína, parou de dar e viu que a abelha entrou em crise de abstinência..."	O que é que a abelha em crise de abstinência fez?	Começou a vender coisas pra comprar mais droga?!	Por isso que tem uns potes de mel que vêm com favo junto,	ela vendeu a mobília."

O *setup* inicial tem o intuito de mostrar que a notícia é uma informação real, isso é importante para dar credibilidade e mostrar que o humorista não está simplesmente inventando fatos para fazer piada. A próxima parte serve como trampolim para alavancar a primeira piada. A questão "O que a abelha em crise de abstinência

fez?” deixa próxima uma comparação entre a abelha em abstinência e o ser humano em abstinência. Essa comparação é a fórmula utilizada para o primeiro *punch line*, no qual é atribuído à abelha um comportamento clássico de humanos em abstinência. Esse primeiro *punch line* reforça o segundo, pois repare que ele transmite a seguinte informação: “Começou a vender coisas...”. Essas quatro palavras permitem ao espectador compreender a lógica cômica de que o favo presente em potes de mel foi vendido pela abelha e não colhido pelo apicultor. E o último *punch line* aproveita o cenário estabelecido para arrancar mais uma risada ao dizer que o favo era uma mobília da casa da abelha, como se esses insetos possuíssem sofás, camas e poltronas.

Incoerência

Além dos dois problemas mencionados anteriormente, outro que pode ocorrer é a incoerência. Ela ocorre ao utilizar uma informação restrita ou mesmo falsa como senso comum.

Essa piada consiste em associar à abelha comportamentos clássicos de seres humanos em abstinência, como vender objetos da casa para poder comprar drogas. Imagine a piada da seguinte forma:

O que a abelha em crise de abstinência fez? Foi ao psicólogo?!

Embora os dependentes químicos necessitem de um tratamento psicológico, não é um comportamento clássico dos viciados buscarem um psicólogo. Essa falta de sentido ou incoerência faz com que a piada não funcione.

Caia na rotina

Rotina é o nome dado para a sequência de piadas de determinado tema.

Vamos supor que no seu *set* de piadas sobre supermercado você tenha duas piadas fortes, duas médias, uma fraca e uma muito forte. Como você organizaria essas piadas?

A	B	C	D	E
Fraca	Muito forte	Média	Fraca	Fraca
Média	Forte	Forte	Muito Forte	Média
Forte	Forte	Média	Média	Média
Média	Média	Forte	Forte	Forte
Forte	Média	Fraca	Média	Forte
Muito forte	Fraca	Muito forte	Forte	Muito forte

As letras C e D apresentam um raciocínio compreensivo: alternar piadas fortes com médias e colocar a mais forte após a mais fraca, para evitar perda de ritmo. Essa alternância realmente impede que o ritmo caia, mas também não permite que ele suba. Uma rotina estruturada dessa forma ficará linear e deve ser corrigida. A letra B propõe abrir o *set* com as piadas mais fortes e, depois, passar para as mais fracas. Essa estratégia impõe um ritmo forte no começo, mas que vai reduzir muito no final. A letra E sugere o contrário, abrir com as mais fracas e fechar com as mais fortes — o ponto negativo pode ser um começo lento e o positivo, o final forte. E, por último, a letra A é uma pequena variação da letra E, trocando de lugar duas piadas do meio, para evitar uma sequência de três piadas sem ter uma forte. Nesse exemplo, a resposta que melhor representa os princípios de rotinizar piadas é a letra A.

Utilizamos seis piadas, mas vamos supor que fossem dez: quatro fortes, quatro médias, uma muito forte e uma fraca. Alterná-las uma a uma causaria a sequência linear sem elevar o ritmo. Colocar a mais fraca e as quatro médias em primeiro, para só então utilizar as mais fortes, poderia deixar o ritmo tão lento no começo que a primeira ou a segunda piada forte teriam impacto reduzido. Existem

inúmeras combinações possíveis e mais de uma resposta correta. Uma delas seria:

Fraca
Média
Forte
Média
Média
Forte
Média
Forte
Forte
Muito forte

A lição importante nesse exemplo de rotina é perceber que não há uma sequência de três piadas sem a presença de uma forte. Isso é para evitar que o ritmo do texto baixe muito. Não necessariamente a piada mais fraca deve introduzir o tema e a mais forte, fechar. Manter uma piada mais fraca pode justificar-se caso ela sirva como preparo para a piada seguinte. Já passei por situações em que no meio da rotina havia uma piada muito forte e, quando a coloquei por último, ela perdeu a força e ficou apenas forte, ou seja, o melhor foi deixar a piada no meio. Às vezes, uma piada fraca no começo pode se tornar média ao ser movida para o meio ou para o final.

E se na minha rotina tenho quatro piadas médias, uma fraca e uma forte? Como as ordeno? Nesse caso, é preciso melhorar ou abandonar algumas das piadas fracas e médias.

Veja esta rotina de Jerry Seinfeld sobre o encontro às escuras:

É comum que os piores encontros sejam o resultado de armações. Por que nós armamos encontros para as pessoas? Por que achamos que elas vão gostar? Quem somos nós? Estamos brincando de Deus?

Aliás, Deus foi mesmo o primeiro a armar um encontro para outras pessoas. Armou para Adão e Eva. Estou certo de que ele disse para Adão: 'Não, ela é legal, muito descontraída... usa pouca roupa. Estava saindo com uma cobra, mas acho que os dois romperam'.

Para mim, a armação simplesmente não funciona, não se pode armar para os outros. Não funciona porque ninguém gosta de pensar que precisa da ajuda dos outros. Não se pode tirar isso da mente, isso afeta sua atitude quando você encontra a outra pessoa: 'Bom, estou saindo com você porque todo mundo acha que eu devia sair com você'.

Uma vez armaram um encontro para mim. Não deu certo. O tempo todo eu sentia aquelas cordinhas de marionete nos meus braços. Não conseguia me mexer direito. Eu ia pôr a mão no ombro dela, a mão ia para o lugar errado...

A		B		C		D	
1ª piada	Fraca	2ª piada	Média	4ª piada	Média	5ª piada	Forte
		3ª piada	Forte			6ª piada	Forte
						7ª piada	Forte

Uma vez armaram um encontro para mim. Não deu certo. O tempo todo eu sentia aquelas cordinhas de marionete nos meus braços. Não conseguia me mexer direito. Eu ia pôr a mão no ombro dela, a mão ia para o lugar errado... *PAF!* Um

tapa na cara. 'Desculpe, não consigo controlar meus braços... A culpa não é minha, eu sou só uma marionete.' (Jerry Seinfeld)

Vamos dissecar as piadas e analisar a rotina:

É comum que os piores encontros sejam o resultado de armações. Por que nós armamos encontros para as pessoas? Por que achamos que elas vão gostar? Quem somos nós? Estamos brincando de Deus? [1ª piada]

Aliás, Deus foi mesmo o primeiro a armar um encontro para outras pessoas. Armou para Adão e Eva. [2ª piada] Estou certo de que ele disse para Adão: 'Não, ela é legal, muito descontraída... usa pouca roupa. Estava saindo com uma cobra, mas acho que os dois romperam'. [3ª piada]

Para mim, a armação simplesmente não funciona, não se pode armar para os outros. Não funciona porque ninguém gosta de pensar que precisa de ajuda dos outros. Não se pode tirar isso da mente, isso afeta sua atitude quando você encontra a outra pessoa: 'Bom, estou saindo com você porque todo mundo acha que eu devia sair com você'. [4ª piada]

Uma vez armaram um encontro para mim. Não deu certo. O tempo todo eu sentia aquelas cordinhas de marionete nos meus braços. [5ª piada] Não conseguia me mexer direito. Eu ia pôr a mão no ombro dela, a mão ia pro lugar errado... PAF! Um tapa na cara. [6ª piada] 'Desculpe, não consigo controlar meus braços... A culpa não é minha, eu sou só uma marionete.' [7ª piada]"

Portanto, nessa rotina temos sete piadas. Mas apenas quatro blocos para sequenciar e montar a rotina, pois não podemos trocar de lugar a 3ª piada com a 6ª. Veja as piadas e seus respectivos grupos:

Por favor, entenda que a classificação em fraca, média e forte atende a princípios didáticos, não se prenda a detalhes como “Essa piada é média? Devia ser fraca” e vice-versa. A primeira piada, embora não seja forte, prepara as próximas, pois apresenta a ideia de o ser humano brincar de Deus ao armar um encontro. Imagine eliminar a piada fraca, para começar diretamente na média. A rotina ficaria:

Deus foi o primeiro a armar um encontro para outras pessoas. Armou para Adão e Eva. Estou certo de que ele disse para Adão: “Não, ela é legal, muito descontraída... usa pouca roupa. Estava saindo com uma cobra, mas acho que os dois romperam”.

Para mim, a armação simplesmente não funciona...

Iniciar a rotina com essa piada é ruim. Falta clareza no *setup*. Por que o comediante está estabelecendo que Deus foi o primeiro a armar um encontro? Quando temos a primeira piada, isso fica claro:

É comum que os piores encontros sejam o resultado de armações. Por que nós armamos encontros para as pessoas? Por que achamos que elas vão gostar? Quem somos nós? Estamos brincando de Deus?

Isso deixa evidente que, quando o ser humano arma um encontro para outras pessoas, ele pensa que é Deus. E o próprio Deus já armou um encontro para alguém. Assim, a primeira piada fraca é necessária para as outras duas funcionarem.

Na rotina acima temos os grupos A, B, C e D para sequenciar. Vamos ver como fica colocando as piadas mais fracas no começo: A, C, B e D.

É comum que os piores encontros sejam o resultado de armações. Por que nós armamos encontros para as pessoas? Por que achamos que elas vão gostar? Quem somos nós? Estamos brincando de Deus?

Para mim, a armação simplesmente não funciona, não se pode armar para os outros. Não funciona porque ninguém gosta de pensar que precisa da ajuda dos outros. Não se pode tirar isso da mente, isso afeta sua atitude quando você encontra a outra pessoa: "Bom, estou saindo com você porque todo mundo acha que eu devia sair com você".

Álias, Deus foi o primeiro a armar um encontro para outras pessoas. Armou para Adão e Eva. Estou certo de que ele disse para Adão: "Não, ela é legal, muito descontraída... usa pouca roupa. Estava saindo com uma cobra, mas acho que os dois romperam".

Uma vez armaram um encontro para mim. Não deu certo. O tempo todo eu sentia aquelas cordinhas de marionete nos meus braços. Não conseguia me mexer direito. Eu ia pôr a mão no ombro dela, a mão ia pro lugar errado... PAF! Um tapa na cara. "Desculpe, não consigo controlar meus braços... a culpa não é minha, eu sou só uma marionete."

Dessa forma o começo da rotina fica fraco. Distanciar o grupo B de A pode fazer as piadas desse grupo perderem um pouco de força.

E se começarmos pela piada mais forte? Veja que abrir a rotina com o grupo D é estranho:

Uma vez armaram um encontro para mim. Não deu certo. O tempo todo eu sentia aquelas cordinhas de marionete nos meus braços. Não conseguia me mexer direito. Eu ia pôr a mão no ombro dela, a mão ia pro lugar errado... PAF! Um tapa na cara. "Desculpe, não consigo controlar meus braços... a culpa não é minha, eu sou só uma marionete."

Essa piada não vai deixar de funcionar no princípio, mas tanto ela como as demais podem ser prejudicadas. Ela estabelece um comparativo entre uma pessoa em um encontro às escuras com um boneco de marionetes. É uma comparação visual e forte. Seguir com essa piada apenas para dizer que ao marcar encontros o ser humano pensa que é Deus é anticlímax.

Se trocarmos apenas o grupo C para o final, deixando A, B, D e C, também não faz sentido. A piada C após as três do grupo D ficará tão fraca que perde sentido contá-la para a plateia. É possível então remover o grupo C e ficar apenas com A, B e D? Sim, o que determinará isso é o gosto do comediante. Não pense que cortar piadas médias/fracas para juntar a um grupo de piadas fortes é sempre o melhor a ser feito; conforme foi visto, uma dessas piadas pode reforçar alguma a ser contada.

Ao elaborar sua rotina, reúna todas as piadas que você tem sobre o tema. Vamos supor que você tenha 11 piadas. A seguir, veja quais delas não podem ficar separadas e organize os grupos.

- A – 1 piada
- B – 2 piadas
- C – 1 piada
- D – 3 piadas
- E – 2 piadas
- F – 2 piadas

Alguma dessas piadas é um pré-requisito para que a próxima funcione? Vamos imaginar que sim: a piada C prepara as piadas de D e as do grupo E preparam a do grupo A. Portanto, você tem que organizar uma sequência entre:

- B (2 piadas)
- C, D (1 piada, 3 piadas)
- E, A (2 piadas, 1 piada)
- F (2 piadas)

Qual é a força de cada um desses grupos? Vamos supor que seja:

- B (2 piadas) médio
- C, D (1 piada, 3 piadas) muito forte
- E, A (2 piadas, 1 piada) forte
- F (2 piadas) médio/forte

Uma possível rotina seria:

- B (2 piadas) médio
- E, A (2 piadas, 1 piada) forte
- F (2 piadas) médio/forte
- C, D (1 piada, 3 piadas) muito forte

Antes de fechar este item, um breve resumo de pontos importantes ao montar uma rotina:

Evite uma sequência de piadas fracas/médias.
Avalie a necessidade de piadas fracas.
Verifique se a piada ganha força em outra posição.

A performance

Estilo

Um dos maiores erros que um comediante iniciante pode fazer é decidir sua *persona* e forçar o material a se adequar a ela. Criar seu ato dentro de uma caixa predeterminada vai limitá-lo. Em vez disso, crie o melhor material que puder e deixe sua *persona* se desenvolver a partir disso. (Judy Carter)

É normal no começo da carreira atuar no palco de forma parecida com algum comediante que você admira. Mas existe uma diferença

entre inspiração e cópia. Copiar alguém só prejudicará o seu desenvolvimento. A melhor forma de encontrar seu estilo próprio é escrever. Escreva bastante, crie muitas piadas. Com o passar do tempo, será possível identificar os traços marcantes em sua apresentação. Esse processo não é rápido e pode levar alguns anos.

Delivery

Delivery ou entrega é a forma como o comediante conta a piada para a plateia. Chris Rock entrega as piadas de forma enérgica, muitas vezes indignado com o assunto. Jerry Seinfeld é mais calmo e analítico. Lewis Black demonstra raiva em relação ao que está falando. Sem emoção, a piada seria apenas uma casca vazia. A forma de entregar a piada expressa seu ponto de vista perante o assunto.

Toda vez que eu entro no Subway e o atendente pergunta: 'Quinze ou trinta centímetros, senhora?', me dá uma esperança louca. Acho que o homem vai subir no balcão mostrando o tamanho que eu pedi. (Larissa Câmara)

Que emoção você imagina para entregar essa piada?

■ Raiva ■ Medo ■ Tristeza ■ Afeto

Pela forma que a piada está escrita, a mais apropriada é o afeto. A piada mostra que a comediante está esperançosa de que a pergunta referente ao tamanho do sanduíche possa estar relacionada ao tamanho do órgão genital masculino. O mesmo duplo sentido da pergunta "Quinze ou trinta centímetros, senhora?" pode ser usado para despertar outros sentimentos:

Exemplo 1: Sempre que vou ao Subway e o atendente pergunta: “Quinze ou trinta centímetros, senhora?”, sempre escolho 15.

Tenho medo de falar trinta e no sanduíche vir a rola de um negão.

Exemplo 2: Fui ao Subway e a atendente perguntou: “Quinze ou trinta centímetros, senhora?”. Sem querer eu respondi: “Como hoje está frio, no máximo 13”.

O sentimento de afeto não condiz com nenhuma dessas piadas. Na primeira delas, a emoção apropriada está descrita: medo. Já na segunda, um sentimento adequado poderia ser de vergonha, inocência ou até mesmo raiva, isso dependerá do seu ponto de vista perante o assunto. Lembre-se: não existe apenas um único sentimento correto para cada piada. Quantas emoções ou sentimentos existem?

Em seu livro *The Comedy Bible*, Judy Carter descreve quatro tipos de emoções básicas responsáveis que facilitam o desenvolvimento de piadas. A entrega da piada mostrará que é:

- Estranho
- Assustador
- Difícil
- Estúpido

Qualquer piada responde a uma dessas emoções:

Eu pago imposto, IPVA... e o flanelinha não paga nada. A rua é mais minha do que dele. Podia chegar nele e dizer: ‘Vai ficar parado aí na calçada mesmo? Então, me dá dois reais’. (Danilo Gentili)

Essa piada pode ser vista como uma resposta a:

- A)** Sabe o que é estranho em flanelinha?
- B)** Sabe o que é assustador em flanelinha?
- C)** Sabe o que é difícil em flanelinha?

D) Sabe o que é estúpido em flanelinha?

Resposta: D.

Essa é a proposta de Judy Carter, porém James Mendrinós, no livro *The complete idiot's guide to comedy writing*, cita outras: receptivo, otimista, nervoso, frio, invejoso, agressivo, nostálgico etc. A classificação de Judy é prática, porém superficial.

Sexo era mais fácil, no meu tempo nem tinha camisinha...

Esses dias eu vi pichado num muro: saudade da gonorreia.

(Diogo Portugal)

Na proposta de Judy a piada pode ser interpretada como uma resposta para as dificuldades do sexo hoje em dia. Mas o sentimento ao entregar a piada é de nostalgia. O contato com esses autores me fez buscar outras referências sobre o assunto. Aristóteles, em seu texto *Retórica*, livro II, cita 13 emoções do ser humano:

- Ira X calma
- Amor X ódio
- Medo X confiança
- Vergonha X impudência
- Bondade X maldade
- Piedade
- Indignação
- Inveja

Cavando mais fundo, encontrei uma lista com mais de cinquenta emoções! Não considero prático uma lista tão extensa para o propósito de escrever piadas. O objetivo é fazer rir e não descobrir os mistérios da psique humana. Além disso, muitas dessas emoções são variações em tons de cinza. Qual a diferença entre apatia e tédio? Carinho e compaixão? Pânico e medo? Não fique neurótico pensando: "Estou contando essa piada com muita apatia e o

sentimento correto é tédio, preciso me expressar melhor". Talvez isso seja condizente com peças "cabeça" de teatro, mas não com comédia stand-up. Para descobrir a emoção adequada à sua piada é simples, basta responder à pergunta: "O que você acha sobre isso?".

Pergunta: Danilo Gentili, o que você acha sobre os flanelinhas cobrarem para vigiar o carro?

Danilo: Eu acho um absurdo, "eu pago imposto, IPVA... e o flanelinha não paga nada. A rua é mais minha do que dele".

Ou

Danilo: Eu acho estúpido, "eu pago imposto, IPVA (...)".

Existem diversos sentimentos condizentes aqui: raiva, indignação, hostilidade, perplexidade, preocupação... Seja fiel àquele que representa o seu ponto de vista diante do assunto.

O que você transmite deve estar de acordo com o que diz. Muitos iniciantes afirmam: "Eu odeio salada", mas só é possível saber isso pela presença da palavra "odeio". A expressão corporal e facial e o tom de voz não demonstram isso. Se você tem ciúme, acha algo idiota, tem raiva, é importante transmitir essa emoção por meio das palavras, dos gestos e da expressão corporal. O que acontece quando as palavras dizem uma coisa mas seu corpo e sua atitude dizem outra? Você não está sendo verdadeiro. Isso é visível para o público e faz com que suas piadas não funcionem. Ser autêntico é muito importante na comédia stand-up. Afinal, você não está interpretando um personagem, com máscaras ou figurinos.

SEGUNDA PARTE

Notas de
performance



Notas sobre as notas

A primeira seção do livro tem um caráter teórico, diretamente relacionado ao processo da escrita de uma piada, logo, seu apelo é para qualquer entusiasta do humor. Esta segunda parte é voltada para pessoas que desejam subir aos palcos e entreter plateias. Toda profissão apresenta obstáculos e, como já dizia Sun Tzu no livro *A arte da guerra*: “Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas”.

Esta seção também foi o ponto de partida para a realização deste livro. O objetivo é compartilhar a experiência adquirida ao longo de anos como comediante, em conversas com colegas de profissão e apresentações em palcos por todo o Brasil e no exterior, em países como Inglaterra, Portugal e Alemanha.

Primeiro analisei anotações feitas ao longo de vários anos, envolvendo mais de mil shows, e isolei as lições importantes para a carreira de um comediante. Conhecimento, teorias, dicas, técnicas e truques responsáveis por formar a bagagem necessária para estar preparado a se aventurar no mundo da comédia.

Mantendo o padrão do meu primeiro livro *Notas de um comediante stand-up*, os capítulos são apresentados em forma de meses do ano, neste caso, de 2008 e 2009. Escrever o livro cinco anos depois de algumas dessas anotações possibilitou separar o joio do trigo, ou seja, os ensinamentos relevantes daqueles que, após anos, descobrimos serem falsos. Toda essa experiência está condensada aqui. Se for sábio, não vai precisar errar tanto para descobrir o caminho certo, aproveite que eu já fiz isso por você!

Ao longo da carreira de humorista, muitas dificuldades são apresentadas. Como fazer uma boa participação em programas de rádio? O que deve conter um contrato de show com uma empresa? Como reunir as piadas para montar um show solo? O que fazer ao esquecer as piadas? Melhor me apresentar no bar ou no teatro? Como ganhar uma plateia difícil? Como construir uma carreira para chegar à televisão? Qual a técnica para interagir com o público?

No começo da carreira, o humorista ainda não se conhece tanto nem sabe dos problemas que vai encarar, por isso muitos shows fracassam. As próximas páginas contêm informações que podem auxiliar nessa jornada de autodescobrimento e no esclarecimento das adversidades que pode enfrentar. Espero contribuir para que você não tema o resultado de cem shows.

Janeiro de 2008

Deu branco

O branco pode ocorrer ao ser alterado o curso normal da piada. Após ensaiar e ter um texto na cabeça, você recita as palavras sem precisar pensar. Assim, caso mude a palavra que ia dizer "automaticamente" por outra, ou pule uma piada do meio indo diretamente para a seguinte, isso pode gerar esse microssegundo de "Pra onde eu vou agora?".

Com certeza você já teve um "branco" em uma prova do colégio ou ao tentar lembrar o nome de alguém. A informação está na sua mente e como num passe de mágica ela desaparece, e pior, sem deixar pistas de quando vai voltar. Nos palcos isso também acontece. Se você é iniciante vai passar por esse infortúnio e se é experiente sabe que, mesmo assim, está sujeito ao desaparecimento das palavras que ia proferir.

Sinceramente, não sei a explicação científica para esse fenômeno, mas pesquisas de campo me permitiram detectar eventos que antecedem o “branco”. Ele ocorre após uma mudança no ambiente ou no curso natural da piada.

Mudanças no ambiente podem ser: pessoas se levantando, a súbita intervenção de alguém da plateia, a bandeja do garçom atingindo o chão etc. Acontecimentos como esses podem distraí-lo no palco. Você está no meio do show e do fundo do teatro um choro de bebê ecoa na sala. O som invade seus ouvidos e, como uma borracha, apaga a próxima frase que ia dizer.

A mudança no curso natural da piada acontece por acrescentar ou pular uma piada, assim como avançar um vídeo com o botão *fast forward* pode travá-lo alguns segundos no momento do *play*. E, embora não pareça, o simples fato de mudar uma palavra aparentemente irrelevante, como “a pessoa fica tremendo” para “a pessoa fica sacudindo”, pode causar o branco.

Hesitei para pensar na piada seguinte no show passado. Ao contar a do pinheiro com o rifle, pulei a da formatura do meu primo e fui direto pra piada do homem uniformizado.

(15/1/2008)

Entretanto, não tenha medo de alterar seu texto. Alguns comediantes são metódicos. Jerry Seinfeld é um deles. Após acertar uma piada, ele a repete da mesma forma (veja os vídeos dele em que conta a mesma piada em anos diferentes para comparar). Outros acreditam que basta falar algo com a mesma intenção, ou seja, com a mesma ideia, mas que é possível mudar as palavras.

Para evitar o branco, o melhor é estar seguro com o texto que vai apresentar. Já que mesmo assim ele pode ocorrer, o que fazer quando encontrá-lo? Uma das saídas é assumir. Eis a vantagem do comediante em relação ao estudante, você pode admitir que esqueceu sem perder pontos na performance. Outra forma de

contornar o problema é seguir para a próxima piada da rotina. Se esta inteira foi apagada, comece um novo tópico. O público não sabe o que você vai falar, logo, não vai perceber o que você fez.

Mais importante do que a próxima piada é não deixar transcorrer muito tempo. No momento em que você esquece o que ia dizer, começa uma batalha contra o tempo. Como se a areia de uma ampulheta caísse sobre você. Se demorar muito, o público vai perceber que você está perdido. Não adianta fingir que nada está acontecendo enquanto seus neurônios procuram as palavras que sumiram para restabelecer as risadas da plateia, que cessaram subitamente como em uma parada cardíaca. Portanto, se achar que o tempo o sufocará, assuma que esqueceu. O público vai resgatá-lo da areia e você retribui a ajuda seguindo para a próxima piada.

Mnemônica

Já que falei de esquecimento, o que acha de ser capaz de memorizar facilmente um *set* de piadas? Ou mais, um show solo? Quem sabe dois shows solo? Isso pode ser feito mediante técnicas de memorização.

Os livros de comédia falam sobre técnicas para escrever, postura no palco, cuidados com a carreira, mas até agora não li sequer um que tenha oferecido técnicas para reter as piadas na memória. O comediante não é um malabarista, ele entretém com palavras e não com objetos. Um show solo de stand-up tem mais de vinte páginas de texto. Portanto, considere importante incluir um tópico sobre memorização. Vou abordar brevemente o assunto. Caso queira saber mais, procure literatura específica.

Talvez você já tenha escutado alguém dizer “Não gaste sua memória com bobeira” ou “Não fique forçando a memória”. A memória é como um músculo: se não for exercitada, ela atrofia. É tolice achar que a mente humana é como o HD de um computador, que tem determinado número de gigabytes, que em algum

momento vai encher, e para guardar uma nova informação teremos que apagar outra.

As técnicas de memorização são chamadas de mnemônica, palavra derivada do nome da deusa grega da memória, Mnemosine. Um recurso mnemônico é qualquer ferramenta que o ajude a se lembrar de algo mais facilmente. Existem diversas técnicas. Na Grécia antiga as pessoas já utilizavam sistemas de memorização, porém hoje tais ferramentas são pouco usadas ou fazemos uso sem nem percebermos.

Por exemplo: O mês de junho tem trinta ou 31 dias?

Para saber quantos dias cada mês possui, algumas pessoas cerram o punho e contam nas falanges proximais dos dedos. Os meses sobre os ossos têm 31 e as depressões entre um osso e o outro tem trinta. Essa associação dos meses com partes da mão é uma técnica de memorização.

Agora responda: Como é o mapa da Inglaterra?

Não sabe? Mas se a pergunta fosse esta: "Como é o mapa da Itália?". A maioria sabe, pois ele se assemelha a uma bota. Essa associação de imagens é uma técnica de memorização.

Você deve estar pensando: "Como isso vai me ajudar a memorizar um texto?".

Nossa memória retém informações visuais. O mapa da Inglaterra é algo abstrato, já o da Itália desperta uma imagem, a da bota. Portanto, para memorizar devemos criar imagens. E quanto mais esdrúxula for a imagem, mais fácil será sua memorização. Certa vez, lembro-me de um homem-estátua entrar no ônibus, não me recordo do rosto do cobrador, nem de nenhum outro passageiro. Isso já faz anos, mas não me esqueci da estátua entrando no ônibus. Outra cena que ficou tatuada em minha memória é a do dia em que estava em uma Kombi voltando de um show na zona sul do Rio de Janeiro. Uma hora da manhã, estava tocando a música *Eguinha Pocotó* e, de repente, um cavalo ultrapassou a Kombi pela pista da esquerda. Se em vez do cavalo fosse uma moto, com certeza essa imagem já teria ido embora da minha memória.

Mas chega de exemplos e vamos à prática. Veja as piadas a seguir:

Sabiam que o segundo esporte olímpico mais praticado é o tênis? Como alguém gosta disso? Eu acho um saco. O tênis é tão chato, que 1 ponto vale 15... Pra acabar mais rápido...

– Quanto tá o jogo?

– 3 X 0.

– 3 não, marca 40, vamos acabar logo isso.

E o esporte não olímpico mais praticado é o xadrez. Eu não sei por que o xadrez continuou existindo. Dizem que ele foi criado por um indiano pra agradar um rei, que gostou tanto a ponto de dar um prêmio para o inventor. Se fosse eu no lugar do rei mandava matar o cidadão. Ia falar o seguinte:

– Quer dizer que as peças se mexem pra defender o rei?

– Sim, majestade.

– Mas qualquer um pode comer a rainha?... Peraí, o que é isso? UM CAVALO?!!! Cortem a cabeça dele. (Léo Lins)

Para lembrar essa sequência de piadas você precisa criar uma imagem utilizando algum elemento que o faça lembrar do jogo de tênis — pode ser um jogador, a quadra, as bolas... e algum elemento do jogo de xadrez — as peças, o tabuleiro. Você pode imaginar raquetes de tênis no tabuleiro de xadrez ou um tenista disputando uma partida contra peões, cavalos e bispos. Lembre-se de que a imagem tem que ser diferente, bizarra, esdrúxula. Imaginar um tenista em um gramado quadriculado não é uma imagem bizarra.

No exemplo acima apenas dois esportes foram mencionados, mas em um texto em que dez forem abordados, você pode acabar

esquecendo um. Vamos supor que sua sequência de piadas seja:

Esportes: Nataação, esgrima, patinação, arco e flecha, futebol, basquete, boxe, tênis, xadrez, caratê.

Filmes: *O chamado, Jogos mortais, Sexta-feira 13, A hora do pesadelo.*

Escola: Aluno que cola, aulas de português, fórmulas matemáticas.

Para lembrar que depois do arco e flecha a piada seguinte é sobre futebol, pode imaginar índios atirando flechas em bolas de futebol voadoras. Ou para lembrar que depois de filme de suspense o tema é escola, pode imaginar uma sala de aula com o Jason, Michael Myers e o Freddy Krueger arranhando o quadro-negro.

Essa técnica é chamada de Método do Link, pois duas informações são associadas gerando uma imagem que contém elementos de cada uma.



Agora, para treinar, tente criar imagens para memorizar os dez esportes citados:

Nataação:

Esgrima:

Patinação:

Arco e flecha:

Futebol:

Basquete:

Boxe:

Tênis:

Xadrez:

Caratê:

Piloto automático X manual

É sempre bom estar aberto à espontaneidade e não recitar o texto como se houvesse uma quarta parede separando o público de você. Lembro que no texto de escola apenas acertei o ponto quando contei algumas piadas sem saber exatamente como elas sairiam. Pode ser que estivesse mais atento justamente em virtude de não ter um piloto automático para me guiar, eu estava no modo manual.

Em meu primeiro livro, *Notas de um comediante stand-up*, escrevi um tópico sobre piadas velhas:

“Não fique preocupado apenas em escrever piadas novas, mas também em melhorar as antigas. Principalmente após adquirir um pouco mais de experiência, pode ser que você consiga melhorar uma piada, acrescentar mais um *punch* ou simplesmente melhorar a interpretação dela.”

Contar com a experiência para lapidar e aperfeiçoar uma piada antiga é ótimo. No entanto, você terá um desafio ao lidar com velhos textos: entregá-los para o público como se fosse a primeira vez. Sabe o sentimento de querer contar para os familiares ou amigos que você se saiu bem em um concurso, que foi promovido no trabalho ou que vai se casar? Esse é o sentimento que deve ter no palco. Você tem que contar as piadas porque o público precisa ouvir isso que você pensou, é algo tão bom que não pode guardar apenas para si e não porque depois do show o cachê cairá na sua conta.

No show do grupo Comédia em Pé, havia um texto-padrão de abertura do espetáculo que apresentava o que é e como seria o show: comediantes se revezando no palco, contando piadas autorais sobre diversos assuntos. Veja uma parte do texto:

Antes de começar vou fazer uma pesquisa. Quem aqui já viu o Comédia em Pé?... E quem está vindo pela primeira vez?... São as outras pessoas, sua besta. Mas eu reparei que teve gente que não levantou a mão nem pra uma coisa nem pra outra. Estão na dúvida: 'Será que eu vim?', 'Será que eu não vim?...' 'Será que YouTube também conta?!'. Ou então é preguiça: 'Porra, essa merda interativa'.

Comédia em Pé não é interativo, Comédia em Pé é comédia... E em pé. Mas tem sempre um engraçadinho que chega na bilheteria e pergunta: 'É Comédia em Pé? Mas tem lugar sentado, ahhhh'... Tem. E tem piadas melhores também. E pra se apresentar aqui no Comédia em Pé cada comediante tem que seguir algumas regras: ele escreve o seu próprio texto, não pode fazer personagem, não pode fazer piadas

conhecidas, não pode usar cenário, adereço, figurino, trilha sonora, não pode nada. É um humor franciscano, humor de raiz e por isso é difícil. Então eu vou pedir a colaboração de vocês. A parte de vocês é: rir. Então quando vocês perceberem que o comediante tá aqui, que ele tá falando, assim que ele der uma pausinha: ria. Porque a pausinha é a indicação de que ali seria uma piada. Vamos fazer um treino pra ver se vocês pegaram: eu tô falando, falando, falando, parei. [Risos forçados da plateia] Foi bem espontâneo.

Eu peço isso, porque às vezes a piada não tem graça, mas a risada do coleguinha do lado é divertida. A gente tá fazendo isso há um tempo e foi catalogando os tipos de risada, tem a risada asmática [...] (Claudio Torres Gonzaga)

Imagine realizar cinco a dez shows por semana, ao longo de três anos. Quantas vezes esse texto não foi repetido! Nas primeiras vezes que diz o texto o comediante fica atento, para não se perder, explorar o máximo de cada piada e avaliar como elas estão se saindo. Na septingentésima nona vez, enquanto diz esse texto, está pensando nas piadas que vai fazer depois dele, pois está tão familiarizado que pode deixar a execução das piadas no piloto automático. É como se as cordas vocais tocassem um *playback*, dublado pela boca. Essa automatização pode reduzir o impacto de algumas piadas.

Com o tempo, outro desafio que você vai ter é fazer piadas antigas com a mesma intensidade e vontade com que as fez pelas primeiras vezes. Em alguns momentos estou mais recitando o texto do que realmente "vivendo-o".

(6/2/2009)

Mas o que fazer para continuar com essa vontade de contar as piadas? Assim como em um relacionamento, se estiver cansado delas, dê um tempo. Saia com outras piadas, quem sabe em alguns meses você volta a ter interesse por aquelas que abandonou. Outra maneira é renovar; adicione duas piadas em um texto antigo pode motivá-lo a voltar a fazer todo esse texto como se fosse tão novo quanto as duas piadas que foram acrescentadas. Se nada funcionar, está na hora de terminar com essas piadas e seguir em frente.

Desde essa última apresentação estou conseguindo ficar mais atento para piadas que surjam na hora. Pra isso, basta estar seguro do seu texto, pois, assim, tem condições de desviar do caminho e, qualquer coisa, é só retornar a ele.

(8/2/2008)

Acredite se quiser

Apesar de ser um texto inteiro novo, ensaiei o suficiente pra me deixar seguro e subi ao palco com confiança no que ia fazer. Diferentemente de quando fiz na semana passada, que fui um pouco inseguro.

Confiança é extremamente importante, uma piada nova é como um desconhecido, por isso é difícil confiar nela. A desconfiança prejudica a entrega da piada para o público, você não faz o *setup* com a devida clareza nem o *punch line* no *timing* correto. Portanto, como adquirir confiança no seu texto? Conhecendo-o. Ensaie em

casa, diga a piada em voz alta e seja crítico. Ela precisa de algum ajuste? O *punch line* é forte? O *setup* está longo? Faça as alterações necessárias e ensaie novamente. Quando estiver confiante, suba ao palco e acredite na piada, assim, você não vai hesitar nem gaguejar.

A confiança é muito importante. Veja um episódio que aconteceu comigo na primeira vez que estive em rede nacional no programa *Domingão do Faustão*, em 29 de junho de 2008. Cerca de trinta minutos antes de entrar ao vivo para todo o Brasil, os comediantes eram chamados um por um em uma pequena sala, onde deveriam se apresentar para quatro pessoas cuja função era avaliar o texto. Um dos quatro ficava com o cronômetro e dizia "Vai". Observar piadas serem contadas sem esboçar reação é uma das formas de torturar comediantes. Após passar meu texto, um deles disse: "Eu acho que essas piadas de Street Fighter⁴ a plateia não vai entender, é melhor mudar". Esse comentário me deixou preocupado, se essa piada não funcionasse certamente eu perderia nessa etapa do concurso. Mas estava decidido a fazê-la e já tinha uma estratégia.

Alguns minutos antes de entrar, quando estava no *backstage*, me dirigi a um dos funcionários e perguntei: "Você sabe o que é Street Fighter?". Ele respondeu: "Claro, o joguinho". Contei a ele que ia fazer uma piada sobre o jogo e a produção disse que o público não ia entender e eis que ele retrucou: "Vai sim, todo mundo conhece". Essa conversa ajudou a solidificar minha confiança.

Quando entrei no palco e comecei a disputa contra o tempo. Passados cerca de trinta segundos comecei a fazer a piada do Street Fighter. As palavras foram saindo da minha boca e, certeiras como flecha no centro do alvo, atingiram o público provocando risos.

Vale a pena acreditar. As piadas dos animais no espaço já estavam indo bem, Plutão funcionou legal, Eris foi bem, Ceres rolou legal e Urano consolidou que eu poderia ficar no texto dos planetas!

(16/5/2008)

Correr riscos

Continuar escrevendo e vir com material novo é um risco necessário e compensador.

Comediante stand-up não é uma profissão fácil. Quando você sobe no palco, começa uma disputa, na qual a cada intervalo de alguns segundos tem que provocar risos na plateia. Para um novato, algumas dessas empreitadas são vitoriosas, outras não. Após alguns anos você se torna veterano e aprende como sobreviver às batalhas. Eis o problema, alguns comediantes se acomodam e utilizam sempre os mesmos recursos. Por que vou me arriscar com piadas novas e fazer um show razoável? Não é melhor recorrer a textos tradicionais que já enfrentaram várias plateias e detonar com mais uma? É tentador escolher piadas certeiras como estas:

Eu sou tão baixinha, que se fosse prostituta ia ter que cobrar meia. (Carol Zoccoli)

O *Big Brother* é um *reality show*, ele mostra a realidade. Realidade?! Qual foi a última vez que você viu alguém ganhar o almoço porque venceu a corrida do saco? (Mauricio Meirelles)

Eu não entendo mendigo gordo. Já viram isso? Se tu é mendigo, como é que é gordo?! Virou mendigo hoje? Aí ele vem e me pede ajuda... 'Vou te ajudar sim, não vou dar nada. Fica gastando dinheiro comendo porcaria por aí.' (Murilo Couto)

Mas, por mais que certas piadas sejam sólidas e confiáveis, particularmente me sinto mal em fazer sempre a mesma coisa.

Contar sempre as mesmas piadas pode manter a eficácia no palco, mas reduzir a da caneta. Não quero me afastar dos palcos nem do papel. Tenho medo de ficar muito tempo sem escrever e me prejudicar na criação de novas piadas. O comediante é um artista e cabe ao artista se colocar fora de sua zona de conforto. E isso não vale apenas para fazer piadas novas.

Certa vez recebi uma ligação do produtor do *Pânico*, da Rádio Jovem Pan, por volta das 19 horas de uma segunda-feira, para participar do programa no dia seguinte ao meio-dia. Fiquei na dúvida se aceitava naquela hora, pois se tivesse pelo menos um dia para selecionar piadas adequadas para a entrevista seria melhor. Eu queria me sair bem, admiro o trabalho dos integrantes do programa e gostaria de fazer uma boa entrevista. Eis que pensei: “O tempo que vou me preparar pra entrevista vai ser de uma ou duas horas?! Posso fazer isso de madrugada”. Aceitei o convite, preparei algumas piadas e a entrevista foi ótima. Meu primeiro impulso foi de querer mais tempo, de tentar uma data posterior, mas foi ótimo correr o risco.

Passei por outra situação parecida durante um evento chamado Fritada. Um show no qual os comediantes homenageiam uma pessoa fazendo piadas sobre ela. Esse tipo de show é bem difundido nos Estados Unidos há algumas décadas, onde é conhecido como Roast. O comediante Diogo Portugal começou a realizar esse evento em São Paulo em 2010. Certa noite, encontrei com ele um dia antes da Fritada do PC Siqueira, falei com o Diogo que queria muito participar e ele disse: “Quer fazer? Vai lá amanhã então”. Acabei topando. No dia seguinte, fui para a redação do programa *Legendários*, em que trabalhava na época, e só consegui me sentar para escrever as piadas da Fritada às 18:00 horas — o show era às 21:30 horas. Estava preocupado, fiz cerca de sete minutos de texto novo e logo após o show pensei: “Ainda bem que eu aceitei vir”.

Outra situação foi em shows que fiz em Londres e Portugal. Muitas piadas eram as mesmas que já contei diversas vezes, mas o ambiente era muito diferente. Isso me deixou com muita adrenalina antes do show, principalmente em Portugal, onde não havia brasileiros na plateia. Tive algumas dúvidas inéditas: será que vão

entender meu sotaque? Será que todas as palavras que eu disser têm o mesmo sentido aqui?

É bom sair da sua zona de conforto, isso nos faz evoluir. Citei experiências bem-sucedidas, mas claro que já passei por episódios ruins, textos que não funcionaram, eventos empresariais difíceis. O que você tem que pensar é: não foi minha última vez, terei outras chances.

Cheguei a ficar com receio de fazer tudo novo neste dia, pois, estava lotado. Mas e se na semana seguinte estiver cheio de novo? E na outra? E assim por diante... Não dá pra estrear material só com pouca gente. Além disso, já aprendi a estruturar a apresentação pra não deixar muitas piadas arriscadas em sequência. É isso que tem que fazer. Arrisquei e fui recompensado, pois funcionou muito bem!

(7/7/2008)

Mantenha-se iniciante

Fazer uma entrada inteira nova e acertar todas as piadas só tem grande valor e prazer em virtude de às vezes não funcionar tudo. O legal é correr o risco, isso mantém a adrenalina e testa sua capacidade de manter a calma diante de um deslize.

Após anos de carreira e se tornar um veterano, seu desafio será manter algumas características de iniciante. É importante não perder a empolgação de escrever um novo texto, a vontade de contar piadas inéditas, o medo e a excitação diante da imprevisibilidade do resultado de um novo *punch line*.

Em uma de minhas anotações pós-show fiz um comparativo entre apresentações de stand-up e um jogo de futebol no videogame. Quando começa a jogar é a maior emoção, mesmo perdendo a

partida você se diverte. Afinal, tudo é novidade. Depois de melhorar no jogo é possível começar a brincar e tentar fazer jogadas mais plásticas, ou seja, shows provocando reações mais fortes na plateia. Chega um momento em que você já jogou tantas partidas que conhece os locais mais propícios de chutar a bola para marcar um gol. A partir daí você não perde mais nenhuma partida, é nesse momento que o jogo fica sem graça e você para de jogar.

Foi isso que aconteceu com o comediante Steve Martin, ele disse que chegou um momento em sua carreira que tamanho era seu sucesso e fama que as pessoas riam e gostavam de tudo o que ele fazia e isso o afastou dos palcos. Para que isso não aconteça, você deve buscar novos desafios.

O comediante Jerry Seinfeld, após quase dez anos de sucesso na TV com uma das maiores *sitcoms* de todos os tempos, decidiu abandonar as piadas que tinha até então e começar um show do zero.

Em umas das muitas conversas de camarim que temos ao longo da carreira, lembro-me do Marcelo Mansfield falando sobre a importância de renovar a carreira — ele já fez novela na Rede Globo, foi o Doutor Barbatana no *Rá-Tim-Bum*, teve muito sucesso com o espetáculo *Terça insana*, partiu para a comédia stand-up... Artistas que não conseguem se reinventar dificilmente terão uma longa carreira de sucesso. Portanto, busque novos desafios, não se acomode.

Fevereiro de 2008

Não cante vitória, analise-a

Detonei nesse show, mas por quê? Primeiro, o texto era bom. Segundo, minha performance foi boa. Terceiro, entrei em um momento bom, fui o terceiro, quando o público já estava aquecido,

mas não cansado. Quarto, era um público com pessoas jovens, o que pode ter facilitado uma identificação com o que eu falava. Quinto, a plateia, até por ter um bom número de jovens, era um público empolgado.

Em algum momento da sua carreira, você vai detonar em uma apresentação. O quanto esse fenômeno se repetirá depende de você. Analise a seguinte cena: dois shows diferentes, em um deles o comediante A massacra a plateia com piadas, fazendo o público perder o fôlego de tanto rir. O comediante B causa o mesmo estrago e explosão de risos. Após os shows, porém, o comediante A fumou maconha mandando seus neurônios para um spa e estava preocupado em terminar a noite na cama com a espectadora de saia branca da primeira fila. Já o comediante B analisa sua performance para encontrar quais elementos o fizeram ser tão bem-sucedido. Qual dos dois tem mais chance de detonar nos shows seguintes?

“Após um show ruim quero saber o que fiz de errado, ou após um bom show, porque ele foi tão bom.”
— *Phyllis Diller*

Aprender com os próprios erros é quase um jargão popular, mas o sucesso não pode ser negligenciado como fonte de aprendizado. Citei esta frase em meu primeiro livro e repito: “Experiência não é o que lhe acontece, é o que você faz com o que lhe acontece”.

Sucesso e fracasso são ótimas oportunidades para adquirir experiência. No entanto, o fracasso gera desapontamento e vergonha, poeiras mentais varridas por nosso ego para um canto obscuro da mente. O sucesso gera satisfação e prazer, sentimentos que ficam expostos como obras de arte. Entretanto, é uma falácia simplesmente comemorar. É mais fácil achar que o sucesso ocorreu porque você é muito bom, do que pensar: “Fui muito bem porque entrei no momento certo, se fosse o último comediante da noite não teria a mesma reação”.

Se você é sempre o terceiro a entrar no show e quando entra no começo ou por último não tem as mesmas reações, talvez o momento do show em que se apresenta esteja influenciando seu sucesso mais do que pensa. Se em cinco shows ótimos que fez, a média de idade da plateia era relativamente semelhante, seu desempenho pode estar restrito a determinada faixa etária. Há diversos fatores que podem influenciar o sucesso ou o fracasso em um show:

- Momento em que entra para se apresentar;
- O estado mental em que você entra para se apresentar;
- Como o(s) comediante(s) que foi(ram) antes de você se saiu(íram);
- Como o(s) comediante(s) que foi(ram) depois de você se saiu(íram);
- Tamanho da plateia;
- Tamanho do palco;
- Média de idade da plateia;
- Grau de escolaridade médio da plateia;
- Grau de alcoolização da plateia;
- Preço do ingresso para o show;
- Evento extraordinário (final de novela, campeonato de futebol, Dia das Mães);
- Fama;
- Expectativa da plateia em relação a você etc.

Encontrar os elementos responsáveis por auxiliar o sucesso em sua performance é como encontrar os elementos químicos que, combinados, geram uma substância:

Público predominantemente masculino + média de idade acima de quarenta anos + piadas sobre casamento = show de sucesso.

Baixa expectativa do público em relação a você + entrar no meio do show + público jovem + piadas sobre videogame = show de sucesso.

A segunda fórmula contém elementos que, combinados, me fizeram gerar uma reação explosiva na plateia em um show do grupo Comédia em Pé. Uma vez que você conhece as fórmulas, pode aplicá-las em outras ocasiões visando obter o mesmo produto final.

A lenda da plateia difícil

O público estava bem difícil. Por que será isso? Ninguém do grupo era famoso: prestígio baixo. Ninguém estava lá doido pra ver a gente: desejo baixo. As reações estavam bem contidas: contágio baixo. A casa não estava muito cheia: atmosfera fraca... Não é que as pessoas não estivessem gostando, mas todos esses fatores influenciaram.

Existe plateia difícil, sim ou não? Alguns comediantes dizem que não, que a plateia sempre está disposta a gostar. Eu acho que sim. Já tive shows em que variei os temas, falei de viagens, piadas mais exóticas sobre fobias, insetos... Fui para piadas mais simples e temas clássicos, como relacionamento, sexo... Tentei umas com palavrão, busquei interação com a plateia e nada. Pareciam corpos recém-falecidos que não respondiam aos estímulos externos, apenas tinham alguns espasmos.

A plateia parece que queria se sentar, ver o show e que a piada estivesse o mais fácil possível para eles. Se alguém acha que não exista plateia ruim, fria ou difícil, este dia faz com que a pessoa literalmente reveja seus conceitos.

Situações como essa despertam um sentimento de impotência, simplesmente não está ao seu alcance reverter a situação. Já dizia o livro de Sun Tzu, *A arte da guerra*, mantenha seus amigos próximos e seus inimigos mais próximos ainda. Portanto, empenhei-me em traçar um perfil da “plateia difícil”. Quanto melhor conhecer esse inimigo, mais preparado estarei para enfrentá-lo. Shows lotados e públicos populares são características que nunca aparecerão no perfil da “plateia difícil”, os traços mais comuns são:

- Público inferior a 30% da capacidade do local do show;
- Plateia espalhada pelo ambiente;
- Média de idade do público superior a quarenta anos.

Nunca é um sentimento agradável se deparar com a plateia difícil. Eis uma cena que todo comediante já passou: você está a caminho do bar ou do teatro e quando entra no local do show vê muitas mesas vazias, alguns casais e pequenos grupos de pessoas engravatadas espalhadas pelo ambiente. O texto novo que pretendia fazer dificilmente sairá do papel hoje. O palco se torna uma arena, você precisa sacar suas piadas mais afiadas e redobrar a atenção.

Os novatos dificilmente sobrevivem a essa batalha, pois a experiência é indispensável para reverter essa situação. O que eles querem? Piadas mais limpas ou com palavrão? Será que estão abertos à interação? Você precisará ser ágil — hesitação ou qualquer demonstração de insegurança pode dar força ao seu adversário. Gaguejar a piada é como tremer com a espada na mão. É preciso encontrar o ponto fraco do adversário. A cada piada certa, sua confiança cresce e, num momento, o adversário cai. Ao sair do palco, alívio, alegria e satisfação são os espólios do combate.

Além de procurar o ponto fraco da plateia difícil, variando temas, piadas e buscando interação, há outros recursos ao seu alcance. Se o público estiver espalhado, ao começar o show converse com eles e

peça para se sentarem mais perto do palco, diga que não precisam ficar com medo. Faça alguma piada ao interagir com a plateia, isso ajuda a quebrar o gelo e pode começar a reverter a situação a seu favor. Ter alguém puxando um aplauso ou mesmo comentar abertamente: “Quando gostarem de uma piada podem bater palmas... isso não me atrapalha, aliás, pelo contrário, ajuda”. Se conseguir fazer esses comentários em forma de piada, fica ainda melhor:

O aplauso mostra que vocês estão gostando... O Tony Ramos uma vez falou que o aplauso é o oxigênio do artista. O dia que eu o vir se afogando vou começar a bater palmas. (Léo Lins)

Já vi apresentações nas quais um aplauso tirou a plateia do estado de catalepsia. Dali para a frente o show mudou radicalmente e o resultado final foi de alívio, alegria e satisfação.

Ganhe a plateia

Entrei esperando uma coisa e a plateia foi outra, deu pra ver na primeira piada. Quando isso acontecer novamente siga em frente e não se importe. O fato de não se importar, não significa abrir mão de seu trabalho de entreter o público, por mais apático ou difícil que ele esteja.

Certa vez, em uma das inúmeras vezes que um comediante recruta abrigo na casa de um colega de profissão, estava conversando com Márcio Ribeiro e ele disse: “Não é a plateia que tem que gostar de você. Você tem que ganhar eles”.

Alguns humoristas só querem brincar quando o mar está propício. Se a plateia está rindo de tudo e aplaudindo, estouram o limite de tempo no palco. Mas quando o mar não está pra peixe e a plateia está difícil, ele sai na metade do tempo-padrão. Independentemente

do estado do público e seu grau de intensidade, o humorista deve ganhar a plateia. Use toda a sua experiência para tentar extrair o máximo de reação daquelas pessoas que estão lhe assistindo. Para isso, são necessários basicamente dois ingredientes: boas piadas e performance.

Como "stand-uppear"

O stand-up é um jogo, e, quanto mais experiência você tiver em um jogo, melhor vai jogá-lo. Não fique preso a regras criadas por você mesmo.

Certos humoristas não misturam piadas de diferentes entradas⁵. Eu mesmo comecei assim, o que me ajudou no princípio. Ter 45 minutos de material não significa que você tem três entradas de 15 minutos sem repetir piadas. Com três entradas independentes é preciso ter três aberturas boas e três finais bons. Com 45 minutos de piadas você pode ter a mesma abertura e fechamento, alterando apenas as piadas do meio. Por isso, a primeira hora de piadas não quer dizer que tem um show solo. Para ter um bom show solo de uma hora é necessário ter escrito pelo menos uma hora e meia de material. Como organizar as piadas é um fundamento que pode variar de um comediante para o outro. Conforme dito anteriormente, eu tinha meu material separado em entradas, 1ª , 2ª , 3ª... Veja:

1ª entrada

- Carioca
- Ônibus
- Exército (camuflagem, homem uniformizado)
- Anão (profissões: juiz, médico, salva-vidas)
- Mídia (Ana Hickmann / Bis e Minibis / Bozo / astronauta / só vocês)

7ª entrada

- Bonecos (Barbie e Ken / Cocolin / comercial / soldadinho)
- Discovery Chanel (tubarão, urso)
- Filmes (filme dublado / *Sexta-feira 13* / *Indiana Jones* / *Matrix* / *Tubarão 5*)

Meu objetivo era que cada uma dessas entradas fosse autossustentável. Elas deveriam ter um bom começo, segurar o ritmo e possuir um bom final. E nenhuma piada deveria estar contida em duas ou mais entradas.

Esta entrada funcionou muito bem. Mas não posso ir apenas com ela do começo ao fim, ela ainda está com o problema de não ter piada forte pelo começo.

(25/2/2008)

Esse negócio de fazer entradas independentes é muito bom, mas é importante ficar atento para as possibilidades de callback e de reforço dos tópicos juntando diferentes entradas.

(8/9/2008)

Essa metodologia pode catalisar seu desenvolvimento, já que não vai poder recorrer sempre às mesmas duas ou três piadas mais fortes para fechar o show. Entretanto, seguir essa regra à risca como um samurai seguia um código de honra pode ser prejudicial. Combinar diferentes textos pode proporcionar ótimos *callbacks*. Determinado *set* de piadas pode se encaixar em diversos contextos. Veja as piadas desta sequência:

A Barbie e o Ken terminaram. Isso é sério, acho que agora sai Barbie divorciada. Ela vem com os acessórios dela e metade dos do Ken.

Eles terminaram depois de 47 anos de NAMORO, nunca chegaram a casar!!! O Ken virou meu ídolo, ele enrolou a Barbie quase cinquenta anos! Os assessores falaram que conversaram com o Ken e esse pode ter sido o motivo da separação, que o sonho da Barbie era casar, mas o Ken não realizou...

'Conversaram' com o Ken???! Que maconha estragada foi essa? Barbie Jamaica que iam lançar?... Fico imaginando o cara sentado no bar. O boneco do Ken em pé na mesa... O cara falando: 'Ô Ken, casa com ela, cara. A mulher é bonita. Tá certo que é tudo plástica... Mas é bonita, batalhadora! Já foi médica, advogada, psicóloga, teve salão de beleza, pet shop, manicure... Você foi o quê? Ken surfista. Tu é o maior vagabundo. Ela é bonita, rica, por que tu não quer casar com ela?'. Aí o Ken responde: 'Eu não tenho pau... Vou fazer o quê? Enfiar a prancha de surf nela?!'. (Léo Lins)

Essas piadas podem ser encaixadas em um *set* sobre bonecos, brincadeiras da infância, brinquedos de hoje em dia, desenhos ou filmes, podem servir para apresentar um tópico de relacionamentos ou celebridades... Não limite um texto em um único contexto, explore a interdisciplinaridade de piadas. Por isso, hoje separo meu material por tópicos:

Anão (profissões: juiz, médico, salva-vida)

Animais:

Abelha (voa perto / cocaína)

Cachorro e gato (avô, sai, chega)

Formiga (micareta / açucareiro)

Avião (nunchacu / guarda-chuva)

Banco (1º banco / mesa vazia / pede tudo / feias / fila e jogos / botão / senha / giratória: moeda, ônibus / Ourocard / demora)

Quando vou me apresentar mesclo os assuntos da forma que acho melhor de acordo com o meu objetivo com o show. O propósito pode ser refazer piadas antigas, testar algumas novas ou simplesmente fazer uma boa apresentação. Se o intuito é refazer piadas que não uso há algum tempo, pego os tópicos em questão e procuro ver se tenho uma boa transição de um para o outro.

Embora não seja regra, quero ver se os assuntos permitem transições suaves e vão fechar uma boa entrada, isto é, abrir bem, segurar o ritmo e fechar em cima. Se as piadas que pretendo refazer, ao serem combinadas, não proporcionam uma boa entrada, deixo de lado algumas substituindo-as por um *set* mais apropriado. É como se fosse montar um time para disputar uma partida. Mas, cuidado, se você tem três estrelas no time e nove jogadores reserva, cairá no problema abordado no começo: abrir e fechar o show da mesma forma.

Entrar com um time inteiro reserva para não repetir piadas também pode ser um problema. Essas entradas mais fracas normalmente são feitas quando estamos "jogando em casa", fazendo show no lugar e com os humoristas com quem nos apresentamos regularmente. Mas, em determinado momento da carreira, há uma grande chance de você não ter mais um grupo e ficar sem casa. Logo, todo o seu material tem que estar apto a ser feito em qualquer lugar.

Em shows em casa, piadas menos intensas ainda têm seu lugar, pois em casa não basta qualidade, é preciso quantidade. Não dá pra ficar só com três textos por mais que sejam muito bons.

Alguns humoristas possuem piadas que só fazem quando estão em casa, mas quando vão para outros lugares fazem as piadas mais garantidas. Antigamente eu achava que isso era permissível, hoje percebo que estava enganado. Quando não tiver mais grupo, as "piadas caseiras" fatalmente serão abandonadas. Logo, o quanto antes se livrar delas, melhor. Busque o máximo de estrelas em seu elenco de piadas.

Março de 2008

Evento furado

O show não foi bom, por quê? De fato, stand-up não é algo popular. O show foi em uma cidade pequena, chamada Bituruna, com aproximadamente 15 mil habitantes. O público era composto por algumas crianças e cerca de 150 mulheres com idade média de 45 anos. E todos eram muito simples, com grau de escolaridade baixo. Ninguém ali sabia o que era comédia stand-up. O show foi divulgado como uma "palestra show para mulheres" em um letreiro da rua principal da cidade. O público não tinha ideia do que ia encontrar e muitas pessoas foram lá por causa da comida que seria servida (algumas frutas).

Como fazer para esse tipo de show não se repetir?

1ª opção) Não fechar esse tipo de evento. Não há como um show de stand-up nessas condições ser bom.

2ª opção) Briefing. Uma das formas de aumentar a chance de sucesso em um evento como esse é buscar informações. Faça um briefing sobre a cidade, o povo e o evento. Por exemplo: Quais acontecimentos marcantes já houve na cidade? Qual a principal

atividade das pessoas? Há alguém bem conhecido na cidade? Essa pessoa tem alguma característica peculiar? Alguma história engraçada que circula entre o povo?

Contudo, para fazer esse briefing e criar um texto específico, o preço do show aumenta, o que pode dificultar o fechamento do negócio. Portanto, temos três opções para eventos que você sabe que são "roubada":

- *Fazer um show fraco e cobrar o normal.*
- *Fazer um show com mais chances de sucesso e cobrar caro.*
- *Não fazer o show.*

Contratantes consideram que o comediante é uma espécie de messias e assim que começar a falar todos vão parar para ouvi-lo, mas não é assim que funciona. O stand-up tem alguns requisitos mínimos para que possa ter sucesso. Aprendemos na matemática que três pontos formam um único plano. O stand-up também tem seus três pontos básicos que formam a base para um bom show:

Comediante com bom texto.
Plateia querendo ver o show.
Som, iluminação e ambiente adequados.

Essa triangulação entre *performer*, plateia e ambiente é como os três pontos necessários para a formação de um plano. Boas piadas com um público interessado, mas em um ambiente barulhento e com microfone ruim, não funcionam. Boas piadas, com ambiente e som adequados, mas com uma plateia mais preocupada com a comida, amigos e as secretárias solteiras da empresa, também não dão certo.

Era o tipo de festa na qual nem deveria ter o show. Comida e bebida de graça... Seiscentas pessoas... Não tinha cadeira pra sentar...

(11/12/2008)

Em situações como essas, onde o show não vai funcionar, o único plano que você deve ter é um plano de fuga.

Cada ponto básico tem suas peculiaridades, pois determinado texto pode obter ótimas reações no teatro e não arrancar uma única risada em um evento. Sendo assim, "bom texto" em um evento significa um texto adequado ao público presente.

Certa vez, o humorista e dublador Nizo Neto me contou que foi esquentar a plateia do programa *Toma lá, dá cá*, da Rede Globo. Ao chegar ao estúdio, viu que a plateia não era da classe A nem B, era da classe Z. Ele pensou: "Filme dublado eles devem assistir, vou falar de dublagens", mas nada funcionava, e ele acabou contando piadas clássicas, de português, loira, papagaio... E foi o que deu certo. Em eventos pode ser importante ter esse recurso.

Uma loira falou pra outra:

- Amiga, eu vou ser astronauta e viajar até o Sol.
- Cruzes, o Sol é muito quente, vai morrer queimada.
- Dãã, eu vou de noite. (Anônimo)

Esse tipo de piada é de um entendimento muito simples, não tem uma linha de raciocínio e possui um ponto de vista próprio independentemente de quem a conta. Na minha infância conhecia muitas piadas, mas quando passei a escrever textos fui esquecendo a maioria delas e nunca fiz questão de lembrar. Prefiro não fazer eventos furados como esse, em vez de me preparar para uma eventual catástrofe. Não se dedique tanto a situações atípicas se

você não vai investir nisso. Prepare-se para cenários que encontrará com mais frequência. Isso é ter foco e objetivo.

Para melhorar em eventos devo selecionar melhor certos tópicos, mudar mais rápido em determinados momentos e estruturar bem a ordem do material.

(24/1/2009)

Piadas com temas mais atípicos, como mitologia, podem ter impacto reduzido em um evento (a não ser em um de historiadores). No evento, o público não foi para ver o seu show, diferentemente de um bar ou um teatro.

(28/8/2008)

Para melhorar em eventos devo selecionar melhor certos tópicos, mudar mais rápido em determinados momentos e estruturar bem a ordem do material.

(24/1/2009)

Piadas com temas mais atípicos, como mitologia, podem ter impacto reduzido em um evento (a não ser em um de historiadores). No evento, o público não foi para ver o seu show, diferentemente de um bar ou um teatro.

(28/8/2008)

Quem tem boca vai ao evento

As aparências enganam. Uma vez fui chamado para um evento no qual o cliente queria um show motivacional para um grupo de empresários da MID & FIT (empresa de sucos em pó) durante trinta minutos com o tema "super-herói". A média de idade do público era

de cinquenta anos. A apresentação foi em uma sala com 25 pessoas sentadas em círculo, eu no meio sem microfone e com a luz acesa. Confesso que pensei em abortar a missão. Falei para a produtora: "Trinta minutos sobre super-heróis não vai dar certo com esse público". Ela disse: "Na hora você conversa com a cliente e diz que vai falar de outro tema, pois assim vai ser melhor... É só conversar. Faz um stand-up normal". E foi exatamente o que fiz. Conteí piadas de super-heróis, falei do Batman, superpoderes etc. E nas piadas que eram sobre outros assuntos, utilizei o tema "super-herói" como pano de fundo. Por exemplo, todo herói tem uma fraqueza, medo de alguma coisa, e fiz um texto sobre fobias. Nenhum super-herói consegue manter um relacionamento, e falei sobre isso.

Não importa se você distorceu as regras a seu favor, lembre-se de que o cliente quer acima de tudo um bom produto. Foi melhor não falar trinta minutos de super-heróis do que me prender no tema, diminuir a qualidade do show e sair do evento como vilão.

As regras do evento

Muitas vezes pedem para fazer um evento limpo, mas o que o público quer é ouvir besteira. Nesse tipo de caso não exagere no palavrão, mas é melhor falar um "cu" e ter uma reação melhor, do que fazer um evento inteiro limpo e ser fraco.

Eventos podem colocá-lo diante de um dilema: agradar o público ou o contratante? O ideal, sem dúvida, é satisfazer ambos. Mas nem sempre isso está ao nosso alcance. Em geral, ao ser contratado para um evento a regra é: sem palavrão. Prepare um show limpo, ou seja, sem termos chulos, piadas pesadas e temas polêmicos. Nenhuma das seguintes piadas são escolhas sábias para serem utilizadas em um evento empresarial:

Eu não gosto de hóstia, aquilo sempre gruda no céu da boca, tenho que ficar colocando o dedo pra tirar. E dizem que a hóstia é o corpo de Cristo, vai que eu acerto o cu dele. (Márcio Ribeiro)

A gente só lembra do Nordeste quando precisa de uma empregada. (Marcelo Mansfield)

Não entendo negão que faz tatuagem! É o mesmo que riscar um Avatar com caneta Bic. (Léo Lins)

Por que toda mulher que reclama que foi estuprada é feia? Ela devia estar agradecendo. (Rafinha Bastos)

Tenho uma raiva de quem faz exercício! Tô no carro de manhã e vejo pessoas correndo, minha vontade é abaixar o vidro e gritar: 'Morre de câncer!'. (Fábio Porchat)

A mulher é linda, é uma dádiva divina, a melhor coisa que Deus fez, ela é perfeita... É por isso que eu a coloco pra chupar minha piroca!!! Isso, mama, perfeita... (Paulinho Serra)

Quando falar com o contratante pergunte se existe alguma restrição. Caso a resposta seja positiva e você receba uma série de limitações, faça o show limpo que tiver preparado. Por outro lado, se derem liberdade para falar o que quiser, aproveite isso com moderação, pois, em geral, quanto mais limpo for seu show, mais eventos você vai fazer.

O dilema é quando o show limpo não está surtindo o efeito esperado. Nesse momento devemos continuar com o plano original e as fracas reações ou apimentar um pouco e esquentar a plateia? Essa situação é mais comum do que parece. E a decisão cabe a você. Particularmente prefiro fazer o público se divertir, mesmo

correndo o risco de não ser mais contratado pelo responsável do evento, do que continuar com um show dentro das exigências, mas sem empolgar a plateia.

Pequenas piadas, grandes negócios

Atrair clientes e fechar negócios com um bom cachê requer o mesmo trabalho e dedicação necessários para atrair público e lotar teatros. Eventos são sempre uma incógnita, mas o mercado empresarial pode ser uma grande fonte de renda.

O comediante é o produto a ser comercializado, e para ter sucesso é importante ser um bom produto. Portanto, um bom site é essencial. Ele deve ser simples, direto e fácil de navegar. Sites com animações em Flash, músicas, explosões e botões secretos pela página podem ficar bonitos, mas não são muito eficazes. O possível contratante que entrou no seu website precisa saber quem é você e como entrar em contato. Tudo que possa valorizar o produto também deve ser incluído: participações em programas de TV, matérias em jornais e revistas, os clientes que já contrataram o seu show. Se você nunca fez televisão, um link para um vídeo no YouTube já é suficiente para o cliente conhecer seu trabalho. Nesse caso, o texto e a qualidade do vídeo devem ser bons; se nos primeiros trinta segundos você disser cinco palavrões, dificilmente vão contratá-lo.

Caso tenha pretensão de focar em empresas, comece a desenvolver um material específico. Abordar no show situações típicas de empresas, como reuniões intermináveis, funcionários que só enrolam no serviço, ideias estúpidas, os malabarismos para bater a meta e dificuldades ao lidar com clientes, com certeza será um diferencial em relação aos comediantes que simplesmente vão apresentar as piadas de um show convencional.

A partir do momento que você tem um produto é hora de comercializá-lo. Já tive muitas dúvidas nesse ponto e acredito que a primeira é: quanto cobrar? Preço é uma questão delicada e envolve

muitos fatores. A crescente exposição do stand-up na mídia teve um impacto econômico no mercado empresarial do humor. Para o contratante, um humorista com quatro anos de carreira que foi ao *Programa do Jô* e ao *Domingão do Faustão* tem o mesmo *status* de um que tem oito meses e foi aos mesmos programas. A diferença é que o humorista que tem quatro anos cobra um valor X e o de oito meses cobra um quarto de X. Quem vai ser contratado?

Outra questão comum é: estabeleço um valor fixo e ofereço-o sempre ou dou o preço de acordo com a “cara” do cliente? Já soube de humoristas que para um show na padaria do seu Zé cobraram Y e para o mesmo show para uma multinacional cobraram cinco vezes Y. Eu era contra essa prática. Vai que alguém da multinacional compra na padaria do seu Zé e, por ironia do destino, descobre que o mesmo humorista se apresentou lá e o cachê pago pelo assador de pães foi 80% mais barato.

Eu achava que o valor devia ser o mesmo. “Ah, mas assim, o seu Zé nunca vai contratar um show!”. Pois bem, seu Zé que venda mais pães, abra franquias, ganhe mais dinheiro e aí ele poderá contratar o show. O Cirque du Soleil não pensa: “Se a gente deixar o ingresso muito caro, as pessoas que ganham um salário mínimo nunca vão assistir ao nosso show. Vamos vender por um quilo de alimento”.

Entretanto, é incoerente um evento de quarenta minutos, em outro estado, para uma plateia de 2 mil pessoas ter o mesmo custo de uma apresentação de vinte minutos, no mesmo estado, para 150 pessoas. Sendo assim, há alguns anos procurei padronizar um valor e criei uma tabela.

Número de pessoas	Valor	Preço aproximado por pessoa
50 a 75	R\$ 2.200	R\$ 44 a 36
76 a 129	R\$ 2.800	R\$ 35 a 23
130 a 200	R\$ 3.500	R\$ 27 a 18
201 a 300	R\$ 4.000	R\$ 20 a 13
301 a 400	R\$ 4.500	R\$ 15 a 11,25

401 a 500	R\$ 5.000	R\$ 13 a 10
501 a 600	R\$ 6.000	-
601 a 700	R\$ 7.000	-

Valores para show de 40 a 45 minutos: incluída nota fiscal.
 Show de 25 a 30 minutos: desconto de 20%.
 Show de 15 a 20 minutos: desconto de 25%.
 Show de 60 minutos: acréscimo de 25%.

Despesas de traslado, alimentação e estada pelo contratante.
 Valor suscetível a acréscimo em virtude da distância do evento.

Tive receio de incluir a tabela no livro por alguns motivos. O primeiro deles é monetário. Em alguns anos esses valores podem estar completamente fora da realidade, portanto, lembre-se do contexto em que a tabela foi criada, 2007-2008. O segundo fator são os possíveis erros na tabela. Shows de trinta minutos para setenta pessoas não custam um quinto do valor de um show com quarenta minutos para seiscentas. A margem de diferença não é tão grande assim. Apesar de possuir aspectos negativos, sei da dificuldade que um iniciante passa em relação ao valor de um show. Dificilmente alguém diz: "Cobra 3 mil reais que está bom". O valor é sempre uma incógnita, e a ajuda sempre vem na forma de enigma. Portanto, optei por estampar os valores claramente.

Utilizei essa tabela durante um tempo, quando eu mesmo atendia ao telefone para fechar os eventos. Não tinha um produtor, então inventei o meu, ele se chamava Mike Mussina. Eu atendia e respondia e-mails em nome dele. Isso é engraçado para servir de história, mas o ideal é ter alguém responsável por fechar os seus shows. O quanto cada produtor receberá do cachê depende, mas normalmente o valor fica em torno de 20%.

O cachê não é um valor fixo e sim variável em virtude de fatores como tamanho do evento, localização e duração do show. Esse valor varia dentro de uma margem, determinada mais pelo *status* do artista do que pelo número de pessoas no show. Separo o mercado de eventos em faixas: A, B, C, D e E.

Faixa A: artistas que estão na mídia há muitos anos e estão consolidados. Normalmente o contratante quer especificamente determinado artista.

Faixa B: artistas que estão na mídia. O contratante pode querer especificamente determinado artista ou alguém dessa faixa.

Faixa C: artistas que já participaram de alguns programas.

Faixa D: artistas que nunca tiveram exposição na mídia, mas já tem experiência no stand-up.

Faixa E: artistas sem exposição na mídia e que estão começando a carreira.

Seu valor deve estar de acordo com sua faixa. Se você está fechando uma porcentagem pequena de shows em relação à quantidade de cotações que chegam até você, provavelmente seu preço está acima do que deveria, procure abaixar um pouco o valor. Se estiver fechando tudo que chega, talvez esteja cobrando muito barato, suba um pouco o cachê.

Contrato

Nesse show falaram pra eu chegar às 20:15 horas e que ele começaria até umas 21:00 horas, mas começou quase às 23:00 horas... Esse tipo de coisa tem que estar no contrato: se atrasar demais tem multa etc. É bom ter um produtor brigando por isso, não é o comediante que deve ir lá reclamar com o contratante.

Chega um ponto da carreira em que todos os seus eventos e negociações vão necessitar de um contrato. E normalmente o comediante apenas se informa sobre esse papel quando ouve de um contratante: "Então ok, eu aguardo você enviar o contrato". Nesse momento surgem várias dúvidas: Como deve ser um contrato? O que ele deve conter? Quantas vias deve ter? Quantas pessoas assinam? Quais pessoas assinam? Há um formato-padrão? A

primeira vez que precisei desse documento entrei em contato com a produção do Diogo Portugal em busca de auxílio e eles me enviaram um contrato-padrão, que utilizei por muito tempo e deixo a seguir à disposição dos leitores.

TERMOS E CONDIÇÕES CONTRATUAIS

Seguem abaixo as condições para a contratação do comediante _____:

A reserva da data para a apresentação do comediante somente será efetivada após assinatura do contrato.

Todo material de divulgação referente à apresentação só poderá ser utilizado após aprovação da produção do comediante.

A Contratante será responsável por todo o equipamento de som e luz necessários, conforme descrição abaixo, que deve ser compatível para o público estimado, de acordo com aprovação da produção do comediante.

Equipamentos necessários⁶:

- 1 mesa de som, com no mínimo 8 canais;
- Sistema de PA com caixas de som e amplificadores compatíveis com o local;
- Monitores para palco (retorno);
- 1 microfone Schure sem fio com tripé;
- Iluminação para centro do palco (1000 W);
- 1 CD player com display;
- A passagem de som deverá ocorrer necessariamente no mínimo 3 horas antes do evento.

Toda a logística de transporte, hospedagem e alimentação deverá ser previamente aprovada pela produção.

O camarim do comediante deverá ter os seguintes itens (coloque o que você quer e julga necessário, mas, calma, você não é a Madonna):

- Local em boas condições de limpeza e conservação;
- 10 garrafas de água mineral sem gás e sem gelo;
- 20 garrafas de Whisky Jack Daniels.

Assinatura do CONTRATANTE

CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

CONTRATANTE: _____, pessoa jurídica de direito privado, registrada no CNPJ nº _____ com sede na rua _____ cidade de _____, estado____, neste ato representado pelo _____ brasileiro, inscrito no CPF nº _____.

CONTRATADO: _____, brasileiro, estado civil _____, cédula de identidade nº _____, inscrito no CPF _____, residente na rua _____, cidade _____, estado ____, CEP _____.

Resolvem as partes acima identificadas e qualificadas firmar o presente CONTRATO PARTICULAR DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS, que será regido pelas cláusulas e condições seguintes:

PRIMEIRA: DO OBJETO

O presente contrato tem como objeto 1 (uma) apresentação por parte do CONTRATADO, o comediante _____, com show de duração de ____ minutos.

SEGUNDA: DA DATA E LOCAL DA PRESTAÇÃO DOS SERVIÇOS

O serviço aqui contratado, descrito na cláusula primeira, será realizado no dia ____ de _____, na cidade de _____.

Parágrafo primeiro: Caberá à CONTRATANTE providenciar o transporte e a hospedagem do CONTRATADO e seus acompanhantes, caso necessário.

Parágrafo segundo: Deverá a CONTRATANTE providenciar com antecedência a instalação de todo equipamento que for necessário para a execução do serviço, de forma que o show tenha início dentro do horário previsto no *caput* desta cláusula.

TERCEIRA: DO PREÇO E FORMA DE PAGAMENTO

O CONTRATADO fará jus receber, pelas apresentações, a importância de R\$ _____ (_____), a serem pagos na assinatura do contrato com depósito em conta-corrente do banco _____, agência _____, conta-corrente _____.

QUARTA: DOS DIREITOS SUBSIDIÁRIOS

Sem autorização prévia do CONTRATADO, fica vedada a fixação do espetáculo ora pactuado em qualquer tipo de suporte material hoje ou no futuro existente, também, através da representação digital de sons e imagens, tais como películas cinematográficas de qualquer bitola, CD-ROM; CD-I (*compact disc* interativo), *home video*, DAT (*digital audio tape*), DVD (*digital video disc*), fita cassete, videolaser, videocassete, suportes de computação gráfica e a exibição em televisão de qualquer espécie (televisão aberta ou por assinatura ou através de qualquer de suas modalidades) —, por radiodifusão, UHF, MMDS, satélite ou por qualquer outro meio de transporte de sinal hoje ou no futuro existente, pela internet e por qualquer outro meio que permita a exibição, ainda que parcial dos sons e/ou imagens do show.

QUINTA: DAS PENALIDADES

O descumprimento de qualquer cláusula do presente contrato acarretará à parte que o ensejar o ônus de arcar com uma multa equivalente a 100% sobre o valor deste contrato.

Parágrafo Único: Sem prejuízo do disposto no caput desta cláusula, o não comparecimento do CONTRATADO no dia e local mencionados na cláusula segunda deste contrato ou, comparecendo, o show não for realizado por culpa dele, ficará a CONTRATANTE desobrigada de efetuar qualquer pagamento, devendo o CONTRATADO, ainda, reembolsá-la de outras eventuais despesas tidas com a realização do show, inclusive das taxas recolhidas a título de direitos autorais.

SEXTA: DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Qualquer aditamento, inclusão, supressão de cláusula(s) e alteração do todo ou parte do ajustado neste contrato somente produzirá efeitos se formalizado por escrito e firmado pelas partes. Não será conhecido ou reconhecido qualquer acordo verbal.

SÉTIMA: Elegem as partes o Foro da Comarca de _____, como o único competente para dirimir quaisquer questões emergentes deste contrato, com renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que possa se apresentar. E, por estarem justas e contratadas, firmam o presente em 02 (duas) vias de igual teor e forma, na presença de 2 (duas) testemunhas,

obrigando a si, seus herdeiros e sucessores a bem e fielmente cumpri-lo em todos os termos.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do contratante Assinatura do contratado

Testemunhas:

Nome: Nome:
CPF/RG: CPF/RG:

Nenhum livro sobre stand-up que li abordou essa questão contratual, tão essencial no decorrer da carreira de um comediante. Por isso considerei importante incluir um modelo de contrato na obra.

É bom esclarecer que não existe um único tipo de contrato, diversas cláusulas podem ser acrescentadas ou removidas. Por exemplo, quando trabalhei no programa *Agora é tarde* tive de incluir uma cláusula na qual, caso eu fosse solicitado para gravar, a prioridade seria a gravação e o show teria de ser cancelado sem multas. Essa cláusula foi para me proteger de um possível problema. Certa vez tive um evento marcado em Belém, mas surgiu a oportunidade de cobrir as eleições presidenciais norte-americanas e três dias antes do evento cancelei minha participação para gravar em Nova York. A ausência desta cláusula possibilitaria ao contratante entrar com um processo contra mim. E vários comediantes já enfrentaram problemas jurídicos, por cancelarem um show, não comparecerem com o elenco previsto, entre outros problemas. O contrato é uma garantia de que ambas as partes vão cumprir com o seu dever, respeitando os direitos um do outro.

Para me proteger de possíveis queixas, gostaria de acrescentar uma cláusula neste tópico:

Cláusula Primeira — DO AUTOR — O contrato é um objeto que envolve advogados, empresas, produtores e artistas. Sem dúvida ele pode ser muito mais complexo do que um simples tópico de algumas laudas. Julguei válida a breve abordagem do tema por sua relevância, e qualquer superficialidade nesse assunto ocorreu em virtude da falta de conhecimento para ir mais fundo.

Abril de 2008

Piada do momento

Comentários sobre coisas recentes são sempre bem-vindos, o público sabe que aquela piada está "fresca".

Piadas sobre assuntos recentes recebem bônus para provocar risos na plateia. Isso se deve ao fato de o público saber ou pelo menos ter a impressão de que você pensou na piada há pouco tempo. Logo que houve uma acusação de estupro no programa *Big Brother Brasil*, no começo de 2012, fiz algumas piadas sobre isso.

Viram o caso de estupro aí no *Big Brother*? Eu achei engraçado que o Pedro Bial falou: 'O Daniel vai ser expulso por violar uma das regras do jogo'. Do jogo não, da sociedade! O Bial acha o quê? Quer estuprar alguém, então sai da casa, lá fora pode... E tá todo mundo falando sobre isso, a audiência do programa aumentou muito. Mas a Record já disse que não vai deixar

barato, a próxima *Fazenda* vai ser na fazenda do goleiro Bruno.
(Léo Lins)

Essas mesmas piadas que arrancavam aplausos na época da notícia, meses depois provocarão alguns risos e após anos vão provocar silêncio, pois os fatos que a sustentavam estarão longe. As piadas do momento têm um prazo de validade curto, e assim que a data expirar, jogue-as fora. Por isso é difícil escrever textos sobre notícias e acontecimentos recentes, pois você não pode ter apego ao material e precisa estar constantemente se renovando.

Mas existe um tipo de piada do momento que pode permanecer fresca por muitos anos: as piadas que ocorrem durante o show, seja através de puro improviso ou de uma situação que proporciona simular um improviso. Por exemplo, você está interagindo com alguém da plateia e tem o seguinte diálogo:

Comediante: Você veio de onde?

Espectador: De Três Corações.

Comediante: Se você tiver um infarto, ainda tem mais dois...

É uma piada idiota, mas que ao ser feita, funcionará na hora por ser espontânea, foi uma "piada do momento". Mas e se durante o seu texto você diz: "Uma vez fiz um show em Três Corações, a vantagem de nascer lá é que, se você tiver um infarto, ainda tem mais dois"? O mesmo *punch line*, que ao ser feito de improviso provoca risos, quando apresentado no meio do texto não funcionará. Quando você faz uma piada na hora, a exigência do público é menor. Por mais simples que seja falar que alguém de Três Corações, se infartar, tem mais dois, não é algo que as pessoas em geral pensariam. Respostas comuns ao saber que alguém é de Três Corações seriam:

- *Onde fica?*
- *É perto de onde?*
- *Nunca ouvi falar!*

Respostas inesperadas seriam:

- *Se você tiver um infarto, ainda tem mais dois...*
- *Perguntei de onde você veio, não o que quer comer... "Três Corações", tá achando que tá num rodízio?!*
- *Essa cidade é perto de onde?! De dois pulmões?*

Essas respostas são engraçadas, pois surpreendem e são espontâneas. A piada pode não ser tão engraçada, mas é como se a velocidade de raciocínio para responder algo inesperado acrescentasse graça a ela. Piadas textuais não têm esse bônus da velocidade de raciocínio. Elas tiveram tempo de ser pensadas e elaboradas. Se você vai ter tempo para escrever uma piada sobre a cidade de Três Corações, ela tem que ser melhor do que "se você tiver um infarto, ainda tem mais dois".

Na interação você pode ter um planejamento, mas o mais importante é ir se soltando a ponto de ficar livre. Buscar piadas em cima do material que o público está dando. Fale o que vier na sua mente, não se preocupe em falar algo genial. Muitas vezes na interação, uma besteirinha que você fala meio jogado, arranca boa reação em virtude da espontaneidade da coisa.

(17/1/2009)

Contudo, mesmo as piadas textuais podem ser camufladas como piadas do momento. Uma das formas de camuflar é já ter a piada pronta e aguardar a situação. Se algum dia você encontrar alguém do município de Três Corações, já tem uma piada textual que pode ser feita como se fosse uma piada do momento. A outra forma de disfarce é por meio de interpretação. Tenho uma piada em que falo sobre o Belo, um cantor de samba e pagode, conhecido por ser o oposto de seu apelido:

O Belo é tão feio que quando vai ao zoológico os animais ficam indignados que ele está solto... Tinha que estar preso... Aliás, já estive. (Léo Lins)

A piada textual é “O Belo é tão feio que quando vai ao zoológico os animais ficam indignados que ele está solto”. A frase seguinte: “Tinha que estar preso”, é um *emotional tag*. E a última frase, “Aliás, já estive”, é uma piada textual disfarçada de piada do momento. Eu falo essa frase sem valorizá-la, enquanto ainda estão rindo do último *punch line*. Às vezes dou uma risada logo após falar. A ideia é dar a impressão de que pensei isso na hora. Se tudo der certo, conseguirei enganar a plateia. Mas por uma nobre causa: o riso.

A piada do “nome vulgar do pombo” não funcionou da primeira vez, pois contei como sendo uma piada do texto. Depois passei a contar da seguinte forma: eu começava a próxima piada e então, como se estivesse pensando aquilo naquele momento, interrompia o curso que estava seguindo para fazer essa piada, e assim ela funciona.

(16/4/2009)

Piadas factuais: F5 ou delete

Algumas piadas que param de funcionar após algum tempo precisam apenas ser atualizadas em vez de cortadas.

Quando expira o prazo de validade de uma piada é possível reciclá-la? Vou ilustrar essa questão com um caso prático. O piloto de Fórmula 1 Rubens Barrichelo adquiriu fama de ser um corredor

lento, apesar de já ter sido vice-campeão mundial. Houve um ano em que ele terminou a temporada sem marcar um único ponto. Esse fato foi bem comentado não apenas por humoristas como também por jornalistas. Nessa época eu tinha este *set* de piadas:

O Galvão Bueno foi entrevistar o Rubinho e fez uma pergunta muito FDP pra ele: 'Você se considera melhor pai ou piloto?'. Ele falou 'piloto'... Coitada da criança. Se ele é melhor piloto, imagina o que não fez com o filho?! O garoto já sofre porque parece que ele fica na escola de manhã até seis da tarde. A aula termina meio-dia, mas até o Rubinho chegar... Mas ser filho do Rubinho tem suas vantagens, o garoto chega com uma prova em casa...

Rubinho: 'Poxa filho! Tirou 1 na prova'.

Filho: 'Pelo menos eu fiz um ponto'. (Léo Lins)

O Galvão de fato fez essa pergunta ao Rubinho antes da última corrida do ano em que ele ficou zerado. O campeonato terminou, o ano virou, e, quando voltei a contar essa piada, vi que perdeu força. Mas bastou ajustar o *setup*, e ela voltou a funcionar. Passei a incluir a seguinte frase na piada: "O Rubinho uma vez terminou o campeonato sem marcar ponto! Se você chegar em sexto já marca, mas nem isso ele fez. Aí, antes da última corrida, teve uma entrevista com Galvão Bueno, e o Galvão fez uma pergunta muito FDP pro Rubinho...". Isso deixou o *setup* mais claro, pois o fato que sustentava a piada havia sido esquecido pelo povo, então era necessário relembrar. Meses depois abandonei a piada, pois percebi que não devia contar algo baseado em um fato de anos antes. Já vi humoristas contando piadas sobre acontecimentos de quatro, cinco anos atrás. Não acho que seja bom ter um *set* sobre a morte da Dercy Gonçalves e o *impeachment* do Fernando Collor de Mello.

Alguns comediantes param no tempo e precisam relembrar fatos antes de cada piada que contam: Lembram do primeiro filme do Rambo? Lembram dos anúncios da Polishop com fitas VHS? Lembram do Lango Lango? Aqueles bonecos de pano, tipo fantoche... eles davam soco.

A exceção a essa regra é quando o fato não é tão popular. Em 2008 vi uma notícia que dizia que a China queria mandar uma nave para a Lua e fiz umas piadas sobre isso... Até hoje os chineses não mandaram a tal nave, portanto, conto a piada como se tivesse acabado de ver a notícia. No dia que eles chegarem à Lua vou editar ou abandonar a piada. Li uma outra em que um cidadão estava à procura de um padre para fazer a cerimônia de casamento dele com um Playstation 2. Assim que saiu o Playstation 3, tomei a liberdade de atualizar a tecnologia da noiva. Perceba que essa mudança não aumentou o *setup*.

Assim, concluo que todas as piadas devem aparentar ser o mais frescas possível. Quando o *setup* começa a precisar de alterações para que o *punch line* continue eficaz é porque o prazo de validade da piada já está quase vencendo, portanto, não demore a jogá-la fora.

Porta-voz

Ao interagir, deixe todos cientes do que acontece. Ontem fiz uma piada da qual poucas pessoas riram. Perguntei o nome de um cara e ele falou "Cleber". Eu repeti: "Cleber". E ele falou: "Mas me chamam de Clebinho". Então perguntei: "Por causa do tamanho?". Quem ouviu o diálogo todo riu, mas quem estava longe ouviu apenas:

Comediante: "Qual seu nome?"

Espectador:

Comediante: "Cleber?"

Espectador:

Comediante: "Por causa do tamanho?"

Ou seja, perderam o setup: "Mas me chamam de Clebinho".

Conforme visto anteriormente, algumas piadas do momento podem ser feitas ao interagir com a plateia. Durante essa conversa o comediante deve ser porta-voz do espectador. Isso pode parecer óbvio, mas já vi diversos humoristas, inclusive eu, caírem no erro de não repetir as respostas da plateia, o que causa o problema exibido na anotação introdutória. O comediante tem a seu favor o microfone, o espectador tem apenas as cordas vocais. Salvo a exceção de estar interagindo com um cantor de ópera, ou seja, alguém cuja potência vocal preenche o ambiente, você deve repetir as respostas da plateia tornando-as audíveis para todos.

Não repetir as falas do espectador quando estiver interagindo pode restringir o show a quem está próximo desse espectador. Sendo assim, ao mesmo tempo em que você envolve algumas pessoas por meio de interação, exclui outras por causa da interação.

(28/4/2008)

Conversa no show

Quando houver conversa na plateia, peça para subirem o som do microfone, isso ajuda a calar o pessoal, ou seja, facilita você pegar a plateia. É o mesmo princípio de uma boate: com som alto é mais difícil conversar.

No meu primeiro livro falo sobre como lidar com chatos na plateia e os artifícios a serem utilizados, que basicamente são: ignorar ou revidar. Mas a conversa à qual me refiro aqui não necessariamente é proveniente de alguém tentando atrapalhar ou querendo aparecer. São pessoas que não estão interessadas no show e estão ignorando o bom-senso, prejudicando aqueles que querem assistir.

Esse tipo de situação é mais comum em bares do que em teatros. Primeiro, o melhor a ser feito é ignorar. A conversa pode ser temporária ou um assunto emergencial. É um pouco intolerante da parte do humorista revidar no primeiro som que alguém da plateia faz. Se a conversa realmente estiver atrapalhando, provavelmente os demais espectadores vão se manifestar pedindo para os falantes ficarem em silêncio. Isso é o melhor que pode acontecer, deixar o restante da plateia irritada com os falantes. Dessa forma você vai ter carta branca para interagir com eles e disparar suas melhores piadas de insulto, para o delírio dos demais espectadores.

Mas, antes de partir para essa luta, você tem mais um artifício a seu favor: a tecnologia. Você tem o microfone e pode falar mais alto que qualquer um. Plateias barulhentas podem ser controladas com o microfone, afinal de contas, se o leão fosse mudo, dificilmente seria o rei da selva. Ao subir um pouco o volume do microfone você pode dificultar a conversa, e os falantes podem desistir do papo ou se levantar e ir para um local mais silencioso.

O som alto dificultando a conversa é o mesmo princípio utilizado em uma boate. Para aumentar o volume do som, você pode pedir do próprio palco ou deixar combinado com alguém da casa para realizar essa manobra nesse tipo de situação.

Além do método da boate, existe o método do professor. Todo mundo tem ou teve um professor que, quando alguns alunos conversavam durante a aula, começava a falar mais baixo, dificultando o entendimento de suas palavras para aqueles que estavam interessados. O que acontece? Os interessados fazem "ssshhhhhh" para que os falantes calem a boca. Logo, o som é uma excelente arma contra o bate-papo, você pode maximizá-lo ou minimizá-lo para erradicar as conversas durante o show.

Mantenha o volume

Uma lição importante que aprendi apenas agora é me ligar no volume que estou falando no microfone. No show do Diogo Portugal

o volume fica muito alto, pois ele fala baixo, então quando falo fica muito alto.

Veja se esta cena lhe é familiar: você está sentado tranquilamente no sofá da sua casa assistindo a um filme, comendo pipoca e relaxando. Eis que entram os comerciais. Nesse exato instante o volume aumenta 200%. Parece que a TV por conta própria decidiu que seu vizinho também deve ouvir a propaganda sobre o novo carro com mais espaço no porta-malas. Você a xinga e começa a procurar pelo controle remoto, que nessa hora nunca está do seu lado. Provavelmente ele se escondeu por causa do susto que levou da TV. Você encontra o controle, mas, antes que aperte o botão, algum familiar já acordou perguntando se você está surdo. O que nem faz sentido, pois se estivesse não ia ouvir a pergunta. Entra um comercial de pomada para hemorroidas falando "ESTÁ COM HEMORROIDAS?"... Seu vizinho responde: "NÃÃÃO". Em meio a essa batalha, você aperta o botão, diminui o volume e restabelece o controle da situação. Deita-se tranquilamente, os comerciais acabam e o filme retorna... Retorna sem som nenhum. Depois do comercial parece que trocaram o ator pelo Charles Chaplin.

O pequeno texto do parágrafo anterior foi para mostrar de forma divertida o problema de uma brusca alteração no volume. O som produzido pela voz de cada pessoa atinge alturas diferentes. Em um show com quatro humoristas, um deles pode ter o tom de voz mais baixo e outro, muito alto. Se o microfone ficar em um volume-padrão pode prejudicar alguém. Logo, o som deve se adaptar ao humorista e vice-versa. Embora pareça óbvio, você pode controlar a potência do som ao aproximar ou afastar o microfone da boca. Se achar que o som está muito alto, afaste um pouco. Já fiz um show no qual o som do microfone estava tão alto que fiz a apresentação segurando-o na altura do peito. Caso contrário o volume ficaria tão forte que o som estourava um pouco e dificultava o entendimento das piadas. Para saber como o som está chegando para a plateia, o ideal é que no palco tenha um retorno. O retorno é um aparelho responsável por fazer chegar ao palco o som que sai do microfone,

oferecendo ao artista o mesmo som que está chegando para a plateia.

Talvez alguns estejam pensando: “No tópico anterior ele disse para aumentar ou reduzir o volume e aqui falou que é ruim ter uma alteração brusca no volume... E agora?”. Lembre-se de que a ideia de mudar o volume é uma manobra para controlar um problema. Se a conversa está atrapalhando, alterar o volume vai dificultá-la, porém, se a conversa não existe e todos estão ouvindo bem o show, mudar o volume pode ser prejudicial.

Som e luz

Estudar teatro e seus equipamentos não é um pré-requisito para se tornar comediante stand-up. A origem do humorista pode estar na arquitetura, educação física, publicidade, medicina, advocacia, engenharia... Sendo assim, é comum o *stand-uper* não ter grande conhecimento de equipamentos de som e luz. Mas se for largar a educação física para contar piadas é mais importante saber o que é um canhão elipsoidal em vez de o que é um haltere. Não acho necessário aprender a fazer um mapa de som do palco, mas um conhecimento mínimo é importante.

Em relação ao som, o comediante precisa basicamente de um microfone, caixas de som para o público e um retorno para o palco. O microfone pode ser com fio, sem fio, auricular ou de lapela. O auricular e o de lapela são mais comuns em shows de improviso, pois oferecem a vantagem de deixar as mãos livres. No stand-up os mais frequentes são com fio e sem fio. A preferência por um deles dependerá do gosto pessoal. O fio pode limitar algum movimento, mas pode ser um elemento a mais para ilustrar alguma piada.

Fique atento à qualidade do som e do equipamento que vai utilizar. Alguns humoristas levam uma aparelhagem própria, mas a maioria utiliza o que o teatro tem disponível. Passe o som antes do show para ver se não está muito alto, muito baixo, com algum chiado, eco. Se for um microfone com fio, veja se ele não está com

mau contato. Certa vez descobri isso durante o show e tive que ficar praticamente imóvel durante toda a apresentação. A qualquer movimento havia o risco de o som desligar e uma falha de meio segundo pode estragar uma piada inteira que levou 15 segundos.

Ainda na passagem de som, se não houver retorno no palco, peça para alguém ouvir como está o som em diferentes pontos da plateia. Deixe um microfone reserva preparado caso aconteça algo com o principal. Feito tudo isso, o equipamento de som está pronto para conduzir suas palavras ao ouvido dos espectadores. Vamos agora para a luz.

O que é preciso em termos de luz num show de stand-up? Depende, você pode fazer o show com um canhão de luz seguindo todos os seus movimentos no palco ou ficar parado em um foco estático. Basicamente, o que vai usar é uma luz de frente, ou seja, uma luz que incide sobre seu rosto, e outra contra, que fica nas suas costas. A luz contra ameniza as sombras que podem se formar ao usar apenas a luz de frente. Se a luz estiver muito forte, veja se é possível reduzir um pouco sua intensidade, para você não ficar suando durante o show. Alguns humoristas preferem se apresentar parados em um foco de luz e outros gostam de dar uma geral no palco para se movimentar mais. Seja foco ou geral, o importante é: ficar na luz. Embora pareça simples e lógico, já vi humoristas fazendo o show em uma penumbra. Lembre-se de que é um show de comédia stand-up e não de sombras chinesas.

Maio de 2008

Escala de riso

Comparativo de reação das piadas entre segunda e terça:

Pó de mico 2 1

Doces 2 1

Coroa de flores 3 2
Braço 1 não fiz
Beto Carreiro 4 3

Há alguns anos criei uma classificação numérica para determinar a reação provocada pelas piadas na plateia. Assim como existe uma escala que mede a força de um terremoto, fiz uma escala de intensidade das piadas. Veja:

Escala de intensidade das piadas

- 1 - piada que funciona, arranca leves risos.
- 2 - piada boa, arranca risos.
- 3 - piada muito boa, arranca boas risadas.
- 4 - piada sensacional, aplausos e boa reação.
- 5 - piada memorável, arranca aplausos e fortes reações.

Quantificar algo abstrato como uma risada é subjetivo. Desenvolvi a escala para ter uma noção mais concreta do resultado obtido em diferentes plateias. Lembrar se uma piada funcionou ou não é fácil, principalmente após o show. Mas cinco meses depois será que você vai lembrar se uma piada funcionou? E, caso tenha funcionado, vai lembrar se arrancou boas risadas ou um leve sorriso? A escala me permitiu criar uma espécie de histórico da piada. Esse histórico já me auxiliou tanto a abandonar ou editar certas piadas como dar credibilidade a elas. Uma piada que teve intensidade 4 ou 5 três vezes consecutivas e depois teve intensidade 2, desde que tenha sido entregue corretamente, mostra que o problema estava na plateia.

É válido ressaltar que não utilizo mais essa escala, mas acredito que ela teve seu valor ao longo do meu desenvolvimento. Abandonei esse trabalho, pois cada vez mais o tempo se torna um bem valioso e preciso utilizá-lo de acordo com minhas prioridades. Atribuir valores numéricos a cada piada feita em um show e comparar esses

dados em um intervalo foram uma prática valiosa quando tinha tempo disponível para isso, ao contrário de hoje. Mas creio que essa sistematização e o exercício de classificar as piadas podem internalizar e criar uma espécie de memória sensorial que ao longo do tempo vai automatizar esse processo e tornar dispensável o trabalho manual.

Tempo X intensidade

Quanto menos tempo você tem no palco, mais intenso deve ser o texto. Você vai eliminando as piadas em grau de intensidade começando com as mais fracas. Porém, para fazer vinte minutos, trinta, 45, essas piadas são necessárias. Não dá para ser um ritmo frenético do começo ao fim.

No meu primeiro livro, no tópico “Estruturação do material” (maio de 2006), havia dito que quanto menos tempo no palco, mais intensa deve ser a apresentação. Hoje tenho algumas ressalvas quanto à intensidade do material. Repare que no parágrafo introdutório eu disse: “Você vai eliminando as piadas em grau de intensidade, começando com as mais fracas”. O que isso quer dizer? Vamos supor que eu tenha um texto de dez minutos sobre escola e vou subir ao palco para fazer apenas cinco. Nesse caso, as piadas mais fracas são cortadas deixando os cinco minutos mais fortes do texto. No entanto, se os outros cinco minutos não são quase tão fortes quanto os que foram selecionados, devem ser cortados para sempre. Há alguns anos eu escrevi que, “para fazer vinte minutos, trinta, 45, essas piadas são necessárias”. Hoje vejo que não, elas não são. Vejamos o cenário a seguir:

Tema	Duração do material	Duração das piadas mais fortes
Escola	10 minutos	5 minutos
Filme	12 minutos	6 minutos

Doenças	8 minutos	2 minutos
---------	-----------	-----------

Tenho trinta minutos de material, nos quais 13 são de piadas mais fortes e acabam sendo feitas com mais frequência. Se for necessário um show de aproximadamente 13 minutos, estou preparado. Se for uma apresentação de vinte, preciso de mais sete minutos de boas piadas para que meu show seja o melhor possível.

Essas piadas mais fracas são como manchas escuras em uma fruta, elas até podem ser consumidas, mas é preferível cortá-las. O tempo no palco causa um efeito darwinista no material do comediante e por meio da seleção natural as piadas mais fracas serão extintas. Ou seja, em alguns anos os outros 17 minutos do material descrito anteriormente serão abandonados e substituídos por outros 17, totalizando trinta minutos de piadas fortes. Mas será que vou manter um ritmo forte por trinta minutos? Isso nos leva à última frase do parágrafo inicial: "não dá para ser um ritmo frenético do começo ao fim". Certa vez fiz um experimento: selecionei apenas piadas que tiveram ótimas reações e aplausos e fiz uma apresentação só com elas. Algumas tiveram a reação que costumam obter, outras foram abaixo do normal e uma ou outra foi acima.

Realmente é impossível fazer trinta minutos de show em um ritmo acelerado, mas isso não significa que algumas das piadas podem ou devem ser fracas. Em cinco minutos podemos ser mais intensos do que em uma hora, mas, independentemente disso, você deve sempre estar em busca de fazer a melhor apresentação que puder.

A moral da história é que cada humorista tem uma linha de corte para as próprias piadas, alguns se contentam com piadas que quase sempre funcionam e outros querem apenas as que sempre funcionam bem.

Pude comprovar nesse show aquela suspeita de que não adianta colocar só piadas fortes. Dez piadas de intensidade 4, uma na sequência da outra, não vão manter todas acima de 4, algumas delas vão ter intensidade 2.

(6/6/2009)

Hoje em dia estou em um nível em que começo a me perguntar até que ponto vale a pena fazer determinada piada. No texto sobre pombo escrevi uns 15 minutos e acabei ficando com 11 minutos e 30 segundos. Mas, se eu subir a linha de corte das piadas, esses 11 minutos e 30 segundos podem se transformar em 10 minutos e se eu subir ainda mais podem ficar em 9 minutos. E essa é justamente a questão: onde colocar a linha de corte?

(5/6/2009)

Linha de corte

No começo da carreira o comediante é uma tábula rasa, o grau de exigência com uma piada é o menor possível: se ela arranca um leve sorriso é incluída em nosso material. Com o passar dos anos deixamos o estado neófito e, conforme adquirimos experiência nos palcos e na escrita, passamos a ser mais rigorosos com nosso material. As piadas que arrancavam um leve sorriso já não são mais dignas de ser levadas para o palco. Elas já cumpriram seu papel, foram as migalhas de pão que guiaram nossos primeiros passos na carreira e agora ficaram para trás.

Tão importante quanto escrever piadas novas é reciclar ou abandonar as antigas. No ano de 2012 comecei a refazer absolutamente todas as minhas piadas, uma parte delas eu não contava fazia mais de dois anos. Algumas continuavam afiadas, outras enferrujaram e sofreram desgaste com o passar do tempo. Joguei fora cerca de duas horas de piadas. Fiz isso para me forçar a escrever mais e elevar a qualidade do meu material. Nunca temos certeza absoluta da reação da plateia diante de uma piada, por isso apenas mantenha em seu material piadas que mereçam ser

defendidas diante da incerteza de uma grande risada ou do silêncio de um fracasso.

Subindo de nível

É permissível um iniciante subir ao palco e fazer várias piadas sobre determinada atriz gorda ou usar outras que só funcionam por causa de um palavrão. Mas um comediante com anos de carreira precisa abandonar essas piadas:

Uma vez eu vi um fusca de duas rodas... Aí olhei melhor e vi que era a Preta Gil numa moto. (Claudio Torres Gonzaga)

Fui pra Manaus e adorei o cupuaçu. Qualquer coisa com cupuaçu eu comia. Se passasse cupuaçu na Preta Gil eu comia. (Fernando Caruso)

Eu li que as roupas de show da Preta Gil são personalizadas! Ela manda um arquiteto fazer. (Léo Lins)

Aquelas cenas de luta em que tá um monte de gente de armadura, como vai saber quem é quem? No *Senhor dos Anéis* é fácil, porque de um lado é monstro. Então é monstro tu mata; viu monstro, mata; a Preta Gil, tu mata... vai matando... (Fábio Porchat)

A Dayane dos Santos insiste naquela merda de *Brasileirinho*, parece que tá com um vibrador ligado enfiado no rabo. (Paulo Carvalho)

Todas essas piadas funcionavam nos palcos, mas ao longo dos anos foram abandonadas. Piadas dessa natureza encontram espaço no material de humoristas iniciantes, mas a experiência deve afastá-lo delas e levá-lo em busca de outras mais aprimoradas. Algumas piadas são muito sofisticadas para um aprendiz entregar para a plateia. Somente a experiência vai lhe dar o tom e o *status* necessários para a piada ganhar força. Veja a piada a seguir:

Eu cheguei para o prefeito e falei: 'Kassab, as pessoas estão reclamando que toda hora são encoxadas no ônibus'. E ele me disse [empolgado]: 'Onde que passa esse ônibus?'. (Danilo Gentili)

O Danilo foi repórter do programa *CQC* durante quase cinco anos e ficou conhecido por trabalhar em Brasília colocando os políticos em xeque, com suas perguntas e piadas bem-elaboradas. Quando ele diz no palco que falou com o Kassab, a frase tem muito mais peso do que um aspirante a comediante dizer o mesmo. A piada vai funcionar mesmo com o iniciante, pois está bem-escrita, porém, na boca de determinada pessoa ela pode ganhar força. Veja outro exemplo:

Todo ex-gordo tem que tirar uma foto segurando a calça... É uma lei... O gordo é a única pessoa que tem orgulho em mostrar que não precisa mais daquilo (da calça)... Nunca vi o míope fazer uma cirurgia e depois tirar uma foto segurando óculos... Transexual tirar uma foto segurando um pênis.... Cara que curou o câncer tirar uma foto segurando uma peruca. (Léo Lins)

Acredito que apenas com o tempo adquiri a experiência e a confiança para entregar essa piada. O último *punch line* pode gerar uma reação na plateia, cujo conserto está além do alcance de um principiante. Piadas mais arriscadas, sofisticadas, críticas e com conteúdo são as que você deve buscar com o passar dos anos. Lembre-se: as piadas que conta devem ser condizentes com o seu nível.

Junho de 2008

Do: Bar. Para: TV. Traçar rota.

Poucos anos após o surgimento do stand-up no Brasil a televisão absorveu os humoristas, seja para atuar em frente às câmeras ou atrás delas como redatores. Diversos programas abriram espaço para apresentações de stand-up: *Programa do Jô, A praça é nossa, Altas horas, Domingo do Faustão, Programa do Gugu*, entre outros.

No começo da minha carreira não tinha pretensão de ir para a TV, talvez por parecer um mundo distante da minha realidade. Após alguns anos, e depois de ver a notoriedade alcançada por outros colegas que entraram para a chamada fantástica fábrica de sonhos, percebi que a TV era um degrau ao qual era necessário chegar. Uma simples aparição dentro dessa caixa permite atingir um público para o qual seria necessário fazer centenas ou talvez milhares de apresentações em teatros. Se você pretende um dia entrar para a TV deve estar preparado para isso. Hoje a televisão pode parecer distante do seu mundo, mas amanhã ela pode ser o próximo degrau da sua jornada.

Acredito que a primeira dúvida a surgir é: "Como alguém da TV vai saber da minha existência?". Basicamente de duas formas: ativa e passiva. Na forma ativa, o programa precisa de comediantes e por isso sai em busca deles. Na passiva, o comediante é quem tem que

gastar a energia. O músico Rogério Skylab, que se tornou figura carimbada no *Programa do Jô* — já participou mais de dez vezes —, me disse que enviou material para a produção pelo contato que estava no site. Ele ficou meses sem resposta e tornou a enviar o material. Novamente ficou sem resposta. O que ele fez? Enviou novamente. Apenas depois da quarta ou quinta tentativa entraram em contato para marcar a entrevista.

Os programas de TV precisam de pautas, se tiver um bom gancho para ser entrevistado, tente entrar em contato com os produtores do programa. O comediante Gus Fernandes estava no Japão durante o terremoto que abalou o país em 2011. Ao voltar para o Brasil foi ao programa do Jô falar apenas sobre isso. Já o comediante Gigante Léo, com pouco tempo de carreira, foi convidado para ir ao mesmo programa. Por quê? Porque ele é um anão que faz stand-up. Aposto que se uma senhora de 95 anos começar a fazer stand-up, com seis meses de carreira será convidada por vários programas, pois é uma pauta curiosa. Por que ela decidiu começar a contar piadas? O que os filhos, netos e bisnetos acham disso? Pretende seguir carreira?

Mas de que adianta ter 95 anos, ser anão ou ter passado por um terremoto se eu não tenho nenhum contato na TV? Cada programa televisivo tem pessoas responsáveis pelas pautas ou pelos entrevistados, eles são os produtores. No site de cada programa há um link do tipo “entre em contato conosco”, “fale com a produção”. Sinceramente, eu não achava que alguém lesse esses e-mails, mas hoje posso garantir que são vistos, pelo menos alguns deles, por isso vale a pena insistir. Você também pode ver o nome do produtor nos créditos do programa e tentar encontrá-lo em uma rede social ou mesmo ir até o programa como espectador e, uma vez lá, deixar seu material com alguém. O comediante Fábio Porchat foi assistir ao *Programa do Jô* e durante a gravação fez uma imitação de uma antiga série da Rede Globo chamada *Os normais*. Essa inocente atitude contribuiu para que mais tarde ele entrasse para a emissora.

Quando o programa vai atrás dos humoristas você também deve tomar algumas medidas. Não adianta ficar sentado em casa esperando alguém bater na porta e convidá-lo para apresentar um programa. Caso os produtores precisem encontrar humoristas para

formar o *casting* de um novo quadro ou programa, eles precisam adotar uma postura ativa. Não podem ficar esperando chegar um e-mail com o material promocional de um comediante. O bom produtor tentará encontrar um bom elenco, assim como um olheiro de futebol tenta descobrir um novo talento. O olheiro vai atrás de jogadores assistindo partidas de futebol e o produtor procura por humoristas assistindo a shows de humor. Foi após um produtor assistir ao Clube da Comédia em São Paulo que Danilo Gentili, Rafinha Bastos e Oscar Filho foram chamados para o teste de elenco do programa *CQC*. A MTV adotou o mesmo plano e foi assim que encontrou Dani Calabresa, Fábio Rabin, Paulinho Serra e Marcelo Adnet. A atriz Katuscia Canoro, que fez muito sucesso com a personagem Lady Kate no programa *Zorra total*, foi descoberta após entrar em cartaz no Rio de Janeiro. Diogo Portugal ficou uns sete anos em cartaz em Curitiba sem receber propostas e após sua primeira temporada no Rio de Janeiro também foi chamado para o mesmo programa.

Quer dizer que se eu não estiver em São Paulo ou no Rio tenho menos chances de ser descoberto? Infelizmente sim. Fazer shows no Tocantins não o ajudará a ser descoberto por alguém. As emissoras de TV estão todas em São Paulo e uma ou outra no Rio de Janeiro, portanto, a vitrine para entrar na TV em âmbito nacional está concentrada nesses dois estados.

A presença física nos shows não é único meio à disposição dos produtores para descobrir novos talentos, pelo menos não desde a invenção da internet. Portanto, se você tem apenas um vídeo no YouTube e com péssima qualidade, suas chances de ser chamado são quase nulas. A internet é hoje uma grande ferramenta à disposição de todos. O grupo de improviso Os Barbixas conseguiu atingir um público enorme por meio do YouTube. Para isso eles estavam frequentemente colocando novos vídeos, todos com boa qualidade. Tenha bons vídeos na rede e com boas piadas. Outra dica é: evite temas que possam lhe trazer problemas. A primeira vez que fui participar do *Domingão do Faustão*, fiz um texto falando sobre a Xuxa. Veja o texto que apresentei para os produtores:

Vai voltar o *Programa da Xuxa*. O que eu acho ruim dela continuar trabalhando com criança é que o público antigo da Xuxa cresceu... Ela tinha que lançar coisas pra essas pessoas. Um CD: 'Xuxa só para velhinhos'. [Em seguida fiz paródias de músicas clássicas da Xuxa:]

A de artrose, B de bronquite, C de convulsão

Tá com a pele enrugada ai ai

Autoestima lá embaixo ai ai

Faz a cirurgia do estica e puxa

A cirurgia da Xuxa. (Léo Lins)

Quando mostrei esse texto, uma produtora não gostou das piadas falando da Xuxa e quis vetá-las. Minha sorte é que os outros dois produtores estavam do meu lado e entenderam que eu estava falando do público e não da Xuxa. Porém, a versão original da piada não era essa, veja:

O que era o programa da Xuxa?! Um programa infantil e a apresentadora chegava saindo de uma nave... O que é isso? Um ET veio brincar com você? E o pior, pra ajudar a animar as crianças ela trazia uma praga e a dengue! Se tivesse mais um palhaço ia ser o quê? A lepra?! 'Joga a mão pro alto criançaada...' O programa não devia ser o *Xou da Xuxa*, devia ser o *Show do Apocalipse*.

Não é à toa que diziam que, se você rodar o disco dela ao contrário, ouvia a voz do demônio. E quem quiser testar pode tanto rodar o da Xuxa ao contrário e ouvir o demônio como o da banda Calypso ao contrário e ouvir a Xuxa.

E no final do programa ela levava uma criança na nave... ela abduzia a criança. Pra sempre! Alguém aqui conhece um adulto que quando era criança entrou na nave da Xuxa? Já viu comunidade 'Eu fui na nave da Xuxa'?!

Dizem também que ela é criança, que ela tem voz de criança, cabelo de criança. Eu ouvi falar que a Xuxa tem até dente de leite! Só se for em pó.

E agora vai voltar o programa dela... A Xuxa continua trabalhando com criança, ela quer ser o quê? A bisavó dos baixinhos?! Fico pensando os próximos filmes dela: *Xuxa e Sérgio Mallandro em bodas de cristal*, *Superxuxa contra o alto colesterol*. Já penso o CD da Xuxa daqui a vinte anos: 'Xuxa só para velhinhos'. A de artrose, B de bronquite, C de convulsão...
(Léo Lins)

Quase coloquei um vídeo com essas piadas no YouTube. Se tivesse feito isso, talvez não fosse chamado para ir ao programa. Portanto, cuidado com o que você está falando. O humorista Ronald Rios fez um vídeo em que falava que não gostava do *CQC*. Anos depois, foi trabalhar como repórter nesse programa. Por sorte dele, os diretores da produtora responsável pelo programa não se importaram com o vídeo, que inclusive foi exibido pelo próprio *CQC* no dia que Ronald foi anunciado como novo repórter.

Outra porta para entrar na televisão é aberta com a chave da indicação. Por isso é sempre importante ter contatos e um bom relacionamento com colegas de trabalho. Mas lembre-se de que o mais importante é o talento e a dedicação. A indicação pode lhe abrir uma porta, mas entrar e não ser expulso dependerá somente de você. Meu primeiro contrato na TV foi como redator do programa *Legendários*, na Rede Record. Lembro que alguns integrantes do elenco foram selecionados por Marcos Mion pelos critérios amizade e afinidade. Quando começaram as gravações houve reclamação que alguns não estavam rendendo em frente às câmeras. Por isso é importante fazer testes. Quando Danilo Gentili estava idealizando seu programa *Agora é tarde*, ele me indicou para fazer testes, apesar da nossa amizade. Eu já indiquei várias pessoas para cargos na TV, mas sempre pessoas que acreditava serem adequadas para o cargo em questão. Isso mostra que não tem segredo para estar na TV e, conseqüentemente, crescer profissionalmente. Basta se esforçar, escrever boas piadas, fazer um bom trabalho e se apresentar em alguma "vitrine" que, eventualmente, alguém o(a) verá e o(a) convidará ou indicará para um programa.

Caminho mais curto

Nem todas as portas para o mundo televisivo são tão estreitas. Quanto menor o alcance, mais larga é a entrada. Todos os passos descritos anteriormente para conquistar um lugar ao sol em rede nacional se aplicam para obter um espaço não tão ensolarado em um programa regional. E se havia um lado ruim de estar fazendo shows no Tocantins, chegou a hora de colher os frutos por estar desbravando um território. A concorrência fora das vitrines do Rio e de São Paulo é menor. Programas regionais exibem atrações regionais, logo, não será tão difícil cederem alguns minutos para um humorista conterrâneo. Foi assim que o grupo Em Pé na Rede, de Belém do Pará, conseguiu um espaço na TV local. Os exemplos são

inúmeros, Diogo Portugal em Curitiba, Murilo Gun em Recife, Paulo Vieira em Palmas.

Trabalhar em uma emissora regional é uma ótima fase de aprendizado. O primeiro roteiro que escrevi para TV foi em 2008, para a RPC, filial da Rede Globo no Paraná. Pense nesse tipo de trabalho como estágio para chegar à multinacional. Embora os seus acertos não proporcionem a mesma glória da rede nacional, seus erros também não vão gerar as mesmas críticas.

O mercado está expandindo cada vez mais, canais a cabo, programas de rádio, programas na web. Comediante é uma profissão em alta no momento. E para uma profissão que não tem a pressão de um vestibular, quatro anos de faculdade, tem boa remuneração e trabalho em horários alternativos, vale a pena se esforçar.

Julho de 2008

ABC do MC

O apresentador deve levantar quem ele chama e ser o responsável pelo espetáculo como um todo.

Todo mundo deve ser mestre de cerimônias pelo menos uma vez. O MC tem uma função muito importante: dar o tom do espetáculo. É como se ele fosse um maestro regendo as risadas da plateia, utilizando as piadas como batutas. Enquanto cada humorista vai subir ao palco uma única vez, o MC abre o show e faz a costura após cada um deles. Como primeiro a subir no palco, ele é o contato inicial da plateia com o espetáculo. Logo, é sua responsabilidade aquecer os espectadores, arrancar as primeiras risadas e preparar o público para receber o próximo comediante. Não é recomendável que o MC abra o show com muitas piadas sujas e termos chulos, a

não ser que todo o show seja nesse tom. Diferentemente de cada comediante, o MC não pode subir ao palco tendo como preocupação apenas sua apresentação. Pensar em si e não no espetáculo como um todo é um luxo ao qual o mestre de cerimônias não deve se permitir. Caso decida iniciar o espetáculo com seu melhor *set* de piadas sobre sexo, o próximo comediante a subir ao palco pode ter dificuldades ao dizer suas observações sobre supermercado.

Ser o mestre de cerimônias pode ser uma função um tanto quanto ingrata, ele é o responsável por dar o passe para o outro comediante marcar o gol e receber os gritos da plateia. Isso não significa que o MC não possa brilhar e sim apenas que essa não deve ser sua única preocupação. Ele não tem que ser ovacionado em cada entrada no palco. Aliás, pelo contrário, tem que pegar a plateia deixada pelo último comediante e prepará-la para o próximo. Se o último humorista fez o público perder o fôlego de tanto rir, cabe ao mestre de cerimônias baixar esse estado de excitação para que o espetáculo siga de forma harmônica. Da mesma forma, se o último humorista fez a plateia hibernar cabe ao MC remover o público desse estado de torpor. Sua intervenção entre cada humorista deve ser breve e pontual. Ele precisa estar atento ao espetáculo, pois quando retorna ao palco é preferível que faça uma piada sobre um tópico que foi abordado pelo último humorista em vez de simplesmente subir e falar do que quiser. Isso auxilia a dar unidade ao show , assim como um amálgama é a fusão de pedaços aleatórios. Vamos supor que a última piada de um comediante que estava no palco seja a seguinte:

Fui ao Projeto Tamar e me disseram para comprar umas camisetas para ajudar a vida das tartarugas. Pelo preço das camisetas, eu vou, sim, ajudar a vida das tartarugas... Pelo menos duas delas vão fazer PUC! (Victor Camejo)

Quando o MC retornar seria interessante fazer alguma piada sobre um dos temas citados pelo comediante que estava no palco. O melhor é utilizar os temas que foram abordados por último ou o

assunto predominante na apresentação, caso tenha existido um. Tendo como base a última piada, o MC poderia falar sobre projeto Tamar ou outro projeto, tartarugas, coisas caras, PUC.

MC: Essas camisetas são caras mesmo, já estive por lá... e pior é que o vendedor faz de tudo pra te empurrar elas. Também! A comissão de venda por uma camiseta já garante as férias dele na Europa. Vendedor de loja é muito chato...

Uma vez fui comprar uma calça e pedi número 42 e o cara falou: 'A gente só tem 40, mas a nossa modelagem é grande e o 40 equivale ao 42'. Como assim?! Não, é um número?! Como que um número equivale a outro número?! Mas eu comprei. A calça era sessenta reais, eu paguei com uma nota de cinquenta. O vendedor disse: 'Mas aqui só tem cinquenta reais?'. Eu respondi: 'É que a modelagem da minha nota é grande e o cinquenta equivale ao sessenta'. (Claudio Torres Gonzaga)

A piada de Claudio Torres pode se encaixar perfeitamente após a piada de Victor Camejo sobre o Projeto Tamar. Perceba que antes de entrar na piada do Claudio sobre a compra de uma calça, escrevi uma de improviso sobre o alto preço da camisa do Projeto Tamar e o comportamento do vendedor. Essa piada tornou a transição de assuntos suave.

**Tópicos presentes na piada de Victor Camejo:
camisa cara, Projeto Tamar, tartarugas, PUC**



**Piada improvisada:
vendedor de camisa do projeto Tamar**

↓

Tópicos presentes nas piadas de Claudio Torres: vendedores chatos, números, dinheiro

É importante para o MC estar atento à possibilidade de piadas improvisadas, pois além de aumentar seu repertório pode suavizar a transição entre um comediante e outro. Entretanto, isso não é uma regra inquebrável. Não se preocupe se o último humorista falou sobre tribos encolhedoras de cabeças e pessoas que nascem com membros a mais pelo corpo e você não tem piadas semelhantes a isso. Esse fato aconteceu em uma de minhas apresentações no grupo Comédia em Pé. Sempre gostei de temas esdrúxulos, e o Claudio Torres Gonzaga, MC do grupo, dizia que achar uma ligação com os meus temas era sempre o mais difícil. É permissível subir ao palco e fazer uma piada sem ligação com os tópicos do último comediante. Mas ignorar o que todos os humoristas estão falando pode comprometer a unidade do espetáculo e mostrar deficiência nas habilidades como mestre de cerimônias.

Agosto de 2008

Concursos de humor

Com o crescimento do stand-up, diversos programas de várias emissoras de TV organizaram concursos de humor. Foram disputas individuais, em grupo, concursos exclusivamente de stand-up, outros englobando personagens, contadores de piada, improviso. Empresários e artistas também abriram o olho para os novos talentos, foi o caso do Risadaria, um dos maiores eventos de humor da América Latina, que também organizou um campeonato de stand-up.

Cada concurso tem um critério, e a cruel verdade é que nenhum deles é justo. Seja com júri, votação na internet, sorteio, qualquer método tem sua falha. Vamos supor que após um show com quatro humoristas você pergunte para todos os espectadores de qual eles mais gostaram. Será quase impossível todos falarem o mesmo. Pode ser que 50% tenham gostado mais do A, 30% do B, 18% do C e 2% do D. Agora imagine que nessa mesma noite houve um campeonato e três jurados eram os responsáveis por indicar o campeão. Apesar de a chance ser pequena, pode ser que dois dos jurados pertençam aos 2% que gostaram mais do comediante D. Matematicamente falando, 98% das pessoas vão discordar da opinião do júri e falar que o concurso foi roubado. No entanto, não houve trapaça, um infortúnio do destino condenou à derrota o humorista que agradou a maioria da plateia e o puro acaso deu as glórias da vitória ao candidato mais improvável.

Um júri técnico pode reduzir a chance de o acaso influenciar o resultado final. Mas também será passível de falhas. Veja, por exemplo, os desfiles das escolas de samba. Inúmeras vezes a escola que mais empolgou a avenida não foi a vencedora. Isso porque um pedaço do figurino da porta bandeira descolou e a comissão de frente não estava sincronizada no momento que passou à frente de um jurado. No voto popular a escola venceu, mas na opinião técnica ela teve que amargurar o quarto lugar. Isso é justo?

Alguns concursos colocam como jurados pessoas que nunca fizeram stand-up ou indivíduos que nem possuem ligação com humor. É justo em um concurso de stand-up o vencedor ter piadas copiadas de um comediante estrangeiro? Não. Mas como um júri de leigos vai saber quem é o autor de uma piada?

A votação por telefone ou internet também apresenta falhas. Diversas pessoas pagam outras para votar repetidas vezes. Logo, não vai ganhar quem tem mais piadas e sim quem tem mais dinheiro ou mais contatos.

Portanto, quando tiver a oportunidade de entrar em um concurso, a primeira coisa que deve pensar é se valerá a pena. Como será o concurso? Qual será o prêmio? Quais serão os critérios de julgamento? Qual o grau de exposição?

No ano de 2012, o *Domingão do Faustão* organizou uma disputa de humor chamada "Jogo da comédia", na qual cada um dos participantes deveria fazer um número de stand-up, um esquete com personagem e um número de imitação. A exposição era grande, afinal o programa tem muita audiência e o prêmio era um carro zero quilômetro. Dois amigos meus entraram no concurso e foram massacrados pelo júri. Infelizmente as críticas tinham fundamento, afinal, nenhum dos dois tinha experiência nos três estilos que foram pedidos. Eu nunca entraria em um concurso em que tivesse que fazer um personagem, pelo mesmo motivo que nunca entraria em um concurso de ventriloquismo. Simplesmente nunca fiz isso. Não deixe a oportunidade de aparecer na TV ou ganhar um carro subir à sua cabeça, analise os riscos e calcule se vale a pena.

"Quem chega lá"

Entrei em apenas um concurso de humor, o primeiro "Quem chega lá", realizado em 2008 no *Domingão do Faustão*. Na época tinha cerca de dois anos e meio de carreira e nunca tinha ido à TV em rede nacional. Não tinha nada a perder. Na pior das hipóteses voltaria para o bar onde estava me apresentando e seguiria com os shows.

Esse concurso tem uma história curiosa. Em 2007 a Rede Globo já havia pensado em aproveitar os novos nomes do humor que estavam aparecendo por meio da comédia stand-up. Certo dia um amigo meu, Fábio Silvestre, conseguiu um contato na emissora e soube que estavam pedindo material de humoristas. Fiz um DVD com trechos de show e enviei para a Rede Globo. Mais de um ano depois tocou meu telefone e era a produção do Faustão perguntando se eu teria interesse em participar de um concurso de stand-up. Fiquei nervoso e eufórico quando atendi ao telefone, ao mesmo tempo que estava preocupado em aceitar, sabia que era uma oportunidade inegável.

Cerca de um mês após o telefonema o concurso teve início. O que nenhum telespectador sabia, e na época nós competidores também não, é que a competição começou em caráter experimental, assim como muitos quadros de televisão. Pelo que fiquei sabendo, o próprio Faustão não estava muito a favor de levar humoristas desconhecidos em um programa ao vivo, correndo o risco de falarem alguma besteira para todo o Brasil. Como o futuro do concurso era obscuro, nunca divulgaram um prêmio nem como seriam as outras etapas. Caso o quadro não desse certo ele seria encerrado e substituído por outra atração, assim como ocorreu com o “Jogo da comédia” em 2012.

Na primeira semana apenas um de quatro humoristas atingiu o objetivo do concurso: fazer um aparelho que teoricamente media as risadas da plateia atingir o seu nível máximo por quatro vezes. Na segunda semana apenas dois e na terceira semana apenas eu... O quadro estava sendo um sucesso no Ibope e, por isso, a direção resolveu estendê-lo. Para isso precisariam de mais comediantes, o que acarretou mudanças na competição. A ideia inicial era um concurso de stand-up, mas não havia tantos humoristas para participar e antes mesmo de iniciar decidiram incluir os personagens. Quando viram que seria necessário estender, abriram espaço para contadores de piada. Dessa forma só com cearenses seria possível fazer o quadro durar um ano sem repetir humoristas.

Outro problema é que não poderia apenas um ou dois competidores se classificarem a cada semana, e, a partir da quinta semana, pelo menos três de cada quatro competidores estavam superando o tal risômetro. Ou seja, alguém que foi reprovado na segunda semana provavelmente seria aprovado um mês depois contando as mesmas piadas.

Todos os humoristas classificados (e que “coincidentemente” foi um número divisível por quatro para que na próxima etapa continuassem quatro participantes por domingo) foram supostamente aprovados para a final. Como o quadro já estava tendo o maior Ibope do programa, não poderia ter um ganhador tão cedo, e resolveram estender ainda mais. Os vencedores dessa etapa final foram classificados para adivinha o quê? Outra etapa final. E

depois foram para mais uma final. E, no fim de tudo isso, o grande vencedor ganhou o incrível prêmio de um troféu.

No meio disso, um amigo meu que foi eliminado passou por uma repescagem feita única e exclusivamente para ele voltar para o quadro, mas claro que isso não foi divulgado. Como eu disse, justiça não é algo muito comum em concursos. Por isso repito, pondere os prós e contras antes de entrar em uma competição. Para mim valeu muito a pena, tive minhas primeiras experiências na TV, fiquei participando de um programa com grande audiência durante alguns meses, fechei alguns eventos, consegui vencer o risômetro nas três vezes que fui e perdi apenas em votos na internet para o ganhador do concurso. Um saldo extremamente positivo.

Estratégia para concursos

A opinião dos outros é muito relativa. Acima de tudo, você deve ouvir seus instintos. Alguns amigos comediantes me recomendaram não contar certas piadas no concurso. Segui minha intuição, contei as piadas e funcionaram muito bem. Para a próxima vez é só me preparar como fiz agora, selecionar bem os assuntos e ir tranquilo e confiante, com a estratégia pronta.

Você avaliou os riscos e decidiu entrar em um concurso, a primeira coisa agora é: quais são as regras do concurso? Quando participei do “Quem chega lá”, a regra era: o comediante tem dois minutos para se apresentar enquanto o risômetro mede as risadas da plateia. Quando o aparelho atinge o ápice, o competidor ganha mais trinta segundos. Ao ganhar quatro vezes os trinta segundos, totalizando quatro minutos de apresentação, ele está classificado para a final.

Montei minha estratégia com base nessa regra. Primeiro peguei meu material e separei todas as piadas que poderia fazer no programa. Em seguida selecionei todas que eu acreditava que poderiam me fazer ganhar os trinta segundos. Afinal de contas, não bastava a piada ser boa e a plateia estar rindo. O importante era

atingir o ápice do tal risômetro, no menor tempo possível. Eu precisava de piadas curtas, visuais e de simples entendimento. Calculei o tempo de cada uma e montei minha sequência. Mas, antes disso, examinei também a performance dos outros competidores. Anotei em que momento eles ganharam os trinta segundos e com qual piada conseguiram isso. Mediante essa análise, obtive informações preciosas.

Ninguém fez o tal aparelho bater no topo nos primeiros 25 segundos, ou seja, não valia a pena abrir a apresentação com uma piada muito forte, era melhor abrir com uma piada boa e somente então fazer a forte. Percebi também que logo após o risômetro subir ao máximo, demorava cerca de dez segundos para ele subir de novo. Independentemente do volume de risadas alcançado, ou seja, após uma piada que poderia me dar um dos trinta segundos, eu devia ter um *punch line* mais fraco para só depois disparar os outros mais fortes. Investigando as piadas que fizeram o risômetro subir, percebi que aquelas com musiquinha, alguma dança ou algo gestual tinham mais probabilidade de ganhar os trinta segundos. Com todas essas informações em mãos preparei minha sequência de piadas e as ensaiei cronometrando o tempo.

Quando for entrar em um campeonato, procure obter o máximo de informação possível. Se não for a primeira edição, veja quem venceu as anteriores e tente detectar por que eles venceram. Veja o que os demais competidores fizeram. Quanto mais informação tiver, mais preparado pode ficar. Por exemplo, se vai participar de um concurso no qual os jurados são comediantes stand-up é melhor ter piadas bem escritas e evitar estereótipos.

Baiano é tão preguiçoso que paga promessa em escada rolante. (Anônimo)

Eu tinha três sonhos: ser comediante, ficar rico e dar a bunda. Mentira, nunca quis ficar rico.[8](#)

Piadas como essas podem entreter uma plateia, mas não vão impressionar um júri profissional. Se for participar de um concurso em que a plateia decide o ganhador, tente descobrir de onde é a plateia, se ela é mais masculina ou feminina, qual a média de idade. A resposta a essas perguntas o ajudará a selecionar as piadas mais adequadas. Portanto, a regra para ter sucesso em um concurso de humor é a mesma para ter sucesso em um concurso público: preparo e estudo. (Ou trapaça e contatos.)

Calma, não se irrite

Ao entrar em um concurso, lembre-se: ele não é justo. Então não adianta reclamar da falta de critério ou que determinado competidor está sendo beneficiado. Como disse antes, na competição do Faustão mudaram a regra para colocar um humorista de volta, aprovaram um garoto de 14 anos só porque seria legal ter um adolescente no concurso, algumas pessoas ganharam duas cápsulas de trinta segundos em vez de uma por algum erro no aparelho.

Todos os concursos são assim. O programa da Ana Hickmann organizou algumas competições de humor, e uma delas gerou repercussão até nas redes sociais tamanha foi a desonestidade. Segundo alguns dos participantes, começaram a alterar notas dos jurados para beneficiar quem eles queriam e reclamavam com a plateia quando ela votava em determinado grupo ou humorista. Um dos competidores, o comediante Dani Duncan, desistiu, pois estava sendo beneficiado no concurso e não achou isso justo. Uma nobre atitude que serve de lição pra muita gente.

Setembro de 2008

Stand-up na TV

Alguns programas não são tão apropriados para se fazer stand-up, pondere sobre os prós e contras antes de confirmar a participação.

Para uma apresentação de stand-up funcionar na TV não é tão simples. Uma vez fui participar do programa da Ana Hickmann como jurado de um concurso de imitadores. No mesmo programa eu faria alguns minutos de stand-up. A plateia chegou à Record às 10:30 horas para ver a gravação, provavelmente animada. A maioria devia estar vendo um estúdio de TV pela primeira vez, observando os artistas passarem pelos corredores etc. Mas a gravação do programa demorou muito; fui fazer o meu número de stand-up por volta das 23:00 horas. A animação da plateia já havia sido substituída pelo cansaço; a empolgação, pela fome; e a ansiedade de chegar ao programa, pela vontade de ir embora. Para piorar, o público ficava dividido e espalhado em um semicírculo, e o diretor pedia para falar olhando apenas para a câmera, ou seja, esquecendo a plateia. Sorte a minha que não era um campeonato e, antes de gravar meu número, tomei a iniciativa de falar com algumas pessoas da plateia: "Pessoal, sei que vocês estão cansados, mas me ajudem aí, vou contar umas piadas e... dá risada. Porque aí acaba logo a gravação e vocês podem ir embora!".

No programa *A praça é nossa* a plateia é composta de umas quarenta senhoras que ficam tricotando e, quando a responsável por regê-las ergue a mão, elas dão risada. Não se espante com isso, pois tal procedimento é mais comum do que parece. E, apesar de parecer uma situação desfavorável, o espaço e os cuidados com a apresentação de stand-up aqui proporcionavam resultado satisfatório na TV.

O melhor para o stand-up funcionar no ambiente televisivo é deixá-lo o mais próximo possível de um show no teatro. O comediante faz a apresentação e as câmeras mostram o humorista e em alguns momentos a plateia. Fazer stand-up em programas sem plateia compromete a apresentação, mas um comediante em princípio de carreira pode passar por isso. Sempre que fui a programas com esse formato e requisitavam um número, eu dizia que ia fazer as piadas durante a conversa, pois assim seria melhor. É

preciso zelar pela sua imagem, portanto, pondere os aspectos positivos e negativos antes de aceitar participar de um programa.

Censura

Na TV vale ainda mais a regra: na dúvida, não faça. Quando falei que ia mostrar uma piada que estava na dúvida, o Willem já cortou e falou pra não fazer. Se eu estava na dúvida é porque já poderia dar problema.

Na televisão as correntes da censura estão fortemente atadas ao redor das piadas, enquanto no palco um dos poucos cadeados é o do bom-senso. O teatro é a sua casa, logo, regido por suas regras. A televisão é um portal que lhe permite adentrar o lar do espectador. Conseqüentemente o deixa sob a jurisdição desse portal. Na maioria dos programas você não vai poder falar: palavrão, marcas de produtos ou empresas, sobre artistas, sobre determinados políticos, sobre programas ou artistas de emissoras concorrentes, denegrir programas ou artistas da emissora em que está.

Quando for participar de um programa não selecione piadas que corram o risco de arrebentar as correntes da censura. Dificilmente um programa de TV permitirá piadas como estas:

A Dilma disse que é a mãe do brasileiro. Nem fodendo... A Dilma nunca ia ser minha mãe... talvez meu pai. E se ela fosse minha mãe eu ia morrer cedo, porque nunca ia chupar aquelas tetas. (Danilo Gentili)

Por que fizeram o Minibis? Quem achou que o Bis era grande?!
Fizeram uma pesquisa de mercado pra isso? 'O que você acha

do Bis?’ ‘Pra mim ele é muito grande, vem muito chocolate...’
Quem acha isso? Um anão diabético? (Léo Lins)

Uma vez estava comendo uma gorda. Porra, parecia que estava arrastando uma cômoda. (Marcio Ribeiro)

O Silvio Santos é maconheiro. Ele se entrega, repara só quando ele tá vendo as pegadinhas, ele fica ‘Ma há há há aaaaee há há’, mas é ‘bem bolado’, é ‘bem bolado’. (Rogério Morgado)

Ninguém gosta de café e ele tá sempre associado com momentos ruins. Vem a conta na mesa, o que servem junto? Café. O cara que não é bom na brincadeira é o quê? Café com leite. Qual bombom que sobra na caixa? Café. Moral da história, qual a pior bebida que existe? Dolly uva. (Mauricio Meirelles)

Cuidado para não se restringir demais. Lembro-me de uma conversa com o Ricardo Pipo, do grupo Os Melhores do Mundo. Durante um tempo ele foi redator do *Zorra total* e disse que, ao mandar um texto para aprovação, já colocava algumas piadas mais fortes que sabia que seriam cortadas. A função dessas piadas era servir ao que popularmente chamamos de “boi de piranha”, aquele boi que vai à frente e ao ser atacado pelas piranhas possibilita que o restante da boiada atravesse o rio. As piadas pesadas permitiam que as médias fossem aprovadas. Em uma de minhas participações no Faustão houve uma piada que os produtores aprovaram e depois que contei no ar me disseram que era melhor não ter feito. Como

não falaram nada durante a passagem do texto, fiquei isento de culpa. Eis a piada:

O Brasil tá muito mal na Olimpíada... Aí falam: 'Mas os atletas brasileiros não têm incentivo'. E os da Jamaica têm?! Eles tão com cinco medalhas de ouro... Qual o incentivo da Jamaica? Ouvir *reggae* e fumar maconha... (Léo Lins)

Apesar de saber que havia chance de vetarem a piada por falar de maconha, deixei que os responsáveis pelo quadro fizessem o julgamento. Não espere uma regra que faça sentido. Renato Tortorelli foi ao Jô Soares e o proibiram de falar a palavra "bunda". A cantora e dançarina de funk Mulher Melancia foi ao mesmo programa e não só falou em bunda, como a mostrou e rebolou. No Faustão não pude falar "dane-se", ou seja, no programa cujo apresentador tem o bordão "porra, brincadeira", o termo "dane-se" é pejorativo. "Dane-se" deriva da palavra "danar", que nada mais é que ficar bravo ou zangado, mas talvez tenha um significado mais pesado em algum dicionário.

No programa *Agora é tarde* a liberdade é muito maior que em diversos outros, pois o apresentador Danilo Gentili é um comediante stand-up e luta em prol dessa liberdade. É permitido falar de artistas, programas da própria emissora e das concorrentes e até citar marcas de produtos e empresas desde que não seja denegrindo (afinal de contas, seria propaganda negativa) ou enaltecendo (pois seria *merchandising* de graça). Veja a seguir algumas piadas que já foram feitas no programa:

Jornal do futuro: Briga entre humanos e robôs termina com dois feridos e um formatado. A briga aconteceu em um estúdio de TV. Um dos robôs responsável por filmar, gravar e fotografar

se irritou ao ser chamado de Tec Pix. Os robôs têm reclamado de *bullying*, eles não querem mais ser chamados de cinza. O termo correto agora é aço descendente. (Léo Lins)

O Luiz Caldas, que cantava axé, virou cantor *heavy metal*... Já pensou se outros cantores fizeram isso? Ivete Sangalo comendo morcego... Claudia Leitte... imitando ela. Roberto Carlos tira a perna de pau e quebra no palco... joga as farpas pra plateia... (Léo Lins)

O Belo na festa fantasiado de vampiro. Quando ele chegou com a cara branca e olhos fundos não sabiam se era fantasia ou cocaína. (Murilo Couto)

Tem mulher que reclama de celulite. Eu não sabia o que era isso e uma amiga me explicou. Celulite é um buraco na bunda. Buraco na bunda pra mim é cu. (Murilo Couto)

Pode isso?

Outra dica: em TV, se você perguntar "Essa calça tem problema por causa da marca aqui na lateral?", vão falar que tem. Se não perguntar nada, não vão falar nada.

A televisão tem uma regra informal: se você perguntar, não vai poder. Isso se aplica a tudo:

— Posso usar essa calça? Tem o logo do fabricante, mas é bem pequeno.

— Não.

— Posso fazer essa piada?

— Não.

— Posso participar de um programa de rádio?

— Não.

— Posso isso?

— Não.

... Não

... Não

... Não

Sabendo disso, o que muitos artistas fazem? Não perguntam. Roupas e acessórios podem ser um problema. Alguns programas oferecem um figurino caso o artista precise ou julguem necessário. Você deve evitar roupas com uma logomarca ou nome de empresa. Camisas escritas Nike, Adidas ou mesmo com um pequeno jacaré não poderão ser usadas. Um programa não me deixou usar uma blusa da Slazenger, marca que nem é comercializada no Brasil, simplesmente porque o logo parecia com a da marca Puma.

Mas toda regra pode ser burlada, para isso algumas pessoas trocam a etiqueta da roupa. Vamos supor que sua camisa é da marca MIC e na frente da camisa está escrito MIC. Ao substituir a etiqueta da camisa por outra com um nome fictício como Urbanic, cria-se a ilusão de que a marca da roupa é Urbanic e o tal escrito MIC é uma grafia aleatória, e na verdade é exatamente o contrário. Engenhoso, não?! Pessoas que fazem isso oferecem dinheiro para os artistas usarem suas roupas na TV. Caso tenha essa oportunidade, cabe a você julgar se quer ou não. Eu recusei a proposta quando estava no Faustão, pois queria ir com camisas lisas por uma questão de preferência e, por que não dizer, um pouco de superstição.

Em outra ocasião fui gravar o programa *É tudo improvisado* e em meu casaco estava escrito Everlast. É uma marca conhecida, mas o escrito era discreto e como já tinha aprendido a regra da TV, fiquei quieto. Apenas mostrei o casaco para a figurinista e ninguém falou nada. Eu faria duas entradas de stand-up. Após a primeira eles

falaram que a marca estava dando leitura na TV. Perguntei se teria que refazer o texto e disseram que era possível aplicar um efeito de borrado para ocultar a marca, do contrário não seria possível usar aquelas imagens. No final, as piadas foram ao ar, não tive que refazer nem borrar. Mas, se eu tivesse perguntado antes de gravar, iriam falar para ir sem o casaco.

Com piadas é a mesma coisa. Quando fui ao Jô Soares, diferentemente do Faustão, não estava em um concurso, eu era convidado do programa. Logo, não foi necessário passar o texto para ser avaliado. Eles contam com o seu bom-senso. Para não ter problemas, decidi perguntar ao Willem, o diretor do programa, se poderia utilizar a palavra Harry Focker em um texto sobre filmes pornô. Quando eu falei:

— Tem uma piada que eu queria ver se pode falar...

Antes de acabar a frase o Willem intercedeu e disse:

— Melhor não... Se você já está perguntando é porque pode ter problema. Tem outra?

— Tenho.

— Então faz ela.

Quando você tem contrato com uma emissora e recebe convite para participar de outro programa, deve pedir autorização. Mas o que acontece diversas vezes? Negam. O *Programa do Ratinho* convidou a mim e ao Murilo Couto por duas vezes e a Band negou nossa participação. O VH1 me chamou para o programa de stand-up que seria uma pré-estreia do Comedy Central no Brasil e a Band disse não. O *Pânico* (antes de estar na Band) fez um convite para que eu fosse entrevistado na rádio e a Band não disse nada, porque eu fui sem falar. Fiz isso, pois nem era um programa de TV. Quando era redator na Rede Record, mesmo sem trabalhar em frente às câmeras, tive que pedir autorização para participar da *Praça é nossa*, no SBT.

A moral da história é que você não deve pedir autorização para tudo nem fazer qualquer coisa sem pedir, o bom-senso deve prevalecer. Usar uma roupa com uma marca discreta não tem problema. Fazer piadas sobre o estado de saúde terminal de um cantor não é aconselhável.

Outubro de 2008

Objetivo

OBJETIVO: Fazer um bom show e ganhar tempo para preparar uma entrada nova.

OBJETIVO: Fazer a entrada nova, mas garantindo uma boa apresentação.

OBJETIVO: Testar piadas novas.

OBJETIVO: Testar as piadas da barata no começo e ver se não ficam muitas piadas de inseto juntas. Tentar arrumar a ordem dessas piadas.

Já dizia um velho ditado que na vida devemos ter um objetivo e, por que não dizer, nos palcos também. Estabelecer um objetivo pode contribuir muito para o desenvolvimento de um comediante. No começo da carreira a preocupação é fazer a plateia rir, mas muitos ficam presos a esse único objetivo de realizar um bom show. Ao testar piadas novas dificilmente o show será tão bom quanto ao utilizar os *punch lines* que já arrancaram várias risadas. E eis a grande contribuição do objetivo. Vamos supor que subi ao palco com a meta de testar piadas novas, mas em vez disso recorri a piadas que foram lapidadas ao longo de anos e fiz um excelente show. Apesar do sucesso da apresentação, não atingi meu objetivo. No show seguinte, fiz as piadas novas, porém, algumas delas ainda necessitam de ajustes e minha apresentação foi razoável. Independentemente do grau de sucesso, atingi meu objetivo: testar as piadas novas. O objetivo de um show pode ser o mais variado possível. Vejamos:

Objetivo: fazer a entrada nova, garantindo uma boa apresentação.

Nesse caso tenho uma entrada com piadas que ainda são novatas nos palcos de humor e pretendo fazer toda a apresentação utilizando-as. No entanto, quero garantir um bom show, ou seja, se em algum momento o ritmo da apresentação diminuir, vou retirá-las de palco e recorrer a piadas veteranas. Veja outro objetivo:

Objetivo: fazer um bom show e ganhar tempo para preparar uma entrada nova.

Simplesmente subir ao palco e tentar fazer uma ótima apresentação. Mas fiz isso, pois ainda não havia conseguido terminar de escrever um novo *set* de piadas que gostaria de colocar em prática. Em vez de levar para o palco essas piadas em estado bruto, optei por fazer um show bom e adiar a estreia das novas piadas. Repare que mesmo o simples objetivo de subir no palco para fazer uma ótima apresentação pode ter uma motivação em segundo plano. Quando participei do *Programa do Jô* com o grupo Comédia em Pé em 2008, conseguimos atrair um grande público para o teatro. Como diversas daquelas pessoas estavam ali por terem nos visto na TV e o teatro estava lotado, optei por fazer um show só com *punch lines* certos para corresponder à expectativa de parte do público.

O seu objetivo pode ser em relação a todo o show ou apenas a uma parte dele. Posso ter como meta testar uma única piada ou mesmo uma ordem diferente entre as piadas. Pode ser que minha intenção no próximo show seja desenvolver minha capacidade de improviso com a plateia ou simplesmente subir e arrasar no show. O importante é estabelecer um objetivo e após a jornada de trabalho ter batido a meta.

A medida

Nunca vou esquecer quando o Chico me chamou depois do show e falou: "Léo... está de parabéns, você foi na medida. O difícil no humor é acertar a medida, você não foi nem a mais nem a menos, foi muito bom".

Essa apresentação para mim foi em clima de festa. Dividir o palco com Chico Anysio sem dúvida alguma será inesquecível.

(8/10/2008)

Uma apresentação de humor pode ser comparada com o preparo de um prato. Para uma deliciosa refeição o chefe de cozinha precisa equilibrar os temperos, colocar a quantidade certa de sal, deixar a carne no forno pelo tempo ideal para acertar o ponto. Qualquer erro na dosagem de um ingrediente pode alterar o resultado final. Uma apresentação de humor precisa dos mesmos cuidados. O comediante tem vários ingredientes para montar seu prato:

Figuras de linguagem	Temas de piadas	Sentimentos	Outros fatores
Ironia	Casamento	Indignação	Tempo de show
Hipérbole	Banco	Surpresa	Interação
Símile	Pombos	Compaixão	Local
...

Uma série de piadas irônicas, todas sobre casamento, sempre com indignação, durante trinta minutos, é uma superdosagem de alguns ingredientes. Existem diversas combinações possíveis entre temas de piadas, distorções cômicas utilizadas no *punch line*, sentimentos possíveis a serem atribuídos, pontos de vista atrelados à premissa da piada. Talvez, justamente por essa enorme gama de misturas, seja difícil acertar a medida. Apenas testando as piadas no palco e ficando alerta à reação do público você consegue detectar o excesso

ou a falta de determinado ingrediente. Pode ser que um *set* esteja muito apimentado e precise de menos piadas sobre sexo, ou quem sabe o seu texto sobre cachorros esteja muito doce e precise de um pouco de indignação ou ironia.

O show começa antes de começar

Em conversa com Nelson Freitas, ele disse: "A música que antecede o espetáculo é muito importante. Um jazz é legal no stand-up porque tem essa coisa do improviso, de quebrar uma ordem natural..."

O casal A entra para assistir a um show e é recepcionado por um funcionário suado e mal-humorado. Ao se sentar, são forçados a mudar de lugar, pois uma das cadeiras está quebrada e, por fim, o ar-condicionado está muito forte. O casal B também vai assistir a uma peça. Chegando lá é atendido por um simpático funcionário e sentam-se em cadeiras confortáveis, enquanto aguardam o início do show. O comediante que se apresentar para a plateia contendo o casal A começa o show com penalidade -2. Já o que possui o casal B como espectador, tem bônus de +1.

Um bom show não depende apenas de um bom texto. Há diversos fatores que influenciam o resultado final de um espetáculo. A trilha sonora que toca durante a entrada do público é muito importante. Fiz um show em que colocaram uma música da Enya. Não tenho nada contra essa cantora e gosto das músicas dela, mas são mais apropriadas para uma sessão de meditação do que para um show de humor. Em outra ocasião colocaram um punk rock pesado. Confesso que observar uma senhora de 65 anos entrar no teatro em passos lentos com guitarras e baterias a todo vapor foi engraçado, mas não o mais apropriado.

Então, qual música colocar? Depende do tom do seu show e o público em questão. Imagine entrar para assistir uma peça espírita

ao som de Latino. O ator e comediante Paulo Carvalho é um grande conhecedor de músicas, portanto, nas apresentações do Comédia em Pé era o responsável pela sequência musical antes de o show iniciar. Eis algumas das músicas selecionadas por ele:

- Wild Cherry – *Play that funk music*
- Kool & The Gang – *Get down on it*
- James Brown – *Sex machine*

Alguns podem pensar: “Posso escolher a música que vai tocar, mas se o funcionário do teatro é mal-educado ou a cadeira estiver quebrada, o que posso fazer?”. Simples: reclame com o responsável do local. Se ele também for mal-educado e grosso, não se apresente lá. O estabelecimento deve estar apto a oferecer um bom serviço. O grupo de improviso Os Barbixas tem uma série de requisitos a serem atendidos para realizar o show. Eles fazem isso pensando na qualidade do espetáculo como um todo. Teatros sem estacionamento, em locais perigosos, com funcionários mal-preparados, acústica ruim, cadeiras desconfortáveis. Um ou todos esses itens prejudicam a apresentação. A experiência do público de ir ao show deve ser positiva desde a aquisição do ingresso até a volta para a casa.

Novembro de 2008

Quanto vale o riso

Acabei nem fazendo a entrada nova, pois falar de mitologia grega seria suicídio. Só fiz as piadas do pênis por causa da interação, foi nesse momento que os babacas do canto calaram a boca.

A plateia de hoje estava de uma forma nunca vista antes em relação a besteiras: cu, pênis, caralho... As outras piadas iam legal, mas era só colocar uma besteira, uma putaria, que eles iam ao delírio. E as piadas mais sutis ou mais elaboradas não funcionavam.

(5/2/2009)

Responda à questão: em um show devemos dar o que a plateia quer ou o que nós queremos dar?

Acredito que quem dita as regras é o comediante. Se pretendo fazer um texto sobre religião e temas polêmicos, vou investir nisso. O público pode estar favorável a piadas sujas e meu texto não atender a esse pré-requisito. Isso não é suficiente para me fazer mudar as piadas. O truque para ter sucesso em ditar as regras não é enfiar as suas piadas goela abaixo da plateia, independentemente de como eles estão reagindo. Se o público não está inclinado a gostar do tipo de piadas que selecionei, preciso criar esse interesse. É necessário fazer a plateia querer o que você tem para dar. O humorista e palhaço Hugo Possolo disse uma frase sábia: "Quem se curva demais diante do público acaba ficando de quatro para ele".

Em uma próxima vez que você sentir que o assunto está saturando, vá para outro tópico, não fique limitado, pensando: "Ah, resolvi fazer esse texto, então vou com ele até o fim". Não precisa disso.

(19/6/2008)

Não se deve esquecer que a função do comediante em um show é ser engraçado. Filósofos e pensadores podem divagar sobre o poder transformador das palavras e a conscientização do artista como comunicador para exercer um papel transformador na sociedade. Mas de nada adianta subir ao palco e fazer várias críticas construtivas ao sistema sem arrancar uma risada. Minha intenção

com uma piada é fazer rir. Se, além disso, conseguir fazer uma crítica, denunciar problemas na sociedade ou transmitir informações e cultura, melhor ainda.

Já falei antes que não se deve ficar sempre dando o que a plateia quer, isso o põe completamente em virtude deles. Há situações nas quais você pode dar o que eles querem pra conquistá-los e depois dar o que você quer, que eles nem vão perceber... Mas hoje deu pra ver que há casos em que eles simplesmente não vão aceitar (com isso quero dizer que a reação será visivelmente mais fraca). Nesse caso tem que dar o que querem e aproveitar a resposta que eles vão dar por estarem sendo correspondidos.

(5/2/2009)

Espaço, piada e tempo

Hoje, quando pego textos antigos, vejo que os faço em menos tempo em virtude de acabar falando mais solto, natural e ter eliminado aquela espera típica do iniciante pela risada. Percebi isso ao repassar textos que levavam 13 minutos e agora os faço em 11.

Na física aprendemos que tempo é igual ao espaço dividido pela velocidade. Na comédia stand-up podemos expressar o tempo de uma piada na seguinte fórmula:

Tempo da piada = texto/experiência em palco

Um comediante com apenas um ano de aprendizado contará um texto em determinado tempo. Já outro com cinco anos de

experiência entrega o mesmo texto em menos tempo. Sempre tive o costume de cronometrar as minhas piadas e ao longo dos anos pude perceber essa mudança. Quanto mais experiência, o mesmo texto ocupa menos espaço no tempo até estacionar a partir de determinado momento — caso contrário, humoristas como Bill Cosby contariam três piadas em um segundo. A mudança no tempo da piada ocorre em virtude da eliminação natural de pequenas hesitações e esperas desnecessárias. É um aprimoramento na performance obtido por meio de experiência.

Foi bom ter marcado o tempo das piadas, pude ver que a piada do filme Jogos mortais, que fazia em aproximadamente dois minutos e vinte segundos durou cerca de um minuto e cinquenta segundos.

(16/12/2008)

Acredito também que com o tempo ficamos mais exigentes e nosso ouvido não tolera reações mais fracas como no passado. Lembro-me do Oscar Filho falando que ficava quase um minuto fazendo uma piada na qual imitava um gato no cio e que, um ano depois, ela durava no máximo 15 segundos. A meu ver, uma das razões que explica isso é que, antes, ele tolerava risadas que um ano depois acreditava não serem fortes o suficiente para continuar com a piada.

Não tente acelerar suas piadas. A economia de tempo citada aqui é um processo mais natural e inconsciente do que artificial e consciente. Continue entregando o texto naturalmente e perceberá que, com o passar do tempo, ele fluirá melhor, como se as piadas estivessem mais aerodinâmicas.

Mudando de posição

É bom ver como piadas que sempre são feitas no começo de um texto se comportam no meio, ou piadas de final, no começo etc. Por

exemplo, a piada da consulta provocou uma reação excelente nesse show. A piada do par ou ímpar rola muito bem, inclusive posso usá-la para fechar sua entrada levando-a do começo para o final.

Tomei essa nota após levar para o final uma piada que costumava usar no princípio e ver que ela funcionou muito bem para fechar o *set*. Portanto, experimente diferentes posições entre suas piadas. É como se você fosse um técnico, e a piada, os jogadores. Coloque-as para jogar em diferentes posições. Pode ser que alterando a posição de uma piada ela ganhe força ou até mesmo proporcione um *callback*. Se a mudança não surtir nenhum efeito, simplesmente deixe-as na posição em que julgar melhor de acordo com o *set*.

A voz

Minha voz começou a falhar e, como o tempo estava apertado, quando fui sinalizado que faltavam três minutos e logo em seguida obtive palmas, optei por sair nela. Mesmo achando que a piada seguinte também fosse arrancar aplausos, fiquei com receio de ficar sem a voz no meio do caminho.

Como não sou fruto do teatro, confesso que no começo da carreira achava besteira e “coisa de ator” fazer aquecimento vocal antes de um show. Mudei de opinião quando minha voz decidiu sair do palco antes do meu corpo.

A voz do comediante é parte de seus instrumentos de trabalho, aliás, o principal deles, e por isso merece cuidados. Enquanto faz poucos shows por semana e a maioria deles em grupo, a chance de ter problemas na voz é menor. Com a progressão da sua carreira, os shows solo ficam mais frequentes. Falar por 15 minutos exige um esforço muito menor do que falar por 1 hora e 20 minutos. Se você tem dois shows solo para fazer, não é muito sábio no dia anterior ir a um jogo de futebol e gritar no estádio. Evite quaisquer coisas que possam prejudicar sua voz e faça exercícios de aquecimento vocal

antes das apresentações. E já que o melhor é prevenir, não espere os shows solo ou a primeira falha na voz para começar com os cuidados.

Conforme já disse, não sou ator nem cantor, por conta disso conheço poucos exercícios de aquecimento vocal. Mas, depois dos poucos que me ensinaram, nunca mais minha voz me abandonou. São três exercícios, um deles consiste em girar a língua à frente dos dentes, realizando movimentos circulares. Esse exercício é para articular melhor as palavras no momento do show. Outro exercício é simplesmente sibilar a língua produzindo um som semelhante ao de uma britadeira. Isso serve para aquecer as cordas vocais. Para outra atividade com o mesmo propósito, basta produzir um som de bolha estourando ao arrastar o lábio inferior contra o superior de dentro para fora.

Imagino que seja difícil compreender claramente esses exercícios sem nenhum desenho ou vídeo, mas espero ter obtido sucesso nessa tarefa.

Tenho procurado cuidar da voz com aquecimento vocal, mas desta vez fiquei gripado e não teve jeito, acabou afetando minha voz.

(15/11/2008)

Dezembro de 2008

Metamorfose ambulante

Observo as mudanças que aconteceram em mim e na galera ao longo de anos. No começo a maioria espera a risada e você é mais o

que pensa ser do que o que realmente é. Com o tempo você vai ficando mais o que você é.

Ao longo da carreira sofremos modificações. As mudanças podem ser desde os temas abordados e o comportamento no palco até as roupas utilizadas no show. Danilo Gentili, no começo da carreira, era inocente, tímido e um tanto caipira. Anos depois se tornou o repórter que enfrentava os políticos cobrando problemas da sociedade. O jeito caipira e tímido não fazia mais parte dele.

Murilo Couto fazia piadas sobre a novela *Malhação*, da qual participou, e tinha *punch lines* mais marcados. Anos depois começou a transitar para outro estilo, iniciava o show falando: “Eu faço cocô grande”. Fábio Porchat se apresentava sem tirar o microfone do pedestal, depois adquiriu como característica mover-se por todo o palco. Fiz meus primeiros shows de terno, depois fui para roupas esportivas. Apresentei-me no Faustão com uma calça de vinte reais e uma camisa de 15. Esse foi meu figurino de gala. Anos depois, substituí as calças da C&A e da Renner por Adidas e Armani. Não pela marca, mas pelo conforto e pela qualidade.

Bruno Motta ao longo dos anos adotou o blazer e um visual mais formal. Essa mudança no visual pode ser brusca, lembro-me de ver um vídeo da série de TV *Def comedy jam*, em que o comediante norte-americano Bernie Mac se apresentava com roupas rasgadas e pichadas. O mesmo cara, anos depois no filme *Original kings of comedy*, estava com um terno de luxo.

Ao longo da carreira também abandonei diversas piadas por achar que não eram mais condizentes com minha forma de pensar e agir. Veja esta, por exemplo:

Eu acho que cada um tem um dom pra uma coisa. Inclusive, outro dia vi uma reportagem falando que quando você é criança já dá sinais do que vai ser quando crescer. Comigo deu certo, sempre gostei de fazer as pessoas rirem. Preocupa a

infância de um proctologista... Que infância pervertida e doentia essa criança não teve?!

O trabalho que esses pais não tiveram? E a criança tem uma fase que enfia tudo na boca, imagine essa?! Imagina essa criança brincando com bonecos? [Abaixa, simulando brincar de bonecos.]

– Hahaha, você está acabado, Batman.

– Não, vocês é que estão... [Imita musiquinha do Super-Homem] Vamos pegá-los, Batman. Uaaa! Pof... *Rrrrr rrrr rrrr rrrr rrr!*

– O que é isso? [Vai girando o quadril]

– Parece uma nave gigante...

– Super-Homem, você será abduzido... [senta na frente do microfone, simulando se sentar em cima dele para abduzir o Super-Homem] (Léo Lins)

Aos 23 anos eu fazia essa piada e tinha boas reações. Com mais de trinta, ia me sentir um pouco ridículo fazendo-a. Pode ser que, aos 55 anos, volte a ficar engraçado. Não sabemos para onde o tempo nos levará, é importante estar aberto às mudanças. Não tente adotar um estilo de se vestir, falar ou contar piadas. O principal é deixar as mudanças, ou a ausência delas, acontecerem naturalmente.

Janeiro de 2009

A primeira impressão é a que fica

A plateia era boa! Mas parecia não inflamar, embora rissem bastante. Tinha programado uns seis minutos novos, mas acabou que iria fechar o show e o texto ainda não estava bem ensaiado. Portanto, decidi não fazer muitas das piadas para não ficar com uma má impressão.

Parece que o velho ditado exprime uma sabedoria antiga. A primeira impressão deixada por uma piada pode influenciar o futuro dela. Gargalhadas e aplausos vão lhe dar um *status* capaz de sobreviver a duas silenciosas derrotas nas próximas subidas ao palco. E leves risadas e fracas reações podem ser sua primeira e última aparição em público. Avalie a situação em que está colocando suas piadas novas. Plateias que riem de tudo não servem de parâmetro. Públicos pequenos e tímidos também não. Uma boa forma de mensurar piadas novas é avaliar a reação de uma piada velha para servir como referência.

	Reação que costuma ter	Reação com a plateia de hoje
Piada velha	4	2
Piada velha	3	1
Piada velha	2	2
Piada nova	-	1

Em uma escala de 1 a 5, a piada nova não foi muito bem, porém, ao estabelecer um comparativo com uma antiga é possível visualizar que o problema pode não estar na piada e sim na plateia. Conceda à piada o benefício da dúvida e leve-a aos palcos mais uma vez.

Quando uma piada é nova você não tem parâmetros para saber a força dela. Nesse caso, compare a reação dela com a de outras piadas, suas ou de colegas, que você já conhece a reação que costumam arrancar.

(16/4/2009)

Aprenda a escutar

Errei o tempo em duas piadas aqui (a do número primo e a da Guerra dos Cem Anos). O público riu na hora que falei "Viram, é fácil", e assim que terminei o punch line (raiz cúbica...) as risadas diminuíram um pouco. Quando falei da Guerra dos Cem Anos, eu dei uma acelerada no final nas piadas de história em virtude do tempo. É bom apurar o ouvido. Se rirem de algo, explore isso. Se determinada piada não entra muito forte, vá para outra. Fique com o ouvido atento à plateia, ela é seu guia.

Comentei brevemente sobre a importância de ouvir a plateia em meu primeiro livro (tópico "Estender a piada", de julho de 2007), mas, dada a importância desse elemento, ele merece uma abordagem mais aprofundada. O ouvido de um comediante deve estar atento às risadas da plateia assim como o de um músico às notas musicais. A audição é a responsável por guiar a piada, pois determina sua elasticidade, ou seja, se podemos alongá-la ou encurtá-la. Veja o *set* a seguir:

Outro dia eu estava vendo o Discovery Channel, era um programa sobre tubarão. Aliás, 90% da programação lá é tubarão... Era um programa sobre ataques de tubarão e tinha algumas vítimas dando dicas pra sobreviver. Tinha um cara sem braço falando: [faz uma voz idiota de dublagem] 'Éhhh eh... Se um tubarão vier te atacar... é só dar um soco no nariz dele!...' Foi assim que você perdeu o braço. Só dar um soco no nariz? É um tubarão, não é o Bozo. Eles tinham que falar

coisas que dá pra você fazer, tipo: 'Se um tubarão vier te atacar, fecha o cu e sai nadando'... Olha, acho que isso eu consigo fazer.

Teve um que era sobre ataques de urso, aí o cara falou: [faz a mesma voz idiota de dublagem] 'Ehh ehhh...'. É sempre o mesmo cara, né?! Todos os animais o atacam... cegonha o bica, esquilo vem morder... O problema não é com os bichos, é com ele... O cara desperta a ira da floresta, as árvores andam pra bater nele... (Léo Lins)

As piadas do segundo parágrafo vieram todas de improviso. Originalmente a piada simplesmente seguia para o tópico "ataques de urso". Até que um dia, percebi que a plateia ria do fato da voz da dublagem ser sempre a mesma. Nesse momento uma sinapse em meus neurônios me fez interromper o andamento normal da piada para falar: "É sempre o mesmo cara, né?!". E dessa forma consegui mais um *punch line* para a piada. Meu guia, o ouvido, me deu sinal para seguir em frente, pois a plateia continuava rindo. Foi assim que vieram as demais frases: "Todos os animais o atacam...". Então fiz a cena dos animais atacando, primeiro imaginei alguma coisa bicando, pois visualmente ficaria engraçado, depois me veio a imagem de um animal dócil, como um esquilinho, também irritado com o tal cara. Por último, fiz algo imóvel, como uma árvore, se mover para bater no cidadão.

Em shows com público grande e em que você tem um bom volume de risadas dá pra explorar bem as técnicas de estender uma piada: "ilustrar a piada" ou "comentário adicional". Entretanto, em plateias pequenas e espalhadas, isso não costuma funcionar. Mas basta você desenvolver o ouvido. Quando perceber que determinada piada ou comentário entrou bem, explore isso.

(8/2/2009)

Graças a dar ouvidos ao meu ouvido, encontrei uma mina de *punch lines* escondida entre duas piadas. Entretanto, não é sempre que posso explorar toda a mina. Há apresentações em que a plateia está mais fria, mais apática, ou que simplesmente a piada não arranca a mesma reação. Às vezes, após o primeiro *punch* dessa sequência “É sempre o mesmo cara, né?!”, as risadas do público cessam rapidamente. Então, aborto todas as demais piadas da série. Há casos nos quais consigo ir até o “O problema não é com os bichos, é com ele”, mas não posso colocar em cena o ataque da árvore. Preciso ficar com o ouvido atento à reação da plateia, para saber até onde é possível ir. É como se a união do riso com a piada formasse os acordes responsáveis pela melodia do espetáculo.

Tente explorar risadas mais longas. Dessa vez, na piada do pentatlo moderno, só ao falar “Caraca, moderno?!”, e dar um tempo, vieram boas risadas. Segui a piada falando: “pentatlo arcaico”. Quando percebi que iam rir, esperei mais um tempo após a frase e vieram mais risadas realmente. Aí, fui para a próxima linha: “O último campeão foi quem? Hércules?”, e veio a terceira leva de risadas. Então concluí a piada falando como deveria ser um pentatlo moderno e vieram risadas e aplausos.

Às vezes essa tentativa de explorar cada uma das frases não rende. Já teve vezes em que falei “Caraca, moderno?!”, esperei e não veio risada. Nesse caso, siga pro outro *punch line*. Fique alerta para não contar a piada sempre da mesma forma, pois você pode perder oportunidades preciosas de conseguir melhores risadas. É só ficar atento à plateia e com o ouvido ligado.

(18/10/2009)

Fevereiro de 2009

Se for um grupo, trabalhe em grupo

Nesse show, o pessoal inventou de todos irem com piadas novas. Além das piadas novas, havia dois open mics, isso comprometeu a qualidade do show.

O importante em um trabalho em grupo é que o show seja bom. Não adianta um humorista se sair muito bem e os demais serem péssimos. Isso pode ser bom para o ego de quem foi ovacionado, mas não é benéfico para o show. As chances de o público voltar ou indicar uma apresentação em que apenas 15 minutos valem a pena é muito pequena. Aproveite o fato de ter colegas a seu lado, se um de vocês vai fazer um texto consagrado, é uma boa oportunidade para o outro testar piadas novas. Se estiver abrindo o show, evite fazer um texto em que ainda não sente segurança; comprometer o início do espetáculo não é uma decisão sábia. Se um dos integrantes vai fazer um texto mais pesado e apimentado, com piadas sobre sexo e palavrão, é melhor que ele não entre no começo do show.

A dificuldade de um grupo de stand-up é que esse é um gênero individualista. O comediante cria, escreve, desenvolve e se apresenta sozinho, mas com esforço e bom relacionamento é possível obter vantagens de um trabalho no grupo. No Comédia em Pé, assistíamos à apresentação um do outro e, frequentemente, alguém pensava em uma piada que podia ser utilizada no texto do colega ou auxiliava na edição de uma piada. Enquanto você tem um grupo, aproveite os benefícios dele.

A Era dos Grupos de Humor

No livro *Notas de comediante stand-up*, eu escrevi: "Se você vai fazer stand-up, provavelmente vai formar um grupo". Contudo, no

mesmo livro profetizei o que muitos humoristas já previam também: o fim da era dos grupos.

O princípio da comédia stand-up no Brasil pode ser chamado de A Era dos Grupos. O processo de formação de um grupo era padrão em meio ao caos, indivíduos interessados em fazer as pessoas rirem se reuniam como moléculas ao redor de um átomo. Inúmeros grupos foram criados: Comédia em Pé (RJ), Clube da Comédia Stand-up (SP), Santa Comédia (PR), Comédia ao Vivo (SP), As Comédias de Todos Nós (SP), Sindicato da Comédia (RJ), Comédia às 11 (RJ), Comédia Carioca (RJ), Em pé na Rede (PA), Tripé da Comédia (PE)... E mais: Estação Stand-up, Sushi com Comédia, Comédia na Grelha, C.D.F. Comédia de Faculdade, Divina Comédia, Humor de Salto, Humor de Quinta... Esse momento histórico perdurou cerca de sete anos, de 2005 a 2011. Ao longo desse tempo muitos grupos foram desfeitos e, em 2011, os dois primeiros e mais tradicionais, Comédia em Pé e Clube da Comédia, indicaram o fim de uma era. O Clube encerrou suas atividades, e o Comédia em Pé passou por mudanças em quase todo o elenco.

A exposição na TV restringiu o tempo dos humoristas e abriu portas para a carreira solo. Esse foi o principal fator que levou à extinção de alguns grupos. Outro fragmento do meteoro que acabou com a era dos grupos foi o fim da novidade. Assim que o stand-up surgiu, atraiu muitos curiosos, mas passados alguns anos essas pessoas mataram a curiosidade e foram à procura de outra novidade. O público fiel de comédia permaneceu, mas, sem a presença dos curiosos, houve redução nas plateias de stand-up. O comediante Alisson Vilela me disse que colocava mais de duzentas pessoas em um bar em João Pessoa sem nenhum comediante famoso no elenco; anos depois, com esforço, colocava setenta pessoas.

O terceiro fragmento do meteoro foi a abertura de casas voltadas para shows de stand-up, como o Comedians Club, em São Paulo. O Comedians se tornou uma atração turística, concentrou os fãs do gênero e reduziu ainda mais o público de curiosos nos outros shows. Os *comedy clubs* são a engrenagem que move o stand-up em diversas cidades ao redor do mundo, como em Nova York, Chicago,

Londres, Cairo, Dublin. Alguns grupos ainda lutam e sobrevivem no Brasil, mas a era de ouro ficou no passado.

Não abrir com material novo

Apesar de ser um dos truques mais velhos de cair, vi amigos com experiência sofrerem com isso. É muito melhor fazer piadas velhas-novas-velhas do que fazer piadas novas-velhas-velhas ou piadas velhas-velhas-novas.

Nesse show todos optaram por abrir com piadas novas, isso deixou a plateia embaixo e, quando chegaram as piadas velhas e garantidas, a reação foi mais fraca.

Diversos livros e vídeos sobre stand-up falam para não abrir com material novo. Portanto, para que essa obra não fique de fora desse velho ditado da comédia, ei-lo aqui. O grande problema de abrir com material novo é a imprevisibilidade da piada. Um texto conhecido pode arrancar diferentes reações, mas dificilmente a resposta terá um espectro de variação que vá desde aplausos e urros até silêncio e vaias.

A piada funciona em determinado grau de reação. A piada nova não tem histórico, ela é uma incógnita. Uma reação fraca com essa piada pode significar que ela é fraca, que a plateia não esteja boa, que o tema está saturado, que uma parecida já foi feita por outro comediante. Quando conhecemos a piada podemos eliminar algumas das alternativas acima. Veja o exemplo a seguir:

No museu do Ripley eu vi uma família em que todo mundo nascia com 13 dedos em cada mão. Treze em cada mão!!! Já pensou eles brincando: 'Adedaaaaanhá... mil cento e vinte e oito... um, dois, três...'. É meia hora pra começar a brincadeira.
(Léo Lins)

Se estivesse contando essa piada pela primeira vez e ficasse sem reação, teria poucas pistas para identificar o motivo. A partir do momento em que já a contei, se ela der errado dificilmente é porque alguém já tenha feito uma parecida no mesmo show, pois o tópico não é dos mais comuns e a observação não é das mais triviais. Se o problema não está na piada nem na coincidência de uma parecida, talvez esteja na plateia. Veja esta outra:

Fui ao estádio assistir a um jogo e fiquei na torcida organizada do Corinthians. Realmente ela é organizada, um pula, um canta, outro te rouba. (Victor Sarro)

Se não arrancar risos é por ser uma piada fraca? Sem um histórico para embasar minha opinião ela carece de fontes para ter credibilidade. Como já vi o Victor contar a piada e sei que ela funciona, caso não tenha arrancado reações é provável que anteriormente outro humorista já tenha feito uma piada sobre corintiano ladrão.

Sempre que for fazer piadas novas o melhor é colocá-las entre as piadas velhas. E lembre-se de utilizar a reação obtida pelas piadas antigas para servir como parâmetro para a piada novata.

Março de 2009

Identificação

Sobre as piadas de sinestesia⁹ percebo que o público ri, mas não embarca no assunto tanto quanto as de lanchonetes sujas de beira de estrada. Isso ocorre, pois sinestesia não é algo próximo ou

sequer facilmente imaginável para a maioria das pessoas. Pra mim ficou fácil, pois vi um documentário e pesquisei sobre o assunto.

Cada indivíduo é único, temos experiências e histórias particulares. Algumas vivências são facilmente compartilhadas por diversos seres humanos, como ir à praia e enfrentar a fila de um banco. Outras são mais restritas em virtude de algum fator, que pode ser financeiro, religioso, geográfico. Por exemplo, basquete é uma atividade muito popular nos Estados Unidos e na Europa, no Brasil nem tanto. Esse esporte se desenvolveu devido aos baixos índices de temperatura. Em 1891, o professor James Naismith foi incumbido de desenvolver um jogo sem violência e que estimulasse seus alunos durante o rigoroso inverno. Essa motivação levou Naismith a pendurar dois cestos de pêssego em pilastras para que os jogadores tentassem acertar a bola nele. As altas temperaturas do Brasil, somadas às limitações econômicas do país, podem ter feito com que o futebol tenha atingido seu atual *status*, afinal de contas, uma bola de papel e dois objetos marcando um gol são o suficiente para haver uma partida.

Um fator muito importante na comédia é: identificação. Assuntos cotidianos e corriqueiros são como uma coenzima, ou seja, a substância necessária para gerar na plateia a reação do riso. Diversos assuntos são praticamente universais: dificuldades de relacionamento, dúvidas sobre sexo, problemas com vizinhos chatos, os desejos das grávidas, políticos desonestos, celebridades drogadas, colar em provas da escola. Veja alguns exemplos:

A minha mulher está grávida e queria um suco de carambola com pimenta às quatro da manhã... Ela ainda me disse: 'Marco, se você não pegar o suco, o nosso filho vai nascer com cara de carambola com pimenta'. Eu fico imaginando o que o meu sogro negou pra minha sogra... porque minha esposa vive com cara de cu. (Marco Zenni)

Em restaurante *self service* sempre tem um cara que fica empacando fila por causa da salada... Ele se acha melhor do que você porque ele come salada... E, na boa, se salada fosse bom, tinha rodízio! Poxa, fui num rodízio de salada ontem, me acabei, mandei ver: alface lisa, alface crespa, alface com escova progressiva... beterraba, primeiro corte, sangrando a beterraba... (Claudio Torres Gonzaga)

Minha mãe vive reclamando que eu mijó fora da privada, o que não é verdade, porque, tecnicamente falando, aquela parte branca ainda é a privada... (Danilo Gentili)

As piadas acima são universais, mas alguns tópicos possuem limitações, como o caso das piadas sobre a demora em bancos, que funcionam no Brasil, mas não em Portugal, onde isso não ocorre.

Uma vez vi uma mulher sair da fila normal e ir pra especial, e o atendente falou: 'Minha senhora, essa fila é só pra quem está grávida'. 'Mas enquanto estava na outra fila eu engravidei... Tô aqui faz seis meses...' (Léo Lins)

Tópicos identificáveis pelos brasileiros são muitos: ônibus e metrô lotados, altos preços em supermercados, pedreiros preguiçosos, políticos ladrões, enchentes, assaltos, mendigos, novelas, flanelinhas, vendedores ambulantes no trânsito, atendentes de loja muito solícitos, vegetarianos e suas regras, dietas emagrecedoras, entre outros. Alguns tópicos são mais ou menos identificáveis por determinadas pessoas. Problemas de trânsito e vendedores no farol

são assuntos mais identificáveis para quem dirige. Assim como fingir que está dormindo para não ceder o lugar e a competição para conseguir um assento são mais identificáveis por pessoas que andam de ônibus e metrô.

Sempre gostei de assuntos diferentes e esdrúxulos. Diversas vezes, ao me sentar para escrever piadas, penso: sobre qual tópico ainda não vi fazerem uma piada? Já escrevi piadas sobre potes de canetas, formigas, ataques de tubarão, pombos no centro de cidades, mitologia grega, fobias, tribos que encolhem cabeças... Tópicos incomuns exigem mais esforço para encontrar uma boa piada, pois o fator identificação pode sofrer redução. Todos sabem que mulheres grávidas têm desejos, mas poucos sabem que a grande mancha vermelha em Júpiter é uma tempestade ou a diferença de tempo entre a Terra e Vênus.

Um dia na Terra equivale a 243 dias em Vênus. Isso explica o porquê do ditado que as 'Mulheres são de Vênus'. Quando ela fala: 'Em dez minutos eu tô pronta', é em tempo venusiano! Vai levar umas duas horas... mas em Vênus são só dez minutos.
(Léo Lins)

Tinha uma fazenda dos Estados Unidos onde vários animais nasciam com problema. Tinha vaca com duas cabeças, boi com três cabeças, bode... Esse fazendeiro tirava uma onda: 'Eu tenho cem cabeças de gado', mas tinha oito bichos na fazenda... (Léo Lins)

Na piada sobre Vênus, o tema é diferente, mas a comparação permite ao público se identificar, pois envolve um fato comum: a demora das mulheres para se arrumar. Já na piada sobre animais

com mais de uma cabeça, ela arranca risadas pela expressão “cabeça de gado” adquirir um sentido diferente do convencional. Mas não é uma piada que gera grande identificação, pelo menos na maioria das pessoas. Talvez em um leilão de gado essa piada fizesse mais sucesso do que num show normal, pois o grau de identificação do público seria maior, tendo em vista que animais de fazenda e termos como “cabeça de gado” estão mais presentes na vida dessas pessoas. Quanto maior o grau de identificação, maior a chance de a piada arrancar reação da plateia.

Cuidados com a TV

Estou com dúvida sobre como ficará o resultado final dessa gravação para o People & Arts e estou pensando em pedir para não ir ao ar.

Alguns meses após ter participado do *Domingão do Faustão*, recebi um convite para um projeto do canal People & Arts, que consistia em pequenas inserções de stand-up exibidas ao longo da programação do canal. Achei a proposta interessante e aceitei.

A gravação foi em São Paulo e estava marcada para as dez da manhã. Eu estava morando no Rio, mas apesar da distância, cumpri o horário. Infelizmente a gravação só começou às duas da tarde. Havia cerca de sete a dez humoristas para gravar e cada um deveria fazer cinco *sets* de 1 minuto e 30 segundos cada. Talvez a televisão seja um dos lugares no qual o ditado “tempo é dinheiro” seja mais levado a sério. Nesse caso, um minuto e meio não pode se transformar em dois, pois trinta segundos é tempo suficiente para colocar mais um comercial. Muitos dos humoristas que participaram pareciam não ter ideia do tempo que uma piada leva para ser contada. Alguns faziam *sets* de quarenta segundos, outros de três minutos, e a edição das piadas para adequá-las ao tempo necessário foi feita ali na hora. Isso fez a gravação se estender até as dez da noite.

Eu fui com todos os *sets* de piadas cronometrados, mas infelizmente a falta de organização não veio apenas de alguns humoristas, mas também dos responsáveis pelo projeto. A princípio era para ter público, mas apenas três pessoas compareceram. Fui o primeiro a gravar, mas quando estava no segundo humorista, decidiram fazer duas tomadas de cada um e me pediram para esperar e gravar mais uma vez. Essa espera levou cerca de quatro horas, pois os outros que chegavam para gravar alegavam ter que ir embora logo. Passadas as quatro horas fui embora sem gravar a segunda vez, pois já estava sem paciência — só não fui embora antes porque o ônibus de volta para o Rio era noturno. Receoso com o resultado final desse projeto, saí sem assinar a autorização de imagem. Posteriormente, entraram em contato comigo para requerer a tal assinatura. Perguntei se seria possível ver o vídeo e depois assinar, disseram que não, e então não assinei. Meses depois, quando vi os vídeos no ar, confesso que o resultado não foi nem ruim nem bom o suficiente, e me arrependi por não ter participado.

Agarre a oportunidade

Quando for participar de um projeto, dê o melhor de si. Uma simples participação em um quadro pode lhe render um convite para um emprego fixo ou fechar as portas para um possível convite. Em uma das gravações de um piloto do *Agora é tarde*, Rogério Morgado foi participar do quadro “Mesa Vermelha” (até então chamada de “Mesa Branca”). Ele foi, mas se esqueceu de levar a vontade junto.

Ficou de capuz, cabeça baixa e não entregou as piadas corretamente. Essa atitude gerou uma resistência no diretor em chamá-lo novamente para participar do programa. Para a sorte do Rogério, Danilo Gentili conhece o trabalho dele e sabe de sua competência. Ele conseguiu mais uma oportunidade e, dessa vez, fez o dever de casa. O próprio diretor o parabenizou pela participação.

Daniel Duncan, após participar do “Mesa Vermelha”, conseguiu um convite para um teste como repórter no CQC. Por outro lado, vi muitos humoristas jogarem no lixo a oportunidade que estavam tendo de mostrar seu trabalho, pois levaram piadas fracas e comentários sem graça. Não é apenas o público de casa que o está vendo, são produtores, diretores, colegas que futuramente podem indicá-lo para um trabalho, empresas que organizam eventos. Muitas portas podem se abrir ou fechar simultaneamente.

Abril de 2009

Risada de transição

Eu já suspeitava disso, mas nos últimos oito shows dessa semana pude observar bem tal fato. As piadas de língua portuguesa tinham mais reação quando eu já estabelecia esse assunto de cara do que quando terminava um tópico diferente e entrava nelas em seguida.

O texto introdutório é autoexplicativo, mas nada melhor do que ilustrar uma teoria com um exemplo prático. Observe esta piada:

Esses dias vi uma matéria falando que o primeiro banco que surgiu foi o templo vermelho de Uruk, na Mesopotâmia, 5 mil anos atrás. Como descobrem isso, né? Acho que estavam fazendo escavações, aí encontraram um esqueleto, depois um monte de esqueletos um atrás do outro... ‘Aqui devia ser o Banco do Brasil, ó o tamanho da fila... Aquele ali ainda tá com a senha, tem um papiro na caveira’. (Léo Lins)

Essa é minha primeira piada de um *set* sobre bancos quando abro minha apresentação com ela ou a conto após uma piada cujo tema tem algo relacionado a banco, como dinheiro, economia, loteria. A reação obtida com a piada ocasionalmente é mais forte do que quando conto após um tema que não tinha relação nenhuma com bancos. Eis a vantagem de haver transições suaves entre um *set* e outro: minimizar o risco de cair a intensidade da plateia com o novo *set*. Por que é possível acontecer essa redução no impacto da primeira piada?

A primeira piada de um novo tópico atrai a atenção para essa transição. É como se o público percebesse que algo mudou e o estado mental da plateia precisasse de alguns segundos para relaxar novamente diante dessa mudança. Imagine uma sala com a plateia e as piadas, todos se divertindo e curtindo uma festa. Agora as piadas de casamento vão embora e chegam piadas sobre celebridades. Os convidados (o público) que permaneceram na festa não vão receber os recém-chegados (piada do novo tópico celebridades) com o mesmo entusiasmo que estavam com as pessoas que acabaram de sair (piadas do antigo tópico casamento), mas bastam alguns segundos para os recém-chegados se enturmarem e a festa voltar ao ritmo de antes. Para evitar esse efeito transitório procure estruturar sua apresentação com os tópicos fluindo naturalmente, de um para o outro. Quanto menos mudanças bruscas, menor o risco da primeira piada do novo tópico sofrer a risada de transição.

O conhecimento desse conceito da risada de transição pode auxiliá-lo em um show. Vamos supor que acabei um *set* de piadas, estou no palco a cerca de 12 minutos e que a apresentação deve ter de 13 a 15 minutos. Se a plateia está rindo muito prefiro encerrar minha apresentação com um minuto a menos do que entrar em um novo *set* tendo apenas dois a três minutos no palco, pois pode ser que não consiga obter a mesma reação de antes.

Piada do erro aparente

Tomei consciência aqui da "piada do erro aparente". Você solta a piada e pensa: "não funcionou". E aí você faz uma piada em cima do erro que, conseqüentemente, torna-se intencional.

Vamos ao exemplo para clarear o entendimento. A atriz Dercy Gonçalves era alvo de piadas de velha, ela viveu mais de cem anos. Quando ela faleceu, fiz o seguinte set de piadas:

Eu era fã da Dercy e acho que ela era uma figura importantíssima não só pro Brasil, mas pro mundo. Porque ela é considerada brasileira, mas na verdade nasceu na Pangeia.

Mas nem só de flores foi a vida de Dercy... Em uma época, inclusive, ela teve alergia a flores, aí mandou suspender os jardins...

Deve ter gente pensando: 'Na próxima vez vou ter que estudar pra ver o show desse babaca, vai ter um edital lá fora com a matéria das piadas'. (Léo Lins)

O último *punch line* é o mais forte, mas a força dele depende diretamente da piada anterior, na qual faço uma referência aos jardins suspensos da Babilônia. Se a plateia inteira rir da Pangeia e dos jardins suspensos, o último *punch* perde a força. É interessante descobrir diferentes mecanismos de piadas, assim você tem mais recursos para surpreender a plateia.

Escultor de piada

Uma palavra pode fazer diferença. Por exemplo, colocar a palavra "visual" na piada do método de combate aos pombos a fez funcionar.

Encontrar a palavra certa para uma piada é um detalhe que faz muita diferença no resultado final. Veja:

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, com um sorriso dá pra iluminar um bairro. (Léo Lins)

Escrevi essa piada quando foi feita uma fritada no programa *Agora é tarde* com a personagem Mônica, da Turma da Mônica. Estava pensando em alguma piada com dentes grandes e clareamento dental, logo o começo seria: "O dente dela é tão grande que, se fizer clareamento dental..." e o restante deveria ser algo indicando que o dente pode ser usado como fonte de luz. Antes de chegar ao resultado final passei por alguns experimentos que não deram certo:

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, nem precisa acender a luz dentro de casa.

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, dá pra iluminar um bairro.

No primeiro experimento, o *punch line* não está tão claro e a imagem que ele desperta não é visual. Ao concluir a piada falando que não será mais preciso acender a luz em casa, subentende-se que o dente vai clarear o ambiente, mas as palavras utilizadas não geram uma imagem mental forte, diferentemente da palavra "iluminar". É mais fácil imaginar algo tão claro a ponto de iluminar do que algo tão claro a ponto de não precisar acender a luz. A palavra "iluminar" é um verbo que desperta ação, assim como pular, cair, quebrar. Ações facilitam o trabalho da mente para criar imagens. Isso não quer dizer que qualquer verbo que desperte ação

é uma boa escolha, para comprovar isso vou substituir a palavra "iluminar" por sinônimos:

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, dá pra clarear um bairro.

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, dá pra acender um bairro.

A palavra "clarear" entra em conflito com a palavra "clareamento" e enfraquece o *punch line*. A palavra "acender" também não é adequada, pois o dente funcionará como emissor de luz, uma espécie de lanterna. É fácil imaginar uma lanterna ou uma lâmpada sendo acesa, mas não um quarto, uma sala ou um bairro. A palavra "acesa" faria mais sentido se a piada fosse:

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, vai acender tanto o dente que vão ter que desligar a boca.

Perceba que se utilizarmos o antônimo de "aceso" a piada pode ganhar outra interpretação:

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, vai acender tanto o dente que vão ter que apagar a boca.

A palavra "apagar" possibilita mais de uma interpretação, pode ser um apagar de borracha ou o acionar de um interruptor. Apesar de o contexto indicar que "apagar", está sendo usado como "desligar". Esse duplo sentido enfraquece o *punch line*, principalmente nesse caso, pois as piadas estavam sendo feitas sobre um personagem de história em quadrinhos, a Mônica, e facilmente poderíamos interpretar a palavra "apagar" como o apagar de uma borracha.

Feita a escolha da palavra "iluminar", ainda havia ajustes a serem feitos para aprimorar a piada. Primeiro, em vez de uma casa, por que não exagerar mais e dizer que o dente é tão grande que com

um clareamento dental iluminará um bairro?! O aumento da casa para um bairro fortalece o *punch line*. E para chegar ao produto final faltava apenas um leve polimento. A palavra "sorriso". Veja a diferença:

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, dá pra iluminar um bairro.

O dente dela é tão grande que, se fizer um clareamento dental, com um sorriso dá pra iluminar um bairro.

Ambos os formatos funcionam, mas acredito que o uso da palavra "sorriso" solidifica a imagem mental provocada pela piada. No momento em que a escrevi, visualizei a Mônica sorrindo, os dentes ficando expostos e emitindo um fecho de luz iluminando um bairro.

Maio de 2009

A plateia não te compra

Esse foi o show mais esquisito para mim no Comédia em Pé. Já houve vezes que peguei a plateia cansada, fria... mas hoje foi muito estranho.

Um fenômeno não muito comum, mas que pode acontecer, é a plateia não te comprar. Acho que todo comediante já teve uma apresentação na qual o resultado final ficou bem abaixo do normal, e o agente causador é um mistério. O texto é bom, as piadas são engraçadas e testadas, a performance é boa, mas a reação da plateia é fraca. A vontade nesse momento é parafrasear o Quico e falar para o público: "Você não vai com a minha cara?". Passei por essa experiência uma vez, as risadas pareciam marolas, começavam

e logo em seguida morriam. Desci do palco tentando encontrar uma explicação para o acontecimento:

Hipótese 1

A impressão que eu tive foi o seguinte: aproximadamente 95% das pessoas estavam assistindo stand-up pela primeira vez. Acho que muitos ali não tinham ideia do formato do show. O Claudio Torres Gonzaga, que fazia o papel de MC, entrou para abrir o show e, quando estava conseguindo boas reações, saiu. Nesse momento, eu entrei e, a meu ver, algumas pessoas demoraram para assimilar que era assim que a coisa acontecia. Foi como se ficasse na mente deles: "Ué, mas agora que estava ficando bom o outro sai?", "Será que ele não volta mais?", "Agora é esse aí?"...

Hipótese 2

A hipótese 1 somada ao fato de eu ser o primeiro da noite após o MC. A partir do segundo, a plateia já estava mais quente e o formato de rodízio de humoristas já havia sido estabelecido.

Hipótese 3

Parte do público era idosa, isso pode ter comprometido algumas piadas, mas ainda assim, não justifica uma apresentação inteira ter reação fraca.

Hipótese 4

Não selecionei o material mais adequado. Mas como variei os temas e só fiz piadas já testadas e garantidas, não acho que isso seja um fator relevante.

Hipótese 5

A plateia não me comprou, seja lá por qual motivo...

Lembro que nesse show faria um texto que ainda não estava consolidado. Primeiro, abri com piadas garantidas, e a reação já foi

bem mais fraca do que o normal, isso me fez adiar a entrada no texto novo e fui para outro que já havia sido testado, mas a reação continuava fraca. A partir daí, virei um socorrista atendendo a vítima. Cortei as piadas mais fracas, mudei de tópico, tentei interagir, segui todo o manual de primeiros socorros. A experiência impediu que minha apresentação fosse um fracasso, pois consegui manter a calma e seguir em frente. E, mesmo com as piadas obtendo reação abaixo do normal, não acelerei a entrega do texto nem errei piadas. O que estava ao meu alcance foi feito. Apesar de ter considerado o resultado final do show fraco, tive uma boa performance, pois certas coisas não estão ao alcance de uma única pessoa.

Existe um provérbio que ilustra o sentimento que tive nesse dia: “Que eu tenha serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar aquelas que posso e sabedoria para distinguir a diferença entre as duas”.

Cuidado com o que fala

Na plateia de hoje tinha um senhor que parecia ter 230 anos e mais algumas pessoas de idade, bem quietas. Quando entrei, dei boa-noite e quase ninguém respondeu, aí pedi de novo e ainda assim foi mais ou menos. Nessa hora eu meio que pensei em voz alta “tem gente que parece que morreu”. Acho que isso deixou a plateia um pouco receosa e desconfiada de mim.

Esse tópico reforça uma lição explanada anteriormente, de acordo com a qual você deve ganhar a plateia. Eles não são obrigados a se empolgar para me dar boa-noite. Ouvir do artista que você parece estar morto não é das coisas mais simpáticas.

Antes de subir ao palco Fernando Caruso e eu estávamos comentando um com o outro como a plateia estava fria. Quando falei no palco que eles estavam mortos, a única risada que ouvi foi a do Caruso. E essa piada interna criou uma barreira que só foi

derrubada após algumas piadas. Portanto, cuidado com o que você diz.

A meu ver, o comediante jamais deve agredir a plateia, ele só tem permissão para isso a partir do momento que alguém da plateia o agrediu primeiro. Não responder a uma saudação de boa-noite caracteriza uma plateia fria, mas não necessariamente grosseira a ponto de merecer uma comparação com cadáveres.

Em outra situação vi um humorista ganhar a antipatia da plateia ao agredir uma espectadora. Ele estava fazendo o show e alguém na primeira fila estava conversando, mas a fala era tão baixa que a maioria do teatro nem ouvia. Possivelmente, essa conversa era sobre o show ou alguma piada. Não que seja permissível conversar caso seja sobre o show, mas a espectadora não tinha intenção de atrapalhar a apresentação. Quando o comediante interrompeu o show para chamar a atenção dela, boa parte do público presente não ficou do lado do humorista. A partir daí ele passou a enfrentar um bloqueio para conseguir risadas.

Diferença entre bar e teatro

Certas piadas provocam mais reação em determinado ambiente, mas de maneira geral, o público de teatro é melhor.

O que é mais fácil: fazer show em um bar ou em um teatro? Antes de responder é importante ressaltar que quando digo "bar" não estou me referindo a um bar de comédia, ou seja, uma casa voltada para shows de humor, e sim aos bares onde o show de humor é parte da programação semanal que também envolve bandas, DJs etc. Dito isso, o que é mais fácil: fazer show em bar ou teatro?

Nos primeiros anos da minha carreira responderia que é no teatro, afinal de contas, as pessoas compram o ingresso, entram e assistem. No bar você concorre com garçons passando de um lado para o outro, pessoas levantando para ir ao banheiro, mulheres chamando a atenção de alguns espectadores, bêbados falando

alto... O teatro não possui metade das distrações presentes em um bar. Contudo, o ambiente mais despojado e informal do bar facilita e amplia a reação de alguns assuntos. Percebi que falar de sexo no bar frequentemente provocava mais reação que no teatro. Há alguns anos eu tinha um texto que falava sobre boquete, aumento de pênis, *ménage à trois* etc. Eu só apresentava esse texto em bares, pois não me sentia à vontade para contar essas piadas no ambiente do teatro. Com o tempo acabei abandonando esse texto, pois fiz cada vez menos apresentações em bares.

Portanto, após refletir sobre qual ambiente é mais favorável para se apresentar, cheguei à conclusão de que a resposta é: depende da sua apresentação. Cada ambiente tem suas características. O teatro é um ambiente mais controlado do que o bar, e o público está focado no show. Isso possibilita ao comediante fazer piadas mais elaboradas. O bar é um ambiente mais imprevisível, isso favorece a interação com a plateia, mas, em virtude das distrações e do álcool, a capacidade de raciocínio dos espectadores é menor. Então, piadas simples ou temas apimentados podem ganhar força, mas piadas limpas e elaboradas podem ter mais dificuldade. Veja este exemplo:

Quando era criança, eu sempre quis ser astronauta, jogador de futebol e dar a bunda... mentira... nunca quis ser astronauta.[10](#)

A frase acima está no formato de piada e, por isso, se for contada nos palcos vai arrancar risadas. O primeiro *punch line* se baseia no contraste entre dois sonhos tradicionais de crianças: ser astronauta e jogador de futebol, com um sonho absurdo para uma criança: dar a bunda. O segundo *punch line* é a inversão de expectativa. Quando o humorista diz que é mentira, a plateia imagina que ele vai falar: nunca quis dar a bunda. Mas quando ele diz que nunca quis ser astronauta, subentende-se então que ele realmente queria dar a bunda.

Apesar de funcionar, essa é uma piada simplista e acredito que arrancaria mais reação no bar que no teatro. Durante um tempo achei que o público do teatro era um pouco mais exigente, talvez por não ter outras fontes de entretenimento além do comediante. Hoje acho que, na verdade, o público do bar é que é um pouco menos exigente, justamente porque, além do comediante, ele tem à disposição bebidas e mulheres e/ou homens solteiros.

Vamos para outra piada:

Vi um site na internet incentivando a canetofilia, que é você colecionar canetas. O que eu acho muito idiota... por um motivo estranho, mas acho que vocês vão concordar comigo. Eu acho idiota colecionar canetas, porque a caneta é o único objeto que se coleciona sozinho. Pode ver, você compra um pote, coloca uma, UMA caneta lá dentro. Dali a uma semana tem oito... depois 15, 37... Elas vão se reunindo... E o ser humano tem uma coisa, a gente não consegue se livrar de canetas... Você escreve, não tá funcionando, coloca de volta no pote... [pega outra] não tá funcionando, coloca de volta no pote... Você pode tentar jogar fora, a sua mão voolta e... coloca de volta no pote. Eu acho que inconscientemente a gente sabe que se joga uma caneta no lixo ela vai sair e voltar pro pote. (Léo Lins)

Essa piada faz parte de um *set* sobre canetas, lápis e outros objetos de escrita. Já as contei tanto em bares quanto em teatros e, apesar de funcionar nos dois ambientes, as maiores reações vieram no teatro. Não é difícil entender por que um público que se arrumou para ir ao teatro vai apreciar mais essas piadas do que três

empresários que resolveram, após a reunião de trabalho, ir ao bar beber e dar umas risadas. Uma das ferramentas para captar a atenção de uma pessoa é algo chamado "interesse inerente". Imagine duas capas de revistas femininas. Em uma delas está escrito: "Dez exercícios para definir o bumbum". A segunda tem: "Dez dicas para reaproveitar pilhas velhas". Qual delas venderá mais? E qual assunto despertará o interesse inerente dos empresários alcoolizados: por que aparecem canetas em um pote ou as etapas entre conhecer uma mulher e levá-la para o motel?

Vamos para mais um exemplo:

Nessas férias eu fui pra Londres. Lá de cima já deu pra ver tudo coberto de neve... Tava muito frio, muito frio. Primeira noite, -7 graus... Eu fui ao banheiro mijar, pensei: 'Meu pinto ficou no Brasil... ele não embarcou...'. Fiquei procurando, depois achei... Ele se escondeu dentro do saco... (Léo Lins)

Essa piada é baseada num simples fato: o pênis encolhe no frio. Ela tem força, pois o *punch line* está bem trabalhado. Se a piada fosse:

Nessas férias eu fui pra Londres. Lá de cima já deu pra ver tudo coberto de neve... Tava muito frio, muito frio. Primeira noite, -7 graus... Eu fui ao banheiro mijar e não achei meu pinto.

Essa é uma variação simplista, que poderia arrancar mais reação no bar do que no teatro. Já a primeira piada pode ter a mesma força, independentemente do local. O *punch line* "Meu pinto ficou no Brasil... ele não embarcou", é mais engraçado do que "não achei meu pinto". O exagero do primeiro *punch* é maior. Na segunda, o pênis encolheu tanto que sumiu. Na primeira também subentende-se que o pênis sumiu, mas porque ficou no Brasil para escapar do frio

européu. E na piada original ainda tem mais um *punch*: “Ele se escondeu dentro do saco...”.

Perceba que o fato de a piada ser sobre órgãos sexuais ou motel não determina que ela seja mais forte no bar.

Mal de bar

O bar deixa os comediantes viciados em fazer putaria, ou falar que não sei quem é maconheiro, o Papa-Léguas do desenho era cheirador, fulano de tal dá o cu... Esse tipo de piada em teatro não arranca a mesma reação. É melhor abandonar (pelo menos o excesso) as piadas com putaria.

Assim como a maioria dos *stand-upers*, iniciei minha carreira no bar, fiquei uns três anos frequentando esse ambiente. Em 2008 entrei para o grupo Comédia em Pé, que se apresentava exclusivamente em teatros. Quando então retornei para alguma apresentação nos bares, pude reparar que grande parte das piadas dos meus colegas que ainda frequentavam esse ambiente falavam sobre putaria, drogas, sexo e homossexualidade. Afinal de contas, é mais fácil obter reação da plateia ao falar de posições sexuais do que sobre as características de cada planeta, principalmente em uma plateia alcoolizada.

Esse recurso para sobreviver aos bares é prejudicial no desenvolvimento do comediante. Com a progressão de sua carreira, é provável que faça mais shows em teatros ou casas de humor do que em bares, e as apresentações em TV também podem surgir. Se 80% do material de um comediante é voltado para as plateias falastronas e bêbadas do bar, ele encontrará dificuldades para sobreviver fora desse ambiente.

É importante planejar os passos de sua carreira, não espere surgir uma oportunidade na televisão para começar a se preparar. Já vi muitos humoristas jogarem fora uma chance de se apresentar em um teatro lotado ou em um programa de TV por não estarem

preparados. Não pensem que o bar deve ser evitado, pois ele pode oferecer experiências valiosas para o comediante. No bar você aprende a lidar com interrupções no show, seja pelo barulho de garçons, de chatos na plateia, bêbados, grupos comemorando aniversário. Você adquire jogo de cintura para interagir com o público. Descobre como captar e manter a atenção das pessoas, pois nem todos ali foram com o intuito de ver o show. Enfim, o bar é uma ótima fonte de aprendizado e deve ser encarado dessa forma. Ele é uma etapa na carreira do comediante, mas não o estágio final.

Junho de 2009

Voo livre

Na interação com o professor de biologia, não achei piadas e acho que fiquei fechado quando falei com ele. Estava fazendo perguntas que em outras situações deram boa resposta, mas isso aconteceu porque foram de improviso mesmo. Dessa vez perguntei e estava preparado para usar aquela saída, ou seja, eu não estava aberto para o que ele falasse.

O objetivo da interação é fazer piada com as respostas que você obtém e não ter piadas prontas e encontrar as respostas adequadas para fazê-las. É claro que, dependendo da pergunta, é possível prever a resposta, por exemplo: qual é o seu signo? Ninguém responderá "besouro". Existem 12 signos no zodíaco¹¹, portanto são 12 as respostas possíveis. Já a pergunta "Você trabalha com o quê?" é mais abrangente e possibilita uma diversidade enorme de respostas. O humorista não deve se comportar como se estivesse jogando um jogo da memória, em que tem uma piada sobre advogado e agora precisa encontrar um advogado na plateia para formar o par.

- *Você trabalha com o quê?*
 - *Faço transporte de produtos químicos.*
 - *E você trabalha com o quê?*
 - *Sou engenheira ambiental.*
 - *E você trabalha com o quê?*
 - *No momento só estudo.*
- ...

A falta de piadas para cada uma das respostas reduzirá o ritmo do show. É preciso ter recursos para interagir com a plateia. Por exemplo, sempre que alguém responde uma profissão cuja imagem é de ser uma ocupação difícil e entediante, tenho a seguinte saída:

Léo: Você trabalha com o quê?

Espectador: Sou físico.

Léo: Você sempre gostou disso desde criança?

Espectador: Sim...

Léo: Você não tinha muitos amigos, né?!

É possível estar preparado para diversas situações. Se vejo um homem e uma mulher juntos que não são um casal, tenho a seguinte saída:

Léo: Vocês estão namorando, são casados...?

Homem: Não, somos só amigos.

Léo: Quem pagou as entradas pra vir ao show?

Homem: Eu.

Léo (fala para a mulher): Então ele quer te comer.

Léo: Quem pagou as entradas pra vir ao show?

Homem: Cada um pagou a sua.

Léo: Então não vai comer.

Até hoje não vi a mulher falar que pagou as duas, mas já tenho algumas coisas em mente para responder caso isso aconteça.

Lembro-me de ver um show em Fortaleza com a Rossicléa e ela improvisava um bom tempo com a plateia, mas várias piadas já estavam prontas. Por exemplo, quando percebia que alguém ia ao banheiro, ela parava e ficava olhando, isso já é uma piada. E aí perguntava o óbvio: “Vai no banheiro?”, que já é uma segunda piada, pois normalmente vamos discretamente ao banheiro, e a humorista chamou a atenção de todos para ver a pessoa entrar no toalete. Depois que a pessoa respondia, ela falava: “Se demorar é porque foi cagar...”. Quando a pessoa saía do banheiro ela perguntava: “Lavou a mão?”. Toda essa sequência de piadas parece improvisada para o público, e de fato um dia ela foi improvisada. Desse dia em diante se tornou um recurso para improvisar com a plateia e provocar a chamada espontaneidade planejada.

A espontaneidade planejada cria a ilusão de improvisado mediante uma situação totalmente sob controle. Essas cartas na manga devem ser utilizadas quando uma piada genuinamente improvisada não é obtida. Elas servem para impedir a queda do ritmo e lhe garantem mais tempo para improvisar.

O grande segredo para alçar voo interagindo com o público é explorar o que o espectador está lhe oferecendo. Certa vez, ao falar com um casal, perguntei ao marido:

Léo: Você trabalha com o quê?

Homem: Nada.

Mulher (entrou na conversa e disse): Ele só fica em casa vendo *Malhação*.

Léo: Vocês estão juntos?

Mulher: Somos casados.

Léo: Ele é vagabundo... Mas você é pior que ele. Ele passa o dia vendo *Malhação*! Você olhou pra esse cara e pensou: “Tá aí um homem que é pra casar”... *Malhação*... Pra chamar você pra morar com ele, ele entrou na sua casa cantando: “Vou te levar, ié ééé, te levar daquiiii”[12](#).

Interagir com o público é sempre bem-visto pela plateia. O comediante precisa estar atento e usar toda a sua habilidade

cômica. Sempre que alguém me dá uma resposta para a qual já tenho uma piada, meu cérebro a prepara para ser utilizada, pois por meio dela vou ganhar mais tempo para continuar improvisando. Se ao conversar com três espectadores os três me derem respostas para as quais eu já tinha piadas, ótimo. Para a plateia minha interação terá sido excepcional. Uma vez um espectador falou que se chamava Eucledson, e fiz piadas sobre nomes esquisitos; o segundo espectador disse que era biólogo, e fiz uma piada sobre pássaros; e o terceiro disse que está casado há 25 anos, e fiz piada sobre as bodas de casamento. Eu não busquei pares correspondentes para as piadas que possuía, aconteceram ao acaso. No entanto, se as respostas da plateia forem inéditas, explore o material bruto que o espectador está lhe entregando. Uma esposa que diz que o marido só fica em casa vendo *Malhação* tem que render alguma piada. Se nenhuma vier à sua cabeça, faça outra pergunta. Cada pergunta proporciona material bruto entregue por meio da resposta do espectador, e transformar isso em piada é o ofício do comediante.

Estava mais aberto, mas preciso mudar mais rápido de tópicos. Para isso preciso de mais formas de interação na manga. Mais perguntas, mais situações. E em vez de só jogar perguntas, faça algo em cima do que lhe disseram... Você faz o quê? "Sou paisagista..." Pronto, agora tente fazer piadas sobre paisagismo: ele quando era criança não queria o boneco, queria o cenário...

(23/8/2008)

Extração de material bruto

Ao interagir é importante ter diferentes caminhos. Perguntei ao professor: "Professor de quê?", "Dá aula onde?", "Já reprovou um

aluno?”.

Conforme dito no tópico anterior, cada pergunta lhe fornece material bruto com potencial para uma piada. Mas certas perguntas geram um material bruto de maior qualidade. No meu show há um momento em que converso com professores que possam estar presentes na plateia. Como já fiz isso muitas vezes, tenho diversas perguntas cujas respostas já sei que dão chance de render uma piada, por exemplo:

- Você colava muito?
- Alguém aqui já reprovou várias vezes?
- Qual série você achou a mais difícil de todas?

Até perguntas simples podem render uma piada:

Léo: Você dá aula onde?

Espectador: Na escola.

Léo: Na escola... [silêncio] Que bom, porque às vezes tem aula no açougue.

A resposta do espectador não foi idiota, pois é possível dar aula em escolas, universidades, cursinhos, aulas particulares. Mas induzindo o público a crer que a resposta foi vaga, faço uma piada usando a ironia. A experiência nos palcos me permitiu mapear perguntas mais promissoras, mas, para isso, fiz algumas que dificilmente rendiam uma piada, como: Qual parte da sua matéria os alunos têm mais dificuldade de aprender?

Apenas com a prática é possível se tornar eficaz e descobrir atalhos, ou seja, perguntas e questões cujo potencial para proporcionar uma piada é grande. Lembre-se também de não ficar fazendo perguntas muito parecidas:

- *Você dá aula de quê?*
- *Biologia.*
- *E gosta de biologia?*

- *Gosto.*
- *Dá aula faz muito tempo?*
- *Três anos.*
- *E sempre deu aula só de biologia?*
- *Biologia e física.*
- *Ah, física também?! Mas você é formado só em biologia?*
- *Isso.*
- *Mas nunca pensou em estudar física?*
- *Não...*

Um show de humor não é a hora nem o local mais apropriado para esse bate-papo. Repare que foram feitas seis perguntas e nenhuma introduziu algo relevante além do fato de o espectador dar aula de biologia. Se uma pergunta não rendeu, a próxima deve tentar explorar um aspecto diferente da primeira ou possibilitar uma nova perspectiva, por exemplo:

- *Você dá aula de quê?*
- *Biologia.*
- *Já reprovou algum aluno?*

Com essa pergunta já tenho um material bruto de outra espécie. Caso a resposta seja positiva, posso deduzir que o espectador é um daqueles professores que gosta de reprovar alunos por puro prazer e, a partir daí, fazer piadas com isso, ou caso a resposta seja negativa posso induzir que o professor é tarado e explorar isso, veja:

- *Já reprovou algum aluno?*
- *Não.*
- *Sempre passou todo mundo?!*
- *Sim.*

A partir dessa afirmação vou induzir minha piada.

- *Você devia ser daqueles professores que os alunos gostavam...*

Provavelmente a resposta dele será positiva. Mas, mesmo sendo negativa, ela tem potencial cômico, pois um professor que aprova todos os alunos e ainda assim é odiado por eles é inusitado. Supondo que a resposta seja positiva:

- *Sim.*
- *Passava todo mundo, os alunos gostavam de você... Conheço esse perfil, tu é o professor que dá nota pra meninas bonitas. Tu tem cara de tarado! Professor de biologia... "Hoje vamos estudar o corpo humano. Como se formam os bebês? Eu vou demonstrar com a Marcela... Marcela, sobe aqui na mesa."*

Vale ressaltar que não pensei previamente nessa situação para registrar no livro, estou escrevendo o que vem à minha cabeça, de acordo com as possíveis respostas, assim como seria feito no palco.

Essa variação de perguntas é muito importante. Muitos comediantes perguntam para a plateia "De onde você veio?", "Tem alguém de outro estado?"... Veja, perguntas que dificilmente vão oferecer oportunidade para piadas, pois se assemelham à primeira ou porque a resposta simplesmente não tem potencial para isso.

- *Você é de onde?*
- *Espírito Santo.*
- *Mas mora lá?*
- *Não, agora estou morando aqui no Rio de Janeiro.*
- *Veio já tem tempo?*
- *Cinco anos.*
- *E pretende voltar pro Espírito Santo?*
- *Não...*
- *Você não gostava de lá?*
- *Gostava...*
- *Mas se mudou de lá por quê?*
- *Eu casei.*

Perceba que somente nessa última pergunta a resposta oferece uma nova perspectiva, com o qual agora você pode explorar o assunto casamento, sogra, mudança... O mesmo diálogo, porém mais eficiente, seria:

- *Você é de onde?*
- *Espírito Santo.*
- *Amém... Piada idiota... Mas você veio pro Rio de férias?*
- *Não, estou morando aqui...*
- *Saiu do Espírito Santo? Por quê? Percebeu que lá não tinha nada?*
- *Não, eu vim porque casei...*
- *Você casou e se mudou pro Rio... Aqui a chance do casamento acabar antes da hora é maior... Porque tem bala perdida.*

Pode não ser uma grande piada, mas como já foi dito, o grau de exigência da plateia é menor quando se está improvisando. E repare também que a cada nova pergunta uma piada também é feita, por mais simples que seja:

- *Você é de onde?*
- *Espírito Santo.*
- *Amém... Piada idiota...*

Essa piada não vai arrancar grandes risos nem deve ser feita com ênfase. Mas já que é a vez de o comediante falar, não custa aproveitar essa oportunidade para fazer uma piada antes de jogar uma nova pergunta. Na segunda vez, a mesma estratégia foi utilizada: "Saiu do Espírito Santo por quê?". Essa é a pergunta que vai me fornecer o material para improvisar uma piada, mas aproveitei que tenho a palavra e emendei: "Percebeu que lá não tinha nada?". Se essa última frase soar agressiva depende do seu tom. Supondo que o espectador responda: "Lá é muito bom". Já tem outra piada pronta: "Eu sei, lá é tão bom que você foi embora...".

Cada pergunta lhe fornecerá material bruto para ser transformado em piada. A qualidade desse material está diretamente ligada a essas perguntas.

Metodologias de interação

Há duas metodologias de pesquisa amplamente empregadas em trabalhos: dedução e indução.

O método dedutivo parte de um caso geral para um caso específico. Veja os exemplos a seguir:

- Todo metal conduz eletricidade. O mercúrio é um metal. Logo, o mercúrio conduz eletricidade.
- Todo baiano é preguiçoso. O Caetano Veloso é baiano. Logo, o Caetano é preguiçoso.

O método indutivo é o oposto, ele parte de um caso específico para o geral. Veja:

- O corvo número 1 é negro, o corvo número 2 é negro, o corvo número 3 é negro... Então todos os corvos são negros.
- O jogador de futebol número 1 saiu com travesti, o jogador de futebol número 2 saiu com travesti, o jogador de futebol número 3 saiu com travesti... Então todos os jogadores de futebol saem com travesti.

Essas duas metodologias científicas são ótimas ferramentas para gerar piadas. Veja o seguinte diálogo que tive com um espectador:

- *Você já reprovou algum aluno?*
- *Já.*
- *Já?! Ele responde com orgulho... Que filho da puta!*

Essa piada sempre gera risadas no público, afinal de contas, uma simples resposta valer um xingamento é uma reação hiperbólica e eu estou deduzindo que esse professor é um daqueles que reprovava alunos por puro prazer. Veja o raciocínio: todos os professores que reprovam alunos são odiados. O professor da plateia já reprovou alunos. Logo, o professor da plateia é odiado. A dedução é utilizada como recurso cômico, pode ser que ele tenha reprovado apenas um aluno que faltou quase o ano inteiro, mas isso não interessa. Nesse momento, a plateia e eu estamos interpretando que ele reprova alunos por prazer.

Quando pergunto para um espectador “Você dá aula onde?”, a pergunta já induz a um possível erro. Diversas vezes já tive respostas como:

– *Duque de Caxias.*

– *Duque de Caxias... [silêncio] Você dá aula pro município inteiro, o prefeito reúne as pessoas numa praça, você sobe num banco...*

É óbvio que a resposta do espectador quer dizer que ele dá aulas “em” Duque de Caxias e não “para” Duque de Caxias. Mas a minha pergunta induz ao erro. Repare que eu não falo: “Você dá aula em que escola?”.

Veja o seguinte diálogo que já tive nos palcos:

Léo: Quem pagou as entradas?

Espectador: Cada um pagou a sua.

Léo: Então não vai comer.

Léo: Você trabalha com o quê?

Espectador: Sou delegado.

Léo: Ah, então vai comer!... Se quiser me comer também...

A primeira piada é por meio da dedução: sempre que um homem paga a entrada para uma mulher e a convida para sair, ele quer levá-la para a cama. Se esse cara não fez isso, então não vai conseguir levá-la para a cama. A segunda piada é induzida, afinal de

contas, delegados são pessoas com alto salário e que, provavelmente, têm mulheres interessadas neles. Se esse cara é um delegado, então essa mulher está interessada nele.

Em outro show um rapaz da plateia falou: "Eu reprovei a oitava série duas vezes, foi um momento difícil da minha vida...". Mais tarde, ao interagir com outra pessoa, tive o seguinte diálogo:

- *Você faz o quê?*
- *Sou dona de casa.*
- *Mas chegou a fazer uma faculdade...?*
- *Sou formada em psicologia.*
- *Você acabou abandonando a psicologia, o mercado de trabalho tá difícil...*
- *É...*
- *Olha, o fulano aqui tá precisando de uma psicóloga, ele teve um momento difícil, reprovou duas vezes a oitava série...*

Estou deduzindo que a espectadora quer um emprego. Afinal de contas, todo profissional formado quer um emprego. Ela é formada. Logo, ela quer um emprego.

Em outra ocasião entrevistei o ator Bruno Gagliasso e perguntei:

- *Você tatuou o número 13. Foi uma homenagem ao Zagallo?*
- *Não, foi pra mim mesmo.*
- *Você não gosta do Zagallo?*
- *[risos] Gosto... Admiro ele, mas a tatuagem foi pra mim.*

Aqui estou induzindo a minha piada. Fulano nunca fez nada pelo Zagallo porque não deve gostar dele, beltrano nunca fez nada pelo Zagallo porque não deve gostar dele. Bruno não fez a tatuagem pelo Zagallo, logo, Bruno não deve gostar dele.

Induzir ou deduzir fatos com base na resposta dos espectadores é uma ótima ferramenta para construir piadas ao improvisar.

A hora de interromper a interação

É importante saber a hora de interromper a interação. No último show fui bem, mas estendi um pouco.

Tem coisas que a gente precisa saber a hora de parar, por isso que Deus deu pra gente o orgasmo, se não, íamos morrer ali...

(Diogo Portugal)

A intervenção com a plateia deve ser pontual e precisa. Tenho duas regras para guiar a interação, a primeira delas é: pare de interagir enquanto acha que ainda pode interagir mais um pouco.

Você conversou com um espectador e fez piadas boas, com o segundo não rendeu muito, o terceiro foi ótimo, o quarto está razoável... Enquanto fala com ele, você pensa: "Acho que ainda dá pra interagir com mais uns dois", então fale no máximo com mais um.

A segunda regra é: feche em cima.

Usando o exemplo anterior, se o terceiro espectador foi ótimo, esta pode ser uma boa oportunidade para encerrar a interação e voltar para o texto. Não veja essas regras como inquebráveis. Seria até melhor chamá-las de conceitos em vez de regras, pela maior flexibilidade permitida pela palavra "conceito". E ambas estão subordinadas ao ritmo. Se o comediante interagiu com três espectadores e não produziu nenhuma piada, é melhor voltar para o texto e restabelecer as risadas. Feito isso, caso deseje, pode tentar mais uma vez a interação.

Julho de 2009

Não subestimar a plateia

Não sei se já comentei isso anteriormente, mas diversas vezes eu e outros colegas de trabalho subestimamos a plateia.

Confesso que pensei em remover este tópico do livro, mas ao percorrer todas as linhas transcritas nestas páginas, não encontrei menção direta ao fato de nunca subestimar a plateia. Não é incomum ver comediantes impondo limites a uma piada: Será que vão entender isso? Será que as pessoas jogaram WAR? Todos somos seres humanos! Excetuando fatos ou costumes regionais, a maioria de nós teve experiências parecidas. Muitos acontecimentos são mais universais do que imaginamos. A maioria das pessoas (que está no teatro ou no bar assistindo a um show) sabe o que é Street Fighter; sabe o que é Bob's e McDonald's; já roubou algum bombom, lápis, caneta; já teve a sensação de cair quando estava dormindo; já fingiu que corria após tropeçar; já tentou descer mais um degrau da escada após o último; já quebrou alguma coisa e montou de volta para ninguém perceber; já viajou de balão sobre o rio Nilo — ok, essa última talvez não seja tão universal, mas você entendeu o recado.

Grandes plateias: fale mais devagar

Em shows em lugares grandes e com cerca de mil pessoas ou mais você deve falar mais devagar que o normal, pois a plateia demora um pouco mais a reagir que uma plateia menor, é como se a reação fosse em uma onda crescente. Se começar a falar rápido pode impedir que venha uma onda grande. Sem contar questões de acústica, pois às vezes, em um lugar grande, se você não falar um pouco mais devagar, fica difícil entender. Perceba que o falar mais lento é levemente mais lento e não em slow motion.

Essa lição é um pequeno detalhe, mas sua abordagem é sustentada pelo ditado: a perfeição não é um detalhe, mas o detalhe faz a perfeição. O maior show que fiz até hoje foi na Virada Cultural

de São Paulo em 2012, para 30 mil pessoas. Com esse mar de gente, a reação do público é exatamente como a das águas. Uma mesma piada pode gerar desde silêncio em algumas pessoas até crises de riso em outras. É como se o *punch line* fosse uma pedra que você atira na água provocando ondas, e o conjunto dessas ondas de diferentes intensidades forma a harmonia do oceano. Para jogar outras pedras, ou seja, contar as próximas piadas, é preciso estar atento ao movimento das ondas. Assim como um músico desenvolve seu ouvido para identificar notas musicais, o comediante deve desenvolver sua audição para identificar os pontos em que pode disparar as piadas.

Uma pequena plateia de cem pessoas é como um pequeno lago, você pode jogar várias pedras em sequência, mas milhares de pessoas exigem um tempo um pouco maior entre as piadas. O mesmo show feito para oitenta pessoas terá uma duração menor do que quando apresentado para 2 mil pessoas.

Relação entre público repetido e piadas

Num show como esse, no Maranhão, cerca de 80% da plateia nunca mais vai me ver fazer stand-up novamente, então, por que fazer um texto com piadas razoáveis? O melhor é realmente selecionar apenas piadas e tópicos bons e mais fortes e fazer um show que seja o melhor possível. Agora, em um local onde várias pessoas já viram o show e muitas retornam, deve-se variar os textos até mesmo fazendo outros que sejam apenas "bons"; textos fracos ou razoáveis devem ser melhorados ou cortados.

Veja as seguintes situações:

Situação 1

Público: 300 pessoas

Quantas devem assistir ao meu show novamente: 90

Ou seja, 30% desse público vai me ver nos palcos novamente.

Isso quer dizer que, de 0 a 100, meu grau de exigência ao selecionar as piadas para esse show deve ser 70.

Situação 2

Público: 400 pessoas

Quantas devem assistir ao meu show novamente: 8

Ou seja, 2% deste público vai me ver nos palcos novamente.

Isso quer dizer que, de 0 a 100, meu grau de exigência ao selecionar as piadas para esse show deve ser 98.

A situação 1 é mais frequente em teatros, onde você está em cartaz semanalmente. Quando eu me apresentava com o Comédia em Pé no Rio de Janeiro, ficamos em cartaz intermitentemente, e o ingresso valia desconto para retornar ao show. Isso fazia com que muitas pessoas viessem nos assistir de novo. Por conta disso, eu procurava trocar as piadas o máximo possível.

A situação 2 é mais frequente em shows fora do seu estado, como o meu caso em Palmas, Porto Velho, Fortaleza... Nessas situações não há razão para colocar a troca de textos acima da reação que um texto provoca.

Com base nesses casos concluí que: o percentual de vezes que a maior parte do público vai lhe ver de novo é inversamente proporcional ao nível de seleção de suas piadas. Contudo, após alguns anos percebi que essa equação apenas serve para ilustrar o seguinte: textos mais fracos devem ser feitos apenas "em casa", ou seja, nos locais onde se apresenta com frequência. Nos shows esporádicos utilize as melhores piadas. No entanto, os textos mais fracos feitos "em casa" devem ser aprimorados para que também possam ser apresentados em qualquer show. Caso contrário, abandone essas piadas. Lembre-se de que um dia há chance de você não ter um local fixo para se apresentar, logo, o objetivo a se alcançar é que todas as suas piadas estejam aptas para qualquer bar ou teatro. E, quando precisar testar piadas novas, procure fazer isso no lugar onde se apresenta com mais frequência.

Agosto de 2009

Envolver a plateia

O fato de fazer perguntas e o pessoal não responder e na terceira pergunta todos já responderem é um fator legal de mexer com a plateia. É interessante desenvolver essas habilidades para envolver o público.

O stand-up é diferente de uma peça teatral, em que há o que é chamado de quarta parede, ou seja, uma parede invisível entre o público e os atores. A comédia stand-up é um diálogo com a plateia. O comediante fala, eles respondem rindo, ele fala de novo, o público ri mais uma vez. Portanto, é muito importante envolver a plateia no seu show. Já presenciei comediantes que recitavam o texto independentemente da reação do público, que inevitavelmente acaba perdendo o interesse. O comediante e ator Marcio Ribeiro uma vez entrou no show e falou para a primeira mesa: "Estou com uma puta sede, posso beber?". Ao receber uma resposta positiva, ele pegou o copo da mesa e bebeu. Marco Luque faz aquecimentos com a plateia que geram ótimas situações para piadas. Marcelo Marrom combina sinais, por exemplo, ao mexer a cabeça eles devem bater palmas e isso é usado como recurso para piadas ao longo de sua apresentação.

Cuidado para não fazer perguntas sem objetividade:

Comediante: Ontem eu fui ao médico... Tem algum médico na plateia?

Espectador levanta a mão.

Comediante: Assim que entrei no consultório...

Por que perguntar se tinha um médico se nada foi feito com essa informação?! O comediante, na tentativa de envolver a plateia, ao

fazer uma pergunta acabou deixando a plateia mais afastada ao ignorar a resposta.

Se o público estiver acanhado, converse com ele. Se alguém levantou para ir ao banheiro, tropeçou e caiu, não ignore esse fato. Interação e envolvimento da plateia são habilidades desenvolvidas com o tempo e a prática.

Curtir a cena

Essa foi uma lição que aprendi observando o Damon Wayans. Ele faz muitas encenações, mas ele as "curte". Quando faz a bicha subindo no banquinho na piada do Magic Johnson, ele não sobe rápido, vai fazendo em ritmo normal e as pessoas riem disso.

Ações físicas acompanhadas ou não de fala devem ser devidamente exploradas. Veja esta piada:

O cara quando tá com fone de ouvido fica todo malandro, começa a andar diferente [anda curtindo uma música], ele começa a fazer uns movimentos que não têm a ver com andar na rua [faz um gesto]. Vira a esquina diferente [vira o corpo], faz sinal pra chamar o ônibus [faz um movimento ondulatório de um braço ao outro pra chamar o ônibus]. (Murilo Couto)

As partes sublinhadas são os *punch lines*, repare que o *setup* envolve uma parte textual e física e o *punch* é apenas um gesto. Acelerar esse gesto é o mesmo que falar rápido demais uma frase, isso diminui o impacto da piada. Não realizar o gesto com clareza é o mesmo que embolar palavras.

Assim como uma palavra pode aumentar o impacto de um *punch* textual, um gesto também pode reforçar um *punch* físico. Por

exemplo, para ilustrar o cara com fone de ouvido chamando um ônibus, Murilo Couto optou pelo seguinte gesto: ele estende o braço esquerdo e inicia um movimento ondulatório até a mão direita, que termina mexendo para cima e para baixo com o indicador estendido. Esse *punch line* é visualmente engraçado e não foi fruto do acaso. O gesto ondulatório de um braço para o outro é um movimento clássico de dança, muito utilizado no *hip-hop*, e o braço estendido com o indicador apontado é o sinal para chamar um ônibus. Murilo combinou essas duas ações para fazer seu *punch line* (ou seria *punch action*?!). Será que esse é o único *punch* possível para essa piada? Com certeza não. Portanto, observe suas piadas e fique atento para as ações que elas despertam. Explore cada um dos gestos, fique atento ao *timing* e procure lapidar seus movimentos, assim como o texto.

Encontre pontos promissores na piada

No texto da lanchonete reparei que as moscas bombadas geravam boas risadas e a única piada que eu tinha era fazer as moscas malhando, mas a premissa era muito boa e eu não a explorava.

Conforme mencionado anteriormente, eu tenho uma piada sobre lanchonetes sujas de beira de estrada, veja:

Essas lanchonetes de beira de estrada têm os maiores insetos da face da Terra! São umas moscas bombadas, uóóó [interpreta]. Quando elas pousam no salgado, não é pra comer, é pra malhar... Tinha uma levantando a coxinha.” (Léo Lins)

Essa piada funcionava bem, mas um dia me dei conta que estava criando a cena de uma mosca malhando para fazer apenas uma

piada. A cena é visual e a plateia já está rindo, portanto, comecei a pensar em outros elementos de academia ou pessoas bombadas e combinar com insetos. Foi assim que criei outros *punch lines*:

Quando elas pousam no salgado, não é pra comer, é pra malhar... Tinha uma levantando a coxinha... A outra correndo no croquete: 'E aí, beleza, daqui a pouco te como'... Uma hora vi um escorpião, mas quando olhei de perto o escorpião estava tatuado no braço da mosca... 'E aí, gostou?!'... (Léo Lins)

Depois da mosca erguendo a coxinha, fiz uma correndo em um croquete, pois a ação de correr favorece a piada a ficar mais visual. Em seguida acrescentei outra piada com a mosca falando (em voz grossa): "E aí, beleza, daqui a pouco eu te como". A seguir vem a piada da tatuagem na mosca, que também finaliza com uma encenação chamada de "ilustrar a piada"[13](#), ou seja, após falar "o escorpião estava tatuado no braço da mosca", eu faço o papel da mosca, erguendo a manga da camisa e perguntando (em voz grossa) "E aí, gostou?!". Detectar esse espaço propício para piadas acrescentou quatro *punch lines*. Para escrever piadas novas, não fique apenas em uma folha em branco, revise seus textos antigos, às vezes uma única piada está em um solo fértil capaz de germinar muitos *punches*.

Setembro de 2009

Manual do entrevistado I

As primeiras entrevistas de um iniciante costumam ser em programas regionais para divulgar shows. Sua entrevista tem que

ser engraçada? Sim. Lembro que, há muitos anos, um humorista foi ao *Pânico*, na Rádio Jovem Pan, e a entrevista não teve nenhuma piada, ele mesmo disse que no dia a dia é uma pessoa mais séria e que o fato de ele ser humorista não implica que deva ser sempre engraçado. Concordo que um profissional do humor não deve ser engraçado 24 horas por dia, mas um espaço na mídia para divulgar seu trabalho não é o momento de economizar piadas. Dificilmente alguém que tenha ouvido a entrevista do humorista sério se interessou em ir ao show dele.

O sucesso da entrevista dependerá do entrevistado e do programa. Ao participar de um programa, as piadas podem ser feitas basicamente de duas formas: você pode fazer um stand-up no formato clássico, ou seja, de pé com microfone na mão; ou fazer o que os norte-americanos chamam de *doing panel* e nós chamamos de "dar texto", que significa contar as piadas em forma de bate-papo durante a entrevista.

Dependendo do programa, ele pode ou não ter uma plateia, que pode ser boa ou ruim. Fazer stand-up em um programa funciona quando ele tem uma plateia adequada ou quando o apresentador reage às piadas. Alguns colegas no começo da carreira foram no extinto *Programa da Hebe*. A média de idade da plateia era em torno de sessenta anos. Desnecessário dizer que as piadas não alcançavam a devida reação. Quando o programa não tem plateia, você depende do apresentador. Se ele reagir com risos, a apresentação pode funcionar, mas infelizmente é muito grande o número de apresentadores que, enquanto o comediante conta a piada, está lendo a próxima pergunta ou está preocupado com a vinheta que entra em seguida. O comediante termina a piada e logo em seguida é possível ouvir o silêncio, que é interrompido apenas por outra pergunta do entrevistador.

Ao combinar todos esses elementos (apresentadores que interagem, ou seja, são bons; apresentadores indiferentes; plateias ruins; plateias boas), por meio da análise combinatória, chegamos a nove cenários possíveis:

1 - Stand-up clássico	Sem plateia	–
2 - Stand-up clássico	Com plateia ruim	–
3 - Stand-up clássico	Com plateia boa	–
4 - Stand-up na conversa	Sem plateia	Apresentador ruim
5 - Stand-up na conversa	Sem plateia	Apresentador bom
6 - Stand-up na conversa	Com plateia ruim	Apresentador bom
7 - Stand-up na conversa	Com plateia ruim	Apresentador ruim
8 - Stand-up na conversa	Com plateia boa	Apresentador ruim
9 - Stand-up na conversa	Com plateia boa	Apresentador bom

No caso de um número de stand-up clássico o apresentador não fará muita diferença, pois o comediante conta as piadas para a câmera ou para a plateia. É ruim fazer stand-up sem público, mas talvez seja pior apresentar-se para uma plateia fria e sem reação. Nos casos 1 e 2 prefiro não fazer o stand-up. Já fui a programas em que me pediram para que contasse piadas nessas circunstâncias. É claro que não respondi: “Não posso contar minhas piadas aqui porque sua plateia é muito ruim e vai parecer que sou sem graça”. É interessante para o programa que a atração funcione da melhor maneira possível. Então eu disse: “Prefiro soltar as piadas durante a conversa, acho que vai ficar mais natural e funcionar melhor”.

Demorei alguns anos para tomar essa atitude sem receio de parecer pedante ou arrogante e saber que o programa confiaria na minha posição. Mas no começo da carreira, há grandes chances de o comediante ter que fazer um número de stand-up sem plateia ou para uma plateia ruim. Caso aconteça, encare isso como uma etapa do seu desenvolvimento para futuramente chegar a uma posição capaz de se esquivar dessas situações.

A situação número 3: stand-up clássico com plateia boa, representa um programa ideal para se apresentar. Nesse caso, o sucesso ou fracasso dependem unicamente do comediante. Selecione um texto adequado e faça uma ótima apresentação.

Os cenários de 4 a 9 envolvem fazer o número de stand-up no meio da conversa. O 4 é um dos piores: sem plateia e apresentador ruim. Nessa situação o melhor a ser feito é tentar soltar as piadas como se fossem meros comentários, como se a sua intenção não fosse a de provocar o riso. Dessa forma, o comediante se protege da ausência de reação de seu interlocutor. Se o apresentador for bom, ele fará o papel da plateia, e a responsabilidade do sucesso mais uma vez recai sobre os ombros do humorista, visto que o apresentador já está fazendo a parte dele. Um bom apresentador pode até compensar uma plateia ruim (cenário 6), pois, mesmo sem grandes reações do público, o apresentador está com o microfone, logo, o som da risada dele transparece mais do que o da plateia.

É importante ressaltar que as variáveis levadas em consideração aqui são: apresentador e plateia. Estou partindo do princípio que a performance do comediante é boa, do contrário não adianta ter um bom apresentador nem a melhor plateia. Um apresentador que ri de modo forçado para não deixar o clima da apresentação constrangedor está longe do cenário ideal. Também não adianta um bom show e boas reações da plateia se essas reações não aparecem nem são ouvidas no vídeo. Já fiz participações em programas em que, no estúdio, a plateia ria bastante, mas como o áudio deles não foi bem captado, quando assisti ao vídeo depois parecia que algumas piadas não tinham funcionado.

O próximo cenário é o 7: apresentador ruim e plateia ruim. A pior das situações junto com apresentador ruim e sem plateia. A melhor saída para essa armadilha é usar a estratégia citada anteriormente: soltar as piadas como se fossem meros comentários, como se a sua intenção não fosse a de provocar o riso. Na oitava hipótese, com plateia boa e apresentador ruim, basta ignorar a ausência de reação do apresentador e contar as piadas para a plateia. E o último cenário, plateia boa e apresentador bom, não oferece nenhum perigo, dispare suas piadas e explore ao máximo a oportunidade.

Manual do entrevistado II

Alguns programas fazem uma pré-entrevista, ou seja, alguém da produção entra em contato com o humorista para saber histórias ou fatos curiosos que podem ser abordados durante a entrevista. Quando fui ao *Programa do Jô* pela primeira vez tive a sorte de ir com o grupo Comédia em Pé. Se, por um lado, o tempo disponível acabou sendo dividido por quatro (eu, Fábio Porchat, Claudio Torres Gonzaga e Paulo Carvalho), por outro, não poderia ter todo o tempo para mim, pois naquela época ainda não tinha experiência para explorar a oportunidade da melhor maneira. Como tive um quarto do tempo fui pontual e consegui ser engraçado nesse breve período.

Passei por essa pré-entrevista antes de ir ao Jô, contei histórias engraçadas, falei que já tinha trabalhado em escolas, dado aulas de capoeira etc. Mas o principal eu não fiz: dar as deixas para as piadas que pretendia fazer na entrevista. O certo seria nessa pré-entrevista ter falado que eu tenho um gato em casa e tenho piadas sobre as diferenças entre gato e cachorro e sobre outros bichos, uma delas é:

Cachorro e gato são os animais mais comuns que a gente tem em casa e cada um tem sua particularidade. O cachorro é como se fosse seu filho, ele é uma criança, ele quer brincar o tempo inteiro, ele quer te abraçar, ele quer pular... O gato é como se fosse... o seu avô, ele te vê, e matou a saudade: 'Vou comer e dormir, me acorda no lanche'. (Léo Lins)

Com essa informação em mãos o produtor a repassa para o redator, que ao escrever a pauta da entrevista incluirá alguma pergunta para "levantar" para a piada do gato. "Levantar" é um termo utilizado entre os comediantes para simbolizar o ato responsável por designar o momento de entrar com determinada piada. Assim, durante a conversa o entrevistador faria alguma pergunta do tipo: "Você tem algum animal de estimação?", ou "Os humoristas fazem piada com o dia a dia deles, um fala da mãe, outro do filho. Eu vi que você tem um gato, já fez piada sobre ele?".

O material que você fornece para quem vai entrevistá-lo é muito importante. Nem sempre ele será obtido diretamente da fonte, com um produtor ligando para o seu telefone. Na maioria das vezes o material do entrevistado virá por *releases*, redes sociais, Wikipedia. Em 2009 fiz um show com o Comédia em Pé em Palmas, Tocantins. Antes do show, um programa local veio entrevistar cada um dos integrantes e fizeram perguntas como: “Tem alguma diferença do show apresentado aqui para o que vocês estão acostumados a fazer, tem que adaptar o texto?”, “É diferente escrever para o teatro e para a TV?”.

Na hora de me entrevistar, ele perguntou: “Como é para você estar andando com essas feras?”. Eu respondi: “Quando elas estão alimentadas é tranquilo”. Confesso que não gostei de o sujeito fazer uma pergunta como aquela, pois ele não era um humorista, e a pergunta era séria. Mas depois parei pra pensar... Ele não conhecia ninguém do grupo, o que fez foi entrar no site do Comédia em Pé para saber um pouco sobre cada um, veja o que ele encontrou:

Claudio Torres Gonzaga: É ator, cenógrafo, comediante e diretor de teatro diversas vezes premiado. É redator da TV Globo, onde escreveu para os programas *O belo e as feras*, *Escolinha do professor Raymundo*, *Malhação*, *Brava gente*, *Sai de baixo* e *A grande família*. Dirigiu a peça *Enfim nós*, escrita em parceria com Bruno Mazzeo. Criador e comentarista do programa de TV *Paquetá connection*. Foi redator final de *Sob nova direção* e durante cinco anos comandou a redação de *Zorra total*. Atualmente é redator de *Os caras de pau*.

Fernando Caruso: É ator, diretor e autor de teatro premiado. É um dos criadores e participantes do espetáculo de improvisação *Z.É. – Zenas Emprovisadas*, fenômeno de público no Rio de Janeiro que conquistou o Prêmio Shell de Teatro em 2004. Na TV, atuou nos especiais *Correndo atrás* e *Brava gente*, da TV Globo. Também participou dos programas *Zorra total* e *Os normais*, além das novelas *O clone* e *Malhação*.

Paulo Carvalho: É ator, produtor e diretor. Coleciona inúmeras participações em telenovelas e seriados: *Vidas opostas* (Record), *Cilada* (Multishow), *Páginas da vida*, *Cobras e lagartos*, *A diarista*, *Malhação*, *Sob nova direção* e nas minisséries *Os maias* e *JK*, como Pedro Nava, todas pela Rede Globo.

Léo Lins: Não é ator, não é diretor, não é produtor... É comediante stand-up.

Com essas informações em mãos, não posso culpá-lo pela pergunta que me fez. Escrevi meu *release* dessa forma para ficar engraçado. Acredito que esse objetivo foi atingido, mas tal piada tinha como consequência minha desvalorização. Veja o *release* que escrevi mais tarde:

Léo Lins: Integrante do *late show* [Agora é tarde](#). Carioca, trabalhou como mágico, malabarista e capoeirista. Lançou o livro [Notas de um comediante stand-up](#), primeiro do gênero no Brasil. Já realizou mais de mil apresentações ao longo da carreira, sendo algumas na Inglaterra, Portugal e Alemanha. Começou na comédia stand-up em 2005 e pouco tempo depois entrou para o grupo Comédia em Pé. Em suas apresentações gosta de abordar temas esdrúxulos, como planetas, linguagem de sinais e pombos. Na TV, foi finalista da primeira edição do "Quem chega lá", no *Domingão do Faustão*, e foi convidado dos programas *A Liga*, *Programa do Jô*, *Malhação*, entre outros. Pelo *Agora é tarde* já entrevistou celebridades como Matt Groening, Ian McKellen, Stan Lee e Tim Burton.

Com esse parágrafo, é possível para um entrevistador pensar em várias perguntas. Por exemplo:

- *Você fez show na Inglaterra, Alemanha e Portugal. Como foi essa experiência?*
- *Você lançou o primeiro livro sobre stand-up, pensa em escrever outro?*

– *Você era capoeirista, como foi parar na comédia?*

Sem contar que muitas perguntas já podem levantar para que eu faça piadas:

– *Eu vi que você gosta de fazer piada com uns temas diferentes, pode dar um exemplo?*

– *É verdade, eu curto uns assuntos diferentes. Esses dias andei pesquisando sobre fobias, que é ter medo de alguma coisa, e tem umas fobias muito bizarras, tem uma... [E aqui já começo a "dar texto".]*

Hipopotomonstrosesquipedaliofobia – medo de palavras grandes. O cara não pode nem falar a doença que tem!...
'Você está com hipopoto...' 'Ai, MEU DEUS!' 'Peraí, o tratamento é fácil...' Ele ia preferir ouvir: 'Doutor, o que eu tenho?'
'Câncer...' 'UFA, ainda bem. Duas sílabas!!!' (Léo Lins)

Como foi dito anteriormente, não é apenas o *release* que pode ser usado como fonte de informações. Numa das vezes em que fui ao *Pânico*, na rádio, alguns dos integrantes entraram no meu Twitter e comentaram sobre algumas tuitadas. Naquela semana, eu tinha pensando em algumas piadas sobre namorar uma mendiga ou mendigo e tuitei:

"Se um mendigo escrever uma carta para o 'Lar Doce Lar', o Luciano Huck tem que reformar a rua."

"O lado bom de namorar uma mendiga é que, se você marcar um encontro com ela na rua, ela nunca se atrasa."

"Na hora de levar uma mendiga embora pra casa, pode deixar em qualquer lugar."

Durante a entrevista eles viram isso e perguntaram:

– Você anda querendo namorar uma mendiga?

Eu não tinha um texto pronto sobre isso, então na hora falei algo como:

– Não... É que esses dias vi um cara trocando ideia com uma mendiga e aí fiquei pensando nos prós e contras de namorar uma mendiga...

– Por exemplo?

– Se você marcar um encontro com ela na rua, ela nunca se atrasa.

Manual do entrevistado III

Em todos os exemplos que mencionei, o entrevistador buscou material sobre o comediante, mas em diversas ocasiões isso não acontecerá. Seja por falta de tempo ou por incompetência. Nesses casos é muito importante que o comediante fique atento ao ritmo da entrevista. Já passei por situações nas quais o apresentador do programa disse, por exemplo:

Apresentador: Como é esse show de stand-up?

Comediante: A gente fala de coisas do cotidiano – não são piadas de português, papagaio –, comenta coisas do dia a dia.

Apresentador: Ah, legal... Quer dizer que quem for ao show vai dar risada?

Comediante: Espero que sim.

Apresentador: Hummm, conta aí uma do show?

Comediante: Blá-blá-blá.

Apresentador: Que legal! E você vai curtir tudo isso no teatro X daqui a pouco. O show é de piadas e mexe com a plateia, não é?

Em situações em que o apresentador não está conduzindo a entrevista, você deve assumir o controle e conduzi-la. Procure encaixar piadas, divulgue um programa ou os vídeos pelos quais as pessoas que estão vendo ou ouvindo a entrevista possam conhecer seu trabalho. Por exemplo:

Apresentador: Como é esse show de stand-up?

Comediante: A gente fala de coisas do dia a dia, por exemplo, eu tava vindo aqui pra rádio e passei por uma macumba. Eu já vi várias, mas essa me chamou a atenção, porque tinha uma garrafa de pinga e uma peruca... O cara quer chamar o Mussum e o Zacarias?!

Apresentador: Ah, legal! Então quem for ao show vai dar risada?

Comediante: Se não der, a gente faz uma macumba e chama o Mussum e o Zacarias pra fazerem o show!

Apresentador: Tá certo! Tudo isso hoje no show de comédia stand-up, não é isso?

Comediante: Isso aí. Aproveitando o espaço, no show eu também vendo meu livro, ele já está na segunda edição. A primeira vendeu toda.

Apresentador: Caramba!

Comediante: Foram trinta livros... E em três anos esgotou.

Perceberam que o assunto do livro foi introduzido sem esperar nenhuma deixa do apresentador, assim como a piada sobre a macumba. Se achar que o assunto está ficando muito para baixo, tente encaixar uma piada, zoe o apresentador, comente algo do cenário.

A entrevista é o momento em que o artista pode se vender. O comediante que não faz piada é o mesmo que um músico que vai a um programa e não canta ou toca. Mesmo com a pré-entrevista é importante ficar atento ao ritmo da entrevista.

A comediante Carol Zoccoli foi ao *Programa do Jô* e ele perdeu os dois primeiros minutos da entrevista discutindo a sílaba tônica do sobrenome dela, se era ZÓccoli ou ZoccÓli. Não dependa do apresentador. Quando for dar uma entrevista pense nas possíveis

piadas que vai fazer e, assim que possível, dispare-as. E fique atento às oportunidades que podem levantar para outras piadas que você tenha. Se o apresentador por acaso disser: “Na semana passada, veio aqui um professor de matemática...” e nisso o comediante encaixa uma piada sobre matemática, vai até parecer que a piada veio de improviso. E essa foi uma piada-bônus que você nem esperava fazer.

Além das piadas, a entrevista é um ótimo espaço para histórias engraçadas, curiosidades sobre os bastidores de uma gravação. Coisas que não funcionariam em um palco, mas são perfeitas para uma entrevista. Eu, por exemplo, sofri um acidente em que meu rosto ficou pegando fogo. Isso aconteceu na faculdade, quando fui cuspir fogo durante a abertura de um jogo. Essa história é ótima para uma entrevista, mas no palco, ela perde força, pois é apenas uma história. Embora possua algumas piadas, ela não está inteira no formato *setup-punch*. Se você tem alguma história engraçada inclua no seu repertório de entrevistas. Cabe ao programa criar oportunidades para o entrevistado render uma boa entrevista, se souber aproveitar essas oportunidades e ainda criar outras por conta própria, a entrevista será ótima!

Em entrevistas o negócio é: “dar texto”. Perguntei isso ao Márcio Ribeiro alguns dias antes de ir ao Transalouca e ele falou: “Bicho, vai dando texto, piada, piada, piada...”. Deu um gancho, já puxa pro texto. Foi isso que eu fiz, fui com piadas que poderiam ser feitas lá, mas mesmo assim na hora acabaram vindo outras que encaixaram com o que estava sendo falado.

(21/10/2009)

Perguntas para entrevistar um comediante:

- O que é o show de comédia stand-up?
- O que o público de (nome da cidade) pode esperar do show?
- O que difere o (nome do seu show) dos demais shows de humor?
- Qual sua expectativa com o público de (nome da cidade)?

- Como está sendo para você se apresentar no (nome da cidade ou evento)?
- Você preparou algo especial para esta apresentação?
- Tem diferença do público de um lugar para o outro, precisa adaptar as piadas?
- Conta uma piada (que o público vai ver hoje à noite)?
- Que recado você quer deixar para o público?
- Qual a inspiração ou o processo para criar uma piada?
- Como você começou no stand-up?
- Qual foi seu primeiro contato com o stand-up?
- Em que momento descobriu o talento para a comédia?
- Como foi contar para a família que queria se comediante?
- A cena de stand-up ainda tem muito a se desenvolver?
- E como está sendo o trabalho no (programa que você está no momento)?
- Tem algum projeto futuro?
- Qual o limite do humor?

Noventa por cento das entrevistas envolvem algumas dessas perguntas exatamente como estão descritas ou trocando algumas palavras. Todo comediante já ouviu cada uma delas diversas vezes. Como você responderá pode depender do seu humor no dia. Já respondi algumas mais sério e outras na brincadeira.

Como se deu o início de sua trajetória artística?

Foi na faculdade de educação física. Eu estabeleci uma meta. Em cada aula deveria escrever uma piada. Quando me formei, entreguei currículo em trinta escolas, mas nenhuma me chamou. Ainda bem que escrevi as piadas e pude seguir outra carreira.

Em que momento de sua vida percebeu que tinha talento para a comédia?

Quando terminei a escola e não precisei mais acordar às seis e meia da manhã, pensei: "Preciso trabalhar à noite". Então, eu poderia ser guarda noturno, garoto de programa ou

comediante. Sempre gostei de divertir as pessoas, ou seja, sobrou comediante e garoto de programa. Como minha performance no palco é melhor do que na cama, foi aí que descobri o talento para a comédia.

Quais foram seus primeiros passos? Aconteceram no teatro?

Meus primeiros passos foram quando eu tinha nove meses de vida, não lembro exatamente onde foram, mas não foi no teatro.

Como sua família recebeu, no início, a notícia de que você seria um comediante? E como reagem hoje?

Se não fosse comediante, eu seria professor. Portanto, ao anunciar que seria comediante foi uma grande alegria para minha família, fizemos uma enorme festa no cruzeiro do Roberto Carlos. Eu queria subir no palco e fazer piadas sobre a perna de pau dele, mas como estávamos em um navio, fiquei com medo de ele me mandar caminhar na prancha.

O que diria para convencer quem está indeciso sobre ir ao seu show?

Bem, provavelmente esta vai ser a primeira e talvez única vez que faço este show em Goiânia. Pense no espetáculo como se ele fosse um cometa. Ninguém liga pra cometas, mas se falarem que um deles poderá ser visto no sábado e depois só daqui a setenta anos, todo mundo vai querer vê-lo, mesmo sendo algo sem graça, só pra poder falar depois: "Eu vi o cometa".

Outubro de 2009

Acessórios, sim ou não

Em conversa com Marcos Castro falei que se a piada não depende do acessório, ou seja, se ela funciona sem a necessidade dele, então seria válido. Se a piada apenas dá certo com o determinado acessório, então é um recurso que você está utilizando.

Para os puristas do stand-up o acessório não deve ser utilizado. Entrar em palco com uma caixa de objetos descaracteriza o gênero. Se o acessório não é necessário para a piada funcionar, mas sua presença dá força a ela, não acho que diminua o grau de pureza do show, pois nesse caso o acessório é dispensável. Em meu show *Piadas secretas*, analiso algumas questões de matemática. Por exemplo:

'1ª questão) Rogerião pesa 240 quilos e seu cão, sessenta, qual a razão?' Sei lá... Olho gordo... falta de educação, metabolismo lento...

'2ª questão) O que é um polinômio de grau 7?' Um míope com nome escroto. (Léo Lins)

Faço esses comentários com a prova impressa em mãos. Apesar de poder fazer as mesmas piadas sem a presença do papel, acredito que ele aumenta a reação da piada. O público tem um fator a mais para crer que não estou simplesmente inventando questões para fazer uma piada, embora possa ter feito isso antes de imprimir a prova. Além disso, ela mostra que meu trabalho foi além de simplesmente pensar nas piadas. Separei as questões e imprimi uma prova de matemática para levar ao show e comentar. Já houve ocasiões em que não levei a prova. A primeira vez que isso aconteceu, peguei uma folha qualquer com frases impressas e na hora do show fingi que estava lendo as questões da prova.

O comediante Henrique Fedorowicz tem um texto em que analisa um manual para realizar exame de urina.

'Item 5 – A urina não poderá ser congelada.' Ah, porque é muito normal... 'Ihh, mijei... Agora vou fazer gelinho!' (Henrique Fedorowicz)

Ele poderia fazer todas as piadas sem a presença do manual, entretanto o papel dá mais credibilidade. Ele não inventou que a urina não pode ser congelada, isso realmente está escrito.

Acho que a restrição de acessórios foi importante durante o estabelecimento do gênero stand-up no Brasil. Mas essa fase de implantação já foi superada, diversos comediantes utilizam violão em seus shows: Fabiano Cambota, Murilo Couto, Marcelo Marrom. Patrick Maia toca uma gaita, Rodrigo Cáceres usa uma peruca. Não é por isso que a apresentação deixa de ser um stand-up — o texto é mais importante para determinar o gênero. Portanto, não se limite quanto ao uso de um acessório, pode ser que você descubra um grande diferencial por meio dele.

Truques para valorizar o show

Foi muito bom fazer o lance do "bônus". Posso deixar isso na maioria dos shows.

Há alguns anos, lendo um dos livros da trilogia de Dariel Fitzkee sobre mágica, lembro-me de um trecho em que o autor disse ter ido assistir a um show na Broadway e o artista da noite elogiou o público por estar caloroso e, após encerrar o show, voltou ao palco e tocou mais músicas. Após encerrar novamente, deu-lhes mais um bônus, que no fim das contas acrescentou vinte minutos ao show. Ao assistir a apresentação em outra ocasião, ele viu que o artista fez a mesma coisa, ou seja, o final do show na verdade não era o final.

O bônus de vinte minutos era uma parte pensada e estruturada para fazer com que o público se sentisse especial por ser agraciado com músicas que, aparentemente, nem estavam no repertório. Uma vez estava em um show do Jorge Ben Jor no Morro da Urca e um espectador falou: "O show dele é muito bom, a vez que eu fui ele se empolgou e chamou várias meninas pra subir no palco... O cara agita a galera". Adivinhem o que ele fez nesse show que eu estava? Chamou as várias meninas para subir ao palco.

A função do artista é entreter seu público, manobras como essa aumentam o teor de entretenimento do show. Adotei essa conduta no meu show *Piadas secretas*. Quando ainda faltam cerca de dez minutos para acabar, após terminar uma piada, eu falo: "Pessoal, estamos chegando no final... vocês são uma plateia foda...". Quando continuo o show após a plateia pensar que ia acabar, eles devem achar que vou fazer mais dois, três, no máximo cinco minutos... Quando recebem mais dez ou 15 minutos, essa expectativa é positivamente superada, assim espero.

Minha motivação para falar que a plateia está ótima é pedir um favor para eles, que na verdade é outro artifício adotado para tornar única a experiência do show. Certa vez, estreei umas piadas no solo e antes de testá-las eu disse: "Vocês são uma plateia muito boa. Inclusive... eu tenho umas piadas novas aqui, nunca contei. Vocês se incomodam se eu testar com vocês?... Ótimo. Sempre falam pra testar piadas com um público animado e simpático... mas vou fazer com vocês mesmo".

Após o show, um espectador falou comigo: "Eu queria ter vindo ao seu show no ano passado... mas não deu... Pelo menos vindo hoje ouvi aquelas piadas que você contou pela primeira vez". A partir daí eu mantive esse texto ao introduzir as piadas, com a diferença que não digo que nunca as contei, falo que tenho algumas piadas que fiz pouquíssimas vezes, se o público se incomodar de eu contá-las... Além de ir ao show, rir e se divertir, esses dois truques fazem a plateia sair com a impressão que teve mais tempo de show que o normal e viu piadas inéditas. Acho válido dizer que já houve casos em que a reação da plateia foi tão boa que, após o final do show

(verdadeiro final), pediram mais e resolvi atendê-los, contando piadas que não estavam no roteiro.

Outra técnica que ajuda a tornar a experiência do show única é interagir com o público. Já tive momentos muito engraçados ao interagir, e a maioria deles não pode ser repetido. Só quem estava no show naquele dia pôde ouvir aquelas piadas.

Não importa se alguém do público retornar no show e descobrir que você também elogiou essa nova plateia e lhes deu um bônus de dez minutos, isso é *show business*.

A função do artista é convencer o público da verdade de sua própria mentira. (Anônimo)

Bússola-caneta

Tinha anotado ideias para fazer piada com o filme Premonição há mais ou menos um ano. Ontem, antes do show, olhei o caderno e me obriguei a pensar em alguma piada. Eu a testei no show e funcionou com aplausos.

É sempre importante reforçar a necessidade de exercitar a escrita. Principalmente nos primeiros anos de show. Com o progresso de sua carreira é possível que seus dotes com a caneta sejam requisitados para outras finalidades além do stand-up, como programas de TV, internet, esquetes, roteiro de filmes. Até o término deste livro, o ano de 2012 foi o que menos produzi textos de stand-up desde o começo de minha carreira, mas escrevi piadas diariamente para o programa *Agora é tarde*. Todos os dias pensava e/ou escrevia piadas para matérias, para os quadros “Jornal do futuro” e “Mesa Vermelha”, VTs para monólogo, intromissões em entrevista. Além disso, tinha o stand-up e projetos paralelos, como escrever este livro que está em suas mãos.

O tempo é um bem que se torna cada vez mais valioso com o passar dos anos, e com mais de um caminho para trilhar é importante dedicar tempo àquele cuja prioridade é maior. O comediante Marcos Castro passou a dividir as atenções do stand-up com seu videolog. O magnetismo do VLOG começou a dar tanto retorno que atraiu a caneta em sua direção. Era necessário pensar em novos temas para os vídeos, as piadas e paródias de músicas.

Quanto mais exercitar sua caneta, maior será sua amplitude para apontar novos rumos a serem trilhados.

Novembro de 2009

Show solo tem ritmo diferente

Estou vendo que num show solo, às vezes valorizar uma piada vale mais a pena do que ir metralhando. Metralhar piadas dá certo em cinco minutos, dez, 15... Mas em 55, não tem como.

Entreter uma plateia por 15 minutos é uma tarefa que envolve determinados requisitos, entretê-la por noventa minutos é um trabalho mais árduo. Podemos fazer uma comparação com velocistas e maratonistas. O velocista é rápido e explosivo, consegue correr curtas distâncias em alta velocidade, mas suas fibras musculares não têm a resistência necessária para se aventurar em uma maratona. Alguns humoristas conseguem fortes reações em apresentações em grupo, mas o rendimento é menor ao se apresentar sozinho. Outros podem não explodir a plateia em um curto período de tempo, mas conseguem conduzi-la ao longo da maratona de um solo.

Talvez o leitor esteja com algumas dúvidas: É possível dominar as duas modalidades? Será que algumas pessoas têm mais aptidão para um show solo do que outras? Posso me desenvolver em uma dessas modalidades? É provável que o iniciante tenha mais contato

com shows curtos e apenas alguns meses ou anos depois comece a adquirir experiência com shows solo. Em um show de 13 minutos você pode utilizar suas melhores piadas e tentar imprimir um ritmo forte e acelerado. Shows com noventa minutos envolvem outra estratégia (para mais detalhes ver a seção "Anatomia do solo", página 284). O ideal é que, em alguns anos, você domine as duas modalidades.

O estilo do humorista pode determinar uma aptidão para um show em grupo ou solo. Lembro que em uma das temporadas do programa *Last Comedy Standing*, havia um participante que era bem lento ao entregar as piadas, parecia que estava chapado. Esse cara ganhava destaque ao se apresentar ao lado de outros, pois era um estilo bem característico e diferente. Em uma noite com quatro ou cinco humoristas, ele destoa dos demais. No entanto, não considero que assistir por noventa minutos alguém no ritmo dele seria tão divertido. E ao se apresentar sozinho ele não teria a seu favor o fator "destoa dos demais". Quando é o terceiro humorista da noite, só de entrar no palco lentamente e começar a falar meio chapado já é engraçado. No show solo isso não funcionaria. É como se os humoristas "normais" que entraram antes dele fossem o *setup*, e o humorista lento e chapado fosse o *punch line*. E como já sabemos, sem *setup*, o *punch* não funciona. É o que aconteceria quando ele se apresentasse sozinho. Portanto, o estilo de um humorista pode influenciar seu sucesso em um show curto ou solo. Comediantes mais agitados e enérgicos não podem começar o show solo a todo vapor, devem reduzir a velocidade e saber o momento em que podem acelerar. Já os comediantes mais parados e lentos devem acelerar o ritmo para evitar uma apresentação monótona.

Shows longos ou curtos são como exercícios aos quais, por meio de treino e prática, o seu corpo se adapta. Logo, é possível se desenvolver e melhorar em ambas as modalidades. Para isso basta dedicação e estudo. Se perceber que ao final do seu show solo as risadas não são tão intensas quanto no começo e no meio, algo está errado. Pode ser que o show esteja muito longo, que as piadas do final não sejam tão fortes, que um assunto foi muito explorado e a plateia tenha se saturado dele, que o primeiro terço do show esteja

com piadas e ritmo muito fortes. É preciso identificar o problema para corrigi-lo.

Foi mediante essa análise que meu show sofreu modificações, melhorando sua qualidade. Ao longo de anos, mudei a ordem de tópicos, abandonei algumas piadas para não saturar um tema, escrevi algumas novas para reforçar trechos do show que estavam mais fracos, acrescentei piadas para explorar mais um tópico que era pouco aproveitado etc.

Ritmo de show

O ritmo de um show é tão precioso que merece atenção especial. A reação provocada pelo comediante é a responsável pelo ritmo do show, e não a reação do comediante. Ritmo forte não quer dizer gritar ou falar rápido, mas sim provocar fortes reações em breves espaços de tempo. Veja as piadas a seguir:

Tem pessoa que quando mostra foto, fala detalhes e coisas idiotas que não precisa. Na foto tá ela, o Mickey e um parque de diversões. Bastava fazer isso [gesto de mostrar uma foto] e passar pra outra, mas não, ela faz assim... [mostra foto por um tempo] 'Sou eu na Disney. Eu sou esse aqui.' Ainda bem que você avisou, confundi esse orelhudo com o Beto Carrero, pensei que você estava em Santa Catarina.

Tem gente que começa a dar detalhes de tudo o que tá na foto. 'Essa montanha-russa foi reformada cinco anos atrás e colocaram uma cabine dupla e dentro de dez anos vão ampliar e vai ser a maior montanha-russa de parques...' É um Discovery Channel com a imagem pausada.

Tem gente que chega ao cúmulo de comentar coisas que não estão na foto: 'Aqui, tá vendo essa roda-gigante? Se você contornar e seguir em frente tem um cachorro-quente'... (Léo Lins)

Bill Gates não é mais o homem mais rico do mundo, ele ficou em segundo lugar, com 53 bilhões. O primeiro é um mexicano, Carlos Slim, com 53,5. Minha mãe viu isso, falou: "Perdeu por pouco!"... Quinhentos milhões de dólares, você acha pouco? Tá escondendo dinheiro aí, mãe, deixa eu te revistar...

Esse mexicano ganhou muito dinheiro... Ele ganhava por dia 100 milhões! Você vê que se ele deixar de trabalhar um dia pra jogar na Mega Sena e ganhar, ele perde dinheiro! 'Mega Sena deu quanto?! TRINTA MILHÕES???' Essa merda atrasando minha vida...' Na foto ele estava com duas mulheres, e ele tá meio acabado... Minha mãe: 'Mas como pode? Ele, feio, com duas mulheres'... Sei lá, o iate atrás ajuda...

Cinquenta e três bilhões! Esse cara come quem ele quiser! Ele vai na Disney e come o Mickey! O Mickey: 'Veio conhecer o parque?!'. 'Não, vim te enrubar, quanto é que é?' 'O que é isso, meu senhor?...' 'Tá aqui, 1 bilhão...' 'Quer que eu chame o Pateta, o Pato Donald?!' (Léo Lins)

As piadas da foto e a do Bill Gates levam aproximadamente o mesmo tempo para serem contadas, cerca de 1 minuto e 10 segundos, mas a piada do Bill Gates provoca quase duas vezes mais risos, no mesmo período de tempo. Ela tem mais ritmo, pois temos

punch lines em maior quantidade e qualidade. As piadas da foto funcionam, mas o ritmo é mais fraco, ela tem cinco *punches* e nenhum que provoque grandes risadas ou aplausos, o que me levou a descartá-las.

Piadas que necessitem cair no chão, gritar, imitar vozes ou intensificar um sentimento possibilitam a existência de recursos que facilitam provocar a reação na plateia. Mas tais ações precisam estar justificadas. Contar as piadas sobre foto (vistas anteriormente) gritando e pulando não vai aumentar a reação da plateia. Um comediante imóvel pode imprimir mais ritmo que outro correndo por todo o palco, gritando e se jogando no chão. Conforme já disse: o ritmo não é determinado pela reação *do* comediante, mas sim pela reação provocada *pelo* comediante. O ritmo em um show de humor pode ser representado pelo produto entre o número de risadas e sua intensidade, dividido pelo tempo.

$$\text{Ritmo do show} = (\text{número de risadas} \times \text{intensidade das risadas}) \div \text{tempo}$$

Conseqüentemente, para ganhar ritmo é preciso aumentar o número de risadas por meio de mais *punch lines* e/ou aumentar a intensidade das risadas com *punches* mais fortes, ou ainda eliminar o tempo morto entre um *punch* e outro. Lembre-se de que o *setup* de uma piada deve conter o essencial para que o *punch line* funcione. Quaisquer gestos ou ações que não levem ao riso ou o provoquem devem ser eliminados.

Anatomia do solo

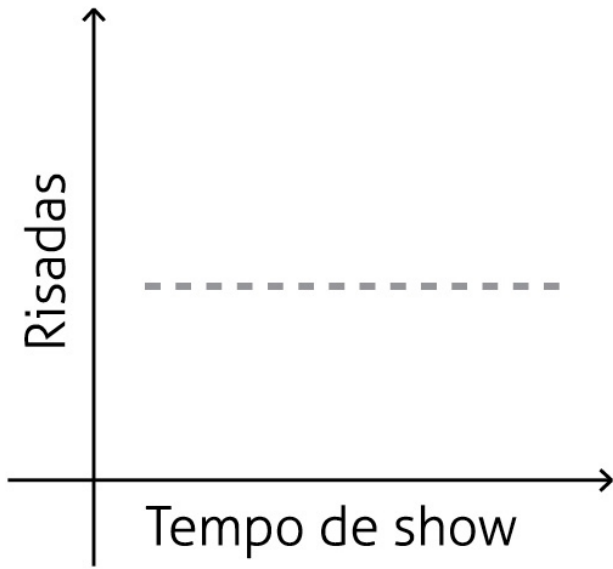
Montar um show solo não é tarefa fácil. É preciso ter uma boa seqüência de piadas e, se possível, os assuntos devem fluir

naturalmente de um para o outro. É importante que o show solo seja mais do que uma simples coletânea de piadas, o todo deve valer mais do que a soma das partes. Determinada piada pode ser muito boa, mas não se encaixar com as demais. Levei anos lapidando o meu show *Piadas secretas*. Hoje ele tem uma sequência e lógica que me satisfazem. Abordo histórias infantis, personagens de contos de fada, roubo de balas e de chocolate em lojas, jogos de videogame, feriados, notas de dinheiro, tópicos ao redor da escola, filmes e termino falando de experiências pessoais e sexo. Logo, o show vai do inocente ao malicioso, e segue uma ordem de certa forma cronológica: infância, jogos e videogame, escola, filme e sexo. Essa foi a sequência que deu certo para mim, não pense que temas ligados à infância devem sempre estar no começo do show e piadas sobre sexo no final. O importante é um desencadear natural de um assunto para o outro. O show solo bem estruturado é uma partida de xadrez, o simples mover de um peão no começo do jogo é realizado tendo em vista uma jogada que será feita daqui a cinco rodadas.

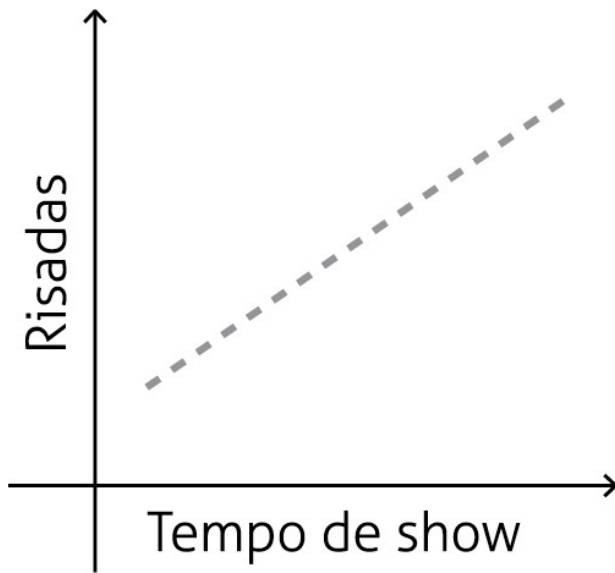
Partindo do princípio de que você vai estruturar seu show solo corretamente, responda às perguntas: Ele deve começar com piadas fortes e terminar com outras mais fortes? As melhores piadas devem estar no começo? Ele deve começar com as piadas mais razoáveis em direção às mais fortes para que o show seja crescente?

Já ouvi e li frases do tipo: o mais importante é o final; você deve abrir o show com suas melhores piadas, pois sem um bom começo pode ser que nem chegue ao fim; o importante é abrir bem, fechar bem e passar rápido pelo meio. Se fosse representar um show de humor em um gráfico, no qual o eixo X representa o tempo de show e o Y, a intensidade das risadas em relação às piadas, como ele seria?

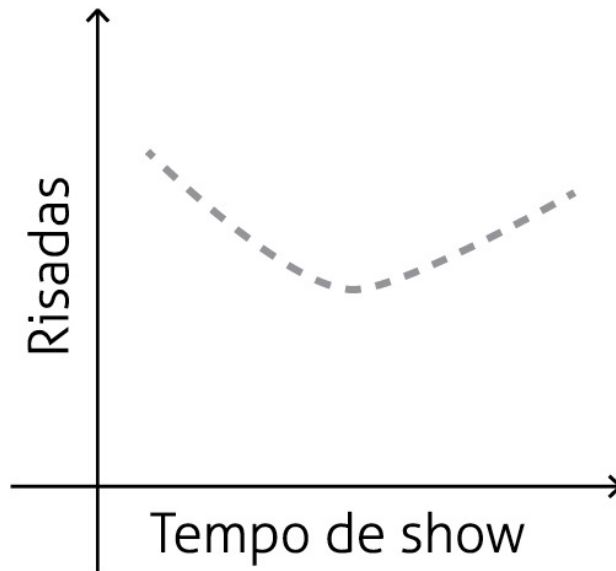
A)



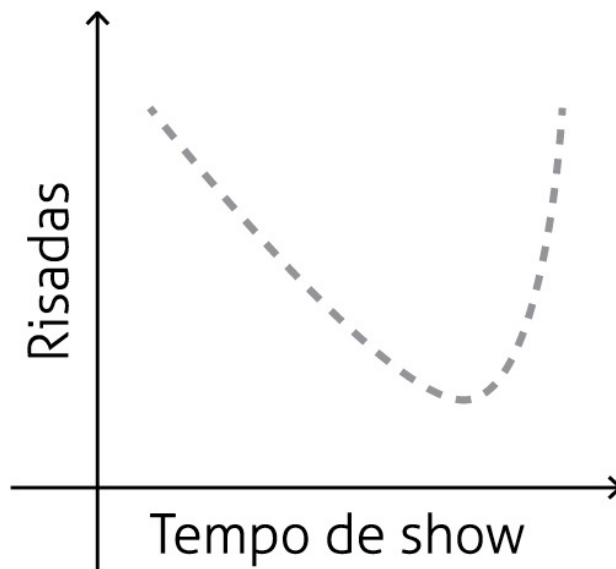
B)



C)



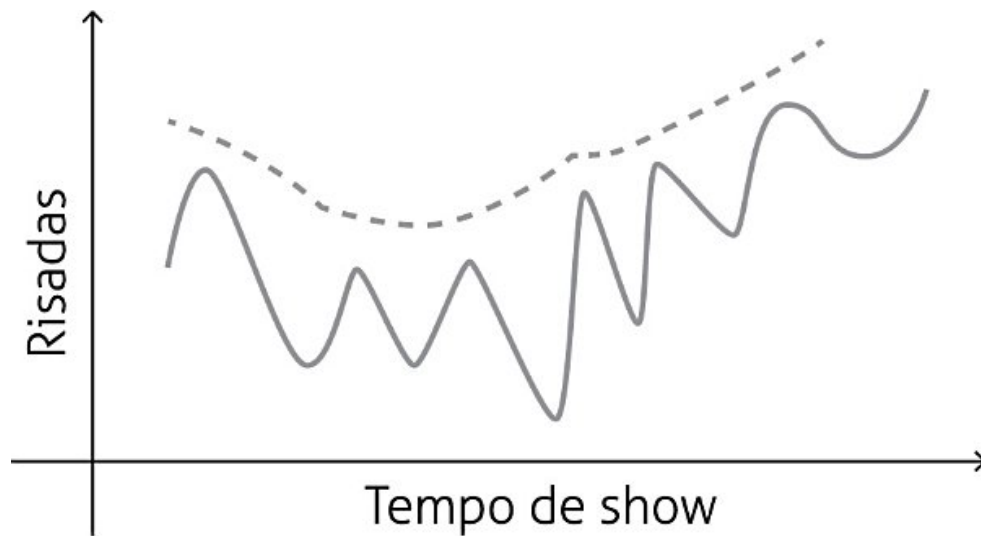
D)



As alternativas ilustram alguns dos clássicos pensamentos. A parábola da letra C representa o lema: o importante é abrir bem e fechar bem. Entretanto a "depressão" vista na curva pode ser diretamente refletida na plateia. A letra D nada mais é que uma variação da C. O gráfico da letra B mostra que o show deve acontecer de forma crescente, captando cada vez mais o interesse do público e fazendo-o rir cada vez mais. Mas o gráfico mostra que

as piadas mais fracas estão todas no começo do show. Será que depois de dez minutos sem uma piada forte o público estará em um grau de excitação para rir muito quando as piadas mais fortes derem as caras? Acho que não. E, por último, a letra A apresenta um show constante, do começo ao fim. Caso a linha esteja próxima do zero no eixo Y, o resultado é uma plateia de pessoas dormindo, e se estiver no topo desse eixo, caracteriza um show constante só com piadas excelentes. Algo bonito em um gráfico, mas impossível na prática. Portanto, a resposta correta seria a letra E: nenhuma das alternativas acima.

Acredito que o gráfico ideal de um show solo é um amálgama das letras A e C, ele é composto de várias curvas. E, ao traçar uma linha através dos ápices de cada uma dessas ondas, o resultado será levemente parabólico de forma crescente. Veja:



O gráfico ilustra pontos importantes, repare que a parte baixa da primeira onda está na altura do pico da onda seguinte, isso ilustra que o show deve começar com piadas fortes. Veja também que a maior depressão está no meio do show, mas logo em seguida um pico quase do tamanho da primeira onda e imediatamente após os ápices começam a ser cada vez mais longos e mais altos.

Dezembro de 2009

Balanço do solo

Após o solo:

Pontos positivos: o lance de falar que está acabando antes de fazer o texto final, pois parece que estou dando bônus.

Pontos a melhorar: um começo mais apropriado — não dá para abrir com a piada da camuflagem.

A cada apresentação que faço, procuro evoluir o desempenho do show. Minha apresentação pode não ter sido a melhor, porque mudei piadas de posição e experimentei um novo começo, mas essa experiência me permitiu evoluir.

Show	Mudanças na performance	
1	Muito bom	—
2	Razoável	Mudei a ordem de algumas piadas e não deu certo.
3	Bom	Voltei à ordem anterior e incluí um set novo que
	funcionou bem.	
4	Muito bom	Mantive as mudanças feitas e melhorei o set novo.
5	Ótimo	Cortei duas piadas que estavam fracas

A performance dos shows número 2 e 3 foram inferiores à do show número 1, mas com elas evoluí em direção a um show melhor, e no número 5 tive uma ótima performance. Existem diversos detalhes que você pode melhorar em cada show. Certa vez, reparei que uma piada obtinha constantemente uma reação fraca. Ela

funcionava bem, mas havia perdido o rendimento. No show seguinte, fiquei atento ao seu desempenho, e também foi fraco, ou seja, após três anos no meu show, ela foi cortada. Procure gravar seus shows, assista à sua performance, avalie sua interação com a plateia. Seja sincero consigo mesmo, o final do show está com ritmo forte? O começo prende o público? Existem piadas que não estão funcionando?

Não tenha medo de fazer experimentos. Cada apresentação é uma oportunidade para deixar seu show cada vez mais afiado.

Mutações no solo

Se o show solo for de 63 minutos, não posso ter exatos 63 minutos, pois determinado tópico pode não funcionar muito, foi o caso do videogame na primeira apresentação de domingo. Algumas pessoas riam muito, mas outras, não. Portanto, não poderia ficar muito tempo falando disso. Logo, é bom ter mais piadas de cada tópico, para explorá-los de acordo com a plateia e, quem sabe, ter um tópico extra na manga.

Hoje discordo dessa anotação, não considero necessário haver tópicos extras na manga para seu show solo. Pelo contrário, o solo deve estar trabalhado e lapidado a ponto de não necessitar dessas manobras. O fato de explorar mais ou menos determinados assuntos também deve ser descartado. Um tópico render dez minutos em uma plateia e apenas cinco em outra é um caso muito particular. Por exemplo, em um show para alunos do ensino médio será possível falar de videogame por mais tempo do que para uma plateia convencional no teatro. Mas um caso como este é tão particular que se torna irrelevante na elaboração do solo. O ideal é que sua apresentação esteja apta a entreter qualquer plateia.

No final do meu show *Piadas secretas*, falo sobre sexo, pênis etc. Certas plateias compram mais esse tipo de assunto do que outras, e lembro que passei por shows em que tive receio de entrar nesse

momento do solo em virtude de algumas piadas. Essa dúvida é prejudicial, contar uma piada com leve desconfiança de seu resultado prejudica sua entrega. Para eliminar esse sentimento de receio e de dúvida, cortei do show as piadas responsáveis por isso e a partir de então nunca mais passei por esse problema. Se a sua apresentação é muito pesada em termos de palavrão e temas abordados, pode ser que em uma plateia de interior seu show precise de uma dieta, para ficar mais leve. E eis aqui um dilema: se um show deve ser apto a entreter qualquer público, porque devo deixá-lo mais leve?

Um show sem palavrão, piadas sobre sexo, humor negro ou temas polêmicos dificilmente precisará de ajustes. Mas cada comediante tem um estilo. A manobra a ser empregada é alterar a apresentação, sem descaracterizar o apresentador. Eu não cortei o tema sexo do meu show, eliminei apenas algumas piadas que eu não estava à vontade para contar. Piadas de humor negro também estão no meu solo independentemente do gosto da plateia, pois não fico com receio de contá-las. No entanto, meu caso não é extremo. Vamos pegar, por exemplo, um comediante X, cujo show tem muitos palavrões e piadas pesadas. A experiência me mostrou que públicos de cidades do interior podem ter um pouco de resistência em relação a termos chulos. Portanto, se o comediante X fizer shows pelo interior e, por ironia do destino, pegar uma plateia "puritana"? Coloque-se na pele dele, o que você faria?

- a)** Altera o show eliminando todos os palavrões e piadas pesadas para agradar à plateia ao máximo.
- b)** Faz seu show normal, independentemente do resultado final com o público, o que provavelmente não será bom.
- c)** Deixa o show um pouco mais leve e segue dessa forma, mesmo sabendo que o impacto das piadas está menor que o normal.

Na pele do comediante X, a opção que mais me agrada é a C, mas talvez no meio do show mudasse de ideia e marcaria a A. Contar piadas sem reação é uma tortura para o comediante. Mas tanto A como C são paliativos e não a solução. Não devemos ficar diante

dessa questão a cada show em que a plateia estiver resistente ao nosso estilo. Portanto, o ideal é encontrar seu público. Veja os shows:

Comediante X em "Negro, pesado e sujo".....

Censura 18 anos.

Comediante Y em "Riso solto".

Censura livre.

O título já deixa claro o que o público pode esperar na apresentação. As peças de teatro do Zé Celso têm muitas cenas de nudez, mas quem vai assisti-lo já sabe que esse é seu estilo. Reconheço a importância do trabalho de Caetano Veloso para a música brasileira, mas particularmente seu estilo não me agrada, acho chato e entediante. Eu não iria a um show do Caetano. A comédia stand-up é recente no Brasil, algumas pessoas vão aos shows por gostarem do gênero. Mas não é porque gosto de música que simplesmente qualquer show musical me agradará. E, da mesma forma, não é porque alguém gosta de stand-up que qualquer comediante vai agradá-lo. Alguns comediantes são *rock and roll*, outros bossa nova e alguns são do samba. Quanto maior a sintonia entre público e artista, melhor para ambos. Encontrar seu público é um trabalho que será alcançado através de tudo que está ligado a você: shows, participações em TV, anúncios, material promocional, fotos de divulgação, comportamento nas redes sociais. Estes elementos somados à ação do tempo permitirão que seu público o encontre. A partir daí o show não necessitará de mutações para ser bem-sucedido e será possível ter um solo trabalhado, definido e apto a ser apreciável por todos.

Solo rígido ou flexível?

Alguns humoristas consideram que o show solo deve ser a reunião das melhores piadas que você possui em sessenta minutos.

Concordo em parte. Montar um show solo é como montar um quebra-cabeça, cada piada é uma peça, e a reunião delas forma um belo quadro. Determinado *set* de piadas pode ser muito bom, mas não encaixar tão bem com as demais peças do quadro.

Você pode ter ótima piadas e ainda assim ter um show fraco. O show precisa fazer sentido, do contrário você terá uma desconexão cômica. (Judy Carter)

Outro fator que me leva a discordar da reunião das melhores piadas é: organização. Meu show *Piadas secretas* possui determinadas piadas. Seja lá quando for e onde for, quem assistir a este show verá as mesmas piadas. É claro que, ao longo dos anos, ele sofreu modificações, algumas piadas foram cortadas e outras, acrescentadas, mas todas as mudanças foram feitas visando atingir um produto final que não necessite de alterações.

Um show baseado na reunião das melhores piadas sofrerá mutações frequentes e esta aleatoriedade pode causar problemas. Vamos supor que um espectador assista ao show *Riso solto* do comediante Y. No ano seguinte, o comediante Y retorna à cidade, e o show tem várias piadas novas. Isso pode ser bom, porém, se ele for uma terceira vez à cidade, o espectador que viu as duas primeiras vai esperar mais piadas novas, do contrário, sairá desapontado. Ou pior, o comediante Y volta à cidade, mas dessa vez com seu segundo show solo chamado *Riso preso*. Com esse padrão de seleção aleatória, há grandes chances de piadas do primeiro solo se infiltrarem no segundo, decepcionando os fãs que viram o primeiro show.

O show do Jerry Seinfeld, *I'm telling you for the last time*, contém as mesmas piadas independentemente do local em que ele se apresenta. *Kill the messenger*, do Chris Rock, foi gravado em três países diferentes, e é sempre o mesmo show. Se eu assistir a *Dona Flor e seus dois maridos* duas vezes não posso reclamar que a peça

foi igual e na segunda vez achar que o marido morto voltaria como zumbi.

Esse é meu argumento contra a aleatoriedade de piadas em solos de stand-up. Mas, para ser imparcial, vou apresentar o que dizem os advogados de defesa desse procedimento. Quantas vezes você se apresentará em uma cidade viajando com seu show solo? Fora a cidade onde mora e em grandes capitais, dificilmente um humorista retorna mais de três vezes a um teatro. E, dificilmente, um mesmo espectador vai ao show todas as vezes. Portanto, a estatística está a favor dos comediantes que trocam as piadas em seu show. Mas esse argumento pode cair por terra se imaginarmos um comediante que fica em cartaz em uma cidade durante dois anos consecutivos. O contra-argumento para isso é: "Mas tem que ter muito sucesso pra ficar em cartaz por tanto tempo". Bem, acho melhor planejar seu trabalho pensando que pode ficar em cartaz por dois anos e não que vai passar no máximo duas vezes em cada cidade.

Previsão do tempo

Um show solo deve ter no mínimo sessenta minutos. Acho que o público pode se sentir lesado em pagar por um show que além de não ter custo com cenário, figurino, elenco, trilha sonora ainda demorar menos de uma hora. A duração máxima deve ser em torno de uma hora e trinta minutos. Não estou dizendo que não seja possível fazer uma apresentação mais longa que isso (eu mesmo já fiz), e sim que a meu ver o ideal é ter no máximo esse tempo. Um show de duas horas pode ser muito bom, mas acho que dificilmente após 120 minutos a plateia pedirá mais cinco minutinhos... Mas, após um show de setenta minutos, eles adorariam esse bônus, e uma das regras mais velhas do *show business* é: deixe o público querendo mais.

Quando o show for em grupo, ele pode resistir um pouco mais à plateia, é como se ganhasse um tempo de bônus, pois tem mais variedade que um show solo. Quando um comediante sai do palco

para a entrada do próximo, é uma mudança mais brusca do que no show solo, quando o comediante termina as piadas de relacionamento para iniciar as piadas de filmes. Oito comediantes realizando uma apresentação de duas horas têm muito mais chance de deixar a plateia sedenta por mais alguns minutos do que um único comediante se apresentando pelo mesmo tempo.

Shows com duas horas de duração não deixam o gosto de quero mais, aliás, pelo contrário, deixam um gosto de "podia ser menor". Shows com uma hora e meia, uma hora e 45 minutos deixam gosto de "foi num tempo limite", shows com uma hora, uma hora e 15 minutos, deixam gosto de "quero mais". Shows com menos de uma hora deixam gosto de "faltou".

(30/9/2009)

TERCEIRA PARTE

Guia do estudante
de humor



A profissão de comediante

O trabalho é uma atividade indispensável ao ser humano, é por meio dele que conseguimos dinheiro, a moeda de troca por outros serviços necessários em nossa vida, como educação, saúde e lazer. O lazer é um dos responsáveis por permitir ao homem continuar com seu trabalho ao longo do ano, sem enlouquecer ou terminar no hospital por overdose de estresse.

É muito gratificante ser um dos responsáveis pelo entretenimento. O humor é um tipo de lazer acessível e prático. São inúmeros os benefícios provocados pelo riso. É comprovado cientificamente que rir combate o estresse e a depressão, fortalece o coração e as defesas do organismo, estimula a criatividade e pode até queimar calorias. Logo, sempre haverá demanda para um comediante capaz de fazer o público rir.

A comédia stand-up tornou democrático o acesso ao humor. Não é preciso ser filho de uma atriz famosa nem cursar a oficina de teatro de um diretor de televisão. Basta escrever suas piadas, subir ao palco em um bar, teatro, festa de empresa ou aniversário e fazer as pessoas rirem. Nos primeiros anos do stand-up no Brasil (2004-2005), quando estavam surgindo os primeiros grupos, como o Comédia em Pé, no Rio de Janeiro, e o Clube da Comédia, em São Paulo, o gênero ainda era muito obscuro para o público e os donos de estabelecimentos. Havia grande dificuldade em encontrar um local para se apresentar.

Embora o início tenha sido difícil, o número limitado de comediantes tornava mais fácil para se estabelecer como profissional. No ano de 2005 havia cerca de 15 comediantes stand-up no Brasil. Esse número praticamente dobrou em um ano. E, em 2007, já deveria estar em torno de cinquenta humoristas. Em 2008, o gênero foi alavancado por programas como o *CQC*, da Rede

Bandeirantes, e diversos outros que começaram a dar espaço para o stand-up.

Nos dois anos seguintes, de 2008 a 2010, houve um *boom* do stand-up e os shows que antigamente eram restritos a São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro se espalharam por vários estados. Oito anos após seu surgimento o número de comediantes saltou dos cerca de 15 para mais de trezentos entre amadores e profissionais.

Iniciar no stand-up hoje é muito mais fácil do que há oito anos, o gênero já está estabelecido, há muitos shows espalhados por diversas cidades e grupos dos mais diversos níveis. Entretanto, o grande número de comediantes dificulta o crescimento profissional. Um comediante que vai iniciar a carreira hoje terá que se destacar mais do que um que começou há dez anos e, conforme os anos passam, mais espaços são preenchidos.

O segredo para se dar bem é ser fiel ao seu estilo e não tentar seguir uma possível onda do momento. Não pense: "Ah, o que dá repercussão hoje é fazer polêmica, vou fazer uma piada sobre câncer, uns vão me xingar e outros vão me adorar e, assim, vou ser um comediante famoso". A questão é: você é uma pessoa que fala de humor negro? Só vai obter sucesso fazendo isso quem tem essa característica. Se o seu estilo é mais ingênuo, siga essa linha. Se você é meio idiota no palco, explore isso. O número de vagas na comédia aumentou, mas a concorrência também; para se destacar em meio a tantas pessoas basta ser autêntico e possuir boas piadas, é só isso!

O curso

A carreira de comediante é promissora. Você não tem hora para acordar e terá a oportunidade de trabalhar à noite em bares, casas noturnas e teatros. Após o show, pode curtir o lugar e se divertir com os outros comediantes ou com alguém da plateia (mesmo que você seja feio(a), o palco vai torná-lo mais atraente). Se for competente, terá a possibilidade de viajar e explorar o Brasil sem

gastar dinheiro, ou melhor, ganhará para fazer isso. E, diferentemente de várias profissões, ser comediante é uma das mais reconhecidas pelo consumidor do serviço — muitas pessoas vão lhe parabenizar simplesmente por fazer o seu trabalho.

Passo a passo da carreira

Ter sucesso não significa ter uma carreira de sucesso. Com certeza você já viu ou ouviu falar de algum artista que estourou na mídia, meses depois desapareceu e em alguns anos estava na miséria. Esse sujeito teve sucesso, mas não carreira. Para isso não acontecer é preciso construir sua carreira com o mesmo procedimento usado para erguer um edifício: etapas. É preciso ter solo adequado, um bom alicerce e material de qualidade para formar a base da carreira.

Estabeleça objetivos de acordo com seu nível. Entregar o piloto de um programa de TV em uma emissora é algo além do alcance de um principiante. Escrever piadas novas para o show em um bar pode não ser o objetivo ideal para um comediante com dez anos de estrada.

Quais são os objetivos que um iniciante deve conquistar?

- Escrever piadas diariamente;
- Conhecer outros comediantes, fazer contato com os mais novos e aprender com os mais antigos;
- Estudar com livros, *workshops*, entre outros;
- Possuir duas ou três entradas diferentes para se apresentar;
- Conseguir um local para se apresentar semanalmente.

Esses cinco objetivos são o suficiente para ocupar cerca de 12 a 18 meses do processo inicial na carreira de um comediante. Conforme sua carreira progride, novas metas devem ser estabelecidas:

2º ano

- Começar a desenvolver e a lapidar um show solo;
- Investir em um bom site e material de divulgação;
- Viajar para se apresentar em diferentes locais.

3º e 4º anos

- Explorar outro ramo através de seu humor: blog, vídeos para YouTube, charges;
- Melhorar seu show solo;
- Rever suas piadas e abandonar as mais fracas, agora que tem mais experiência;
- Participar de algum programa de rádio ou TV.

5º ano

- Explorar ramos que ainda não abordou: shows de improviso, escrever livros, tentar uma vaga em redação para algum programa de TV ou internet, criar um programa de internet, criar um show de esquetes, produzir uma noite em um bar;
- Melhorar seu site e material promocional;
- Melhorar seu show solo.

Anos seguintes

- Escrever uma série, *sitcom*, filme;
- Criar e/ou lançar produtos: DVD, jogos, camisas;
- Organizar um festival;
- Escrever mais piadas;
- Incrementar o show solo.

Acho importante lembrar que esse processo é um guia e não um código sagrado. Cada comediante stand-up teve seu próprio processo de formação. Mauricio Meirelles trabalhou como publicitário em uma agência enquanto fazia stand-up, e só abandonou a publicidade quando já estava com um show e uma renda fixa no stand-up. Felipe Absalão trabalhou no Exército e no stand-up, mas não abandonou as Forças Armadas por conta dos shows. Alguns comediantes têm quase sete anos de carreira e nunca lançaram um livro ou DVD. Outros com menos de três anos já estão fazendo isso.

Não se preocupe em correr para fazer alguma coisa, preocupe-se em fazer com qualidade.

Quando Mauricio de Sousa, criador da Turma da Mônica, foi ao *Agora é tarde*, quando comemoramos os cinquenta anos da personagem Mônica, ele disse durante a entrevista para o Danilo Gentili que já no começo da sua carreira tinha um planejamento traçado para o futuro, baseado no modelo que vinha sendo utilizado nos Estados Unidos por outros artistas e empresas do mesmo ramo.

Na primeira década de trabalho, ele ia fazer histórias em quadrinho para jornal. No fim desse período, suas histórias já eram publicadas em mais de trezentos jornais pelo Brasil. Na segunda década, seu plano era levar a história além dos jornais para os gibis ou HQs. Na terceira, transformar em desenho animado; na quarta, um parque de diversões temático; e na quinta, o que viesse.

Cada etapa foi pensada, e o principal: teve tempo de ser alcançada. A velocidade do mundo moderno deixa muitas pessoas com um mal chamado "imediatismo". Ninguém quer esperar por nada. O sujeito entra na academia e depois de um mês já pensa: "Não estou vendo resultado, vou tomar bomba e crescer logo". Há pessoas que entram em uma empresa e com três meses de casa já falam: "Estou trabalhando muito, quero saber quando sairá meu aumento", mas nem sequer fizeram por onde merecer esse benefício. Já vi muita gente que está começando no stand-up falar: "Quero ver se em dois meses fico com trinta minutos de piadas e ano que vem já faço meu show solo" ou "Preciso entrar pra TV, só assim pra levar público pro meu show".

Estabeleça metas viáveis e plausíveis para sua carreira e batalhe para alcançá-las. Particularmente, adoro metas que demoram a ser atingidas; estas são as mais recompensadoras. Escrever 15 minutos de stand-up muitos conseguem, possuir um bom show solo de setenta minutos tem um número menor de conquistadores. Escrever um livro, criar um programa, roteirizar um filme, essas metas necessitam de anos para ser conquistadas. Você quer escalar um pequeno morro ou o Everest? Mas lembre-se que antes de se aventurar no Everest é necessário conquistar cumes mais baixos.

No começo da minha carreira nem passava pela minha cabeça trabalhar na TV. Até que um dia eu estava trocando ideias com humoristas que admirava e via na TV quando era criança e, em um momento, percebi que fazia parte da nova geração de humoristas do Brasil. Foi um sentimento que me pegou de surpresa. Apenas fiz o meu trabalho, e quando me dei conta estava no topo de uma colina, com uma vista incrível. Admirei um tempo a paisagem, recolhi minhas coisas e voltei ao trabalho para escalar pontos mais altos.

Eu gosto do impossível, porque lá a concorrência é menor.
(Walt Disney)

Fórmula para o sucesso

O grau de destaque em sua profissão pode ser expresso por uma fórmula. Basta inserir números necessários para um resultado positivo que você alcançará uma carreira de sucesso. A fórmula é uma equação, cujas variáveis são: você, o tempo e a sorte.

$$[(\text{vocação, dom, talento}) + \text{persistência} + \text{sorte}] \div \text{tempo} = \text{carreira de sucesso}$$

Uma pessoa sem dom, com pouca vocação e sem persistência precisará de muito mais sorte do que alguém com muito talento, dom e persistência.

Quanto maior o número nas variáveis acima da linha de divisão, maiores as suas chances de resistir ao tempo que pode levar para ser bem-sucedido. O tempo não tem um valor fixo, como dois, sete ou 11 anos. Portanto, o que deve ser feito é se esforçar por meio da vocação, desenvolver seu talento ao máximo, se possível, contar

com o dom, persistir com muita força de vontade e contar com uma pequena ajuda da sorte. Dessa forma, não importa o quão alto seja o valor do divisor “tempo”, pois o valor dos dividendos será maior.

Jim Carey levou 15 anos nos *comedy clubs* antes de filmar *Ace Ventura* e sua carreira decolar. Para resistir a esses 15 anos foi preciso muita dedicação, esforço, talento e persistência. Rafinha Bastos, Danilo Gentili e Oscar Filho com menos de três anos de carreira no stand-up faziam parte do elenco de um programa de TV em rede nacional. Eles foram vistos pelos produtores do *CQC*, fizeram testes e foram contratados. O fator sorte os ajudou, estavam no lugar certo na hora certa. Mas para permanecer na mídia foi necessário talento e esforço. Outros também tiveram a sorte de serem vistos e conseguiram um teste para o programa, mas não passaram.

Se a sorte for o valor mais elevado na sua equação, há uma grande chance de você não conseguir se manter no cargo que ela lhe ajudou a conquistar. Não adianta ter sorte, é preciso estar preparado para ela. Alguns comediantes tiveram oportunidade no programa *Pânico* e isso alavancou suas carreiras; Evandro Santo e Eduardo Sterblitch são alguns exemplos. Outros como Paulinho Serra e Fábio Rabin tiveram a mesma oportunidade, mas por algum fator não deram certo e saíram, mas isso não foi motivo para que desistissem da carreira. Eles seguiram em frente e novas oportunidades surgiram.

Quando participei do “Quem chega lá”, em 2008, a equipe do Faustão decidiu contratar seis humoristas para um quadro fixo no programa. Achei que poderia ser minha oportunidade na TV, afinal me classifiquei em todas as etapas e perdi apenas na votação para o ganhador do concurso, entretanto, não fui um dos seis contratados. Para publicar meu primeiro livro, entrei em contato com cerca de sete editoras. Algumas nem sequer me responderam. Outras disseram que humor não era o foco do trabalho ou que já estavam com suas publicações do ano fechadas, até que uma delas topou publicar.

A vida é repleta de exemplos como esses. O manuscrito de *Tempo de matar*, de John Grisham, foi rejeitado por 26 editores; seu

segundo original, *A firma*, só atraiu o interesse de editores depois que uma cópia pirata que circulava em Hollywood lhe rendeu uma oferta de 600 mil dólares pelos direitos para a produção do filme. O primeiro *Harry Potter*, de J.K. Rowling, foi rejeitado por nove editoras, que devem se arrepender amargamente por isso. Antes de escrever o roteiro de *Rocky*, Sylvester Stallone vendeu seu cachorro por 25 dólares para poder pagar a conta de luz. O roteiro foi negado por dezenas de produtoras até que a United Artists lhe ofereceu 125 mil dólares, mas apenas se ele não estivesse no filme. Stallone recusou e a oferta subiu até atingir 325 mil dólares, mas ele também não aceitou. Finalmente, concordaram em deixá-lo fazer o papel de Rocky, mas o valor seria de 35 mil dólares. Isso foi o suficiente para ele aceitar. *Rocky* venceu o Oscar de melhor filme naquele ano e projetou a carreira de Stallone, que se tornou um dos maiores nomes do cinema. Dizem que sua primeira aquisição com o dinheiro do filme foi comprar seu cachorro de volta.

As pessoas bem-sucedidas em todas as áreas quase sempre fazem parte de certo conjunto – o conjunto das pessoas que não desistem. (Leonard Mlodinow)

Você pode ter talento e ver alguém menos capacitado se dando bem e crescendo na vida. Não deixe que isso o abale, não pense que está sendo castigado por uma força divina ou que está predestinado ao fracasso. Cada um tem o seu tempo, não tome o rumo dos outros como parâmetro para o seu. Embora importante, o talento não é o único dividendo na equação do sucesso, persistência é essencial.

Não importa o quão forte você golpeia, mas sim quantos golpes você aguenta levar e continuar em frente. (Rocky Balboa)

As 13 perguntas mais frequentes feitas por iniciantes

Ao longo de minha carreira, e principalmente após lançar meu primeiro livro, sempre recebi dúvidas e perguntas de entusiastas da comédia. As perguntas vêm por meio de redes sociais, site, internet ou mesmo pessoalmente após um show ou gravação de programa. O público responsável por essas questões é bem heterogêneo: homens, mulheres, adolescentes, profissionais de outros ramos, pessoas das mais diversas cidades e classes sociais. Algumas perguntas são idiotas como: "Estou há seis meses trabalhando com humor, como faço pra entrar num programa de TV?", ou "Me dá uma vaga no programa em que você trabalha?", ou mesmo "Preciso fazer um show numa empresa de turismo e querem piadas sobre isso, mas eu não tenho, e agora?". Entre todas as que recebi, selecionei as 13 mais frequentes e relevantes para abordar.

Sou muito novo?

Não existe idade mínima ou máxima para fazer stand-up. Já vi *open mics* de pessoas com 14 anos e alguns com quase sessenta. Existe apenas um pré-requisito nos palcos: ser engraçado. Não importa sua idade, sexo, religião, cor, raça, biótipo. Basta ser engraçado, com piadas de sua própria autoria.

Como começar? Aonde eu vou? Quem procuro? O que eu faço?

Uma das dúvidas mais frequentes. Diversas vezes já recebi mensagens como: "Preciso de ajuda, quero ser comediante, pode me indicar pra alguém?"; "Pode conseguir um *open mic* pra mim?"; "Não tem stand-up onde eu moro, o que eu faço?"; "Quero começar e não sei como, posso me apresentar no seu show?"; "Quem eu procuro pra conseguir fazer um show?"; "Pretendo seguir a carreira de humorista, mas não sei como começar, conto com sua ajuda".

Pelo menos essas pessoas tiveram a iniciativa de tentar, mas não sou eu quem conseguirá um *open mic* para elas e também não vou segurar sua mão e conduzir sua carreira. Para se tornar um

profissional do humor é necessário o mesmo empenho usado para seguir uma carreira de engenheiro, advogado, publicitário. Se quisesse ser um publicitário, o que faria? Vai para uma faculdade de publicidade adquirir conhecimento, consegue um estágio, faz contatos, entra no mercado de trabalho, sobe de cargo etc.

Na comédia o processo é o mesmo, com a vantagem de não precisar cursar quatro ou cinco anos de faculdade. Entretanto, é necessário se desenvolver, ou seja, a faculdade é por sua conta. E o que deve aprender nessa faculdade "pessoal"? Escrever piadas. Não tente conseguir um lugar ou contatos para fazer show se você tem poucas piadas escritas. Portanto, o primeiro passo é escrever material. Uma vez que você tenha várias piadas escritas, selecione as melhores e monte um *set* com cerca de três a quatro minutos (normalmente esse é o tempo-padrão de um *open mic*). Ensaie bem essas piadas e, agora sim, tente arrumar um lugar para se apresentar, ou seja, é o momento do estágio.

Você pode procurar shows que ofereçam oportunidade para *open mics*, shows amadores ou fazer o seu próprio. Foi isso que eu e muitos outros comediantes fizemos. No final de 2005 consegui um bar para fazer shows semanalmente, essa foi a minha escola. Não fique esperando alguém lhe dar uma oportunidade. A vantagem de quem começa a fazer stand-up hoje é que o gênero já está estabelecido. É mais fácil começar, porém mais difícil se manter, tendo em vista o grande número de comediantes. O crescimento do stand-up fez surgir muitos shows de diferentes níveis. Em São Paulo é possível um iniciante conseguir *open mic* em pelo menos três shows diferentes. Como consegui-los? Com os responsáveis pelo show. Você quer uma oportunidade de se apresentar no show *Comédia sem nome*, então vá até a apresentação, assista-a e depois converse com os humoristas para saber qual procedimento deve tomar. Também é possível entrar em contato por redes sociais, mas à moda antiga, ou seja, pessoalmente, pode dar mais resultado, pois mostra mais interesse da sua parte.

Vamos a um *check-list* do que foi feito:

- Escrevi várias piadas, selecionei as melhores e montei um *set* de três a quatro minutos;
- Assisti a alguns shows, falei com vários humoristas e produtores (pessoalmente e por internet) e, finalmente, consegui um espaço para me apresentar.

Parabéns! Agora basta ensaiar as piadas e contá-las no palco. O mais importante aqui é: respeitar o tempo. Se falarem que você tem cinco minutos, não faça seis. Se disserem três, significa que você deve ficar no máximo 180 segundos no palco. Pode terminar antes, mas evite sair depois do limite. Por mais que você esteja arrasando nesses três minutos, não estoure o tempo, isso pode prejudicá-lo para conseguir outros *open mics*. Vamos supor que um dos comediantes desse show seja muito amigo de outro e entre eles aconteça o seguinte diálogo:

Comediante 1: O fulano quer fazer *open* aqui e disse que fez com vocês, foi legal?

Comediante 2: Cara, ele foi bem, mas falamos pra fazer três minutos e ele fez sete, demos sinal e ele continuou no palco.

Comediante 1: Ah, então, nem vou marcar pra ele fazer aqui...

Isso é mais comum do que parece. Agora veja outra conversa:

Comediante 1: O fulano quer fazer *open* aqui e disse que fez com vocês, foi legal?

Comediante 2: Foi. Tem coisas pra melhorar, é claro. Mas ele foi bem, fez dentro do tempo, pode marcar.

Comediante 1: Legal, vou marcar para ele fazer.

Veja como simplesmente respeitar ou não o limite de tempo pode lhe abrir ou fechar portas. Outra regra (que já deve saber a essa altura): nunca copie piadas, seja de comediantes brasileiros ou de outros países. "Ah, mas eu já vi um cara que está na TV fazer piadas de um comediante norte-americano! E aí?". É errado, igualmente. A

diferença é que esse comediante já tem uma carreira consolidada e você está tentando começar uma.

Depois dos *open mics*, você precisa se apresentar por mais tempo no palco, é o momento de criar seu show com outros iniciantes ou conseguir participações em shows menores. Não queira, após três meses de experiência em palco, se apresentar no melhor show da cidade. Já vi pessoas conseguirem ótimas oportunidades cedo demais. Isso também serve para fechar portas.

Vamos supor que, após muito perturbar ou por ter um grande contato, você consiga uma oportunidade de fazer show em um bar lotado e sua apresentação não seja muito boa no dia. Vai demorar muito para voltar nesse lugar. Um ano vai se passar, você vai melhorar, mas a imagem que deixou não foi boa e dificilmente as pessoas vão pensar: já se passou um ano, ele deve estar melhor, vamos marcar de novo. Suba um degrau de cada vez.

Lembro de ver o Daniel Duncan se apresentando em Brasília. Ele tinha um estilo próprio e boas piadas. Ficou na capital federal um bom tempo e vários comediantes que passavam por lá achavam ele bom. Quando foi para São Paulo e para outros estados, já tinha um voto de confiança. O mesmo aconteceu com Afonso Padilha, de Curitiba, Paulo Vieira, de Palmas, e Lucas Moreira, do Rio. Vocês acham que Palmas tinha um cenário de stand-up? A primeira vez de Paulo foi um *open*, quando o Comédia em Pé esteve lá. Como ele conseguiu esse *open*? Ele era amigo de uma das produtoras que estava levando o Comédia em Pé. Aí você pensa: "Ah, mas assim é fácil, amigo do dono...". O contato pode ajudar a conseguir a oportunidade, mas se ele não estivesse preparado e com boas piadas, esse *open mic* teria fechado várias portas em vez de abrir alguma.

Muitas vezes, quando viajo com show solo, sempre tem humoristas locais que vão a todas as apresentações de stand-up e já conhecem o produtor responsável por levar os comediantes. O contato com o produtor pode ajudar a conseguir um local para shows semanais ou abrir o show de comediantes que se apresentem na cidade. Mas nem sempre essa oportunidade é benéfica. Certa vez, um comediante local abriu meu show e contou várias piadas de

outros comediantes amigos meus. Qualquer porta que poderia abrir para esse cidadão fiz questão de deixar fechada, soldada e blindada.

Continuando com o *check-list*:

- Fiz alguns *open mics* e me saí bem na maioria deles;
- Estou fazendo apresentações com outros grupos e conhecendo vários comediantes e produtores.

A partir daí, basta continuar com um bom trabalho. Se fizer boas apresentações, em algum momento será notado. Aproveite principalmente quando o show contar com a presença de alguém que pode lhe indicar para se apresentar em outro local. Se, por acaso, fizer um show com um comediante experiente ou um produtor responsável por vários humoristas estiver presente, não é o dia de testar uma entrada nova. Faça uma boa apresentação, pois ela pode lhe abrir outras portas.

Após tudo isso, já pode considerar que está no circuito do stand-up. Sou capaz de dizer que cinco anos é tempo suficiente para sair do zero e fazer parte do mercado profissional. Em cinco anos você poderá viajar fazendo shows em grupo, ter um bom show solo, participar de algum programa em rede nacional e, quem sabe, até trabalhar em um deles.

E quando a piada não funciona?

Este tópico foi abordado em meu primeiro livro, mas como é uma dúvida frequente, não custa repetir aqui. Basicamente você mantém duas saídas, uma delas é: assumir a falha. Contou a piada e ninguém riu, assumo isso. Basta dizer: "Esta piada foi muito ruim". Isso faz as pessoas rirem. É como se o silêncio diante da piada fracassada fosse o *setup* do *punch line* que assume o fracasso.

A outra saída é: finja que nem era piada. Essa saída é muito eficiente. O público não sabe quando será a piada, logo não precisa saber que ela não deu certo. Ignore a ausência de risos, vá para o próximo *punch line* e é como se nada tivesse acontecido! Esse recurso é muito bom e mais flexível que o primeiro, pois o primeiro

tem limite de uso. É permissível utilizá-lo uma ou duas vezes. Falar pela oitava vez “Essa piada também não deu certo” não vai salvá-lo. Entretanto, é possível ignorar piadas que não deram certo mais de duas vezes, mas também não adianta ignorar 17 vezes, nem três em seguida. Aliás, é possível combiná-los. O primeiro *punch line* não funcionou, ignore e vá para o segundo; também não funcionou, assumo o erro... Também não funcionou, olhe os classificados, pois sempre há outros empregos disponíveis.

Assim como no teatro, o corpo é importante na hora de se apresentar (usar a expressão facial e corporal)?

Sim. Expressão facial, corporal e tom de voz são muito importantes no stand-up, eles são os responsáveis pela entrega da piada. A entrega de um texto de stand-up é diferente da entrega de um texto shakespeariano, mas ambos exigem a devida interpretação.

O que é mais importante: texto ou interpretação?

Sempre dei muito valor ao texto, mas uma ótima entrega de um texto fraco arranca mais reações do que um ótimo texto entregue de modo pobre. O ideal é ter boa qualificação tanto no texto como na performance. E fique tranquilo, pois, caso seja deficiente em alguma delas, é possível aprimorar as duas habilidades.

Como ser um bom comediante?

Escrever diariamente para criar um bom material, se apresentar com frequência e extrair o máximo de experiência de cada um desses shows.

Existe curso para ser engraçado ou isso é algo que não se aprende, é um dom?

Conforme vimos no começo do livro, algumas pessoas possuem um dom para o humor, porém é possível desenvolver o talento para a comédia através de estudo e dedicação. A melhor fonte de

aprendizado são livros e cursos. Alguns humoristas, eventualmente, ministram cursos de stand-up. Se for comprar um livro ou participar de um curso, veja quem é o autor ou o professor. Já vi pessoas sem expressão nenhuma no meio do stand-up ministrando cursos.

Quais os melhores assuntos para despertar risada no público?

Não há melhor assunto, existem tópicos mais facilmente identificáveis. O melhor assunto será aquele determinado por sua vontade em escrever, aquele que tem apelo para você. Lembre-se, não escreva o que você acha que o público achará engraçado. Escreva sobre o que você acha engraçado. Se quiser falar de mitologia grega, faça isso. É claro que realmente existem certos tópicos mais propícios para provocar reações fortes na plateia. Como a identificação é muito importante na comédia, temas como relacionamento e sexo são mais fáceis de gerar identificação do que a mitologia grega. Mas isso não quer dizer que uma piada sobre namoro sempre vá despertar mais risos do que uma piada sobre mitologia.

O humorista deve obrigatoriamente fazer teatro?

Não. Comediante stand-up é uma profissão, e ator é outra. Embora semelhantes, não são a mesma coisa. E assim como um ator pode trabalhar como comediante stand-up, nada impede o comediante de trabalhar como ator. Eu tive receio no começo da carreira de estudar teatro e ficar artificial no palco. Os atores que começavam no stand-up normalmente exageravam as reações, eu achava um pouco forçado e artificial. Hoje acredito que ter estudado teatro não teria me atrapalhado, pois grandes comediantes stand-up são atores e suas apresentações não são artificiais. Mas também não me arrependo de não ter feito.

Posso me apresentar com o texto de outra pessoa, um redator? Isso é visto com bons olhos?

Desde que o redator tenha escrito aquela piada exclusivamente para você, sim. Imagine um grupo de três humoristas que escrevem juntos e os três, quando fazem shows individuais em outros locais, contam as mesmas piadas. Isso dificultará a carreira dos três. Se você tem um redator exclusivo, isso não é um problema. Nos Estados Unidos não é incomum comediantes terem redatores escrevendo para eles. Isso ocorre quando o humorista atinge um estágio na carreira em que o tempo de criar e lapidar material se torna muito restrito. Necessitar de um redator no começo da carreira pode mostrar que você não tem os requisitos para seguir na profissão de comediante.

Como interagir com a plateia sem abusar e não constranger?

Escrever piadas é uma técnica que pode ser melhorada dentro de casa. No improviso é possível se preparar, por exemplo, antecipando possíveis respostas da plateia. Mas, para adquirir experiência nessa habilidade, é necessário praticar no palco. Durante suas primeiras aventuras improvisando há grandes chances de ultrapassar a linha do engraçado e soar agressivo. Eu já fiz isso e imagino que todos os humoristas que interagem com o público também. Mas esse erro faz parte, o importante é não repeti-lo.

Um fator que determina a divisão entre grosseria e piada é, em primeiro lugar, a piada em si e, em segundo, a forma que ela é entregue. É possível chamar o espectador de filho da pu%@ sem nenhum tom de agressividade. Isso não é uma coisa que posso ensinar através de frases em um livro, depende de muitos fatores: sua *persona* no palco, ambiente do show, o tipo de público.

Uma regra que pode auxiliá-lo no começo é: o comediante nunca deve agredir a plateia primeiro. Imagine um humorista entrar em cena e falar: "Este palco é muito pequeno, acho que se eu me apresentar em cima daquele cara (aponta para um cara bem gordo) vou ter mais espaço". Provavelmente a maioria das pessoas não vai rir dessa piada, embora ela seja engraçada. O comediante acabou de subir e atirou uma pedra na plateia. O alvo da piada não vai gostar, e o restante do público tomará partido do inocente que foi

agredido de forma gratuita. Vamos imaginar outros cenários para a mesma piada:

Cenário A: O comediante está fazendo o show, e o sujeito gordo está conversando e atrapalhando os demais. O humorista decide então interromper as piadas de televisão para soltar uma direcionada ao gordo que está atrapalhando. Provavelmente a maioria do público vai rir, afinal, o alvo da piada não é mais um inocente. Ele é um egoísta que está desrespeitando todas as pessoas que pagaram e querem curtir o show.

Cenário B: O comediante que vai se apresentar é conhecido por tirar sarro da plateia e zoar com o público. Ele entra em cena e dispara uma piada no gordo da primeira fila. Há grandes chances de todos darem risada, afinal, essa é a expectativa do público em relação ao comediante que está entrando em cena, pois ele é conhecido por esse estilo. O comediante Don Rickles fazia isso, ele tinha fama de xingar e sacanear as pessoas em seu show. Caso não fizesse isso, deixaria o público frustrado. Atente que para chegar a esse nível foi preciso muitos e muitos anos. Não adianta 5% da plateia saber que seu estilo é fazer piada com o público.

Quando falo com o público no meu show, tento mostrar que as pessoas com quem estou conversando são privilegiadas por fazer parte do show. Quero que os demais pensem: "Poxa, espero que ele fale comigo também". Se você humilhar a primeira pessoa que pegou para interagir, ninguém mais da plateia vai querer falar com você, e o restante vai pensar: "Ainda bem que não era eu, espero que ele não fale com mais ninguém, e se falar comigo nem vou responder nada".

Resumindo, para não agredir o público faça boas piadas e entregue-as de forma adequada. Nunca ataque a plateia, deixe que algum deles faça isso primeiro, assim você tem licença para revidar. Ao escolher uma pessoa para interagir, selecione alguém com potencial. Um sujeito que está de cara amarrada e não ri de nada com certeza não é uma boa escolha. Pode ser que antes do show

começar ele tenha discutido com a esposa e agora não está mais no clima para um show de humor. Dificilmente ele achará legal ser alvo de piadas. Salvo a exceção de um espectador mal-humorado ou idiota mesmo, normalmente quando alguém se sente ofendido ao ser alvo da piada é porque ou ela não foi boa, ou não foi entregue de forma adequada ou ainda foi uma agressão gratuita.

Stand-up é passageiro?

Não. A comédia stand-up já está consolidada como gênero no Brasil. E, assim como diversas formas de arte, ele terá altos e baixos. Quando a maré está boa, atrai muitas pessoas, mas o período de seca ajuda a separar o joio do trigo. Os comediantes bons permanecem e os demais abandonam. O período de baixa não é ruim. Ele é necessário. Quando um gênero musical faz sucesso, ele é representado por algumas bandas boas, mas o embalo do sucesso faz surgir muitos artistas medíocres. O período de baixa atua como um processo de seleção natural em que só os melhores sobrevivem.

É difícil criar piadas diariamente?

Sim. Esse é o maior desafio na carreira de humorista, a renovação. Uma piada que faz o público morrer de rir hoje pode não ter graça nenhuma amanhã. É muito difícil criar piadas que resistam ao desgaste do tempo. Acredito que em todas as profissões é necessário se atualizar e estar atento às mudanças, mas talvez a comédia seja uma em que este procedimento é essencial. De tempos em tempos o humor sofre mudanças, as referências de piadas são outras, os temas abordados, a linguagem. Tivemos uma época na qual falar que o português é burro era muito engraçado. Depois de anos esse conceito foi banalizado e perdeu força cômica.

A linguagem no mundo está cada vez mais rápida e dinâmica. Na década de 1990, se uma pessoa saísse de casa ela ficava incomunicável, pois ninguém tinha telefone celular. Hoje a maior parte da população tem celular e acessa a internet. Um músico na Coreia do Sul pode se tornar sensação mundial em poucos dias. A comédia stand-up é a forma mais condensada de humor e, por isso,

um gênero totalmente capacitado e habilitado para o mundo que vivemos. Se não está disposto a acompanhar essas mudanças, sua carreira vai parar no tempo.

Considerações finais

Estude bem este livro, pois ele contém dicas, técnicas e detalhes capazes de acelerar o progresso na carreira de comediante. Embora a leitura seja relativamente rápida, a assimilação do conteúdo é demorada. Aqui vai mais uma dica: releia o livro após alguns anos. Você não vai absorver todo o conteúdo na primeira leitura e sua visão do humor mudará em algum tempo. Ler o livro agora e daqui a dois anos pode lhe proporcionar uma experiência diferente. Isso aconteceu comigo. Em 2004 li alguns livros sobre stand-up e oito anos depois revisitei essas obras. Foi curioso ver como os problemas enfrentados são semelhantes e muitos passos em uma carreira podem ser previstos. Leia atentamente os tópicos sobre plateias, eventos, show solo, interação e improviso. Estude e pratique as técnicas para escrever piadas, descubra qual delas é mais eficaz para seu cérebro.

O conteúdo apresentado deu certo para mim; não significa que tudo aqui é o ideal para você. Tente descobrir algum outro procedimento responsável por gerar a faísca que dá origem a uma piada. Meu intuito é ajudar mediante conceitos e técnicas, não formar uma seita da comédia e doutrinar humoristas estabelecendo regras do que é certo e errado. Isso seria um desrespeito à arte.

O stand-up me deu muitas coisas. Graças a ele comprei uma casa, viajei pelo mundo, conheci pessoas importantes na minha vida, fiz grandes amizades. Ele fez tanto por mim que sinto que devo retribuir. Este livro, junto do primeiro que escrevi, faz parte do meu tributo a essa arte capaz de entreter plateias durante horas simplesmente ao compartilhar ideias.

Por meio desta obra espero estimular o crescimento do stand-up e auxiliar no desenvolvimento de futuros nomes da comédia. Não quero ver piadas medíocres e comediantes fracos, isso é ruim para o

público e para a comédia stand-up. Vou adorar entrar num bar daqui a 15 anos e ver um humorista com ótimas piadas e saber que meu livro o ajudou a trilhar seu caminho. Essa será minha maior recompensa e assim saberei que consegui retribuir ao stand-up um pouco do que ele me proporcionou.

Léo Lins

Referências Bibliográficas

AJAYE, Franklyn. *Comic insights: The art of stand-up comedy*. Los Angeles: Silman James Pess, 2002.

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

CARTER, Judy. *The comedy bible*. Nova York: Fireside, 2001.

_____. *Stand-up comedy: The book*. Guildford: Delta Book, 1989.

DOUGHERTY, Barry; COHL, Aaron (orgs.). *The Friars Club encyclopedia of jokes*. Nova York: Black Dog, 2009.

DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos*. 3ª ed. São Paulo: Panda Books, 2005.

LINS, Léo. *Notas de um comediante stand-up*. Curitiba: Nossa Cultura, 2009.

_____; CARVALHO, Paulo; GONZAGA, Claudio Torres; CARUSO, Fernando; PORCHAT, Fábio. *Comédia em Pé — O livro*. Rio de Janeiro: Mirabolante, 2009.

MARTIN, Steve. *Nascido para matar... de rir: Do stand-up ao cinema, como me tornei um fenômeno do humor*. São Paulo: Matrix, 2008.

MENDRINOS, James. *The complete idiot's guide to comedy writing*. Indianápolis: Alpha, 2004.

PAES, Wolgrand. *Seinfeld: Tudo sobre a série I*. São Paulo: Frente Editora, 2002.

PERRET, Gene. *The new comedy writing step by step*. Califórnia: Quill Driver Books, 2007.

ROMANO, Ray. *Tudo e mais uma surpresa*. São Paulo: Frente Editora, 2001.

SEINFELD, Jerry. *O melhor livro sobre nada*. São Paulo: Frente Editora, 2000.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. São Paulo: Madras, 2006.

VORHAUS, John. *The comic toolbox: How to be funny even if you are not*. Los Angeles: Silman-James Press, 1994.

O autor



© Lourival Ribeiro

LÉO LINS é um comediante totalmente desconhecido, sem expressão e sem perspectivas de carreira... na Turquia. Porém, no Brasil, o cenário é diferente: é um dos pioneiros no país na comédia stand-up, atuante desde 2005, autor do primeiro livro do gênero e integrante de um *talk show* ganhador de dois Troféu Imprensa.

Um dos maiores estudiosos da comédia stand-up, suas piadas já o fizeram viajar por todo o Brasil, ser convidado a se apresentar na Inglaterra, Portugal, Alemanha e Japão (onde as piadas o impediram de entrar na primeira vez), ir até a Comic Con em San Diego e ter sua participação citada pelo *The Wall Street Journal* e pelo *New Zealand Herald*, entrar nos extras do DVD *O Hobbit*, viajar para um famoso desfile de modelos em Nova York e logo em seguida ser expulso por causa de uma piada e fazer muuuitas amizades (apesar de perder algumas).

Se achou que criar e contar piadas tem mais vantagens que desvantagens, este livro foi feito pra você.

Notas

[1](#) Ver capítulo "Mapa do riso", página 34.

[2](#) Bairro da periferia do Rio de Janeiro.

[3](#) Personagem da Marvel Comics criado em 1964 por Stan Lee e Jack Kirby. Quicksilver é o codinome do mutante Pietro Maximoff, filho de Erick Lehnsherr, o Magneto.

[4](#) Jogo de videogame no qual o jogador controla lutadores de diversas partes do mundo, inclusive um do Brasil. A série é da empresa Capcom e teve seu primeiro jogo lançado em 1987.

[5](#) Em geral diz respeito a cerca de dez a 15 minutos de piadas.

[6](#) Dependendo do show, cada comediante pode ter necessidades diferentes. Você usa violão na sua apresentação? Precisa de alguma iluminação específica? Usa uma trilha para a entrada? Os equipamentos devem estar de acordo com as necessidades do seu show.

[7](#) O emotional tag vem após o punch line. Ele nada mais é do que algo que você fala de forma espontânea após o punch.

[8](#) Fiz esta piada para exemplificar as que devem ser abandonadas ao longo do tempo, por isso não clamo sua autoria.

[9](#) Escrevi piadas sobre esse tema após assistir a um documentário no Discovery Channel sobre humanos com poderes. As pessoas que apresentam a sinestesia associam dois ou mais dos cinco sentidos: audição, visão, olfato, tato e paladar. Por exemplo, alguém que tem

associados audição e paladar consegue sentir o gosto de uma música. Quem tem associados o olfato e a visão consegue sentir o cheiro de uma imagem.

[10](#) Fiz esta piada para exemplificar piadas que devem ser abandonadas ao longo do tempo, por isso não clamo sua autoria.

[11](#) Segundo astrônomos do Planetário de Minnesota, nos Estados Unidos, a atração gravitacional que a Lua exerce sobre a Terra teria empurrado o alinhamento das estrelas. Por isso, existiria um 13º signo, o serpentário.

[12](#) Música do Charlie Brown Jr. que foi tema da novela Malhação.

[13](#) Ilustrar a piada e comentário adicional são técnicas para estender uma piada. Para mais detalhes, ver o livro Notas de um comediante stand-up, na seção “Estender a piada” .

© Léo Lins

Diretor editorial

Marcelo Duarte

Diretora comercial

Patty Pachas

Diretora de projetos especiais

Tatiana Fulas

Coordenadora editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

Lucas Santiago Vilela

Mayara dos Santos Freitas

Assistentes de arte

Carolina Ferreira

Mario Kanegae

Diagramação do livro impresso e capa

Mario Kanegae

Diagramação para e-book

Elis Nunes

Foto de capa

Lourival Ribeiro

Ilustrações de abertura

Moa

Preparação

Sandra Brazil

Revisão

Beatriz de Freitas Moreira

Juliana de Araujo Rodrigues

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Lins, Léo

Segredos da comédia stand-up / Léo Lins – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2014.

e-ISBN 978-85-7888-375-1

1. Teatro brasileiro (Literatura). 2. Teatro brasileiro (Comédia). I. Título.

14-13133

CDD: 869.92

CDU: 821.134.3(81)-2

2014

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no [Facebook](#).

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.